



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



NIVALDO KORIRA'I TAPIRAPÉ

TAKÃRA
A Casa da Sapiência Apyãwa

BARRA DO BUGRES-MT
Setembro 2022

NIVALDO KORIRA'I TAPIRAPÉ

T A K Ã R A
A Casa da Sapiência Apyãwa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino

Orientadora: Dr. Adailton Alves da Silva

BARRA DO BUGRES-MT
Setembro/2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

T172t	TAPIRAPE, Nivaldo Korira'i Tapirapé. Takãra-Acasa da Sapiência Apyãwa... / Nivaldo Korira'i Tapirapé Tapirape - Barra do Bugres, 2022. 1 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (não) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022. Orientador: Adailton Alves da Silva Coorientador: ... 1. Povo Apyãwa-Tapirapé. 2. Takãra. 3. Saberes Apyãwa. I. Nivaldo Korira'i Tapirapé Tapirape. II. Takãra-Acasa da Sapiência Apyãwa: CDU 376
-------	--

NIVALDO KORIRA'I TAPIRAPÉ

TAKÃRA
A Casa da Sapiência Apyãwa

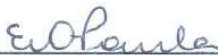
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 22 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. ADAILTON ALVES DA SILVA – UNEMAT/PPGECEI
(Orientador)



Prof. Dr. EUNICE DIAS DE PAULA - UNEMAT/PPGECEI
(Examinadora Interna)



Profª. Drª. ANDRÉ DE AMARAL TORAL - FAAP

Examinador Externo

MARAGETÃ MAATOREJXEÃWA

Ywyraxe xe'apeãwa a'e ramõ akwaamatarete Takãra wi teka kwaapãwa. A'eete ramõ a'ewi xerexekaxeka wetepe kwaapãwa ramõ, xerexojãwa gy rerekareka maxywyatyãwa. Peixanami Korako xe'ega, "*Takãra aoxekato raka'e xanewe Apyãwa ramõ kwewiwe, maryn maryn xane kaãwa ramõ, tarywa rerekaãwa ramõ, xepaanogãwa rerekaãwa ramõ*". 'A te'omara ekwe werot xanewe wetepe xe'aranowetykãwa, Takãra rekareka maxywaatyãwa re, a'epe xerexe'ega xerexamamamata tarywa kwaapãra gy ma'yaoãwa. Niwaxaj tanã ka akaxỹma aawo xanewi akawo xanerekareka. A'epe ro'õna imaxerekakatowo xerexeka xerexymymĩnõ agy we. Ywyraxe xe'apeãwa a'e ramõ, awaema awa'yawera gỹ xema'eãwa ramõ, gỹ xe'exe'egãwa pe, gy xe'aranowetykãwa ramõ. A'e ramõ xe imamamata xepe xerexeka rerekaãwa re. Te'omara xe'apeãwa a'e ramõ, aparama'e ma'e agy iparawo aparama'eãwa ramõ, a'epe pitywera, awa'yawera gy, koxamokowera gy, axema'ewo ee. Emanyn ro'õna imaxywyatyetewo xerexeka re, xere'aranowa re parama'eãwa. 'A te'omara apaãwa re a'e ramõ wetepe ipakaki xenerojãwa gy. A'egy ro'õna kwakaj wetepe werot wemikwaakwaãwa te'omara apaãwa ramõ, Apyãwa reka re, takaripe iparopyra. Maira pane raka'e akwaxiãt xaneree ypwyraxe ranõ, axe tanã awe xireka'i we xerexewe amoweri xerexojãwa gy, maraketã kome'o katoãra ramõ. A'e ramõ aoxekatoete emigã xanewe, xerekawo maryn teka ramõ axema'ema'e ramõ ikwaãpa ixowi xerexeka. Aoxekatoete iapawo te'omara ypytonimo takawyteripe. A'epe ro'õna xereparanopa xerexemikwaakwaamatara re ixope. Epe raka'e akoma'e ramõ xane xanereka.

XE'EGETEAWỸMA: Apyãwa gỹ; Takãra; Apyãwa Reka

RESUMO

Essa Dissertação tem como objetivo investigar a importância da Takãra como espaço central para vitalização, manutenção e fortalecimento da epistemologia sociocultural do povo Apyãwa. Como diz o Korako, “*Takãra aoxekato raka’e xanewe Apyãwa ramõ kwewiwe, maryn maryn xane kaãwa ramõ, tarywa rerekaãwa ramõ, xepaanogãwa rerekaãwa ramõ*”. ‘A Takãra é insubstituível, essencial desde á sua origem para vitalização das práticas culturais, de saberes tradicionais e religiosos do povo Apyãwa’. Essa pesquisa traz reflexões importantes para que se possa valorizar e fortalecer ainda mais a Takãra, oportunizando a renovação e formação intelectual de lideranças cerimoniais das novas gerações. Nesse sentido, pretende-se produzir maior impacto nas discussões das escolas do povo Apyãwa, nas reuniões e assembleias possibilitando que possam ser interessantes para todos e principalmente para os jovens Apyãwa. Com isso, esperamos que a pesquisa oferecesse mais incentivo para a continuidade dos trabalhos desenvolvida na escola junto com as crianças e jovens Apyãwa apoiando a iniciativa das práticas socioculturais milenares da comunidade. Para a concretização dessa pesquisa, contamos com parcerias valiosas dos (as) anciões (ãs), “biblioteca viva” do meu povo Apyãwa, que tem muito conhecimento sobre o tema, além das pesquisas bibliográficas e etnográficas do povo Apyãwa – Tapirapé. Os principais métodos utilizados foram participação nas atividades culturais nas aldeias, atividades escolares, participação das conversas noturnas na *Takãra* (Casa Cerimonial) e entrevistas semiabertas com anciãos (ãs).

PALAVRAS-CHAVE: Povo Apyãwa-Tapirapé; Takãra; Saberes Apyãwa.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the importance of Takara as a central space for vitalization, maintenance and strengthening of the sociocultural epistemology of the Apyãwa people. As the Korako says, “Takãra aoxekato raka’e xanewe Apyãwa ramõ kwewiwe, maryn maryn xane kaãwa ramõ, tarywa rerekaãwa ramõ, xepaanogãwa rerekaãwa ramõ”. ‘Takãra is irreplaceable, essential since its origin for the vitalization of cultural practices, traditional and religious knowledge of the Apyãwa people’. This research brings important reflections so that Takãra can be valued and strengthened even more, providing opportunities for the renewal and intellectual formation of ceremonial leaders of the new generations. In this sense, it is intended to have a greater impact on school discussions, meetings and assemblies, enabling them to be interesting for everyone and especially for Apyãwa youth. With this, we hope that the research will bring more incentive for the continuity of the work developed at the school with the Apyãwa children and young people, supporting the initiative of the millenary sociocultural practices of the community. To carry out this research, we have valuable partnerships with the “living library” of my Apyãwa people, who have a lot of knowledge on the subject, in addition to the bibliographic and ethnographic research of the Apyãwa people – Tapirapé. The main methods used were participation in cultural activities in the villages, school activities, participation in night conversations at Takãra (Casa Ceremonial) and semi-open interviews with elders.

Passaword: Apyãwa – Tapirapé People; Takãra; Apyãwa Knowledge.

AGRADECIMENTO

Abro esta página para agradecer *i'awiypa* todas as pessoas que contribuíram diretamente ou indiretamente com o meu trabalho durante ou antes do meu ingresso no curso de mestrado.

Meu agradecimento especial para minha família, a minha companheira de sempre, Typxowytyga Tapirapé, a pessoa que me cuida como companheiro na hora da dificuldade de saúde nas alegrias da nossa vida. Aos meus queridos filhos (as) Inamoxigi, Mareaxigi, Okario'i, Mareapawygi, Taixowytygi, Marawyky'i e Ipaxi'awyga, e meus netinhos (as) que prosseguirão a nossa raiz na terra que tanto amo.

Aos meus pais, Xakareo'i e Maxãja, meu professor de casa, “claro”, meus muitos agradecimento e meu orgulho da sua sabedoria apreendida durante a nossa vida. Sem vocês não serei nada do que sou hoje. Vocês são muito importantes na minha vida.

Minha gratidão também aos meus irmãos Taxiromyo e Makapyxowi'i, e minhas irmãs, Kaj'i e Maremao, companheiros (as) que nos une nos momentos de alegrias e também nos momentos de dificuldades, uma família presente e unida de verdade.

Jamais me esquecerei da nossa eterna irmã Eirywa, que nos deixou tão cedo e que faz falta a nosso meio físico, mas, acredito que ela está sempre presente orgulhando-se de seus irmãos conquistando o mundo.

Ao Sábio Korako, pela eterna sabedoria milenar Apyãwa contribuindo com uma parcela do nosso conhecimento que ficará registrado para as futuras gerações. Considero o senhor um atual líder cerimonial mais fluente da cultura da nossa querida Apyãwa.

Xaryja ‘minha vó’ Tokyna, uma mulher forte e sábia que contribuiu diretamente com a concretização dessa Dissertação graças a sua capacidade de memória da riqueza e a essências do nosso povo Apyãwa.

Muito obrigado a comunidade Apyãwa de todas as aldeias e de todas as idades. Dizer que este trabalho é um pouco da nossa sabedoria, que é indispensável para a sobrevivência linguística, cultural, religiosa do nosso povo e que poderá ser mais pesquisado por nós mesmos.

A comunidade Apyãwa de Myryxitãwa, a família de Awaetekato'i e Kwalaru, pela convivência e reconhecimento do trabalho que faço e pela oportunidade cedido à mim um líder aprendiz. Sinto que avançaremos mais em termos de desenvolvimento social e humano de Myryxitãwa.

Ao casal Teny e Kato'ywa, que não posso deixar de agradecer por tudo que contribuíram para com a nossa comunidade na escolarização da nossa geração. Vocês fizeram e ainda fazem histórias na educação escolar indígena e também fazem parte da família Apyãwa.

Tenho muito agradecer também todos os professores e professoras do mestrado Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI, pelo trabalho e compromisso com a educação.

Ao Orientador, Professor Dr. Adailton Alves da Silva, “Xyre”, como é chamado pelos professores Apyãwa, pela parceria e contribuição durante a construção deste trabalho e também pelo compromisso de indigenista com as comunidades indígenas do estado de Mato Grosso através da educação escolar indígena.

A banca examinadora, Professora Dra. Eunice Dias de Paula, Professor Dr. Antropólogo André Amaral de Toral, Professor Dr. João Severino Filho, pela contribuição valiosa sobre a minha Dissertação. Considero vocês como poucos e atuais pesquisadores *Maira* ‘não indígena’ sobre o meu povo.

Muito obrigado a CAPES, por ter me dado oportunidade, um órgão importante que oferta e gerencia a Pós-Graduação pública e gratuita.

Xakareo'i e Maxãja, guardo comigo a valiosa
sabedoria do nosso povo Apyãwa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 - O POVO APYÃWA - História e Lutas.....	20
1.1 Origem e o ritual de Tataopãwa	22
1.2 Contato com os Maíra (não indígenas).....	24
1.3 Narrativas Históricas do povoApyãwa.....	25
1.4 Vivência com sertanejos e com SPI	27
1.5 A luta e as conquistas dos territórios Apyãwa.....	30
2. ALICERCE E SEDIMENTAÇÃO DA PESQUISA.....	36
2.1 Caminhos experienciados: de longe e de perto!	36
3 – CAMINHO E PERCURSO DA PESQUISA.....	46
3.1 – O lugar de fala: A trajetória de vida.....	46
3.2 – Sedimentando o Caminho	56
3.3 <i>Kaxỹma</i> ‘Pandemia’ Covid-19	57
3.4 Sabios e Sábias: referências vivas.....	61
4. A ARTE E A TÉCNICA NA CONSTRUÇÃO DA TAKÃRA.....	65
4.1 – A relação intrínseca entre a Takãra e o <i>teka</i> ‘modo de ser Apyãwa’	65
4.2 Takãra no tempo de hoje	65
4.3 A maior Takãra e a tragédia Apyãwa.....	80
4.4 A Técnica e o Processo de Estruturação da Takãra.....	82
5. OS ASPECTOS SOCIAIS/COSMOLÓGICOS DA <i>TAKÃRA</i>	92
5.1 Wyraxiga rakopi’a – refrência para os rituais	95
5.2 A Takãra como lugar e espaço socioeducativo do povo Apyãwa	102
5.3 Maxirõ – Atividade de roça coletiva	105
5.4 Novo Maxirõ ‘atividade coletiva’ atual.....	108
5.5 Calendário dos rituais: Arynime ‘período chuvoso’, Kwaripe ‘período da seca’	110
5.6 Karaxao Marakã – Canto de Kayapó	112
5.7 Relato da vivência no ritual.....	115
5.8 Ritual de <i>Tawã</i>	115
5.9 Ritual de <i>Xiwewexiwe</i>	118
5.10 Ritual de Kawio e Kawiypyarakãwa	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
SÁBIOS APYÃWA REFERÊNCIA	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
APÊNDICES	
Maxirõ Apaãwa.....	127
Xane’yga rerekwãwa – Xakareo’i.....	128

Wyrã ramõ Temiara' oãwa.....	130
Orokotãwa pe Tarywa Maypyãwa	131
Takãra - Korako	132
CANTO DO KAWIO - KAWIYPYPARAKÃWA	134
KAWIEPEXYNÃWA.....	135
KA'ORETE.....	136
KA'O KA'EMÃWA	137
KA'O RERAYRAYJTÃWA	139

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: Mapa do Território Apyãwa - T.I. Urubu Branco e T.I. Tapirapé/Karajá.....	19
Mapa 2: Mapa das Aldeias Apyãwa na Terra Indígena Urubu Branco.....	21
Mapa 3: Território e Aldeias Apyãwa entre 1900 a 1930.....	32
Mapa 4: Majtyritãwa e antiga aldeia Apyãwa.....	77

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 01: Levantamento de Wyrã conforme classificação das metades e subdivisão por Ideias.....	72
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Foto 1: Assembleia de chefes indígenas em Ywywtãwa, 1977.....	30
Foto 2: Ritual de inicial de rapaz (Paroo'i, 1995 em Orokotãwa).....	41
Foto 3: Tawã Kapitãwa: espírito Karajá.....	43
Foto 4: Awa'yao rarywa 'Ritual de Iniciação do rapaz'	60
Foto 5: Aldeia Myryxitãwa em 2022.....	67
Foto 6: Aldeia Akara'ytãwa.....	68
Foto 7: Aldeia Tapiparanytãwa.....	69
Foto 8: Aldeia Wiriaotãwa.....	70
Foto 9: Aldeia Towajaatãwa.....	71
Foto 10: Orokotãwa, primeira Aldeia Apyãwa na T. I. Tapirapé/Karajá.....	75
Foto 11: Croqui da antiga Aldeia Tapi'itãwa, 1935.....	78
Foto 12: Croqui da antiga Aldeia Tapi'itãwa, 1947.....	78
Foto 13: Takãra como referência para os rituais.....	79
Foto 14: Tragédia causada pelo veneno <i>Wirirywyra</i>	82
Foto 15: <i>Ywyra'i</i> servindo como <i>iwyraapãwa</i>	83
Foto 16: Como se constroe Takãra rakopi'ã.....	84
Foto 17: Estrutura básica da Takãra: <i>Ywyrayjoo</i> e <i>Xorao</i>	84
Foto 18: Forquilhas laterais <i>Ywyrayja'yra</i> e das hastes de <i>Pinaanywa</i>	85
Foto 19: <i>Ywyraopiãwa</i> – “Tesoura” para levantar ou suspender <i>Ywyrayjoo</i> ‘forquilha grande’, <i>Xorao</i> ‘grande treveça’	86
Foto 20: Takãra na Aldeia Tapi'itãwa vista de fora.....	87
Foto 21: Takãra nova na Aldeia Tapi'itãwa.....	88
Foto 22: Croqui da aldeia Tapi'itãwa, 1935.....	88
Foto 23: Aldeia Ywywtãwa, 1965 e Aldeia Tapi'itãwa, 1939-1940.....	89
Foto 24: Aldeia Ywywtãwa, 1965 construída no formato retangular.....	90
Foto 25: Interior da Takãra subdivididos pelas metades Wyrã.....	92
Foto 26: Wyrã carregando <i>Xorao</i> – ‘Travessa grande’	93
Foto 27: Representação de antiga aldeia organizados conforme Wyrã.....	94
Foto 28: Atual Aldeia Tapi'itãwa na T.I. Urubu Branco.....	99
Foto 29: O percurso do ritual <i>Kawio</i> nas casas de <i>Araxã</i> e <i>Wyraxiga</i>	101
Foto 30: Danças de <i>Marakao</i> com participação de mulheres na Takawytera.....	104
Foto 31: Calendário dos rituais Apyãwa.....	111
Foto 32: Porção assado - alimentação preferida de Tawã.....	113
Foto 33: Tawã – Espírito de Kayapó.....	114
Foto 34: Tawã – espírito Kopi.....	116
Foto 35: Karaxao'ywera ‘Espírito de Kayapó.....	117
Foto 36: Takãra e o caminho do Xiwewexiwe.....	120

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretendeu-se compreender a *Takãra* como um dos espaços mais importante e também considerado central de aprendizagem, difusão, manutenção e fortalecimento da sabedoria socioculturais do povo Apyãwa. Como Korako (2021) diz, “*Takãra xanewe aoxekato raka’e xanewe Apyãwaramõ maryn maryn xane kaãwa ramõ, tarywa rerekaãwa ramõ, xepaanogãwa rerekaãwa ramõ Takãra*” - A *Takãra* é uma casa indispensável, essencial, para vitalização das práticas culturais, dos rituais, de saberes tradicionais e religiosas do povo Apyãwa. A *Takãra* é importante para a realização da festa, e para *Xepaanogãwa* que é uma atividade essencial para os Apyãwa, ou seja, espaço de grande importância para renovação e formação intelectual de lideranças cerimoniais. Na visão de muitos líderes, a *Takãra* é importante obviamente para combater a interferência de conhecimento externa na aldeia que vem ocupando espaços dos conhecimentos Apyãwa transmitidos de geração em geração.

É óbvio que, a grande população jovem atual não valoriza os saberes Apyãwa de fundamental para sobrevivência da cultura e acabam se interessando apenas sobre os conhecimentos não indígenas. A maior responsável pelo qual os jovens se desinteressam é entrada de novas tecnologias importadas. Consideramos que, com essa forte interferência, a tendência é cada vez mais acontecer desestruturação da organização social da *Takãra* substituindo os conhecimentos milenares que vem passando de geração em geração até nos dias atuais.

Nesse caso, esta pesquisa veio contribuir para a conscientização sobre a importância da *Takãra* como centro para manutenção e fortalecimento da sabedoria socioculturais do povo Apyãwa. Dessa forma contribuindo que, a atual geração venha a se preocupar com a renovação e formação intelectual de lideranças cerimoniais das futuras gerações e incentivando dos jovens mais participações nas práticas culturais.

Para a fundamentação deste trabalho sobre a *Takãra*, buscamos a sustentação indispensavelmente a base de sábios e sábios indígenas, Tokyna (2020), Xakareo’i (2021), Korako (2021), os quais são anciãos (ãs) do povo Apyãwa. Essa fonte foi essencial para realização deste trabalho, a base da sabedoria milenar do nosso povo Apyãwa que trouxe informações importantes sobre a sabedoria gerada e difundida na *Takãra*. Além dessa referência/fonte, buscamos também pesquisadores não indígenas que há anos desenvolveram registros sobre os Apyãwa e, agora contando com as contribuições dos pesquisadores indígenas Apyãwa - Tapirapé.

Consideramos que na contemporaneidade dos povos indígenas no cenário acadêmico, a pesquisa de autoetnografia vem se tornando de grande destaque no Brasil e no mundo e que isso devemos aproveitar o momento tão importante para os povos indígenas. Conscientemente sabemos também que, os autores e pesquisadores não indígenas trouxeram várias contribuições para a etnografia Apyãwa, que foram as referências importantes também para esta pesquisa. Dessa forma, a abordagem epistemológica foi analisada de acordo com os autores que escreveram sobre a sociedade indígena Apyãwa, como Baldus (1970), Wagley (1988), Paula (1997, 2014), Andrade (2010), Gilson (2020), Koria (2020). Baseado nestes autores, a pesquisa mostra que, as funções sociais que ocorrem no espaço da *Takãra*, consideram a importância da *Takãra* para vitalização dos processos próprios da sabedoria do povo Apyãwa.

Baldus (1970) esteve entre os *Apyãwa* entre 1935 e 1947, produzindo um detalhado estudo etnográfico sobre a cultura material e imaterial dos Apyãwa. Segundo este autor, “o centro de Tampiitaua era a *Takana*, a grande casa-dos-homens. Oito malocas se agrupavam ao seu redor, em posição e distância, observando-se que a disposição das entradas de que uma maloca se devassasse o interior da outra” (BALDUS, 1970, p. 141).

Já Wagley (1988, p. 116, 117), na sua obra se referiu, diz que a *Takãra* se localizava no meio da aldeia. Considerou a *Takãra* como centro de atividades de “Associações pássaros” que ali se constituíam, ou seja, a sede das sociedades *wyrã* (as duas metades para o lado sul *Wyraxiga*, *Wyraxigio* e *Wyraxigoo* e para o lado norte *Warakorã*, *Araxã Tarawe* compostas por grupos de idades de jovens, homens maduros e homens mais velhos), aonde alguns vinham para descansar no silêncio fora do barulho da casa. Algumas exerciam de suas atividades cotidianas mais importantes como, por exemplo, de contar histórias, fazer cestos, flechas e planejar suas atividades futuras ou até mesmo retomar interesses da sua vida.

Esse mesmo autor diz ainda que a *Takãra* desempenhava importantes funções cerimoniais, onde moravam vários tipos de *Axỹga*, espírito que se originavam da natureza como pássaros, peixes ou *axỹga* de inimigos tradicionais. E também desempenhavam funções econômicas fundamentais como, por exemplo, organização de trabalhos comunitária *Maxirõ* para limpar a roça de acordo divisões grupais de *Wyrã*.

Segundo Paula (1997, 2014), pesquisadora da língua tapirapé, focalizando na apropriação da escola pelos Apyãwa e as relações entre a língua e a cultura, “a *Takãra* se constitui no centro das atividades cerimoniais dos Apyãwa. É o local onde os *Axyga* ‘Espíritos’ moram durante a realização dos rituais” (PAULA, 2014, p.52).

Gilson (2020) pesquisador *Apyãwa*, na sua dissertação diz que, a explicação cosmológica do povo, a *Takãra*, antes tudo, é a casa e o espaço de vivência dos *Axyga* “Espíritos”, como dizem os sábios, lugar de concentração de *Xane’yga* - “Nossos Espíritos”, os quais são representados pelo povo em rituais. (GILSON, 2020, p.77).

Koria (2020) diz que, as ciências *Apyãwa* afirmam profundamente que *Takãra* é o espaço dos espíritos e para os homens, que pertencem a este espaço, ou seja, que passam por vários processos de ritual, como: ritual de *xyre’i’i/awa’yao’i*, *axe’atowakara ma’e*, *axeakygetaxi ma’e*, para que sejam vinculados ao espaço *Takãra*. (TAPIRAPÉ, K.V. 2020, p. 83).

Já Andrade (2010), que estudou a construção da *Takãra* na Aldeia Majtyri, diz que, a relação “entre a sociedade e o mundo sobrenatural, entre os vivos e os mortos” é mediada pela Casa dos Homens também para os Tapirapé. (p. 77). E diz ainda que, *Takãra* é o lugar de morada de muitas *axyga*, que na *Takãra* elas ficarão mais satisfeitas e não causarão problemas aos Tapirapé. (ANDRADE, 2010, p. 89-90)

Durante a realização da pesquisa e também da minha vivência com meu próprio povo analisei e percebi que é necessário um trabalho ou uma ação sólida que possa contribuir para que possa fortalecer realmente a sabedoria do nosso povo, sobretudo da *Takãra*, uma vez que, alguns conhecimentos importantes estão silenciados ou adormecidos com risco de perder o seu espaço. Essa situação é muito preocupante, e necessário haver mais ações que visassem soluções sobre a continuidade, a renovação dos conhecimentos. Como foi dito anteriormente que, com forte interferência de “fora”, a tendência é cada vez mais a desvalorização e desestabilização estruturais do saber *Apyãwa*. Na minha vivência, entendo que, os *Apyãwa* estão cientes que o saber milenar vem perdendo espaço para coisas novas, “saber eurocêntrico” e por isso, esta pesquisa pretende contribuir com a vitalidade e a difusão dos saberes da *Takãra* para que as gerações jovens possam acessá-los.

Nessa perspectiva, alguns questionamentos podem ser feitos no sentido de compreendemos melhor a importância da casa da sapiência *Apyãwa*, a *Takãra*, para as novas gerações: Quais os saberes e conhecimentos produzidos na/com a *Takãra* necessários para a manutenção e fortalecimento cultura *Apyãwa*? Como esses saberes e conhecimentos são difundidos nos rituais e cerimônias realizadas na *Takãra*?

Nesse sentido, esta pesquisa pretendeu-se produzir maior impacto nas discussões das escolas indígenas, nas reuniões e assembleias nas aldeias indígenas e, com isso, possibilitar que todos possam se interessar pela valorização dos saberes tradicionais. A pesquisa reforçou ainda

mais a continuidade dos trabalhos desenvolvida na escola junto com as crianças e jovens Apyãwa apoiando a iniciativa das práticas socioculturais milenares Apyãwa. Considero que, essa dissertação seja útil para a consulta acadêmica que subsidiará aos profissionais Apyãwa como ferramenta importante para ser trabalhada na escola com os educandos e com a comunidade educativa. E também, esta pesquisa é relevante para a sociedade nacional na medida em que a formação consciente da nova geração permitirá a construção de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa sobre as sociedades indígenas.

O resultado dessa pesquisa é produtivo e necessário para a área de Educação em Contexto Indígena Intercultural, oportunizando o acesso das universidades brasileiras a se inteirarem nas discussões acadêmicas sobre as diversidades socioculturais brasileiras. Acreditando assim que, uma pesquisa dessa natureza possa favorecer a reconstrução de novo olhar, com referenciais culturais, apresentando-se como um importante instrumento para a formação acadêmica de comunidades científicas não indígenas.

Para efetivação dessa investigação pretende-se realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, acessível a todos, de uma construção de caráter coletiva e participativa da comunidade.

Para isso, primeiramente fazemos revisão bibliográfica de pesquisadores como Herbert Baldus, Charley Wagley e autores indígenas Apyãwa, como por exemplo, Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé que trouxe as contribuições sobre o tema necessárias para nossa pesquisa, os quais são importantes. Nessa perspectiva realizamos a leitura de todas as obras, dissertação, monografias dos autores que pesquisaram sobre a *Takãra* e temas correlatos. Dessa forma, buscando dialogar com os autores a compreensão sobre a produção e difusão da sapiência da/na *Takãra* aos Apyãwa, inclusive àqueles relacionados aos aspectos físicos e arquitetônicos da *Takãra* que muitos autores analisaram também.

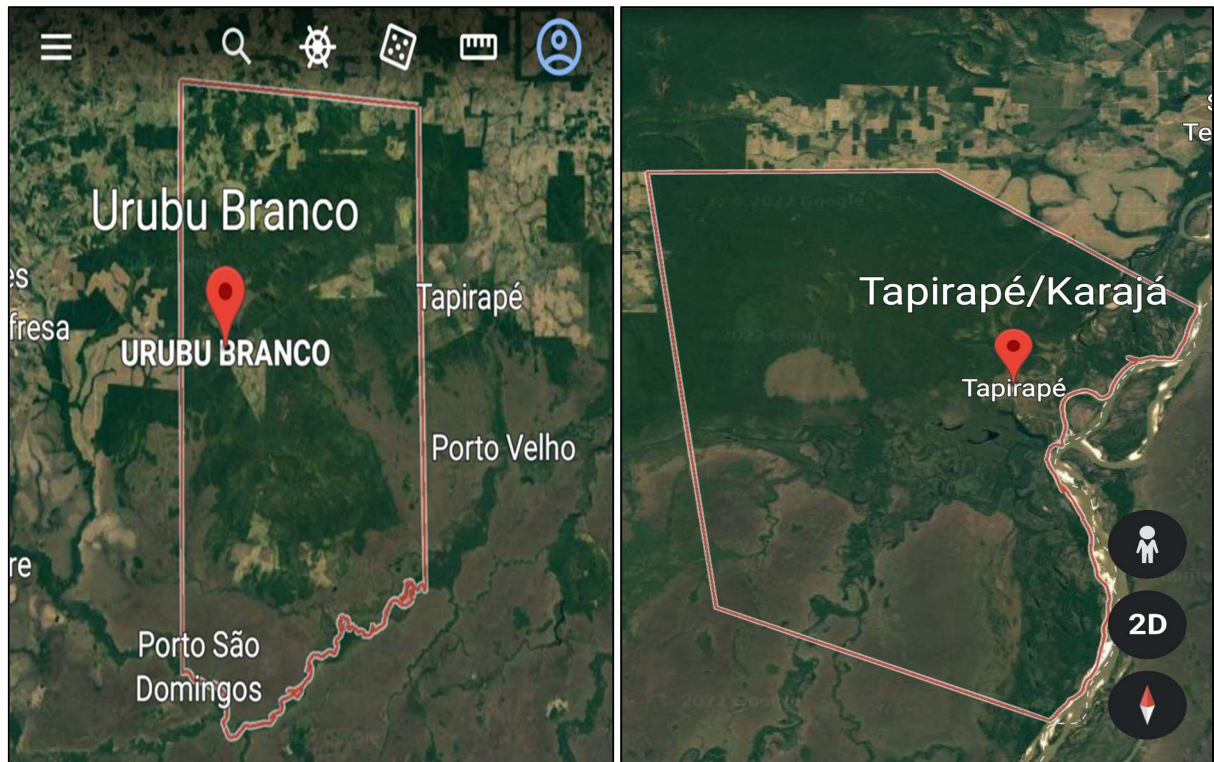
Nesse sentido realizamos uma pesquisa participativa, uma estratégia comum de um pesquisador indígena, ou seja, autoetnografia do meu povo. Essa pesquisa foi muito importante para mim porque sou membro pesquisador na comunidade.

Nesta pesquisa trabalhamos diretamente com três sábios que são referências vivas da sapiência milenar do povo Apyãwa. Os anciãos (ãs) são conhecedores das histórias, dos rituais e saberes que são difundidas através da prática e da oralidade. Eles são especialistas da oralidade e, os saberes são importantes para a formação espiritual e intelectual do ser Apyãwa. A tradição oral é identidade imaterial indispensável para a pesquisa que tem que ser valorizada na pesquisa. Sendo assim, realizamos entrevista diretamente com Xakareo'i Tapirapé, morador da aldeia

Tapi'itãwa, Korako Tapirapé, que reside na aldeia Tapi'itãwa, e Tokyna Tapirape que reside na aldeia Hawalorã com sua filha adotiva, Xe'akawyga.

As entrevistas com sábios (as) foram gravadas e fotografadas. Para as entrevistas com os anciões (ãs) as perguntas foram organizadas com antecedência para não perder o foco e outra de forma entrevista livre.

Figura 01: Mapa do Território Apyãwa - T.I. Urubu Branco e T.I. Tapirapé/Karajá



Fonte: Google Earth

1 - O POVO APYÃWA

História e Lutas

Apyãwa¹ é a autodenominação do povo, mas o que ficou conhecido oficialmente é a palavra “Tapirapé”, nome dado pelos viajantes ou visitantes. Geralmente, todos os povos têm sua autodenominação, e era comum, também, os viajantes darem nome para os povos indígenas que encontravam no caminho.

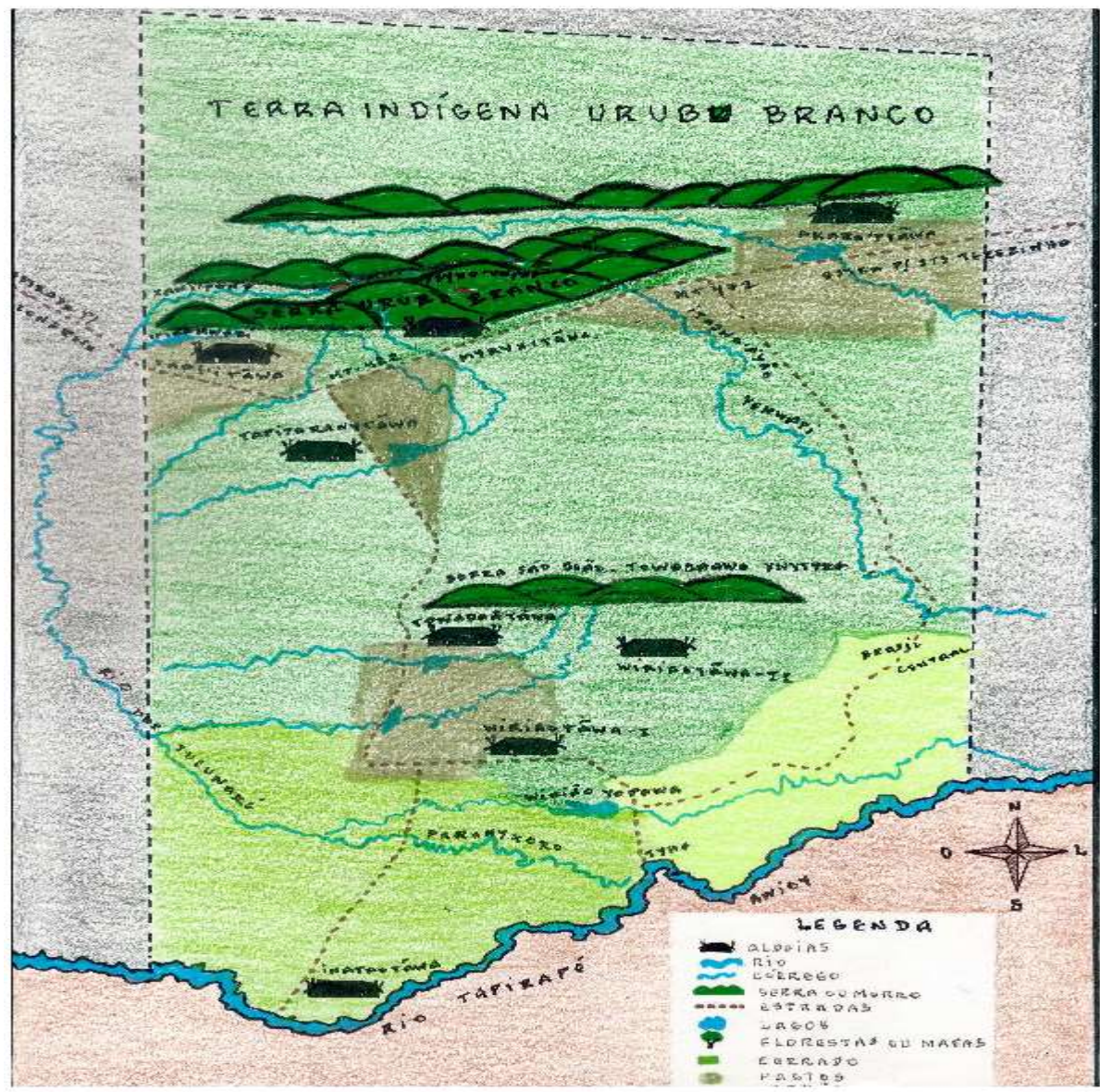
Como dizia Baldus (1970), sobre o povo Apyãwa, “*a palavra tapirapé significa, em tupi, ‘caminho de anta’*”. Disse também que o rio que recebe esse nome distingue-se do rio Araguaia por causa da abundância de caminhos que são trilhados pela anta, nas suas margens.

Pode ser por isso que viajantes “brancos” deram o nome Tapirapé para caracterizar a citada particularidade e que ele se estendeu, depois, à tribo conhecida como habitante da região (BALDUS, 1970). Os “brancos” deram para o povo esse nome, que foi aceito há muitos anos. Contudo, a maioria dos professores e estudantes indígenas não aceitam mais essa denominação e querem fortalecer o nome verdadeiro do povo. Na maioria dos casos, as denominações dos indígenas são dadas pelos visitantes conforme o seu olhar no momento do primeiro contato. Às vezes, são denominações que resultam de informações equivocadas ou até mesmo preconceituosas sobre um dado do povo indígena.

O povo Apyãwa atualmente vive em duas áreas Indígenas: Terra Indígena Urubu-Branco e Terra Indígena Tapirapé/Karajá (ver figura 01). Nesses territórios estão distribuídas oito aldeias que são denominadas Tapi’itãwa, Akara’ytãwa, Wiriaotãwa, Towajaatãwa, Tapiparanytãwa, Myryxitãwa, Inataotãwa e Majtyritãwa. O território Apyãwa geograficamente localiza-se ao Centro-Oeste brasileiro, no Nordeste do estado do Mato Grosso, pertencendo aos Municípios de Confresa, Porto Alegre do Norte, Santa Terezinha e Luciara, no Médio Araguaia. Atualmente, somam aproximadamente 950 indivíduos, incluindo as populações das oito comunidades. O povo é falante da língua Tupi-Guarani do Tronco Tupi do Brasil Central (RODRIGUES, 1986).

¹Autodenominação do povo Tapirapé, Apyãwa - gente ou humano. Mas, o que ficou registrado oficialmente foi a denominação dada pelos visitantes *Maira* – não indígena, como era comum acontecer com a maior parte das comunidades indígenas. Cada povo indígena tem uma autodenominação própria que precisa ser reconhecida.

Figura 02: Mapa das Aldeias Apyãwa na Terra Indígena Urubu Branco, Confresa- MT



Fonte: Magno Okario'i Tapirape, 2013.

O povo Apyãwa, na metade do século passado, quase chegou à extinção. Situação esta que, praticamente, todos os povos indígenas brasileiros, e até mesmo de outros países latino-americanos, atravessaram até chegar aos tempos contemporâneos. Assim o povo Apyãwa também passou por uma fase muito difícil, enfrentando epidemias para as quais ainda não havia sido descoberta a cura, o que desencadeou em drástica redução de população.

Segundo algumas pesquisas antropológicas, no século XX, no início do contato com os não indígenas, o povo Apyãwa contava com aproximadamente 1.500 pessoas (WAGLEY, 1988). Após muitas batalhas contra epidemias, o número de remanescentes da população Apyãwa foi reduzindo, até chegar a registrar um baixo número de pessoas. Nas pesquisas

realizadas na comunidade pelos acadêmicos e professores foram encontradas versões raras das próprias pessoas que comprovam a passagem por aquele difícil período que elas mesmas presenciaram. Nessa época, elas eram crianças que hoje ainda estão vivas e narram essas histórias. Portanto, esse foi o tempo mais difícil registrado e comprovado pelas narrativas Apyãwa.

A cultura do povo Apyãwa-Tapirapé ainda é pouco conhecida na sociedade nacional e também para os próprios indígenas que a praticam, não compreendendo com precisão todos os seus significados culturais. Muitos trabalhos foram realizados pelos alunos de ensino médio (Trabalho de Conclusão de Curso), nas universidades, mas não apresentam com clareza a diferença do que é praticado, vivenciado no cotidiano da comunidade.

Outro motivo da grande diminuição da população desta comunidade indígena foi a tragédia relacionada ao “feitiço”, que aconteceu antes do contato com a sociedade, realizado pelo próprio povo. Essa narrativa ainda não foi escrita e revelada ao público, como a história de *Koro'i* (PPP, 2014).

1.1 Origem e o ritual de Tataopãwa

Segundo a narrativa contada pelos Apyãwa, a origem de nosso povo é resultado de união de vários grupos que se originaram do fundo da terra, da água e da floresta. Conforme o que os mais idosos vêm passando de geração em geração, o primeiro a sair do subsolo foi o grupo de *Apirape*, em seguida outros grupos foram surgindo conforme o tempo, por exemplo, *Mani'ytywe*, grupo de mandioca que estava de baixo das raízes de *Mani'ywa* ‘mandioca’. Assim como *Kawaro'i*, habitava o oco da árvore chamada *ywytãtyo*. Eles comiam o fruto *emoywã* e estavam varrendo embaixo da fruteira, deixando limpinho. *Kawaro* estava habitando dentro do oco de um pau. O grupo de *Tawaopetywa* habitava embaixo da *tawaawa*. *Tawaãwa* é uma espécie de folha rasteira igual à de banana brava que fica bem fechada. Havia também o grupo do *Paranỹ*, que surgiu do rio chamado *Paranỹ*. O grupo de *Xakarepera* também habitava na nascente do rio onde morava *Xakare*, ‘Jacaré’. *Awajky* morava no fundo da terra, *Ywyroare*, também (PPP, 2009). Essa história foi contada pelos mais idosos como *Xako'iapari* e *Taywi*. Quando morei na *Orokotãwa* e *Majtyritãwa* nunca escutei este mito de oriem. Fiquei sabendo aqui na Urubu Branco através destas pessoas quando um grupo de pesquisadores estava pesquisando

A maioria destes grupos citados ainda é celebrada no ritual de *Tataopãwa*, “grupo de comer”, como dizia Baldus (1970). Cada grupo que surgiu recebeu um nome para o seu grupo. Esses são todos os grupos mantidos nos rituais de *Tataopãwa* até hoje.

As mulheres levam comidas para *Takawytera* ‘pátio da *Takãra*’, para servir aos grupos de comer. Todos participam do ritual de comer, adultos e crianças também participam da refeição. Existe *Tataopãwama’exiro oãwa* ‘comida diversificada’. Neste tempo cada grupo oferece comidas diversificadas como, por exemplo: alimento produzido na roça, caça e pesca. Os homens pescam o dia inteiro para preparar alimentos para *tataopãwa*. Assim as mulheres preparam peixe assado com farinha, peixe cozido, *matãwa* ‘pirão’ de peixe e até peixe frito. No outro dia seguinte acontece *tataopãwa* de *Kawi* ‘cauim’ com mel, quando os homens vão caçar mel para adoçar *kawi*. Cada grupo de *tataopãwa* caça mel para seu grupo. Em casa todas as mulheres fazem *kawi* enquanto os homens procuram mel no mato. Quando chega hora de comer *tataopãwa* as mulheres levam *kawi* no seu grupo para adoçar com mel e todo mundo come *kawi*. Baldus (1970) teve oportunidade de conhecer os grupos de *tataopãwa* na antiga *Tapi’itãwa* e registrar no seu livro.

[...] “tatáupaua” se diz quando todos eles, dispostos em determinados grupos, se sentam para comer em determinados lugares na praça da aldeia, tendo cada grupo o seu próprio fogo; e também quando um desses grupos se reúne para comer em comum. Wagley (1988) registrou, em 1939 – 1940, que existiam oito grupos de *Tataopãwa* – ‘grupo de comer’, os mesmos citados acima, *Ampirampé* (“O primeiro povo”), *Maniutawera* (“povo da mandioca”), *Awaiku* (“povo da mandioca-doce”), *Tawaupera* (“povo da aldeia”), *Chankanepera* (“povo do jacaré”), *Chanetawa* (“povo da nossa aldeia”), *Pananiwana* (“povo do rio”), e *Kawano* (“povo da vespa”)². Estes nomes correspondem aos lugares onde os ancestrais mitológicos emergiam da terra. *Ampirampé* (o primeiro povo) emergiu primeiro e então possuiu-se do solo *Maiutawera* e *Awaiku*. (BALDUS, 1970; p. 330).

A maioria do grupo de *tataopãwa* ainda existe quando acontece o ritual, porém pelo que se vê no registro do Baldus, alguns se extinguíram como por exemplo *Tawaopera*, *Xanetãwa*. *Kawaro’i* também estava na minha lista de extinção desde *Orokotãwa* até alguns anos aqui na *Tapi’itãwa*, mas, houve iniciativa da família de *Wario* depois do falecimento da *Koxywa*, os filhos liderados pelo *Ware’i* atual *kapitãwa* cacique da Aldeia *Tapi’itãwa* de levantar o grupo novamente. Meus pais me informaram que *Kawaro’i* pertencia a família da *Koxywa*, por isso os filhos fizeram questão de levantar o grupo. Essa família participava de *tataopãwa* de *Apirape* na qual *Wario* ainda permanece, ou seja, a nossa família da parte paterna.

² Estamos utilizando a grafia conforme os antropólogos registraram em suas obras.

Atualmente a maior grupo de *tataopãwa* ‘grupo de comer’ que acontece na aldeia Tapi’itãwa ainda é de *Apirape*.

1.2 Contato com os Maíra (não indígenas)

Estudos revelam que o contato do Apyãwa com *Maira* “não indígena” aconteceu aproximadamente entre o século XVIII, mais ou menos na região na qual se estabeleceram até nos dias atuais. Os diários dos bandeirantes e dos missionários mostram que, nessa época, o nosso povo já habitava esse território e por isso é encontrado nessa região chamada *Yrywo’ywãwa* “Urubu-Branco”. Considera-se que foi um contato esporádico, pois nunca conseguiram permanecer mais tempo com o nosso povo neste período. Como relata o livro de *Xanetãwa Paragetã* ‘Histórias das Nossas Aldeias’

Antigamente os Tapirapé viviam muito ao norte de onde estão hoje. Vieram de uma região situada entre o rio Tocantins e Xingu, por volta de 1600, juntamente com outros povos de língua da família Tupi-Guarani. Ainda não se sabe bem porque saíram dessa região. Por volta de 1700 encontravam-se próximos ao local onde o rio Araguaia se encontra com o Tocantins. Ali os Tapirapé mantinham relações pacíficas com os Karajá do Norte e grupos Kayapó. A partir de 1800, abandonaram essa região, quase fugindo, e dirigiram-se rapidamente para o sul, atual fronteira dos estados do Mato Grosso e Pará. (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996; p.21)

Os bandeirantes que adentraram o Brasil Central à procura de novos escravos indígenas para trabalharem nas capitânicas, nas suas passagens, devem ter encontrado o nosso povo. Ainda se menciona que é provável que a aldeia fosse invadida nessa região pelos bandeirantes e alguns homens e mulheres Apyãwa foram levados. Como o etnólogo Baldus (1970 dizia, “*deve-se supor, porém, que no século seguinte, os brancos tenham visitado os Tapirapé no seu habitat*”). Há registros também que existia presença de homens e mulheres nos aldeamentos de Jesuítas Espanhois.

Algumas razões são levantadas por antropólogos e historiadores. Expedições paulistas destinadas a escravizar índios se dirigiram para a região entre o Araguaia e o Tocantins, no século XVII. Essas expedições causaram uma mudança na localização dos grupos indígenas que viviam no centro do Brasil. Os antigos Kayapó iniciaram uma migração para noroeste, terminando por entrar em território paraense, bem de encontro aos Tapirapé. A antiga convivência degenerou em brigas e ataques. Tentando afastar-se de seus vizinhos, os Tapirapé deslocaram-se através das matas da margem esquerda do Araguaia. Esse caminho é bem descrito pelos grupos com os quais iam entrando em contato: Karajá do Norte e Karajá. Os contatos se limitavam a ataques sofridos pelos Tapirapé por parte desses grupos, principalmente dos Kayapó. No início de 1800 os Tapirapé encontravam-se divididos: parte deles viviam na margem esquerda do Araguaia, bem na divisa do Mato Grosso com o Pará, e outra parte na Ilha do Bananal, onde mantinham boas relações com

os Javaé das aldeias de Wariwari e Imotxi. Em 1850 os Javaé aliaram-se aos Karajá e expulsaram os Tapirapé da Ilha. Anos de boa relação teriam sido encerrados pelo desrespeito, demonstrado em rituais, dos Tapirapé aos espíritos dos ancestrais Javaé e Karajá. Os Tapirapé terminaram por reunir-se todos em várias aldeias, localizadas nas imediações da Serra do Urubu Branco. Em 1900 seriam aproximadamente 1.500 pessoas vivendo em cinco aldeias. Os ataques Kayapó forçaram o abandono das aldeias localizadas mais ao norte, próximas ao sertão de Conceição do Araguaia, no Pará. Seu território, de 1930 até 1993, é em grande parte representado pelas zonas de ocupação de quatro aldeias: Xoatawa, Tapi'itawa, Xexotawa e Tawyao, esta última na barra do rio Tapirapé. (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996; p.21-22)

É óbvio e possível que se confirma esta versão, porque os Apyãwa contam várias narrativas sobre a migração para o centro do Brasil encontrando com vizinhos Karajá e Kaiapó. O mais curioso é a marca da língua, *Paranyxigoo* ‘rio branco enorme’, marca a presença de nossos antepassados na região litorânea. *Paranyxigoo* e denominação de mar ou oceano na língua Apyãwa. Existem alguns mitos semelhantes entre os Javaé e os Apyãwa até nos tempos atuais e ainda encontramos entre os Javaé famílias que se identificam como descendentes Apyãwa. Realmente o povo Apyãwa teve mais contato com os Javaé. Esse é um assunto muito interessante da história, contudo, neste momento não devo me aprofundar. A seguir, trago alguns relatos importantes sobre a presença de não indígenas no território Apyãwa que são narradas diretamente pelos anciões (ãs) na aldeia Tapi'itawa.

1.3 Narrativas Históricas do povo Apyãwa

Na consulta com a comunidade, os idosos confirmaram visita de Mandacaru, que era narrada pelo antecessor deles e, por isso, ninguém confirmou a data, contudo, existem registros que foram relatadas no livro de *Xanetãwa Paragetã* e no livro do Baldus e Wagley. Segundo os sábios, Mandacaru veio a cavalo, junto veio uma mulher. Os visitantes ficaram vários meses na aldeia Tapi'itawa neste período. Os Apyãwa também narram que, na estadia na aldeia *Tapi'itawa*, seus mantimentos pessoais e até mesmo suas vestimentas acabaram. Com isso, *maira* compraram algodão do Apyãwa para fiar para fazer roupa para usar.

Na época não havia um bom diálogo entre os visitantes, porque os Apyãwa não sabiam comunicar-se na língua de *maira*. Então, várias informações obtidas eram através de observação e por isso existem algumas informações periféricas sobre o povo Apyãwa, mas, de grande parte a etnografia trouxe muita contribuição para com o nosso povo. Imagino que o nosso povo também não sabia por que eles estavam ali na aldeia com eles.

Desde 1910 até 1947, os habitantes de Tapi'itawa, a maior aldeia do grupo, receberam visitas contínuas de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.), prospectores de látex, missionários dominicanos vindos de Conceição do Araguaia, protestantes, antropólogos, visitantes nacionais e estrangeiros. A primeira e mais marcante visita do S.P.I. foi a do inspetor Mandacaru, em julho de 1912. Uma das histórias do livro, Manakaro Parageta, conta as impressões dos Tapirapé. Essa aldeia, onde a população Tapirapé se refugiou no período de intensa depopulação, poderia ser descrita como uma das antigas e ao mesmo tempo a "porta de entrada" do território da tribo. Tempos difíceis (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996; p.21-22)

Nessa visita também um grupo de *maira* encontrou-se com caçadores Apyãwa no mato onde estavam tirando mel. Os caçadores ofereceram mel. Como estavam com muita fome, os *maira* comeram tudo. Com isso os caçadores ficaram bravos e mataram todos *maira* que vinham para visitar o povo (PPP, 2014).

O ancião Korako confirmou que, depois do Francisco Mandacaru, veio “Doutor Pena”, como os nossos avôs chamavam. Em uma destas viagens, um padre foi engolido por *ypypiãra* ‘bicho da água’. O local até hoje é conhecido pela comunidade. Então, deu para confirmar que várias visitas eram feitas pela Missão dos padres Dominicanos de Conceição do Araguaia. Confirmou-se também a primeira visita do Herbert Baldus na antiga Aldeia Tapi'itãwa. Korako afirma que ele aprendeu essas histórias na *Takãra* com os narradores, porque *Takãra* é espaço especial para homens.

Segundo Baldus (1970), o primeiro registro mais conhecido do contato direto com *maira* aconteceu no ano de 1911. Permaneceram alguns dias com o nosso povo. Já o contato anterior era apenas esporádico como foi mencionado anteriormente. Era um grupo de seringueiros que subia o rio Tapirapé à procura de látex e encontrou com o Apyãwa na aldeia Tapi'itãwa.

Conforme o relato dos seringueiros, eles ficaram alguns dias na aldeia e durante sua permanência trocaram seus objetos de interesses com os Apyãwa. No ano seguinte, em 1912, Dr. Francisco Mandacaru comandou a primeira expedição, recomendado pelo SPI - Serviço de Proteção ao Índio, para visitar uma aldeia do povo Apyãwa aqui no território chamado Yrywo'ywãwa (Urubu Branco). Na visita dos Missionários Dominicanos em nosso território, ambas as partes trocaram seus artesanatos e objetos preciosos como facão, machado, miçanga e outros.

O contato resultou uma tragédia, o povo Apyãwa foi contaminado com as doenças trazidas por eles, como a febre de malária, gripe, catapora, sarampo e outras doenças que contaminam através do contato com objetos e ferramentas trazidos da cidade. O nosso povo

sofreu epidemias e morreu, porque não tinha resistência sobre as doenças. As doenças contribuíram com a redução da população do nosso povo.

Foi um período muito difícil e de sofrimento para o povo Apyãwa, pois centenas de pessoas morreram por causa do contato com não índios. As doenças eram transmitidas através de presentes que os visitantes levavam. As doenças, que atualmente têm cura, transformavam-se em epidemias contaminando toda a comunidade de uma aldeia. Quando houve os primeiros registros a respeito, o povo Apyãwa já estava muito reduzido e enfraquecido fisicamente por causa dessa situação.

Os Apyãwa ainda moraram um período junto com os sertanejos depois os sobreviventes foram levados pelo Serviço de Proteção ao Índio - SPI para a Barra do Tapirapé.

1.4 Vivência com sertanejo e com SPI

Aqui trago relato de Tokyna, Xaryja – ‘minha vó’, uma das últimas sobreviventes dos antigos Apyãwa que viveu a sua adolescência na antiga Tapi’itãwa na década de 30. Ela ainda lembrou muito bem como aconteceu este período da década 40 a 50. A entrevista foi gravada e transcrita o relato dela sobre a história Apyãwa, principalmente o período depois do ataque Kayapó até a mudança para o Posto da SPI. Esse relato é muito importante sobre uma parcela da história Apyãwa porque é de uma referência viva. Tokyna foi uma referência importante para a pesquisa sobre os Apyãwa e por isso faço questão de trazer o que nos passou de importância.

DEPOIMENTO 01-Tarimaro ro’õ raka’e ewepypiat akawo, a’e ro’õ raka’e aa São Pedro pe. A’e pe ro’õ raka’e imama’eay ‘ota Apiwa’a’i, ‘a ro’õ raka’e apariaowa ramõ. A’e pe ro’õ raka’e Tarimaro ipyky xekyja ranõ. A’e pe ro’õ raka’e i’o mayga, ywyrarawete mõi. A’e mõi ro’õ raka’e Tarimaro a’o wewepypiãra rewe ‘a ro’õ raka’e ixokawo ewypypiãra reewe. Pe’oakarejxeewi ixope amo? E’i pane ro’õ raka’e ixope. Aoxetee ro’õ raka’e i’oakari ixope opiaryma, ‘a ro’õ raka’e ixokaakãta ewepypiãra reewe. ‘A ro’õ raka’e Tarimaro ityma São Pedro pe Apiwa’a’i pyri. Taropã tanã ro’õ raka’e axokã xekyja ty’ãra reewe. A’e ro’õ raka’e Taropã atym São Pedro pe we ranõ. Kato’ywa ro’õ raka’e axokã xekyja São Pedro pe we ranõ.

A’e pewe ro’õ raka’e Paxe ixoka Wakore ranõ. Emi’o ro’õ raka’e amaa’iwi ixope a’egã we ranõ. A’e Paxeapãra ra’yra ro’õ epewo we amanõ ranõ. A’e pewe ro’õ raka’e xekyja ixoka a’egã ranõ. A’e pewe ro’õ raka’e xekyja ixokã Koxare, Marepoko memyra ranõ. A’era ro’õ epe itowi wetepe tywykwera. Axapaywywry ro’õ mi epewo ikwãwi Apyãwa rywykwera. A’e pe ro’õ raka’e Toto’i iapaawyra rowete waty rywykwera ‘arimo. *(Depoimento de Tokyna Tapirapé, 10 Julho, 2020).*

DEPOIMENTO 01- Tokyna lembrou ainda das pessoas que morreram neste período principalmente onde fizeram sua aldeia. Atraves do contato direto com Maira, as pessoas ficavam doentes. Uma das pessoas foi Apiwa'a'i, dizem que passou mal de repente e morreu. Ninguém sabe direito o motivo da morte. Nesta aldeia também morreu Tarimaro, esposa de Toto'i. Segundo Tokyna, disse que se infectou com a gripe e o marido passou um remédio forte para ela e não reagiu. Como ela estava grávida, o efeito negativo atingiu o bebê e morreu. Ela morreu grávida por causa da gripe e enterrada em São Pedro. Taropã também morreu da gripe e foi enterrado também em São Pedro. Kato'ywa também foi vítima de gripe e também enterrada na aldeia São Pedro. Então só neste lugar existe cemitério Apyãwa, porque morou algum tempo em São Pedro. Além daqueles citados tokyna falou que ainda morreram mais crianças Apyãwa, um chamava Wakore vítima da doença espiritual. O filho de Paxeapãra e a filha de Marepoko que se chamava Koxare também morreram da gripe. Tokyna diz que o cemitério está em único lugar onde os Apyãwa moraram em São Pedro. Ela disse que não esquece daquele lugar e do período mais difíceis que enfrentaram quando viveram junto com os sertanejos. *(Depoimento de Tokyna Tapirapé, 10 Julho, 2020).*

Os Apyãwa ainda moraram um período longo junto com os sertanejos, principalmente na Fazenda São Pedro, hoje ocupada pelos Kanela, que era propriedade do Lúcio da Luz. Segundo a Tokyna, ela lembra ainda das pessoas que faleceram neste período principalmente onde fizeram sua aldeia. Eles construíram suas casas próximo de um lago que existe na antiga São Pedro. Através do contato direto com *maira*, as pessoas ficavam doentes. Uma dessas pessoas foi Apiwa'a'i, dizem que passou mal de repente e morreu. Ninguém sabe direito o motivo da morte. Nesta aldeia também morreu Tarimaro, esposa de Toto'i. Tokyna relatou que se infectou com a gripe e o marido passou um remédio forte para ela e não reagiu. Como ela estava grávida, o efeito negativo atingiu o bebê e morreu. Ela morreu grávida por causa da gripe e enterrada em São Pedro. Taropã também morreu da gripe e foi enterrado também em São Pedro. Kato'ywa também foi vítima de gripe e também enterrada na aldeia São Pedro. Então só neste lugar existe cemitério Apyãwa, porque morou algum tempo em São Pedro. Além daqueles citados, Tokyna falou que ainda morreram mais crianças, um chamava Wakore da doença espiritual. O filho de Paxeapãra e a filha de Marepoko que se chamava Koxare também morreram da gripe. Tokyna relatou que o cemitério está em único lugar onde os Apyãwa moraram em São Pedro. Ela disse que não se esquece daquele lugar e do período mais difíceis que enfrentaram quando viveram junto com os sertanejos.

Não se sabe exatamente quantos tempos os Apyãwa viveram com o povoado de São Pedro e São João. São João era antiga fazenda da "Codebra", onde foi aberta a primeira aldeia Wiriaotãwa. De acordo com os relatos percebem que viveram este período com apoio de

principalmente da família do Lúcio da Luz que na época essa região era dominada por eles. O nosso povo neste período percorria a região de Porto Alegre do Norte até Luciara, até o momento em que buscaram apoio da SPI - Serviço de Proteção ao Índio, quando em 1978 foi levado para a Barra do Tapirapé.

Tokyna, (2020) relata que a primeira pessoa que mudou para a região de Orokotãwa, Posto da SPI, era a família de Paxeapãra. Foi ele, o primeiro a fazer mudança da região de Yrywo'ywãwa para Orokotãwa. Só que primeiro morando na aldeia Itxala do povo Karajá. Depois de alguns anos morando na região, Paxeapãra convidou seus compamheiros que morava em São Pedro. Então a família de Korawã e de Kamoriwã aceitou o convite e se mudaram para aonde Paxeapãra morava com sua família. As primeiras famílias viajaram de canoa até chegar à aldeia na região de Orokotãwa. Outras famílias ainda não concordaram de abandonar o seu território tradicional Yrywo'ywãwa. Muitas famílias não queriam deixar descobertas os cemitérios dos parentes, pais, avós e filhos perdidos com epidemias que estavam na antiga Tapi'itãwa e na aldeia de São Pedro, onde conviveram junto com os sertanejos que vieram morar aqui na beira do rio *Awíowy* 'rio tapirape'.

Contando essa história aguerrida do meu povo, me orgulho de ser originário desse povo, um povo lutador que não se entregou fácil, um povo tão resistente culturalmente, linguisticamente se misturando com antigos rivais tradicionais Karajá da aldeia Itxala. Muitas famílias Karajá não aceitavam a permanência do povo Apyãwa com ele, mas, se manteve firme para sobreviver fisicamente e culturalmente. Porque depois de alguns anos morarem na aldeia Itxala, eles construíram *Tapyjpewa*, *Takãra* em formato da casa antiga Apyãwa', a casa cerimonial onde realizava suas festas tradicionais mesmo vivendo junto com os karajá. O povo Apyãwa não queria deixar de praticar a sua cultura mesmo sendo a minoria. A população estava tão reduzida, mas, era um povo resistente culturalmente. Xakareo'i e Tokyna lembraram-se da convivência junto com os Karajá, um povo tão diferente culturalmente dos Apyãwa. Quando praticavam seus costumes os Karajá participavam junto com eles. Algumas famílias Karajá fizeram amizade com eles e outros não porque estavam com inveja de suas belezas culturais, dos cantos bonitos que eles cantavam. Assim foi narrada pela Tokyna.

Quando eles viram que estava se normalizando e recuperando o número de pessoas, eles decidiram de abrir uma aldeia só para eles, afastados dos Karajá. Segundo Xakareo'i, ante de fazer uma aldeia definitiva, a família Apyãwa se dividiram em duas aldeias morando nas roças. Uma aldeia era chefiada pelo Korawã e outro pelo Awarao. A primeira e a única aldeia foram construídas perto de *Ywytyri* 'morrinho'. Essa era primeira aldeia construída no formato

tradicional do nosso povo, principalmente a *Takãra* – a casa cerimonial do povo Apyãwa. Assim se abriu a primeira aldeia Apyãwa na Terra Indígena Tapirapé e Karajá, chamada Orokotãwa, a mesma que antropólogos nominaram de Tawyao ‘aldeia nova’

1.5 A luta e as conquistas dos territórios Apyãwa

Na década de 50 começou a luta pelo reconhecimento do território, uma vez que, as empresas estavam se instalando na região do Araguaia que trouxe muita preocupação para os moradores indígenas e não indígenas que já estavam ocupando a região. Segundo o relato no livro de *Xanetãwa Paragetã*, em 1954 a CIVA - Companhia Imobiliária do Vale do Araguaia instalou-se na nascente povoação de Santa Teresinha. A CIVA obtivera do Governo do Mato Grosso concessão para compra e venda de títulos de extensas áreas do Araguaia.

A fazenda Tapiraguaia que veio para a região de Santa Terezinha estava negociando os lotes e até mesmo o território tradicional dos Apyãwa e Karajá que são habitantes tradicionais da região Araguaia. A fazenda Tapiraguaia negociava a terra como se não estivessem os povos indígenas habitando a região e com essa situação os habitantes imediatamente reagiram buscando seus direitos territoriais.

A Terra Indígena Tapirapé e Karajá ainda seria conquistada com muita luta articulada principalmente pelas lideranças Apyãwa. As lideranças daquela época se articularam com apoiadores e até com lideranças indígenas de outras etnias do estado de Mato Grosso, na assembleia de lideranças apoiada pelo CIMI e Igreja Católica.

Figura 03: Assembleia de chefes indígenas em Yywytwãwa, 1977.



Fonte: CIMI/ Mato Grosso, 1977

Se imaginássemos a totalidade do território Apyãwa, o qual se expande pegando uma parte do Pará e Nordeste do Mato Grosso que chega até o rio *Awiohy* – ‘rio das penugens’, no dizer do Baldus, (1970), os índios Tapirapé chamam o rio Tapirapé *aviohy* (ou: *aviuhy*) o que quer dizer: água das penugens, sendo *hy* a água. O território tradicional Apyãwa é imenso que foram ocupados pelos *maira* – não índios. A luta para garantir um pedaço do território não foi fácil, porque a própria FUNAI - Fundação Nacional do Indígena “protetor dos direitos indígenas” estava contra segundo relatos dos líderes da época.

As lideranças Apyãwa relatam que até sugeriram que fossem transferidos para a Ilha do Bananal para desocupar o território para os fazendeiros, mas, os Apyãwa sempre resistentes mantiveram pé no chão até a conquista do território. O território foi demarcado em 1983.

É bom lembrar também que os Apyãwa não estavam sozinhos na luta pelo reconhecimento dos territórios, e sim receberam apoio da Prelazia de São Félix do Araguaia através de seubispo D. Pedro Casaldaliga, da Igreja Católica e de numerosas entidades civis do Brasil e do exterior, que exigiam o cumprimento da Constituição Federal pelo Governo Federal.

O Padre Francisco Gentel que acompanhava diretamente a luta dos Apyãwa na aldeia e até mesmo os moradores de Santa Terezinha foi expulso do país por causa disso. Os mais idosos ainda lembram muito bem da atuação do Padre Gentel com os Apyãwa.

Estava nessa luta, também incentivando e orientado as lideranças indígenas, as Irmãzinhas de Jesus e o casal Luiz e a Nice desde quando chegaram à aldeia. Essas pessoas foram muito importantes para os Apyãwa na luta pelo território. Quando fizeram autodemarcação do território Tapirapé/Karajá, Tenywãawa, ‘Luiz’, acompanhou os homens na atividade na abertura da picada demarcatória em 1977 e 1978.

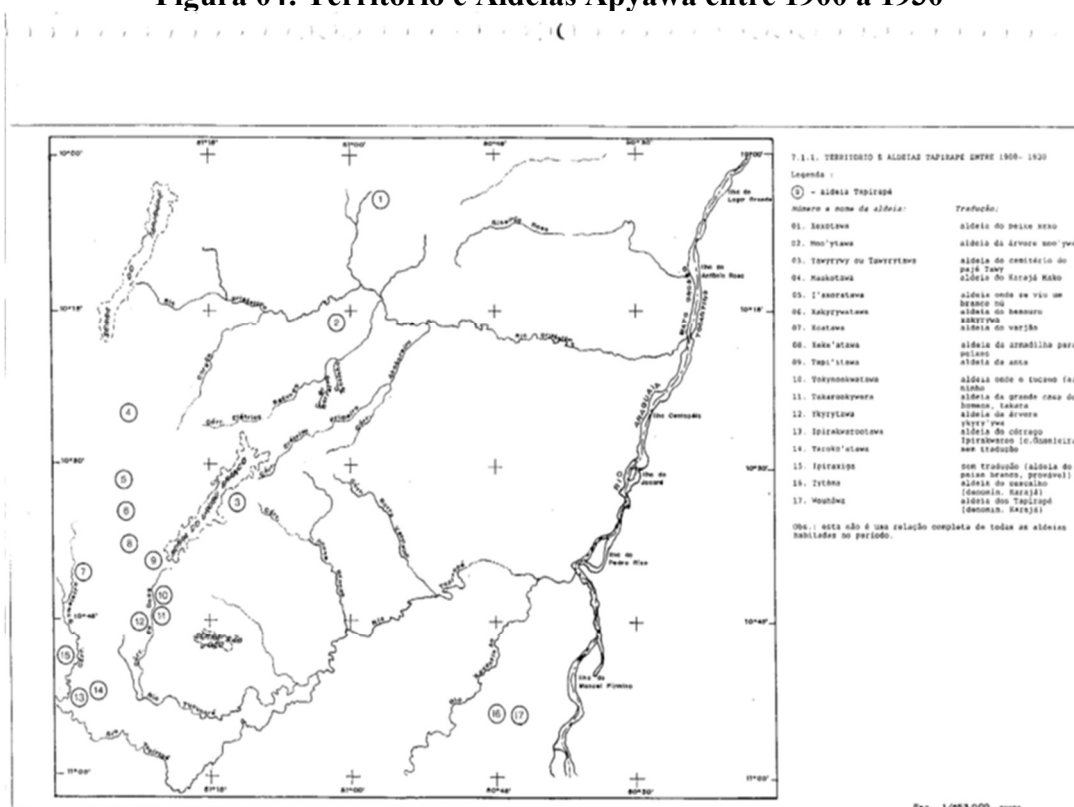
Mesmo com a oposição da Funai, os Tapirapé conseguiram as terras que pleiteavam, através do reconhecimento oficial, em 1982, da picada demarcatória que haviam feito entre 1977 e 1978. Finalmente, o Diário Oficial da União de 24.03.83, traz o decreto nº 88.194 de 23.03.83, assinado pelo presidente João Figueiredo, homologando a demarcação da Área Indígena Tapirapé/ Karajá, feita segundo a portaria 1.203/E de 29.09.82. Essa terra, registrada em cartório da região, cumpriu todos os trâmites legais e está regularizada. A Funai organizou, em 1983, a retirada das famílias de posseiros instaladas no morro do Cadete (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996, p.30-31).

O território *Yrywo 'ywãwa* – ‘Urubu Branco’ território tradicional Apyãwa ficou muito fora da terra que foi demarcada, porém, nunca foi esquecida. Quase todos os anos eram visitados por famílias, uma forma de mostrar para os invasores que esta terra tinha dono. Mantendo presença no território era muito importante para os Apyãwa porque os fazendeiros já estavam invadindo novamente, desmatando a floresta ao redor da serra do *Yrywo 'ywãwa*. As famílias

que vinham para *yrywo 'ywãwa* permaneciam uma ou duas semanas visitando lugares sagrados como cachoeira de “urubu branco” onde pegavam taquari para fazer flecha.

Os mais idosos serviam de guias para os novos que aqui não conhecia. Durante a visita os mais velhos que aqui viveram seus adolescentes, narravam histórias de Tapi'itãwa, história das cachoeiras, das serras onde os pajés capturaram espíritos das crianças para mulheres que queriam ter filhos. Essa visita virava uma verdadeira aula para os mais novos que não conheciam, inclusive aconteceu uma atividade escolar “Escola Passeio” exatamente para pesquisar e registrar história, da qual resultaria *Xanetãwa Paragetã* – “Histórias das nossas Aldeias”. Junto com alguns recentes professores Apyãwa estava na coordenação da atividade escolar o casal Luiz e a Nice para registrar a história do território tradicional Apyãwa. Nesse trabalho importante da escola estão documentadas as histórias das aldeias antigas e de lugares sagrados do povo. Esse trabalho de pesquisa foi muito importante para o laudo antropológico para o reconhecimento da identificação como território tradicional Apyãwa.

Figura 04: Território e Aldeias Apyãwa entre 1900 a 1930



Fonte: A.Toral, 1993

Então essa visita se tornava muito importante para reconhecimentos do território Apyãwa. Em todas as viagens que faziam para antiga Tapi'itãwa, os Apyãwa faziam timbó no córrego de *Ipirakwari*³ para abater peixes como *xani'ã* 'bagre', *ipirapexowa* 'lambari', *tare'yra* 'traíra', *ipiãwa* 'piauí'. Assim eles preparavam peixes assados e *mimakeka* - 'moqueca'. *Mimakeka* é um preparo especial de peixe pequeno como *ipirapexowa* que os Apyãwa cozinha com folha de banana-brava. Outra motivação forte da presença Apyãwa no território era visitas dos túmulos que estão aqui nas aldeias antigas, porque a fazenda estava destruindo matas com trator. Com aprovação da constituição da república do Brasil em 1988, principalmente artigo 231, o povo Apyãwa estava realmente decidido para retornar para Urubu Branco.

Assim em 1993 os Apyãwa decidiram retomar o seu território tradicional. Trago aqui informação especial sobre a primeira família que veio para reocupar o território *Yrywo'ywãwa*. Quero registrar o nome de Korirã em especial por motivo que nos deixou nesse ano, dia 26 de março de 2022. Korirã para mim e para o povo Apyãwa foi o símbolo de retomada para nosso território tradicional. Ele com sua esposa Taparawoo foram um líder importante em 1993 com Toto'i, Iparewao'i (minha vó), Paxepytygi e Eirowa ter a primeira iniciativa de retomada aqui na aldeia Tapi'itãwa. Segundo Paxepytygi (2022), a mudança aconteceu no dia 20 de novembro de 1993 de Orokotãwa para *Yrywo'ywãwa*, a primeira família a retomar o *Yrywo'ywãwa*. Então por isso acabamos de perder uma grande pessoa da família Apyãwa, assim também como Toto'i e Iparewao'i que tiveram iniciativa importante.

Assim também não poderia deixar de registrar um fato trágico sobre a minha família, quando nessa viagem perdemos a nossa irmã casula Eirywa de três aninho no acidente de caminhão "caçamba". Foi um acidente fatal que não teve nenhuma oportunidade de socorrer a vida da criança inocente. Assim acabamos perdendo no acidente uma criança desejável da nossa família que está na memória Apyãwa. Então a ida do Korirã, Xerowyra – 'meu tio', foi muito chocante para todos nós da família de Eirywa.

Depois dessa família, a família de Wario, 'Xywaeri José Pio Tapirapé' fez mudança para *Yrywo'ywãwa*. Segundo Ware'i, (2022), o pai dele fez mudança no dia 25 de novembro de 1993. Logo em seguida a família de Xario Domingos Tapirapé fazendo mudança no dia 10 de dezembro de 1993. Essa família era liderada por Wario e Koxywa, Xario e Ipa'ywa, Ware'i e Mypytygi e Maiwi com Akoxi. Esse dado foi fornecido pelo Ware'i, 'Kamoriwa'i Elber Tapirapé', cacique atual da aldeia Tapi'itãwa. Com isso a população de nova Tapi'itãwa se

³ Córrego *Ipirakwari*, 'buraco do peixe', que nasce da serra do Urubu Branco. Segundo as narrativas contadas pelos Apyãwa, primeiro não existia peixe, mas, os pajés trouxeram a mãe dos peixes lá de Belém do Pará. É por causa dessa história que a aldeia era também chama de *Ipirakwaritãwa* – 'Aldeia Buraco do peixe'.

fortaleceu para a retomada do nosso território tradicional *Yrywo'ywãwa* 'Urubu Branco'. Trago aqui também uma das cartas mais importantes sobre a retomada do nosso território oficializado pelos primeiros caciques da nova aldeia Tapi'itãwa endereçado para o governo brasileiro.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO CACIQUE DE TAPI'ITAWA

Gostaríamos de informar os motivos pelos quais retomamos no dia 23 de dezembro de 1993 a Área Indígena Urubu Branco, por nós denominada Tapi'itawa, e localizada no município de Confresa, estado do Mato Grosso. Esta área é de posse imemorial do nosso povo e se encontrava em mãos de alguns latifundiários paulistas. A reocupação de parte desta área tradicional foi feita de maneira pacífica. A nossa proposta atinge 157.000 ha.

Os motivos reais que nos levaram a fazer essa retomada foram os seguintes:

-A atual área indígena Tapirapé/Karajá é insuficiente para nossa sobrevivência física e para realização do cerimonial cultural, como nos garante o capítulo 231 da constituição brasileira.

-A maior parte da atual área Tapirapé/Karajá é constituída por varjão, que é inundada no inverno.

-Que as matas da área indígena Urubu-Branco estavam sendo devastadas para formação de pastagem.

-As sepulturas de nossos ancestrais estavam sendo destruídas. - Estávamos sendo impedidos de entrar nesta área.

-Para que a juventude conheça de perto os locais das antigas aldeias e assim possam saber melhor sua história. Assim como os não índios tem o direito de saber da história do Brasil.

São estes os motivos pelos quais acreditamos ter total direito a esta área.

Xario Domingos Tapirapé
cacique da aldeia Tapi'itawa

Kamoriwa Elber Tapirapé
vice-cacique da aldeia Tapi'itawa

Aldeia Tapi'itawa, 28 de novembro de 1995.
(COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996, p.14-15)

É importante registrar também a presença das Irmãzinhas na luta junto aos Apyãwa. Elas participaram da luta pela terra desde o primeiro território, e incansavelmente apoiaram também aqui na terra Indígena Urubu Branco. Quando em 1995, aconteceu mudança das irmãzinhas de Orokotãwa para *yrywo'ywãwa*, coma Genoveva, Elizabete e Odila. Continuaram suas vidas aqui na Tapi'itãwa, fizeram casas, fizeram roças e participando dos rituais Apyãwa.

Elas viveram ainda mais dezoito anos com os Apyãwa na Terra Indígena Urubu Branco. E infelizmente essa convivência se interrompeu com falecimento da *Xaryja 'Vovó'* Genoveva em 24 de setembro de 2013. A Veva foi sepultada na casa dela conforme o ritual de funeral Apyãwa. Os Apyãwa fizeram questão de sepultá-la, segundo seus costumes, como se

mais uma Apyãwa tivesse morrido. Digo que a Veva se tornou família de Apyãwa como também recebeu nome indígena de Mareaxigi. As outras Irmãzinhas retornaram para país de origem como Odile, foi para França e Elizabete foi para Belo Horizonte Minas Gerais. Hoje quem mora na casa delas é casal Ima'awytygoo e Xe'akawygoo com a família.

Quase três décadas se passou do retorno para o Urubu Branco, a situação da invasão do território *Yrywo' ywãwa* – 'Urubu Branco' ainda não resolvido. A Terra Indígena Urubu Branco foi homologada e registrada, contudo, ainda existem invasores na parte norte da área, com direito a liminar judiciária ainda não caçada.

Este problema vem percorrendo há vários anos sem soluções por parte do governo federal. Enquanto isso a nossa floresta está sendo destruídas no norte da área, os invasores usando a terra para criação de gado. Várias ações pontuais aconteceram e não solucionada com a desintrução do nosso território. E com atual governo do Bolsonaro a situação piorou, porque fica impedido de concretizar todas as ações legais previstas na área. Um exemplo claro que trago aqui é a decisão final ganho da desintrução do território que ainda está parado.

Segundo que os procuradores informaram para as lideranças que a morosidade justificada por causa da pandemia. Outro motivo que poderá atrapalhar é o julgamento da tese do Marco Temporal. Então essa situação é preocupante as comunidades interessadas. Nós liderança atual Apyãwa, acompanhamos de perto como está se prosseguindo o caso do nosso território e também do movimento nacional que acontece em Brasília sobre o Marco Temporal. Todos os anos lideranças estão participando do movimento da ATL- acampamento Terra Livre em Brasília.

2. ALICERCE E SEDIMENTAÇÃO DA PESQUISA

2.1 Caminhos experienciados: de longe e de perto!

Desde quando foi pensada a pesquisa, não pensei duas vezes, porque, o meu tempo profissional, acadêmica, vivo a vida com meu povo, e que levou a pesquisar sobre Takãra - A casa da Sapiência Apyãwa é a preocupação minha e dos meus anciões sobre o assunto que está em processo de mudança a cada geração. Durante os últimos 40 anos desapareceram quase a metade dos rituais que se realizavam dentro da *Takãra*. Existem várias situações que explicitam por que aconteceu a extinção de vários rituais que era praticado antigamente. Uma das causas são contato com outro povo, especificamente com a sociedade global que ocupa a maior parte da vida do ser humano e outro seria a crise depopulacional do povo que aconteceu no período da década de 30 a 50.

Nesse sentido, penso que nós pesquisadores indígenas poderíamos nos esforçar para trazer essa reflexão para a com a nossa comunidade. Durante minhas ações também já experimentei várias reflexões com os colegas de trabalhos sobre a importância da sabedoria que nos constitui como povo Apyãwa. Assim surge a temática da pesquisa sobre a *Takãra*, o assunto de grande relevância para o povo Apyãwa. A partir do momento que comecei a entender a importância da *Takãra*, comecei a dar a minha contribuição. Isso aconteceu quando comecei a participar das reuniões e assembleias e principalmente quando ingressei nos cursos de nível superior. A partir daquele momento, construir ou adquirir outro olhar mais amplo sobre a vida que vim construindo. Percebi que na minha juventude ainda vivia no escuro, como a vida de jovem como todo.

Durante toda a minha vida vivenciei a construção da *Takãra* e a realização dos rituais, às vezes, interrompidas pelas mortes por período de 'luto', mas que sempre dado a continuidade. Presenciei a vida todas as preocupações das lideranças anteriores, porque, considerava a *Takãra* como a base importante para a sobrevivência cultural, ritualística do povo Apyãwa. Isso me incentivava que pudesse trazer um trabalho que possa contribuir com a essência e com o projeto de interesse da comunidade. A minha ação inicia-se dentro da escola, com o público alvo bastante jovem, o qual é a minha preferida. Pensei comigo mesmo que precisamos preparar o futuro do povo Apyãwa.

Desde sempre me senti parte desse conhecimento, a partir do meu estudo acadêmico objetivando de alguma forma contribuir com a vitalidade e continuidade do conhecimento milenar do meu povo. Não me preparei especialista de rituais como alguns que

dominam diretamente as regras e os cantos, contudo, a minha contribuição é na reflexão sobre como dá a vida e a continuidade desses saberes que é tão indispensável.

Na minha andança na escola, sempre valorizei a temática da cultura, na qual problematizava a temática com os jovens. Considero a cultura uns dos pilares importantes, uma vez que sem ela, o meu povo se tornaria pobre da cultura. Sou conhecedor da realidade do país, onde os povos indígenas perderam suas essências culturais por causa da maioria pela imposição da cultura *maira* ‘ não indígena’. Essa questão nos serve de exemplo para que possamos lutar pela riqueza que nos constituímos como povo indígena.

O que mais fortaleceu a luta pelo viver, e pelo saber Apyãwa, é a preocupação de manter a cultura viva, principalmente os saberes que são difundidos neste espaço sagrado que é *Takãra*. Na visão mais abrangente, não existe outro espaço epistêmica mais centralizada e influente que a *Takãra*, portanto, a *Takãra* é como o “coração” que dialoga e distribui funções para outras atividades que movimenta os saberes. A maioria das atividades ou saberes culturais são constituídas e difundidas neste espaço.

Mesmo sendo parte ou membro sujeito da pesquisa, não conheço tudo sobre a sabedoria Apyãwa, mas, consigo contribuir com a parcela nas minhas atuações de pesquisador originário, como educador e liderança da minha comunidade, uma vez que, os mais idosos sempre desafiam as gerações, como dá a continuidade da sabedoria da *Takãra*. Na idade que temos, nós ocupamos espaços privilegiados de dá a continuidade desse conhecimento para que as outras gerações possam ter oportunidade de viver a sabedoria que meus antecessores viveram e agora nós vivendo a parcela que está sofrendo deslocamento cada vez mais.

As contribuições que realizamos para com o nosso povo é através das pesquisas e vivências nos rituais desde muito tempo e nos tempos de agora. Nesse caso particular foi entrevistada três anciões, os quais são: Xakareo’i, Korako e Tokyna. Essas pessoas são consideradas a mais idosa e idosa que também tem muita informação sobre o tema que foi pesquisado. Então é dessa maneira que foram escolhidos os entrevistados para fazer parte deste trabalho. A maior atuação é buscando informações com sábios (as) e também participando *in-loco* das atividades ritualística do povo. Pois estamos vivendo a contemporaneidade do privilégio do pesquisador do nosso próprio povo que antigamente não acontecia. Vivemos o momento de grande conquista na qual fazemos partes ou que fazem, trazendo novas concepções ideológicas sobre o nosso povo, o qual se configura como a autoetnografia.

Para fundamentar a pesquisa, realizado com o povo Apyãwa, a discussão sobre o entendimento da pesquisa chamada, Takãra – A Casa da Sapiência Apyãwa, traz alguns autores importantes para ajudar na reflexão.

A autoetnografia é, assim, um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta de descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural (Ellis, 2004). Ou seja, partindo a pesquisa da ótica do pesquisador indígena que é falante da língua, que pertence da mesma cultura e ou povo/comunidade. Em outras palavras, usa-se a experiência pessoal de um pesquisador para descrever a sua cultura, reconhecendo e valorizando suas relações de um pesquisador.

Sendo assim esta pesquisa foi pensada a partir da vivência na comunidade, participando diretamente ou indiretamente de todas as atividades culturais, uma vez que, proporciona a sua reflexividade conforme a sua maneira de ver o mundo. O método da autoetnografia dá oportunidade para que pode se empoderar as várias maneiras de ver o mundo e também possibilita aos pesquisadores indígenas de contar a sua própria história com mais profundidade.

Já Jorge Larrosa (2002) é um autor que nos deixa a pensar sobre uma visão que realmente nos encaixamos, dos métodos que da maioria das vezes utilizei durante a realização da pesquisa que fala sobre o sentido da experiência. *A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.* (LARROSA, 2002; p. 23)

A partir do momento que li o autor, logo me identifiquei com ele, porque, quando foi escolhido este tema foi por meu sentimento até mesmo emocional. Pois, a *Takãra* para mim é mais do que uma casa, é mais do que “a casa dos homens”. Parece-me ainda mais de que identidade do meu povo, mais do que o patrimônio do povo Apyãwa. Nesse momento não tenho uma palavra que explicita que dá a noção do sentido da *Takãra* para mim e para minha comunidade. Na palavra do autor, a *Takãra* é uma coisa que me *experencia*, é uma coisa que me toca de verdade, que nos tocam de verdade, aquilo que realmente me orgulha que me sinto parte dela. Uma coisa que sinto responsável, que impulsiona a minha vida com ela. Imagina a responsabilidade que nós temos de “movimentar” na nossa geração e entregar para geração futura a mesma vida que ainda encontrarmos da *Takãra*. Então é uma luta incessante para mim e para outros pesquisadores Apyãwa que estão por vir.

Então, existem vários saberes fundamentais dentro da cultura, contudo, o que me levou a pesquisar a *Takãra* é ser um espaço mais central, ou seja, que promove saberes materiais e

imateriais do povo Apyãwa. Imaginemos a *Takãra* que seja “alicerce de casa” que sustenta tudo a sua estrutura, ou seja, os saberes que está dentro de si.

Nesse sentido temos que parar um pouco para dá mais atenção a nossa vida, a nossa sabedoria, a nossa *Takãra* que necessita de mais atenção, como diz o Korako na sua entrevista, *a Takãra está desvalorizada, os espíritos necessitam do nosso apoio e nós precisamos do apoio dele também. Temos que parar para curar as doenças e sentimentos maus que nós deixamos para ele.* O autor diz que, o que nos impende a ter experiência, é excesso de informações, excesso de trabalho, excesso de acontecimento. É realmente precisamos entender o que está contribuindo com a perda ou desvalorização da sabedoria Apyãwa.

Tenho admiração por talentos e memória dos anciões sobre a cultura material e imaterial em comparação com a capacidade de memorização de indivíduos da atualidade que não são a mesma. O que diferencia da outra é o tempo em que cada geração viveu e vive numa sociedade bastante turbulenta. Justifica-se que indivíduos Apyãwa da atualidade têm excessos de informações globais que deixa ser levados pela ilusão e boniteza do mundo hoje. Dificulta as gerações atuais a pensar, refletir e agir com consciência sobre as essências vitais e culturais dos Apyãwa. Penso comigo mesmo, como tento acompanhar todo o movimento do dia a dia da aldeia, que imagina que não é a mesma do meu pai e do meu avô, pois essa vida de turbulenta, inquieta a todos nós, a pensar e olhar com profundidade a vida da atualidade. São contaminados por coisas de fora que só impede a pensar e agir melhor, como diz Larrosa (2001):

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (LARROSA; 2.001, p. 23)

E por isso digo com consciência, que não existe outra pessoa melhor que eu, melhor que nós, fazermos por nós mesmo o quanto ante. Porque a minha sabedoria só faz sentido para mim e para nós. *Maíra* ‘não índio’, e outras, não tem a mesma ótica que eu e nós Apyãwa. Precisamos experienciar a *Takãra*, no sentido de *parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir*, o que está acontecendo para que possamos dá mais atenção e contribuir com a vitalização da *Takãra* que é a suma do saber Apyãwa.

Conforme o relato da Odile, (diários das Irmazinha), os Apyãwa sempre construíram *Takãra*, porque para eles não tem sentido ficar sem *Takãra*. Desde que os Apyãwa retomaram seus rituais, nunca ficaram sem *Takãra*. A cada três anos ou quatro anos construíram *Takãra* para atender *Axÿga* ‘espíritos dos rituais’ e *Xane ’yga* ‘espíritos dos ancestrais’. Os relatos sobre a construção da *Takãra* começaram a partir de 1971 até o ano de 2002. Mesmo que os rituais eram interrompidos pela morte, continuavam sempre construindo novas *Takãra*.

Assim, a *Takãra* é a raiz da sabedoria Apyãwa, que é profundamente grande relevância para a minha vida como pesquisador. Sinto-me parte da sabedoria que orgulha ser Apyãwa, originário da sabedoria milenar que está em jogo. Sou alguns que possa fazer alguma coisa para que possa manter a continuidade da vida ou sabedoria do meu povo.

Podemos analisar no relato de Tokyna e Xakareo’i, a luta dos Apyãwa sobre manutenção da *Takãra* aldeia. Construíram *Takãra* em forma improvisado *Tapyjpewoo* ‘casa comum’ na aldeia Itxala, para dar início aos rituais mesmo considerados um povo visitante. Mas nunca desistiram de seus rituais. É por causa dos rituais que eles abriram aldeia nova para garantir a continuidade ou retomada de rituais Apyãwa. Para compreender melhor o porquê a *Takãra* para os Apyãwa, vamos trazer alguns sábios que responde este questionamento. Essas falas foram colhidas durante a pesquisa na aldeia Tapi’itãwa.

Os sábios consideram muito importantes a *Takãra* como um dos espaços mais apropriados para aprendizagem dos conhecimentos próprios dos Apyãwa. Muita sabedoria se aprende só na *Takãra*. Como diz o Korako, a importância da *Takãra* para Apyãwa, “*Takãra aoxekato raka’e xanewe Apyãwa ramõ kwewiwe. Ma’era ta’e? Maryn maryn xane kaãwa ramõ, tarywa rerekaãwa ramõ, xepaanogãwa rerekaãwa ramõ Takãra*”. ‘A *Takãra* é uma casa indispensável, essencial desde a sua origem para vitalização das práticas culturais, dos rituais, de saberes tradicionais e religiosas do povo Apyãwa. A *Takãra* é importante para a realização da festa, e para *Xepaanogãwa* que é uma atividade essencial para os Apyãwa.

Xepanogãwa é uma atividade de comer que acontece no *Takawytera* ‘pátio da *Takãra*’ envolvendo dois subgrupos de *wyrã* no período da festa ou quando é necessário. *Xepanogãwa* é importante para dá alegria para os espíritos de festas que moram na *Takãra* no período da festa ou então mesmo quando moram na sua moradia quando não tem festa. Realizando atividade de comer de *wyrã*, simbolicamente estão dando de comer para estes espíritos – *Agÿga* ‘espíritos dos rituais’ ou *Xane ’yga* ‘espíritos ancestrais, como dizem os mais velhos. Com isso os *Axÿga* ficam alegres, e em contrapartida oferecem alimentos como animais, pássaros, peixes e ambulâncias de alimentos para *wyrã* ‘grupo social’. Oferecem também proteção espiritual aos

wyrã de modo geral. Praticando essa atividade também alimenta “*xere’yga*” – espíritos de nossos antepassados “*Xerexowiãwa*” ‘nossa origem’.

Sem a *Takãra* não acontecerá mais a transmissão ou difusão dos próprios saberes dos Apyãwa para as futuras gerações, uma vez que, são uns dois mais importantes espaços que se aprendem conhecimentos tradicionais próprias dos Apyãwa.

Existem alguns rituais que dependem da *Takãra*, como por exemplo, o ritual da passagem das fases de criança para homem adulto. A iniciação da primeira fase do menino acontece na *Takãra* seguindo todas as fases até chegar à última fase que se chama *Xeakygetaxiãwa* ‘ritual de rapaz’. Nesta fase acontece a grande festa do rapaz, quando usa *Akygetãra* ‘o grande cocar’ e vários adornos especiais para este momento final. Sem a *Takãra* não acontecerá mais o ciclo de formação dos homens Apyãwa.

Figura 05: Ritual de inicial de rapaz (Paroo’i, 1995 em Orokotãwa)



Fonte: Luiz Gouvêa de Paula, 1995

Culturalmente todos os homens têm que passar pelo ritual para ser considerado homem maduro e reconhecido pelo membro de *Wyrã*. Suponhamos que um homem não passa por este processo de passagem, o indivíduo é irreconhecível pelo membro. Assim não poderá trocar de nome novo que acontece na *Takawytera* ‘pátio da *Takãra*’. Porque cada fase de iniciação também é importante na sua passagem o recebimento de novos nomes de adolescentes e da idade adultas. Vamos dar um exemplo comigo mesmo, quando nasci, recebi primeiro nome de criança, Tawie, na 1ª iniciação – Awa’yao’i, Korira’i, 2ª iniciação - Awa’yao xe’atowakaraãwa

Xawarakymaxowa, Paroo'i, 3ª iniciação- *Awaxewete* 'homem maduro' ou *Xeakygetaxiãwar* ritual de rapaz'. Após a fase de adulto poderá trocar outros nomes quando necessário.

Quando se realiza *Xepaanogãwa*, simbolicamente está alimentando os espíritos das festas como *Tawã*, *Iraxao*, *Xaneramõja* e também espíritos dos antepassados. Os espíritos são muito bons quando são bem tratados e são maus quando não são bem tratados.

Para *Xakareo'i*, *Takãra* é a casa de *Tarywa* 'alegria, festa'. Traz um sentido muito significativo, que provoca alegria nas pessoas e na aldeia. Quando acontece ritual, as pessoas divertem, pintam com jenipapo e se enfeitam com pena de arara e com outros materiais. Pintar o corpo é símbolo de alegria para o povo Apyãwa, ao contrário quando morre uma pessoa não pode enfeitar, não pode pintar o corpo, não pode cantar. Então é por isso que este momento é muito importante para o povo Apyãwa. Neste relato considero importante a preocupação do entrevistado sobre a importância da presença da espiritualidade na *Takãra*.

DEPOIMENTO 02 -Takãra ewi weryj xane'yga apatãwa mō ma'e ma'e iapa apatãwa mō. A'e ramō raka'e mi 'a temiãra akypy re we, ka ywytyrywya re. My ta mi 'a temiãra, my ta mi awã xawaxi mō irori i'wo. Xane'yga ro'õ aapa ma'e apatãwa mō, Takãra we. *(Depoimento de Xakareo'i Tapirapé, 29 dezembro, 2021).*

DEPOIMENTO 02 Takãra sedia espíritos como o produtor de alimento para si. É por isso que as caças se aproximam das casas, das serras. No dia presente não vivemos isso, porque espírito produz alimento na takãra. É por causa disso que tem que dá a continuidade do ritual de comer para alimentar os espíritos. *(Depoimento de Xakareo'i Tapirapé, 29 dezembro, 2021).*

Xakareo'i diz que, *Takãra* sedia *Axãga* durante a festa que é fundamental para produzir seus alimentos, que com isso, *wyrã* é beneficiado. Os espíritos têm poder de atrair os animais, como porcão, caititu e jabuti para mais próximo da aldeia, assim são fáceis de ser caçada logo ali perto. São com essas caças que são alimentados os espíritos que ele mesmo trouxe para ser abatido. Quando não tem ritual Apyãwa, os espíritos vão ficar bravos, como o *Korako* também tinha mencionado. *Xane'yga* pode provocar e agravar doenças como diarreia, febre alta. Antigamente os pajés Apyãwa faziam suas rezas para livrar a aldeia dessa maldição. Ele lembrou que *Irawyo* tinha a prática de fumar em todas as casas para limpar do ar as doenças que faziam mal as pessoas. Só assim a aldeia ficava livre dessas doenças.

Figura 06 - Tawã Kapitãwa: espírito Karajá



Foto: Serge Guiraud, 2013.

Quando entrevistei Korako, ele estava muito preocupado com a não realização de *tarywa* na *Takãra*. Ele demonstrou realmente que o povo Apyãwa depende muito da *Takãra*, porque sem a *Takãra* não acontecem *tarywa* – ‘festa de Apyãwa’. E se não acontece *tarywa*, os espíritos ficam bravos.

O ano de 2021 e 2022 foram anos de paralização total de *tarywa* ‘ritual’, ou seja, não estava acontecendo. A cobertura da *Takãra* já estava ficando ruim também. Por isso que Korako estava muito preocupando. ‘*A ika maja kwi. Mõ pã ‘a ika maja wã. Apyrõg kwakaj amõ ee Xiwyga kwi. Maja axokã maapyp. A’e ramõ kwi aoxekato xerexepaanõga.*’ ‘A cobra está aqui. Está aqui muito perto. Xiwyga (esposa) já pisou numa cobra. Matei três cobras. Por isso temos que comer *xepanogãwa*’. (KORAKO, novembro, 2021)

Nesse dia ele estava comentando que a presença de *maia* ‘cobra’ venenosa não era normal. A família de casa estava passando perigo de ser picado pela cobra. A cobra já foi pisada pelas pessoas. Xiwyga como ele chama sua esposa Iparewã, quase foi picada e eles mataram três cobras venenosas na casa do fundo que usa para cozinhar.

É por isso que o Korako recomendava a realização *xepaanogãwa* para a calmar os *Axỹga* ‘espíritos da festa’ e *Xane’yga* ‘os espíritos dos nossos antepassados’. Ele tinha muita preocupação por que ele foi uma pessoa que saiu várias vezes com *tawã* ‘ritual de cara grande’ e ao mesmo tempo dono de *tawã*. Ele não pode ficar muito tempo sem comer *xepaanogãwa* porque é muito perigoso.

Eu lembro claramente que uma vez ele foi mordido pela cobra venenosa durante a caçada. Ele estava sozinho, mesmo assim conseguiu chegar à aldeia, quando foi socorrido pelo outro caçador, estava na estrada próximo à aldeia Tapi'itãwa. É por isso que ele tem medo principalmente do espírito *Tawã* e *Iraxao*. Segundo ele com esses dois espíritos não se pode brincar.

Quando foi feita a segunda entrevista com eles (Xakareo'i e Korako), já no final do ano de 2021, eles estavam preocupados se teria algumas iniciativas de festa Apyãwa, por que estava no tempo de inauguração ou se não tivesse nenhuma iniciativa *tarywa* não ia acontecer nestes dois anos. Xeropy 'meu pai' tinha a preocupação com epidemias como diarreia, febre alta e até mesmo gripe que pode ser agravado também.

DEPOIMENTO 03 - A'era raka'e mi aoxeoxe xerexepaanõga ranõ. Xere'yga paje'yma mõ ta raka'e mi. A'era raka'e mi xerexarywa xireka aoxeoxe. Xere'yga epe xipaj irekawo. Iaroarõ xanereka raka'e mi kwi. A'e ramõ mi i'arejxe ma'eiwa xanewe, tyeay, takowa. Ma'e mõ pã mi aapa ii xanewe wã, a'egã we mi, xane'yga mi aapa xaneree kwi. Xane'yga mi amaxeemo ma'eiwa xanewe. A'e mi 'a naxikwaãwi emiwera. A'e mi 'a Maira reka ramõ xe mi 'a xika kwi, a'e ramõ mi 'y xane'yga i'ywyteray 'yna xanewe kwi. Takãra pe mi 'y ityni xane'yga kwi. Maryn ta'e mi amo ramõ xixexokã, maryn xika. A'e ramõ mi naxirekakatoj ii irekawo xerexeka xere'yga we. *(Depoimento de Xakareo'i Tapirapé, 29 dezembro, 2021).*

DEPOIMENTO 03 - É por isso que celebramos ritual de *xepaanogãwa*. Assim alimentamos espíritos. É por isso que sempre praticávamos nosso ritual. Isso significa que estamos alimentando nosso espírito. A nossa festa também é bonita rapaz. É por isso que aparece doença como diarreia, febre alta causada também pelo espírito. Espírito tem poder de agravar as doenças nas pessoas que nós não sabemos. Vejo que estamos vivendo só vidas de não índio, assim os espíritos ficam bravos com a gente. Os espíritos moram aqui na takãra. É por isso que acidentamos, ficamos doente. Ao meu ver, a gente não cuida bem do nosso espírito. *(Depoimento de Xakareo'i Tapirapé, 29 dezembro, 2021).*

Para manter os espíritos ativos no ritual, *Wyrã*, Associação Pássaros, *Wyraxiga* e *Araxã*, plantam muita banana comprida para alimentar os espíritos de *Tawã*. Alimento especial dos espíritos são banana comprida e a carne do porco queixada. Da mesma forma, os homens das duas metades de *Wyrã* precisam caçar para alimentar as comunidades de todas as aldeias e os espíritos de *Tawã*. Existe caçada especialmente só para a realização deste ritual que, geralmente, acontece entre os meses de maio a junho, quando todos os homens se deslocam

para o mato para uma caçada coletiva que pode durar de uma ou duas semanas. A carne do caçado, serão assadas e trazidas para a festa de *Tawã*.

O povo Apyãwa considera este ritual como a presença de um espírito mais importante e mais perigoso. O povo acredita muito no espírito, porque ele pode causar maldade para as pessoas, principalmente para os donos e para aqueles que se vestem com ele ao sair durante a festa. Segundo os sábios, as pessoas que saem com ele, algum momento, têm que fazer *xepanogãwa*. Este ato de oferenda serve para alegrar os espíritos de *Tawã*. Segundo o *Paxê*, se, por acaso, não se cumprem determinadas regras, os *Axyga* sentem-se menosprezados e podem atingir com seus males os integrantes dos rituais. (TAPIRAPÉ, G. I., 2020).

Os mais idosos também dizem que o espírito serve para “*py’aatyãwa*”, ou seja, oferece alegria e alimento em abundância para *Wyrã*. *Tawã* é tão poderoso que, com sua força espiritual, consegue caças para serem abatidas, porque não se alimenta de outra caça. É por isso que todos os homens são obrigados a caçar para ele.

No período da festa, os espíritos moram na *Takãra* e vivem entre a gente durante todo o período do ritual. Quando não acontece festa, os espíritos moram nos lagos. Só os pajés têm contato com os *axyga* ‘espíritos’, tanto é que essa representação dos espíritos era construída pelos pajés.

Axyga não só convivem na *Takãra*, mas vivem entre a gente o tempo todo, nos acompanham em todas as atividades ritualísticas e, em caso, de mal desenvolvimento de um ritual, espíritos considerados perigosos são capazes de nos empurrar ou nos atropelar, de certo modo, causando com que a gente tropece (TAPIRAPÉ, G. I., 2020; p. 83).

Como foi dito acima, é espírito mais respeitado dentre outros espíritos, porque são espíritos humanos e perigosos. *Tawã* tem que ser alimentado, ao contrário, se isso não acontecer, ele pode fazer mal para as pessoas, principalmente, para o dono ou aquele que sai com ele.

Podemos afirmar que os espíritos *Tawã* são extremamente importantes para a manutenção da vida do nosso povo, uma vez que eles são poderosos e podem causar mal, mas, por outro lado, podem trazer proteção aos Apyãwa. A origem destes espíritos, na verdade, remonta aos contatos dos Apyãwa com outros povos, contatos que nem sempre foram pacíficos. Desse modo, os Apyãwa se dedicam a alimentar *Tawã* com os alimentos preferidos por eles, na certeza de que, assim, eles se mostrarão benévolos para o nosso povo.

3– CAMINHO E PERCURSO DA PESQUISA

3.1 O lugar de fala: A trajetória de vida

Sou Nivaldo Korira'i Tapirapé, Paroo'i, nome atual que recebi no ritual iniciação de *Xeakygetaxiãwa*⁴. Esse nome é do meu avô paterno. Culturalmente, todos nós recebemos quatro nomes da família paterna ou da família materna. Os meus foram: 1º - nome de *pitygã* - criança, 2º - nome de *Awa'yao'i* - primeira iniciação (rapazinho), 3º - nome *Awa'yaoxema'ãwa* - preparação do rapaz para o ritual *xeakygetaxiãwa* (adolescente), e 4º - nome depois de passar por último ritual, *xeakygetatiãwa* (Adulto).

Depois desses nomes, mais adiante, recebemos outros nomes dos adultos conforme a idade. Nesta fase recebemos nome quando damos o nosso nome para nossos netos, como por exemplo, passei meu nome Paroo'i para meu netinho Tawie. No caso da menina, a troca de nome acontece no ritual da moça no ato da primeira menstruação. No meu caso, mudarei de nome quando o meu netinho passar *Awa'yao'i*, 'rapazinho' porque ele vai ser chamado com esse nome que passei para ele, ou seja, que está registrado na certidão de nascimento dele.

Antigamente tudo acontecia naturalmente. Como tinha dito antes, que eu tinha recebido nome do meu avô paterno⁵. Meu primeiro nome de criança é Tawie, depois, Korira'i que está na certidão de nascimento, em seguida Xawarakymaxowa, e no ultimo recebi Paroo'i. Geralmente, o que fica registrado na certidão é o que recebemos na segunda fase. Na fase de *Awa'yao'i* ou às vezes as famílias resolvem de registrar com o último nome como aconteceu com meu netinho Tawie. Atualmente mudou por causa da exigência do cartório.

Nasci no dia 10 de outubro de 1974 na Aldeia Yywytãwa, que localizava na beira de um grande igarapé muito bonito que se chamava *Yewira*, na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, Município de Santa Terezinha, Mato Grosso. Sou primeiro filho homem de Xakareo'i Tapirapé e Mareapawygoo Tapirapé. Tenho dois irmãos que são Koriware e Taxiromyo, duas irmãs, Kaj'i e Maremao. Tive uma caçula, falecida com acidente de carro aos três anos de idade em 1993. Ela chamava Eirywa, uma menina muito bonita e saudável que nos deixou quando estávamos visitando a nossa família que começou a mudar para território tradicional *Yrywo'ywawa* – Urubu Branco.

Atualmente meus pais são aposentados e sou muito feliz com eles. E a minha irmã Eirywa que nos deixou sempre ficará na minha memória, na memória da minha família,

⁴Ritual de passagem de juventude para a fase adulta, conhecido também como 'festa de rapaz', que acontece de dia e a noite, na qual se abstém de comida pesada só bebendo kawi – mingau de milho ou arroz.

⁵ São avôs paternos: Arapaxigi Tapirapé e Mytygoo'i Tapirapé. Xeropy – meu pai, era único filho desse casal.

inclusive dos meus pais. Sou casado com Typxowytyga Tapirapé, uma companheira que sempre ajuda nos momentos difíceis, principalmente quando precisei sair para cumprir a demanda acadêmica e profissional. Temos cinco filhos, Carmen Inamoxigi Tapirapé, Cristiane Mareaxigi Tapirapé, Júlia Mareapawygi Tapirapé, Juliana Taixowytygi Tapirapé e Júnior Okario'i Tapirapé. São quatro moças e um rapaz. No primeiro casamento tenho dois filhos que são Andréia Marawyky'i Tapirape e Adoilson Ipaxi'awyga Tapirapé.

Sou falante da língua tapirapé, pertencente do tronco tupi, da família linguística tupi-guarani. Essa língua é muito forte nas sete aldeias na terra Indígena Urubu Branco. O povo Apyãwa⁶ – Tapirapé, pertencente à família linguística Tupi-Guarani, do Tronco Tupi, habita a região Nordeste do estado de Mato Grosso (RODRIGUES, 1986).

Pertencente da etnia Apyãwa-Tapirapé, residente na Aldeia Myryxitãwa, da Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa- MT. Vimos morar neste território a partir do ano de dois mil. Moramos nove anos na aldeia Akara'ytãwa, onde minha família morava quando veio do território Tapirapé/Karajá que está localizada no município de Santa Terezinha Mato Grosso.

Myryxitãwa é aldeia da família de Awaetekato'i que está entre as aldeias Akara'ytãwa e Tapi'itãwa á trinta e oito quilômetros da cidade de Confresa Mato Grosso. Essa comunidade é composta de uma família só e conta uma população de mais de 80 (oitenta) pessoas.

Quero relatar um pouco também do que meus pais sempre falavam para mim, segundo eles, que eu fui um bebê mais desejado, porque meu pai sempre se lembrava do meu avô que morreu tão novo. Sempre falava para mim que meu avô Arapaxigi queria tanto me ver eu nascer, porque diz que depois de ganhar duas meninas antes de mim, agora desejava eu como homem. Foi um acerto, e nasci só depois que ele não estava mais vivo.

Segundo *Xeropy*, meu avô morreu “enfeitiçado” numa caçada organizada pelos caçadores no rumo do “morro do careca” que fica na terra indígena Tapirapé/Karajá. Ele foi “enfeitiçado” no local da caçada, não resistiu à força espiritual falecendo no meio da mata, aproximadamente trinta km de distância da aldeia. Meu pai sempre conta, que nunca esquece aquela tragédia. É um momento que *Xeropy* nunca esquece e fica sempre na minha memória também. Esse acontecimento foi registrado também nos diários das irmãszinhas.

02 – 03 – 1976: morre MIKATO e o luto se instala, e em seguida morte repentina de ARAPAXIGI Leôncio, morreu enquanto caçavam, caçada que ele tinha convocada, faleceu na mata... A aldeia ficou chocada... no dia depois

⁶Autodenominação da comunidade que significa gente ou humano. Mas, o que ficou registrado oficialmente foi a denominação dada pelos visitantes *maira* – não indígena, como era comum acontecer com a maior parte das comunidades indígenas. Cada povo indígena tem uma autodenominação própria que precisa ser reconhecida.

do enterro queimaram a ‘takara’ porque ARAPAXIGI trabalhou muito na construção dela, mas, também porque foi a segunda morte em quinze dias. Esse ano não haverá festa.

IRAWYO um pajé de idade passa em todas as casas inclusive na nossa para tirar os espíritos ruins e depois de dar a volta da aldeia diz: “agora o perigo se foi.” (Diários das Irmazinhas, 1976; p. 02)

Então por isso que ele sempre me diz que fui um bebê mais desejado dos pais, até porque sou primeiro filho homem de Xakareo’i e Maxãja.

Xeropy, meu pai, é filho de Arapaxigi com Mytygoo’i e Api, minha mãe é filha de Ixyre’i com Eirowytygoo todos falecidos. Segundo informação de Api, ‘minha mãe’, meus pais são primos de perto. Meus avôs eram parentes muito próximos. Na cultura Apyãwa a gente fala *xaywyra*, ou seja, ‘irmão’. Meu pai sempre nos contou que sofreu muito para viver, porque primeiro ele perdeu sua mãe quando era criança ainda. Então ele não recorda da sua mãe. Ele lembra muito que o próprio pai cuidava dele. E lembra ainda que quem cuidava também dele era o próprio meu avô materno, porque era irmão praticamente. Ele sempre lembra que, quando criança meus avôs carregavam de *peyra*, ‘cargueira feita com folha de bacaba’ quando viajavam para beira do rio, para caçada, ou para roça. Um fato que ele nunca esquece. Minha mãe também conta essa história que os pais dela contavam para ela.

Quando cresci, presenciei a luta do *Xeropy*– ‘meu pai’ para nos sustentar. Nesta época ele trabalhava muito na roça, plantava banana, mandioca, milho, arroz, amendoim, batata doce e outros. Outro momento pescava e caçava para trazer alimentos para nós. A nossa alimentação era na base na produção de roça, caça e pesca. A partir do momento que eu cresci um pouquinho às vezes acompanhava na pescaria e na roça. Com isso eu aprendia com ele como pescar, conhecer o lugar certo dos peixes e também como plantar na roça. Isso foi muito interessante como aprendia coisas da nossa cultura. Lembro que sempre íamos para o lago *Marikaãwa* ‘Lago de marisco’ para pescar e nesta época o nosso território era rico de peixe e caça. Sempre mostrava para mim os caminhos da vida, do lado bom e do lado desafiador. Meu pai foi meu grande professor da vida cultural. Eu já presenciei dificuldades enfrentadas pelo *Xeropy*, o sofrimento dele na vida.

Xeropy continua me ensinando a ser melhor para mim e para todos. Ensinou-me a ser aquela pessoa séria, e humildade, a pessoa que ajuda o outro. Uma vez me falou assim, “*eu não sou agressivo, nunca briguei com ninguém. “Isso me torna uma pessoa boa”*”. O recado que ele passa é muito importante. Hoje estou com 47 (quarenta e sete anos), nunca respondi grosseiramente meu pai quando me questiona alguma coisa. Isso é ensinamento dos Apyãwa, o adulto tem que ser respeitado.

Na minha juventude de quinze aos dezoito anos de idade, eu morei na Takãra, junto com alguns colegas e amigos da mesma idade. De dia eu ficava na casa dos meus pais e de noite dormia na *Takãra*. Às vezes sempre ficavam alguns mais idosos com a gente e sempre contava histórias para nós, histórias de antigos. Os idosos Apyãwa têm muita prática de contar história de noite ou de dia. A gente escutava deitado na rede os homens contando histórias ou planejamentos dos homens para o dia seguinte. Os homens planejam suas atividades no terreiro da *Takãra*. É lá que os homens realizavam suas reuniões. Então assim a gente acompanhava tudo que os homens estavam planejando. Era muito bom para mim durante as práticas culturais, porque quando dava sono para mim, só atava a rede e dormia. Ficávamos escutando as cantorias do *ka'ô*. Eu participava um pouco de cada ritual.

Lembro ainda que, as vezes programávamos a pescaria de *ipirakera*, ‘pescaria da noite’, para preparar na Takãra. Cada um contribuía com alguma coisa, tipo farinha para comer peixe. Outros se responsabilizavam de acender o fogo, outros buscavam sal ou pimenta. Assim era a vida na *Takãra*. São coisas que não acontecem mais na vida de jovens de hoje. Essa cultura mudou tanto que os velhos ficam questionando porque não se pratica mais essa vida. Eu particularmente fico muito preocupado com isso, tudo que mudou e está ainda mudando muito como era antes a vida dos jovens.

Lembro que, quando passei na fase de *Awa'yao'i*, ‘rapazinho’, meu pai levou minha rede para *Takãra* para eu dormir e assim também outros pais levaram redes de seus filhos. Neste momento eu recebi principalmente de *Xeramôja*, ‘meu avô’ *Ixyre'i*, vários conselhos de *xetanogãwa* “definição de pessoa”. Esse é o momento importante de se comportar para ser uma pessoa de bem, trabalhador, caçador, uma pessoa séria.

Atualmente não vejo os jovens morando na *Takãra*. É uma coisa que mudou tanto por causa de muitas coisas que vem mudando a cultura nosso povo. Hoje em dia os meninos passam por essa fase e os pais não levam rede deles para dormir e ficar alguns períodos morando na *Takãra*. A *Takãra* hoje tem mais movimento dentro de si quando tem ritual, quando os homens vão para participar dos rituais ou vão para terreiro para conversar e fazer reunião. Até existe alguns homens que não frequentam mais *Takawytera*, ‘pátio da *Takãra*’ que é um espaço importante dos homens. Aqueles que têm costume de sair na *Takawytera*, quando não sai ele fica incomodado. Essas pessoas já acostumaram de passar todas as noites no terreiro. A maioria dos jovens não frequentam mais *Takawytera*. Isso é a realidade da geração Apyãwa hoje. Isso é muito preocupante, porque antigamente não era assim. Acho que a cultura do não índio interferiu muito na cultura dos Apyãwa. Vejo eu que, a *Takãra* e *Takawytera* estão sendo menos

valorizado por causa de alguns espaços como barracão que foi construída no centro da aldeia. Antigamente aprendíamos mais coisas na *Takãrae* na *Takawytera*.

Ainda tenho muitas lembranças da minha infância quando reflito o passado e cotidiano das crianças hoje. Lembro que tive uma vida tranquila, sem preocupação. Naquela época era brincar, brincar, banhar no rio, pular da árvore na água, caçar passarinho, pescar peixe ali perto do *Yawãja* – ‘outro lado do rio’. Até mesmo ali pertinho no *Itaawawyra* – ‘de baixo da pedra grande’. A gente brincava muito de canoa remando no lago e pescando ao mesmo tempo. O lugar favorito para banho e brincar era *Yjxigi* – ‘prainha’, que ficava perto de *Itaawawyra*. Normalmente banhávamos depois de brincar futebol entre os companheiros, ou depois de uma pescaria e da caçada de passarinho. Lembro que combinávamos uma pescaria no *Araxowa*, ‘varjão’, oito quilômetros da aldeia Orokotãwa. Matávamos peixes e também aproveitávamos para subir o morro para ver paisagem e urubus voar pertinho. Dali visualiza o morro da cidade de Santa Terezinha, a cidade mais próxima da aldeia.

A infância era totalmente diferente do que vive as crianças atualmente e hoje mudou muito. Antigamente os nossos pais, inclusive meus pais não se preocupavam com escola. Nunca me lembro, de uma vez, o meu pai falar sobre a minha vida escolar, muito raramente ouvi meu pai dá incentivo à escola. Era tudo muito livre. Só que sempre mostrava para mim os perigos da vida, que a água, o mato trazia para nós. Ensinava com carinho e às vezes mais dura o certo e errado que a vida proporciona. O meu pai sempre me levava na roça e na pescaria sem falar para mim que isso era a vida do homem adulto. Lembro que quando me colocava desde criança na ponta da canoa para atirar o peixe, mesmo não acertando o alvo insistia até que acertava o peixe. Sempre pedia para eu tentar primeiro e depois ele mostrava como fazer correto. Na roça ele cavava a terra com enxada e nós plantávamos a melancia, abóbora, milho e banana. Levava eu quando ele queimava a roça no mês de agosto e era muito assustador no início, depois fui acostumando. Assim também fui várias vezes com meu avô Ixyre'i para a roça e para *Takãja* ‘armadilha’ onde matava mutum, e até mesmo animais como caititu e paca. Meu avô era muito agricultor e era um exímio arqueiro. Ele era um dos especialistas de arco e flecha. Até agora as pessoas lembram as flechas bonitas que fabricava.

Quando era pequeno lembro que minha mãe tinha colocado *tamakorã* e *myxo'y*⁷ na minha perna, mas, não sabia por que fazia isso em mim, só que depois quando cresci, fui saber o que significava isso. Na cultura Apyãwa, quando o menino recebe *myxo'y* é início do preparo para *Kapitãwa*, escolha do futuro ‘líder tradicional’. Colocar *myxo'y* no menino significa que é

⁷Adorno da perna/tornozelo feita de linha de algodão.

uma criança especial ou privilegiada. Aquela criança de desejos da família. Isso é muito bonito e fico orgulhoso de mim mesmo.

Lembro muito bem que fui acompanhar uma pescaria junto com meus avôs e meus Tios no Rio Tapirapé. Era uma pescaria de duas semanas no máximo. Lembro que Mani'aki arpoava o pirarucu no leito do rio mesmo. Penso eu que, naquela época existia muito pirarucu e por isso era fáceis de pescar. Quando arpoava o pirarucu era divertido, porque puxava a canoa tudo, e nós dentro da canoa, até que o peixe cansava, é o momento que era retirado da água. A gente não podia ficar na beira do rio porque tínhamos medo da onça. Só que essa alegria logo ia acabar, quando um rapaz chegou de voadeira (um barco de poupa), com notícia do falecimento do meu bisavô materno que se chamava Maxa'io'i.

Outra lembrança muito forte que até agora tenho em mente é inundação nos anos 80, quando Aldeia Yywytãwa, (como diz xeropy) foi inundada. Nunca mais presenciei um acontecimento desse tipo. Lembro claramente, mesmo eu estando com cinco anos de idade, quando o povo decidiu de retornar para perto da primeira aldeia aberta neste território. A água chegava até a casa das Irmãzinhas. Um desses dias eu vi pela primeira vez um boto que foi pego à rede pelo jovem que se chamava Wereinã. Ele junto com outros rapazes trouxe vivo até no terreiro da casa das Irmãzinhas e todos foram ver. Só que depois de brincar com ela devolveram para seu *habitat* natural. Assim são lembranças que eu tenho na minha memória que não tem fim, se pudesse escrever tudo isso dá um livro.

A minha vida escolar aconteceu aos dez anos de idade na primeira Escola Estadual Indígena Tapirapé na aldeia Orokotãwa, na Terra Indígena Tapirape/Karajá, no município de Santa Terezinha. Naquela aldeia na época ainda não existia um prédio próprio, mas, sim um antigo prédio da Igreja onde estudávamos com o nosso professor não indígena que veio de São Paulo.

Eu não lembro exatamente quando fui alfabetizado e quanto tempo adquirir conhecimento para ser alfabetizado. Só me recordo que a gente fazia muitos exercícios com a nossa professora que na época era Eunice, a mesma que chamo Kato'ywa até agora. A gente fazia exercícios com lápis preto “yxapenõga”, ou seja, ‘ondas do rio’ no caderno que a gente recebia. Usávamos também lápis de cor para fazer exercícios. Fazíamos a mesma coisa adiante com algumas vogais como a letra “A” e com a letra “O” Ela trabalhava com a gente o formato e a imagem da letra para a gente entender as diferenças das letras maiúsculas e minúscula e também o formato da letra de forma e de máquina como ela dizia. Lembro-me, que até com poucas palavras e frases que ela aprendia da nossa língua explicava como se escrevia

a letra “O” por exemplo. Dizia na nossa língua o movimento da ponta do lápis para formar a letra minúscula do “o” A frase que ela usava para a gente escrever a letra “o” era: “*Ekwe ia, axewyt ranõ, axawapytym*” Essa parte não esqueço que marcou o início da minha vida escolar.

O método que ela aplicava era exatamente do grande educador Paulo Freire e acho que esses exercícios e atividades de “*yxapenõga*”⁸ eram intencionais que o Freire pensa. Trabalhar a partir do costume, do cotidiano, do convívio do aluno. Não adianta trabalhar ondas do mar se a gente não conhecia. Não adianta trabalhar só a letra por si, mas, sim o contexto, a língua da comunidade. Uma vez que, a escola Tapirapé, escola Apyãwa surgiu de propósito de manter e fortalecer a vida da comunidade Apyãwa. A escola veio para apoiar a comunidade no que for o necessário para a sua sobrevivência. É por esse motivo que se trabalhava a partir de alguma coisa que a gente estava presenciando. Nós desenhávamos muito todo que estava ao redor, que acontecia na aldeia.

Na escola não existia livros didáticos para a gente ler. A gente como aluno e apoiada pela professora construía material para trabalhar. A partir de simples desenhos a gente fazia leitura do mundo. Fazia leitura da natureza. Depois da escola nós fazíamos os nossos fazeres na aldeia, brincando e aprendendo. Nunca gostei da disciplina de matemática e sim adorava de ouvir narrativas místicas e histórias do povo Apyãwa. Além de ouvir histórias contadas na escola a casa das Irmãzinhas era extensão da escola porque a gente ia quase toda noite ouvir história com fita cassete que elas gravavam. A minha maior dificuldade também foi dialogar em português.

Sou Licenciado em Ciências Sociais, Especialista em Educação Escolar Indígena pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Especialista em Educação Intercultural Transdisciplinar: Gestão Pedagógica pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Agora Mestrando em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI – Unemat, no Campus de Barra do Bugres Mato Grosso.

Em 1992 participei do primeiro curso de ensino médio ofertado pelo município que tinha programa de formação para professores leigos em exercícios, em parceria com Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. O curso acontecia no “Morro de Areia”, Centro Comunitário da Prelazia de São Félix do Araguaia, outras etapas aconteceram na cidade de Luciara e posteriormente em Vila Rica Mato Grosso. A maioria dos professores que davam curso vinha de São Paulo. Eu e meus companheiros ingressamos direto neste curso porque na nossa escola ainda não existia ensino médio propedêutico, havia apenas ensino fundamental.

⁸Ondas do rio. Exercício feito no caderno para “coordenação motora”

Projeto Inajá II, como era conhecido, a sede na cidade de Santa Terezinha – MT, na qual participava outros municípios como Confresa, Vila Rica, Luciara e Ribeirão Cascalheira todos da região Araguaia.

Eu e alguns colegas indígenas tivemos oportunidade de conviver durante o curso com os professores não indígenas, me aproximar mais ainda da vida profissional do universo totalmente longe do meu povo. Neste curso aprendi muita coisa sobre educação e também outras que foi importante para a minha vida pessoal. Encontrei muitas dificuldades na parte da língua portuguesa no meio da maioria que falava somente o português. Foi o momento que aproximei mais do português, que até então dialogava muito pouco. Vejo que a escrita não é a mesma coisa que falar verbalmente. O português para mim foi a maior barreira que encontrei no curso e que até agora encontro no dia - dia da minha vida. Encontrava muita dificuldade de dialogar na hora de falar, explicar e apresentar conteúdos que a gente estava discutindo. Mas, tive privilégio de me formar como um dos primeiros Apyãwa em nível médio com diploma como professor habilitado para trabalhar na educação.

Desde 1993 atuo na sala de aula, especificamente na área de ciências humanas, as disciplinas de Histórias e Geografia com as turmas de antiga 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Trabalhei a minha vida toda nessa área que sempre me dei bem. Em 1999 a 2000 tive primeira experiência, como diretor, da Escola Estadual Indígena Tapirapé na Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Este período foi tempo de muito aprendizado como dirigente de uma instituição pública oficial. Adquiri conhecimento na área administrativa, onde também comecei me dialogar com representantes e líderes da educação escolar indígena. Neste período comecei me aproximar mais também do movimento político da escola indígena na qual representei vários anos a região Araguaia como conselheiro onde discutíamos problemas e as demandas das escolas indígenas das aldeias do estado de Mato Grosso.

Quando me ingressei na faculdade, comecei também trabalhar com os alunos do ensino médio a partir dos anos de 2001. No início trabalhei como professor auxiliar na área ciências sociais com Professor Gilberto Vieira, (CIMI – Conselho Indigenista Missionário) e com outros que vinham trabalhar no ensino médio agora na Terra Indígena Urubu Branco. A partir dali me tornei como Professor titular da área de Ciências Sociais na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

Tive privilégio de ingressar na primeira turma de nível superior que aconteceu em 2001. Considero a Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat um pioneiro na educação escolar indígena no estado e a nível nacional oferecer um curso desse tamanho para os

professores indígenas. Esse projeto foi muito importante para mim e para os professores que já atuavam na sala de aula nas suas comunidades. O projeto conhecido no início como, 3º Grau Indígena era um projeto específico e diferenciado que era uma demanda da formação de professores indígenas que trabalhavam na área de educação de suas escolas e comunidades. Este projeto veio atender a demanda muito grande e antiga da educação indígena, uma vez que, estes profissionais não tinham formação em nível superior. Não lembro exatamente quantas vagas foi ofertado no início, mas, lembro que esse foi o momento de abertura para ingressos dos indígenas para carreira em educação escolar.

Como foi dito anteriormente que, este projeto serviu como referência para todas as universidades do país que tinha interesse de organizar seus projetos de formação continuada para atender os povos indígenas de seus estados. E posteriormente este projeto passou a ser reconhecido como programa de formação de professores indígenas em nível superior. Este programa de formação foi fundamental para fortalecimento da educação escolar indígena no estado de Mato Grosso e em outros estados brasileiros.

No Campus da Unemat em Barra do Bugres, por exemplo, foi fundamental para refletir e aprofundar a política da educação escolar indígena nas comunidades indígenas que só trouxe benefícios no âmbito escolar e também no empoderamento da política da comunidade indígena no estado e no Brasil, como, por exemplo, a construção dos currículos específicos para as escolas indígenas. Os cursos da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e da Universidade Federal de Roraima (UFRR) foram pioneiros, iniciando um novo momento político na luta dos povos indígenas por uma educação diferenciada e intercultural.

Esse programa contou diretamente com a parceria de algumas universidades como, por exemplo, UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, na pessoa de Marcus Maia, Bruna Franchetto e outras Linguistas que trabalharam no programa de formação professores indígenas.

Outro momento histórico que marcou para minha vida foi abertura de concurso específico para professores indígenas raramente vistos no estado e no Brasil. Quando em 2007 fui selecionado no concurso, que foi muito importante para a minha vida profissional na comunidade escolar Apyãwa. É importante dizer que essa construção acadêmica e profissional só aconteceu pela credibilidade da comunidade, quando fui indicado pela primeira vez para ser professor, diretor por dois mandatos na escola. Isso para mim foi meu maior presente da minha vida, porque sempre fui indicado pela comunidade, os créditos que recebi pelo trabalho que desenvolvi e que continuo desenvolvendo para com a minha comunidade Apyãwa.

Tenho orgulho de participar na formação de vários jovens que cresceram, que foram meus alunos durante os meus vinte anos de carreira na educação escolar Apyãwa. Os meninos que foram meus alunos se tornaram acadêmicos e profissionais. Fico ainda mais orgulhoso quando uma vez em 2019 numa discussão da comunidade ex-alunos agradeceu meu trabalho. Os dois foram os primeiros professores Apyãwa a ingressarem nos cursos de pós-graduação na UFG – Universidade Federal de Goiás. Eu estou me referindo aos meus primos irmão, companheiros de luta, Tenywaawi (Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé) e Yrywaxã (Koria Valdane Tapirapé). Isso trouxe ainda mais energias positivas para lutar em favor do nosso povo. Considero meus irmãos exemplos de pessoas e profissionais que eles são para a nossa comunidade. Para mim foi um reconhecimento que nunca esperava e foi um momento emocionante.

Por fim, em 2020 retornei ao meu estudo, mais uma vez junto com os vinte companheiros professores indígenas abrindo caminho para outros que virão cursar o curso de pós-graduação na Unemat. Mais uma vez a Unemat sai na frente, novamente com proposta nova para cursos de Pós-Graduação ofertando vinte vagas para candidatos indígenas em mestrado profissional.

Como se pode ver, como se deu a trajetória da minha vida até onde cheguei. Logo que me ingressei na educação na década 90, comecei a participar da luta do nosso povo. Compreendi na vida que, quando estudamos, nós somos convocados para elaborar documento e, isso me trouxe oportunidade de acessar experimentar e aprender. Fazendo isso fui só me aperfeiçoando na escrita do documento oficial. Nós somos requisitados para qualquer cargo pelo trabalho que fizemos na comunidade. Por isso, considero que a educação foi a minha base de formação intelectual. Não tenho costume de dizer que sou liderança, contudo, sendo convocado para representar o nosso povo nas reuniões, nos eventos ou até mesmo para assumir cargos, penso que sou uma liderança. Acho que até aqui contribui bastante ou contribuo muito ainda com coisas boas para o povo Apyãwa. Eu sempre me posiciono como liderança sobre todos os problemas da comunidade.

A minha formação profissional e acadêmica serviu bastante para ter este olhar crítica e para que possa me posicionar diante de tudo os problemas. Por isso, para mim a escola não é só para ensinar a ler e escrever, mas sim ensinar aos jovens Apyãwa enfrentar, confrontar os problemas e as interferências do mundo universal. Sempre tive esse lado crítico sobre a vida, por isso trabalhei na escola, tentando mostrar que coisas de “fora”, a maior parte só vêm acabar com o costume e a vida nosso povo. Fazer com que os jovens sejam futuros lideranças de

verdade, que defenda a vida, a cultura Apyãwa. Porque para mim “liderança indígena” é aquela que defende o seu povo, que defende o pensamento do povo. É muito importante preparar jovens com visões críticas para defender a nossa comunidade e isso depende muito também do nosso papel na escola. É dessa forma que eu consegui chegar até onde estou. Atualmente faço parte da geração de grupos Apyãwa, que lideram e decidem coisas junto com o povo. Foi à escola que deu essa oportunidade de eu olhar o mundo dessa forma. E sempre estamos aprendendo coisas novas junto com o nosso povo. Assim termino esse subitem falando da metáfora da *Takãja*.

Metáfora: Estamos sendo engolidos/devorados pela *Takãja*⁹, ‘armadilha’ sistemas de *maira* ou globalização. Estamos sendo aos poucos engolidos pelo grande *Takãja* que, ao sermos devorados não retornaremos de volta como éramos antes. Nós seremos queimados e triturados pelos afiados dentes da *Takãja*. Isso aconteceram com vários povos indígenas no passado e atualmente alguns povos indígenas estão se oferecendo para entrar na *Takãja*.

Por isso, nunca devemos aceitar a imposição de *maira* ‘não índio’, antes de fazer uma reflexão criteriosa sobre *o que? Porque está vindo?* Sempre temos que combater o que *maira* propôs para a nossa comunidade.

A reflexão que sempre faço é, que rumo, que direção caminharíamos? Queremos nos integrar de uma vez aos demais (ou seja, entrar na *takãja*?), ou queremos manter vivo o nosso povo, um povo autônomo sem perder a nossa raiz. Devemos trabalhar muito para manter o que somos hoje, porque somos resistentes e existentes no presente e no futuro.

3.2 – Sedimentando o Caminho

Para a realização dessa pesquisa, a princípio, foi realizada uma revisão bibliográfica de pesquisadores como Herbert Baldus (1970) Chaley Wagley, (1988) e, principalmente os pesquisadores Apyãwa¹⁰ que registraram vários saberes culturais, cosmológicos do povo Apyãwa. Pesquisamos também o livro *Xanetãwa Paragetã* Histórias das nossas aldeias (1996) organizadas pela escola e coordenada pela Eunice Dias de Paula, Luiz Gouvêa de Paula e Antropólogo André Amaral de Toral sobre importantes relatos dos mais velhos das aldeias antigas na terra indígena Urubu Branco. Todas as contribuições dos pesquisadores não indígenas e de pesquisadores indígenas foram de grande importância para esta pesquisa sobre a Takãra.

⁹ Armadilha: *takãja* significa: *tak* – casa/ *aja* – queima. Então tudo que entra queima.

¹⁰ Autodenominação do povo Tapirapé. Neste trabalho será muito mencionado este termo para denominar o povo Tapirapé, porque muito importante que retomemos como o nome original do meu povo.

Mas, nesse contexto, duas obras que nos proporcionaram grande suporte sobre a temática aqui investigadas foram as de Baldus (1970) e Wagley (1988). Assim também, não com menor importância, vários TCCs produzidos pelos alunos (as) de ensino médio, das monografias de licenciaturas interculturais dos professores (as), principalmente, dissertações de recém formados como Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2020) e Koria Valdvane Tapirapé (2020) que mencionam muito a importância da *Takãra* para o povo Apyãwa.

Foi realizada uma pesquisa de cunho participativo, ou seja, participando e fazendo anotações sobre o dia a dia na *Takãra* em momentos dos rituais para o trabalho de dissertação. Sempre focando durante as práticas culturais na produção dos dados, já que sou pesquisador do povo. Fiquei emocionado ao começar a entrevista com sábios como *Xeropy*—‘meu pai’, *Xakareo'i*, *Korako*, *Tokyna*, sobre as memórias valiosas que eles têm sobre o conhecimento do nosso povo. Penso comigo mesmo que as informações gravadas e transcritas as partes são cópia fiel da sabedoria deles sobre o conhecimento da *Takãra*. São conhecimentos milenares vividos por cada um deles, sabidos durante muitos anos com seus antecessores. Da mesma forma, eu como membro vivo nas minhas quatro décadas, vivendo a vida do meu povo desde jovem. Muitas coisas bonitas aconteceram na minha vida que são inesquecíveis e que facilitam a minha atividade de campo. Durante esses anos todos, vejo também que muitos dos conhecimentos se foram, ou que está indo com seus sábios, e que ainda existem muitos que podemos recuperar e fortalecer para não acabar. Considero este trabalho, uma luta necessária de cada um de nós lideranças, professores, membros da comunidade Apyãwa para manter a essência do nosso povo. Nós somos pessoas especiais capazes de vitalizar, e dar a vida a nossa ancestralidade para que possa ser acessada aos futuros Apyãwa.

3.3 Kaxÿma – Pandemia da Covid-19

Quero aqui relatar o que vivemos nesses últimos dois anos no mundo (2020 e 2021), no Brasil e na aldeia que foi muito assustador. Estou me referindo *Kaxÿma* (Pandemia) que levou muitas vidas.

Acompanhamos nos noticiários a maior tragédiada história nas últimas décadas. Começou tão longe e chegou tão rápido no Brasil e nas aldeias. Quando foi testado o primeiro covid-19 na aldeia Tapi'itãwa, em junho de 2020, todos ficaram no corre ocorre tentando meios para não pegar o vírus. Algumas famílias se isolaram se afastando o máximo do resto da comunidade ou da aldeia. A minha família decidiu ficar na beira do rio *Awiowy* (Rio Tapirapé), no local chamado *Paranyxoro* ‘Foz do rio *Parany*’. Ali ficamos dois meses, de junho a julho de 2020. Essa estratégia não funcionou porque sempre tivemos visitas de alguns parentes e

assim a nossa família foi infectada pelo vírus da Covid-19. Eu fui um dos que sofreu bastante com os sintomas do Covid-19, pois passei mal uma semana sem comer nada e com duas semanas me recuperei. *Xeropy*, ‘meu pai’, foi um que mais sofreu, ficou duas semanas sem comer quase nada e, por sorte, se recuperou devagarinho com terceira semana. Foi um momento de muito susto e tristeza com a nossa família. Infelizmente com essa doença maldita, perdemos três idosos *Xywapare’i*, *Iapire’i* que moravam na aldeia *Tapi’itãwa* e *Imaxe’i* que morava na aldeia *Itxala* com sua família. *Imaxe’i* era casado com *Matua* Karajá. Esses idosos eram importantíssimos para a nossa comunidade. Toda vez que perdemos um ancião, levará com ele conhecimentos vivos que são necessários para a nossa comunidade.

O meu curso foi suspenso praticamente por um ano por causa do Covid-19. Participei da primeira etapa presencial do curso que aconteceu no final de janeiro a fevereiro. Quando foi junho de 2021 iniciamos a aula remotamente para cumprir as disciplinas que faltavam para fazer. Isso atrapalhou muito o funcionamento do curso que não conseguimos fazer etapa presencial.

Como foi dito que os últimos dois anos a vida não foi fácil para todo mundo, porém, tive oportunidade de participar diretamente de algumas atividades culturais dos anos de 2020 a 2021 depois de muito susto da Covid-19 à nossa comunidade. Os Apyãwa não estavam parados durante o período da pandemia, mas, sim, mostrando a luta contra a doença. Aqui eu quero registrar algumas atividades importantes que aconteceram neste período.

Uma atividade importante que aconteceu no mês de maio de 2020, em plena pandemia foram as atividades de roça realizadas pelos dois grupos de *wyrã*, *Wyraxiga* e *Araxã*, Associações Pássaros como dizia Wagley (1988), pensando a questão cultural. Cada grupo se organizava para fazer duas roças grandes. Era a continuidade da atividade que começou em 2019 com iniciativas de grupos de jovens pensadores, onde fizeram duas roças especificamente para banana para atender os rituais como *Tawã*. Na primeira reunião de *wyrã* em 2020, eu participei da tomada da decisão, quando foi pensado o projeto de valorizar a prática das atividades culturais Apyãwa. *Wyraxiga* fez roça na divisa com a fazenda, perto da outra roça coletiva de banana que se localiza no *Ipirakwaroo* ‘rio gameleira’. *Araxã* escolheu o local próximo a nossa aldeia *Myryxitãwa*, próximo também da roça de banana que foi plantada em 2019. Na verdade, esta atividade foi mais incentivo da FEPOIMT- Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Mato Grosso, com o projeto emergencial para a segurança alimentar as comunidades indígenas de Mato grosso. Mesmo sem recurso disponível, às práticas da roça de toco foi a melhor projeto escolhido e que já estava sendo realizado aqui na Terra Indígena

Urubu Branco entre as sete aldeias. Para os Apyãwa, esta atividade é considerada a mais importante *xemi'orogãwa* 'produção de alimentos' na roça para *wyrã*. Existe entre os Apyãwa a prática de roça que se chama *Maxirõ* que há décadas não se realiza entre os *wyrã*, mas, que, esta organização nova de trabalho de roça tem objetivo de atender os rituais como *tawã*. Na reunião que aconteceu no *tapyjpewoo* 'barracão', várias lideranças inclusive eu, argumentamos que essa atividade de *wyrã* é para aproveitar o momento para valorizar e fortalecer a ancestralidade do nosso povo. Produzir alimentos saudáveis atendendo a comunidade Apyãwa e também os rituais, especificamente os espíritos *Tawã*, que são muito importantes para o povo Apyãwa. Em 2022 cada *wyrã* tem duas roças grandes, onde foram plantados banana e mandioca. As roças de banana produzem mais de 70 cachos por mês que são distribuídos entre si desde ano passado. Estamos na expectativa muito grandes de atender os rituais de *tawã* que está prevista para o ano de 2023. A mandioca ainda não está no tempo da colheita, mas, que atenderá também os rituais que acontecerá ano quem. Dando acontinuidade das atividades, grupos de *wyrã* trabalharam em maio e junho para fazer nova "roça de toco". Essa sim apoiada pelo recurso do projeto de "roça de toco", disponibilizando ferramentas como machado, foice, lima, tela para roça, combustível para caminhões e outras.

Em 2021 os Apyãwa decidiram realizar rituais de iniciação de rapaz que estava preparado ano retrasado, então por isso, iniciaram com *iraxao*. Não estava fácil para as famílias Apyãwa sobre a perda de três importantes anciões, porém, precisava fortalecer para continuar a vida. Assim, aos poucos foi recuperando os sentimentos, alegria na aldeia e sempre cuidando da saúde das pessoas que se recuperaram que estavam com algumas sequelas da Covid-19. Assim aconteceu comigo mesmo e por isso não consegui participar diretamente de alguns rituais, porque tive problema de saúde no período de março a junho de 2021, principalmente, da caçada de queixada que aconteceu no mês de junho de 2021. Mas, o que ajudou bastante na pesquisa é que moro na aldeia e fazia mais contato com meu pai para pegar informações e deixando de entrevistar o Korako. Lembro que Xakareo'i, meu pai, ainda estava se recuperando e ainda com algumas sequelas da Covid -19 também e por isso ele participou do ritualde *Marakayja* no último dia.

Figura 07: Awa'yao rarywa 'Ritual de Iniciação do rapaz'



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2021.

Como tinha dito ante que os Apyãwa é um povo resistente, assim teve que ser forte para dar a continuidade do ritual da iniciação do rapaz. O ritual começou desde maio de 2021 e conseguiu concluir sem problema apesar da tristeza da perda de três anciões e com a preocupação com a segunda onda da Covid-19.

É importante também avaliar este período trágico de dois anos de pandemia. A meu ver, o nosso povo não estava preparado para essa situação por causa de vários motivos que vou tentar justificar por que. Em primeiro lugar tivemos dificuldades de manter nossas comunidades e famílias só na aldeia evitando contato direto com não indígenas na cidade. Não conseguimos por que precisávamos ter outra coisa como por exemplo, combustível para motos e carros para fins particulares que não produzimos na aldeia. Não tínhamos também alimentos suficientes nas aldeias produzidos nas roças para manter a famílias sem sair para cidade. Por isso esse ânimo de *wyrã* para produzir mais alimentos na roça.

Pelo visto, o povo *Apyãwa* de hoje é muito dependente das coisas de *Maira* 'não índio'. Na minha visão e de outros também, que com isso que apareceu primeiro caso de Covid-19 em nosso território. Nas duas saídas da rodovia MT 432 que liga cidade de Confresa e Santa Terezinha existiram barreiras sanitárias, iniciativas de jovens para combater o vírus, mas, não adiantou nada. Penso que até cumprindo todo esse isolamento conforme o protocolo de orientados pela OMS, não teria jeito de evitar. A vida Apyãwa, apesar de tanta mudança cultural que vem acontecendo, ainda mantém suas essências da ancestralidade.

O meu povo culturalmente é forte na organização social e na coletividade, por exemplo, realizou ritual de iniciação do rapaz que gera aglomeração no ritual, comer junto, viver junto. Minha família, por exemplo, sempre come junto numa mesma panela, não temos costumes de comer com pratos como *maira* ‘não índio’ imagina isolar do outro, era impossível de fazer isso. Eu não consigo ficar separado da minha família, mesmo que meus pais moram na Tapi’itãwa e eles também sentiam faltas da gente. Foi uma experiência nunca vista ante e tentativa de mudança de costume de dia-a-dia das famílias para tentar combater a doença, porém foi difícil. Dessa forma, a nossa geração vivenciou a história de *kaxỹma* ‘pandemia’ da Covid-19 que ainda está levando vidas neste mundo. Assa história pode ser acessada por muitas gerações Apyãwa, inclusive meus netos e netas que ainda virão viver esse mundo de tantos contrastes.

3.4 Sábios e Sábias: referências vivas do povo Apyãwa

Nesta pesquisa, trabalhamos diretamente com três sábios (as) que são referências vivas da sapiência milenar do povo Apyãwa. Os anciãos (ãs) são conhecedores e detentores vivos das histórias, dos rituais e saberes fundamentais que são difundidos através da prática e da oralidade. Eles são especialistas da oralidade, dos sucessores de seus antecessores que é muito importante e que vem sendo utilizada há milhares de anos para a formação espiritual e intelectual do ser Apyãwa. A tradição oral ainda é muito utilizada pelos sábios para passar conhecimentos Apyãwa. É com este meio de comunicação que realizamos diálogos com meus entrevistados para realizar a pesquisa. Por esse motivo faço questão de trazer aqui nesta parte contar a história de cada um, quem são esses grandes colaboradores que fizeram parte do meu trabalho.

Xeropy ‘meu pai’ *Xakareo*’i Tapirapé, com quem aprendi desde criança não podia ficar de fora desse grupo. *Xakareo*’i que reside atualmente a aldeia Tapi’itãwa, tem 84 (oitenta e quatro) anos de idade. Segundo ele, nasceu na aldeia *Xoatãwa* ‘aldeia do sapê’, na proximidade da represa da antiga fazenda Gameleira, na região de *Yrywo* *’ywãwa* ‘Urubu Branco’. Uma aldeia, que fazia vizinhança com antiga Tapi’itãwa. Não se sabe exatamente a data do nascimento dele, mas, as Irmãzinhas calcularam que nasceu na década de 30 e assim registrou esta data do dia 29/03/1938. *Xakareo*’i com *Maxãja* tiveram seis filhos e uma falecida com acidente de carro. São três homens: eu *Paroo*’i, *Koriware* e *Taxiromyo*. São duas filhas: *Kaj*’i, *Maremao* e *Eirywa* falecida com acidente de carro na noite do dia 20 de novembro de 1993. *Xeropy* presenciou vários acontecimentos importantes e trágicos na história do nosso povo, inclusive o período da convivência com os sertanejos na região de São Pedro, São João, andanças para a cidade de Mato Verde (Luciara) e mudança para Posto da SPI na atual Terra

Indígena Tapirapé/Karajá. Presenciou a migração daqui do Urubu Branco para o Posto do SPI e também da abertura de *Tawyao*, ‘aldeia nova’, a mesma que se chamava *Orokotãwa*, e primeira aldeia Apyãwa na região de Santa Terezinha, Mato Grosso. É uma pessoa importante para a pesquisa sobre o conhecimento sobre a cultura Apyãwa. Até o momento se destaca principalmente como narrador de história. Segundo ele, aprendeu diretamente com meu tataravô Maxa’io’i e com parceiro dele, Irawyo, que foram os dois grandes ancião. Segundo ele, aprendeu a trabalhar muito cedo, porque perdeu sua mãe desde criança e passou a viver com o pai Arapaxigi e seus parentes. Considero *Xeropy* uma grande pessoa na minha vida porque aprendi muito com ele o certo da vida. Sempre me ensinou a ser um bom Apyãwa, ser humilde e ser verdadeiro com todo mundo. A nossa família é bonita e unida. Nunca tive problema, nunca discuti com meus pais, Xakareo’i e Maxaja. Nos últimos tempos, vem contribuindo muito com os cantos de vários rituais, principalmente, com os cantos do *Ka’o*. Ele ainda tem boas memórias para cantos que são revelados para o ritual. Admiro muito a capacidade memorial dele sobre os cantos de *ka’o* e *Axywewoja*.

Xaryja ‘minha avó’, Tokyna, atualmente, mora com Xe’akawÿga, a filha adotiva, na aldeia *Hawalorã* na Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Tokynafoi moradora da antiga Tapi’itãwa, onde viveu sua juventude com sua família, por isso conhece muita história dos Apyãwa. Ela presenciou e conviveu todo o processo atual, histórico de conflitos, migração dos Apyãwa para o território Tapirapé/Karajá. Segundo ela, nasceu na aldeia que chamou de *Xowawi’irywy*, ‘túmulo do *Xowawi’i*’ próxima à aldeia *Tokynookwatãwa* ‘aldeia toca do tucano’, aqui na Terra Indígena Urubu Branco. Era casada com Xako’iapari, ex-cacique e um dos grandes líderes cerimoniais Apyãwa que viveram juntos desde a aldeia *Orokotãwa* até a volta na aldeia *Tapi’itãwa*, quando viveu os últimos anos de vida com Xako’iapari. Os dois não tiveram filhos, mas adotaram duas crianças, uma é *Xe’akawÿga*, uma criança não indígena da família de agricultor que morava no “Cadete”, ‘povoado de agricultores’ que moravam na Terra Indígena Tapirapé/Karajá antes da demarcação ou desintrusão do território Apyãwa. A outra criança adotada por Tokyna foi Iparewao, filha de Xawaraxowi e de Eirowi. A criança foi oferecida ao casal Tokyna e Xako’iapari porque tanto pai como a mãe eram parentes deles.

Hoje, Xe’akawÿga tem família, separada do Iulari Karajá “Xavante”, filho de Ereheni Karajá que morou na antiga aldeia *Tytema*. Tokyna é uma pessoa importante para o nosso povo, porque conhece muitas histórias, dos conhecimentos ritualísticos, cantos, organização e regras, que é fundamental para a pesquisa acadêmica. Detentora de saberes Apyãwa, adquirida do seu grande parceiro Xako’iapari, Marcos, como dizia *Maira* ‘não indígena’ para ele na época que

exercia o cargo de cacique na aldeia *Orokoãwa* e *Yywytãwa*. Ela até o momento guarda muitas coisas boas. Na convivência com ela na família e também durante o tratamento da minha pesquisa aprendi muito com *Xaryja*.

Korako reside na Aldeia Tapi'itawa desde 2000, quando veio da Aldeia Majtyritãwa. Tem 84 anos de idade, nasceu na Aldeia Paranytãwa, aqui na região de *Yrywo'ywawa* no território tradicional do povo Apyãwa. Filho de Arowaxeo'i Tapirape e Noxa'i Tapirapé. Pai de dois filhos do primeiro casamento com Koxywa, Paxepãra e Maire'a'i, e pai de oito filhos no segundo casamento com Ipawã, os quais são Kamairao, Marapy'i, falecida em 2000, Eirowytygi, Makarore, Awarao'i, Koxama, Kaorewygi e Ataxowytyga.

Korako atualmente, eu considero um líder cerimonial indiscutível na atualidade Apyãwa na Terra Indígena Urubu Branco. Um líder de destaque do grupo de *Araxã*, por ser ancião da metade de *wyrã* 'grupo' *Tarawe* e também ocupa o espaço privilegiado nas duas metades por causa da grande acumulo de conhecimento sobre a *takãra* e as suas funcionalidades. Considero Korako como o líder cerimonial mais seguro e influente sobre as normas, as regras cerimoniais ritualísticas da *Takãra*. Vejo-o como líder, ou seja, aquele que dá a palavra final dentro do espaço de *Araxã*. Considero-o um ancião que determina as práticas culturais na *Takãra*. Especialista de *Ka'ó*, um dos rituais mais importantes, que dura mais tempo no calendário do ciclo da festa Apyãwa. *Ka'ó* é um dos pilares cerimoniais ritualísticos do nosso povo até o momento praticado na atualidade. Admirável pelo conhecimento dos cantos do *ka'ó*, depois do Korawã um líder importante que eu conheci na aldeia *Orokotãwa*. Korawã também foi um cantor mais influente que transformou muitos líderes na aldeia *Orokotãwa*, na década de 80, que viveu na T. I. Tapirapé e Karajá. Ele conhece muitos cantos de *Ka'ó*, memórias inimagináveis comparadas com indivíduos ou cantores mais jovens da atualidade. Parece que o canto vivo no sangue dele.

Aqui na aldeia Tapi'itawa, vive liderando a preparação de *Xeakygetaxiãwa*, 'o ritual de iniciação do rapaz', que considero um ritual mais importante ainda praticado na atualidade. Atua como seu antecessor Xako'iapari, "Marcos", o último líder mais importante que tivemos aqui na Aldeia Tapi'itawa. É ele que cuidava de todos os rituais praticados entre os Apyãwa. Xako'iapari determinava a maioria das decisões sobre os rituais Apyãwa. Korako fazia dupla com Xako'iapari até os últimos anos liderando junto cerimônias ritualísticas aqui na aldeia Tapi'itãwa. Então, por isso eu considero Korako na atualidade um líder cerimonial firme e sólido até o momento.

Ele também contribuiu nos trabalhos de escola, nas pesquisas na escola levando o conhecimento Apyãwa para a educação escolar. Tive privilégio de trabalhar com ele no ensino médio fazendo transcrição de alguns cantos, por exemplo, *Myykipyra* e *Kawiaximynãwa*, um dos rituais que estão na fase de extinção. Contribuiu diretamente como Professor Conteudista no Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, oferecido pelo MEC. Assim, considero o Korako um elemento fundamental para o povo Apyãwa na atualidade. Apesar da sua idade avançada, vejo-o muito esforçado, ainda com muitas energias para sair e dançar com rituais como *Axywewoja*. Considero-o como um dos principais sábios da cultura milenar do povo Apyãwae sucessor indiscutível de Xako'iapari com quem, fazia dupla até os últimos tempos.

As entrevistas com os anciões foram planejadas com antecedência para não perder o foco do assunto. A maior parte das entrevistas foi de forma livre, deixando à vontade o entrevistado. Para iniciar a gravação, sempre tive muita paciência com as pessoas e começar na hora certa de forma bem natural.

Na vida do dia-a-dia, essas pessoas sempre têm alguma coisa a fazer. É comum eu começar a entrevista no momento que a pessoa já está iniciando a tratar temas ligados à minha pesquisa. No caso da Tokyna, mais idosa fica sempre sentada ou deitada na rede comunicando com os netos e ainda a minha avó apresenta problemas visuais. Sempre que iniciava o assunto, ela adentrava no assunto naturalmente. Precisava de mim mais organização para direcionar o raciocínio dela para não escapar do conteúdo.

4. A ARTE E A TÉCNICA NA CONSTRUÇÃO DA TAKÃRA

Neste Capítulo apresento os aspectos relacionados à arte e técnicas no processo de estruturação da *Takãra*, bem como os materiais necessários e a tecnologia da construção de nossa casa cerimonial. Para coletar as informações sobre a estruturação da *Takãra*, obviamente tive que ouvi os sábios em complemento com a minha sabedoria que foi muito importante, e também pesquisas etnográficas Apyãwa dos autores *maira* que fizeram suas contribuições.

4.1 – A relação intrínseca entre a Takãra e o Teká (modo de ser Apyãwa)

Em primeiríssimo lugar, quero dizer que sem a *Takãra* o povo Apyãwa não seria nada. Seria a mesma coisa que quaisquer outros seres vivos. *Takãra* para o povo Apyãwa significa muito! É na *Takãra* que se produz conhecimento. É um dos espaços epistêmicos mais importantes para a sobrevivência linguística e cultural do povo. Penso que, neste espaço, que se fortalece e vitaliza a sapiência do nosso povo que vem passando de geração em geração até nos dias atuais. Fazendo fortalecimento de nossa sabedoria, poderemos dar a continuidade da mesma para as futuras gerações Apyãwa, assim oportunizando que eles possam vivenciar essa cultura que vivemos hoje. E neste espaço é que se oportuniza a renovação das novas lideranças cerimoniais que farão a continuidade das práticas culturais e religiosas do povo Apyãwa. Sem este espaço *Takãra*, não acontecerá difusão da sapiência da comunidade. Considera-se a *Takãra* como a base de difusão mais importante da comunidade, tal como visto principalmente pelos anciões Apyãwa.

O objetivo da pesquisa era mostrar para a comunidade e, principalmente, para a geração jovem a importância que a *Takãra* oferece aos Apyãwa. Porque sem *Takãra* a comunidade não terá mais festas e rituais tradicionais. Não teremos mais os rituais de iniciação do homem que acontecem desde a juventude até a idade adulta, ou seja, inicia com *Awa'yao'i* no primeiro ritual de iniciação masculina, quando passa jenipapo no corpo todo, depois raspa cabelo e fica cumprindo as regras de abstenção por certo tempo.

4.2 Takãra no tempo de hoje

Atualmente, aqui na Terra Indígena Urubu Branco, existem sete aldeias Apyãwa, que são: Tapi'itãwa, Akara'ytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Myryxitãwa e Inataotãwa. Destas existe apenas uma que tem *Takãra*, Tapi'itãwa, é também a aldeia mais antiga, construída quando foi retomado o território na década de 90, onde também acontece as práticas dos rituais

Apyãwa. Outras aldeias não têm *Takãra* porque não tem população suficiente para realizar todas as atividades de *Wyrã*, como confirma Wagley.

Para os Tapirapé, aldeia devia ter em número suficiente para sustentar vários de parentescos, fornecer associados às inúmeras Associações Pássaros e ter membros para os diversos Grupos de Festas. Na ausência destas unidades, as atividades econômicas e a vida cerimonial deixariam de funcionar. Segundo meus informantes mais velhos, uma aldeia Tapirapé ideal deveria contar com sete ou oito malocas, uma takana com todas as Associações Pássaros e membros para todos os Grupos de Festas. Nestas condições, segundo minhas estimativas, qualquer aldeia deveria ter um mínimo de 200 pessoas. (WAGLEY, 1970, p. 135)

A maioria das aldeias não tem *Takãra*, mas participa das festas e rituais quando são realizados na aldeia Tapi'itãwa que é maior de todas.

Quando acontecem atividades culturais, todas essas pessoas se juntam para formar o grupo de *Wyraxiga* e grupo de *Araxã*. Sendo assim, está claro por que essas aldeias menores não terão condições de sustentar uma festa sem ter números suficientes de *Wyrã* – Associações Pássaros. Nesse caso, a população prefere se juntar com *Wyrã* que estão na aldeia Tapi'itãwa. Quando acontece a construção da *Takãra* todos, das sete aldeias, participamos até o termino da atividade. Assim também acontece em várias atividades culturais do nosso povo que acontece na aldeia Tapi'itãwa.

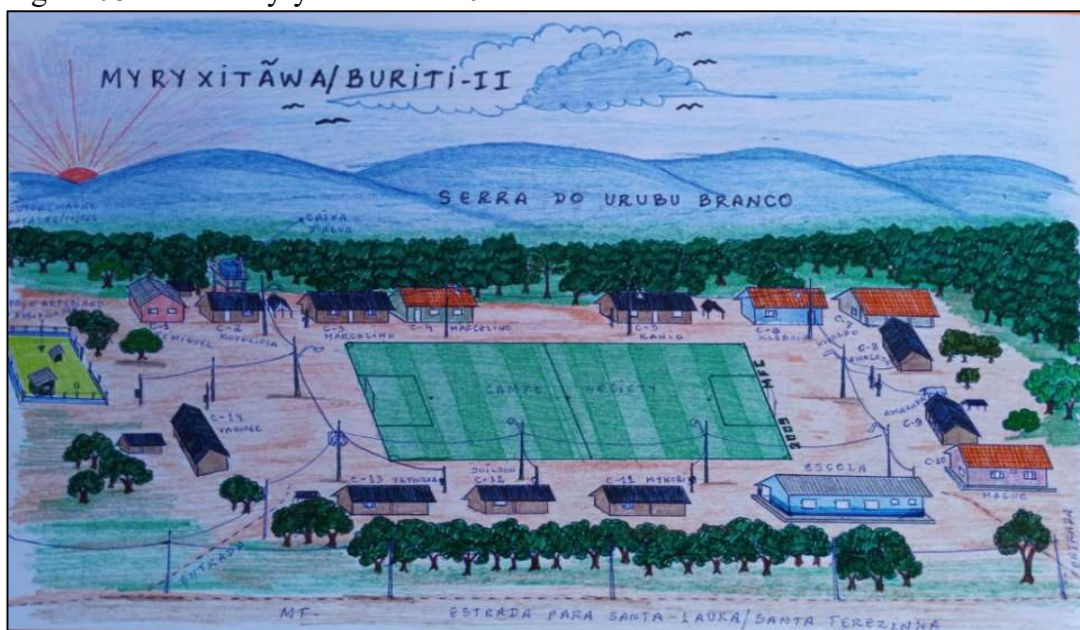
Meus co-autores disseram que era o costume de Apyãwa ter várias aldeias anexas (pequenas) e sede (grandes) onde acontecia festa. Assim no período da festa as famílias que moravam nas roças deslocavam para a sede para participar da festa. Korako me contou que ele nasceu na Paranytãwa, uma aldeia pequena próximo do rio *paranyĩ*. *Xeropy*, *Xakareo'i*, nasceu na Xoawatãwa 'aldeia do sapé', também na aldeia vizinha de Tapi'itãwa onde está localizada a fazenda da antiga Gameleira, (próximo a represa) que está fora do limite do território. Tokyna também nasceu numa aldeia pequena que se chamava Tawrywy 'Túmulo de Tawy', ou seja, onde foi assassinado um grande pajé chamado Tawy. Essas aldeias todos localizavam entorno da antiga aldeia Tapi'itãwa, que considero como a sede de outras aldeias. Estas aldeias e famílias faziam conexões diretamente no momento cultural e religioso.

Analisando bem a configuração da ocupação e organização das aldeias antigas com as atuais, podemos dizer que ainda mantem essa organização de ocupação das aldeias. Mesmo que atualmente o povo possui de tecnologias avançadas como transportes, a maioria das famílias das aldeias vizinhas participa dos rituais de morada nas casas de suas famílias durante a festa de *Tawã*, *Marakayja*, *Ka'o*. Acontecia também participação especial na festa de outras famílias que vinham de longe como ocorre com famílias Apyãwa que vem de Majtyritãwa da Terra

Indígena Tapirapé e Karajá. Antigamente vinham visitas das aldeias do lado da serra *Yrywo'ywãwa* das aldeias Maakotãwa.

Outra coisa importante que aqui quero abordar é a moradia das famílias Apyãwa dos antigos e das atuais aldeias que estou me referindo. Baldus (1970), no seu registro (p.141-142) através de croquis da primeira e segunda aldeia que presenciou em 1935 a 1947, aqui na região *Yrywo'ywãwa*, mostra claramente poucas casas, mas, a família inteira morava numa casa, principalmente a maloca de líderes daquela época. As casas dos antigos também eram maiores das atuais e com arquitetura tradicional, por isso, foi comparado com a casa dos Tupinambás que os europeus encontraram na região de “Porto Seguro” no século XVI e XVII. Em cada maloca moravam vários casais de duas ou três gerações de filhos e netos, (BALDUS,1970,p. 109) que ele chamava de família extensa.

Figura 08: Aldeia Myryxitãwa em 2022



Fonte: Magno Okario'i Tapirapé, 2021.

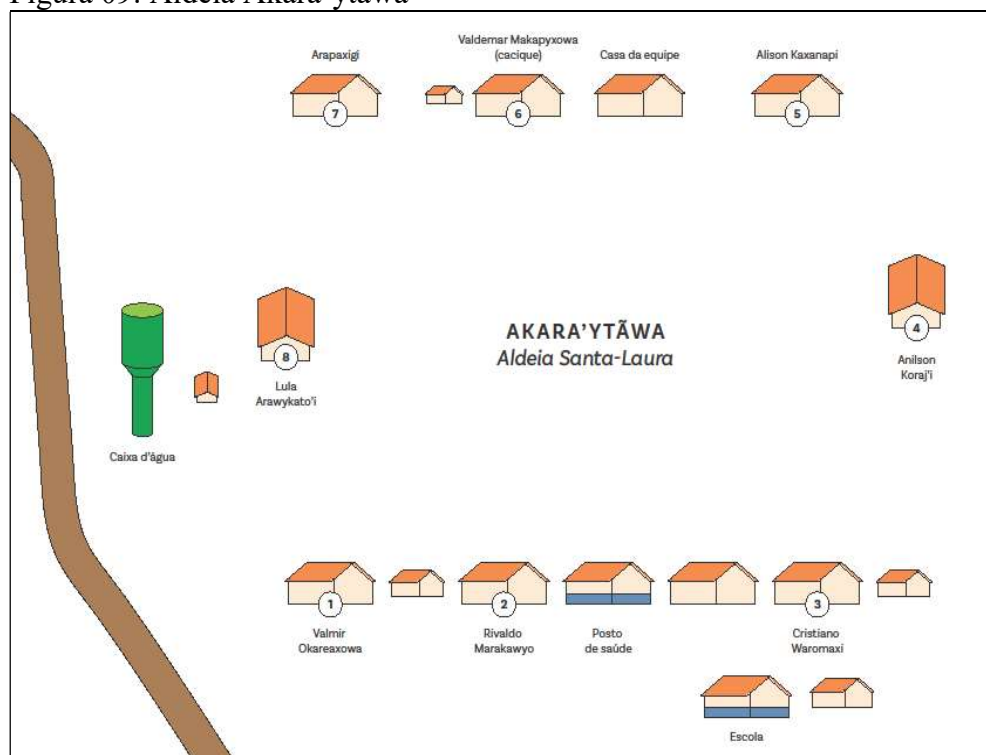
Aqui na terra Indígena Urubu Branco, a organização da moradia nas aldeias se modificou bastante por causa do contato com os não indígenas. Atualmente não se vê como foi visto na década de 30 e 40 pelos etnólogos alemães e americanos. Quando o território foi retomado, as famílias ocuparam ponto estratégico. Como pode ser visto que, a maioria das aldeias e casas atuais, são construídas pela família extensa, como pode ser visto na aldeia Myryxitãwa. As quinze casas construídas fechando o quadrado são das filhas e netas de Awaetekato'i. A casa de Awaetekato'i fica na ponta para a direita, e as outras casas são de filhas e das netas casadas que estão próximas da casa da mãe. A casa do meio da linha lateral de baixo

está a casa do Koromi, e do lado para a direita e para esquerda estão as casas das filhas. Assim também a minha casa na esquina, de material de alvenaria, ao lado fica as casas das minhas filhas. Geralmente as aldeias e as casas estão se organizando dessa forma no tempo de hoje. As famílias não moram mais numa única maloca, mas, sim distribuindo casais nas casas separadas, a chamada família *nuclear*.

Podemos analisar também que todos os homens que moram na aldeia pertencem das duas metades de *Wyraxiga* e *Araxã*. Myryxitãwa, atualmente conta com uma população de mais de oitenta pessoas, a maior parte dos homens fazem parte do grupo de *Wyraxiga*. Awaetekato'i é *Wyraxigoo*; Marakawy'i, eu, meu irmão Koriware, Yrywaxã, Toto'i e Ipaxyka'i todos somos do grupo *Wyraxiga*. Koromi que é casado com Koxamokopytyga é *Araxã* e também seu genro Arawyo.

Mora também entre nós Axa'a'i que é de *Araxã* casado com minha filha Inamoxigi. E também Maxa'io que é *Araxã* casado com Atapaxowoo'i, filha de Toto'i.

Figura 09: Aldeia Akara'ytãwa

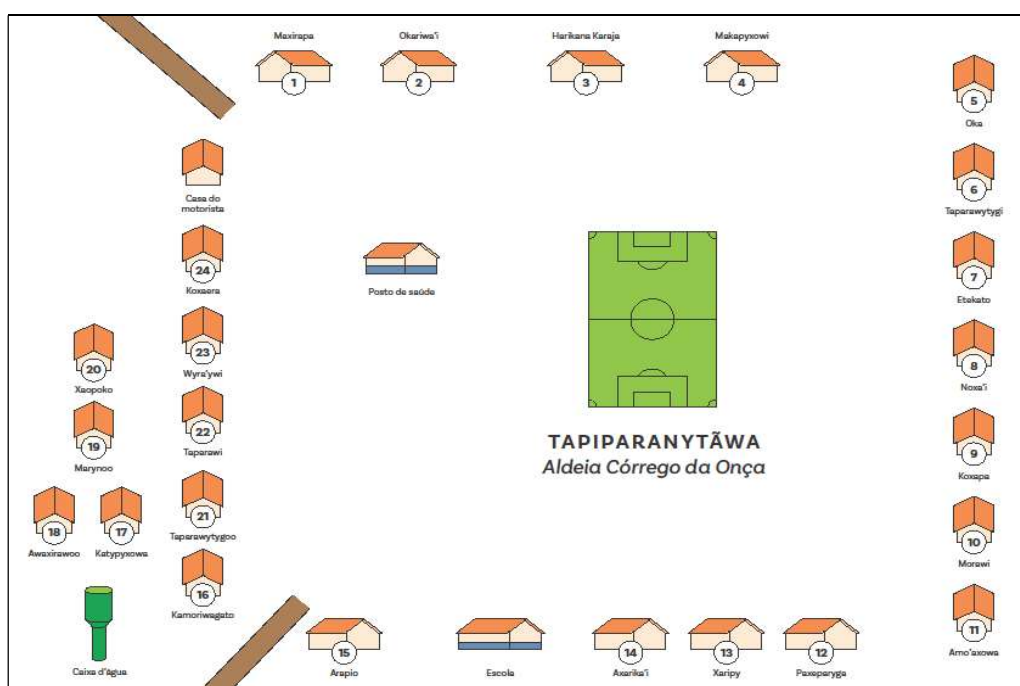


Fonte: SESAI, 2021

Dessa forma podemos analisar também outras aldeias como Akara'ytãwa. É uma família composta por maioria por metade de grupo de *Wyraxiga*. Makapypxowa e seus filhos Okareaxowa, Koraj'i, Waromaxi, Kaxanapi são do grupo *Wyraxiga* que moram na Akara'ytãwa. Os outros filhos, Kaxipa e Xariako'i moram na aldeia Tapi'itãwa. Koreete'i e

Marakawyo são *koxamena* ‘casado com a família de Makapyxowa’ que moram na aldeia Akara’ytãwa, ou seja, Arawykato’i que é o mesmo Koreete’i é casado com irmã de Makapyxowa e Marakawyo é casado com Taixowytyga, filha de Makapyxowa e Maxiro’i. Então dessa forma eles formam duas famílias. Arapaxigi é do grupo de *wyraxiga*, casado com Ma’i’i, Marynoo é *Araxã* que é casado com Mareapawygoo. Assim também genro de Marakawyo pertence a dois wyrã. *Koxamena* é um termo que se usa em Apyãwa para designar as pessoas que si juntam com outra família ao realizar o casamento. Assim, podemos dizer, por exemplo, que, a mulher é vista como *Koxamena* da família do seu marido e homem é *Koxamena* na família da sua esposa.

Figura 10: Aldeia Tapiparanytãwa



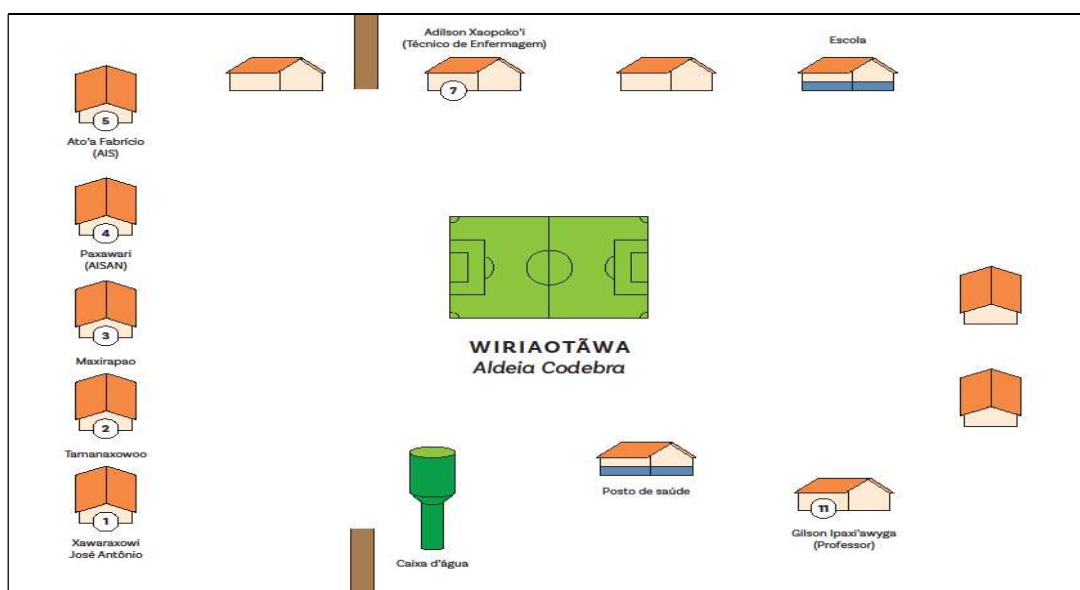
Fonte: SESAI, 2021

Tapiparanytãwa é segunda maior aldeia na Terra Indígena Urubu Branco, é composta por maioria do grupo de *Araxã*. Makapyxowisua esposa Taixowoo, que é mais idoso (a) e também *i'ywypy* ‘raiz da família’ como diz Apyãwa. Essa aldeia também foi fundada por essa família extensa, como diz o etnólogo Alemão Herbet Baldus que estudou sobre o nosso povo. Orokomy’i, Xaripy e Maiwaroo que são filhos de Makapyxowi, moram juntos na aldeia Tapiparanytãwa e a maioria das filhas mora juntos casadas com homens de duas metades

formando essa aldeia. Nesse caso, filhos de três filhos homens herdaram homens e rapazes de *Araxã*. Só a família de Maxirapã e do seu sobrinho Takwari'i é do grupo de *Wyraxiga*. E recentemente Awaetekato que pertence a *Wyraxiga* casou com a filha de Warinimytygi, que mora na Tapiparanytãwa.

Awaeteo é outro idoso do *Araxã* que mora com seu filho Iakygi, Kamoriwagato que são casados com filhas e netas de Makapyxowi. As filhas e netas de duas famílias extensas se casaram entre si formando aldeia Tapiranytãwa. Nesse caso duas famílias extensas moram nessa aldeia e é visível que a família constrói suas casas perto de outras como podemos ver no croqui da linha da esquerda no fundo da casa são outras casas da mesma família de Awaeteo. Como foi dito acima que, as famílias não moram igualmente no passado, mas, se organiza diferentemente construindo casas perto da família.

Figura 11: Aldeia Wiriaotãwa



Fonte: SESAI, 2021

Assim também se formam outras aldeias como Wiriaotãwa, Towajaatãwa e Inataotãwa. Wiriaotãwa é formada pela família de Ikaika que pertence *Wyrã* de *Araxã*. As filhas são casadas com homens que são de *Araxã* (Tapi'iri, Iarareo, Paxawari) e dois de *Wyraxiga* (Taxiromyo e Tenywaawi). Nesse caso a maioria dos netos (homens) são do grupo de *Araxã*.

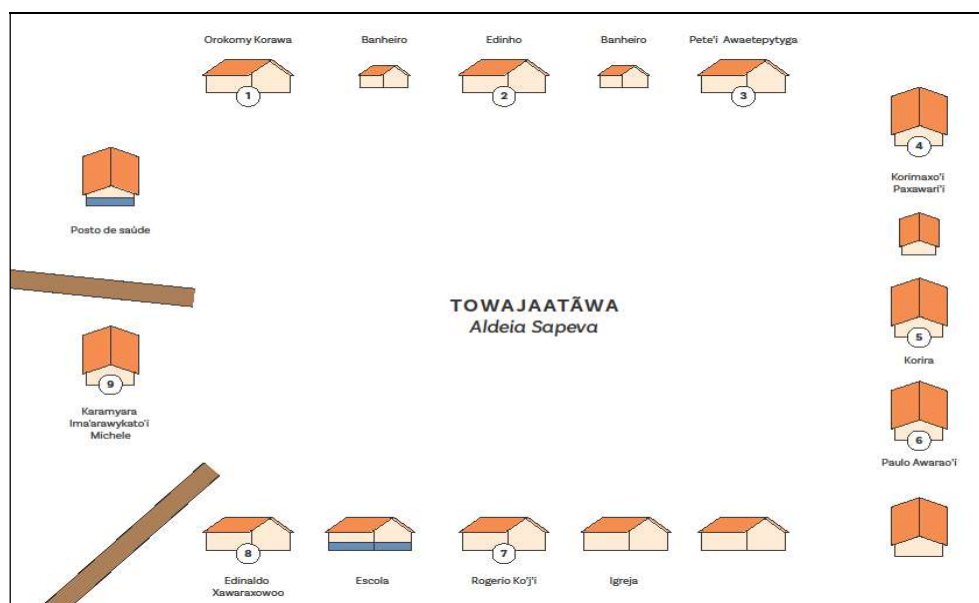
Essa aldeia está localizada no caminho que vai para *Awioy* – rio tapirapé. A casa 1 é do *Ikaikã*, e as outras são das filhas e netos como as outras aldeias.

A primeira aldeia localizava na antiga fazenda Codebra, porém foi aberta a nova *Wiriaotãwapor* causa do terreno úmido. Segundo os moradores, o terreno mina água que poderia trazer danos a estrutura das casas e por isso foi abandonado. Nessa aldeia nova como pode ser vista na figura que a estrada para beira do rio passa no meio da aldeia.

No ano de 2020 a maioria dessa família decidiu novamente mudar para mais distante da estrada abrindo outra aldeia nova. Em plena pandemia, construíram casas provisórias e no ano seguinte construíram casas permanentes. Um dos motivos da nova abertura da aldeia justifica-se de afastamento de fluxo de pessoas no período da Covid-19 que aterrorizava as famílias. As famílias diziam que era melhor afastar da estrada para preservar-se da doença. Outro motivo foi novamente que este terreno era muito úmido, uma região que minava água no pátio da aldeia.

Nessa aldeia velha (*Wiriaotãwa 1*) ainda estão duas famílias que são de *Tenywaawi*, meu primo e *Taxiromyo*, meu irmão. Digo *Wiriaotãwa I*, porque ainda não há nome para a nova aldeia *Wiriaotãwa*. Por enquanto podemos chamar de *Tawyao* ‘Nova Aldeia’ ou *Wiriaotãwa II*. Então, a família extensa de *Ikaika* dividiu em duas aldeias.

Figura 12: Aldeia *Towajaatãwa*



Fonte: SESAI, 2021

Towajaatãwa é uma aldeia formada pela família da metade de *Araxã*. Essa aldeia foi fundada pela família de *Awarao'i* com seu pai *Korirã*. Essa família primeiramente ocupou a

sede da fazenda Sapeva que localizava aproximadamente três quilômetros da atual Towajaatãwa. A sede foi abandonada por causa da dificuldade de perfuração de poço artesiano transferindo mais próximo da serra de *Towajaatãwa*. Korirã era do grupo de *Araxã* com Awarao'i que moravam junto. Outros filhos moram na outra aldeia. Filhos de Awarao'i que são Axiaj'i, Makapoko'i e Pawyni não moram na aldeia. Moram nessa aldeia Koj'i, casado com Maxi, Orokomy casado com Myere'i, Koro'i casado com Xe'akawygoo que são do *Wyraxiga*. Korimaxo'i é casado com Eironi que é de *Araxã*. Outras filhas de Awarao'i é casada com *maira* e Marearawi é casada com Edinho Bakairi. A maioria dos homens que moram na aldeia Towajaatãwa é da metade de *wyraxiga*.

Inataotãwa é da família de Warai que pertence o grupo de *Wyraxiga*. Warai é casado com Ataxowytyga, filha de Makapxyowi de Tapiparanytãwa. Warai foi um dos fundadores da aldeia Tapiparanytãwa, depois ele e seus filhos mudaram para abrir a nova aldeia de Inataotãwa. Nessa aldeia moram só a famílias dele, filhos e genros, todos do grupo *Wyraxiga*. É a única aldeia que fica na beira do rio *Awioy*.

Todas as aldeias são formadas por pessoas que participam de duas Associações Pássaros como dizia Wagley (1988). Assim podemos conferir a população de *wyrã* na tabela das aldeias na terra Indígena Urubu Branco e na Aldeia Majtyritãwa na Tapirapé e Karajá.

Tabela 01: Levantamento de Wyrã conforme classificação das metades e subdivisão por aldeias

Aldeias	Wyraxiga	Wyraxigo	Wyraxigoo	Tarawe	Araxã	Warakorã
A K A R A Y T A W A	1. Wataramyo 2. Etymywyga 3. Ipawygi	1. Okareaxowa 2. Arapaxigi 3. Koraj'i 4. Waromaxi 5. Kaxanapi 6. Ipaxyka 7. Korete'i 8. Xaikwawytyga	1. Makapxyowa		1. Arawykato'i 2. Marakawyo 3. Marynoo 4. Xawapikato	1. Ipa'arawy'i 2. aramoro'i 3. Irimakwao 4. Etymywyga
M Y R Y X I T A W A	1. Arakae	1. Toto'i 2. Marakawy'i 3. Paroo'i 4. Makapxyowi'i 5. Ipaxyka'i 6. Yrywaxã 7. Okario'i 8. Iarareo 9. Apao'i 10. Maropawygi 11. Awagãra 12. Kotare 13. Xowawi'i	1. Awaetekato'i		1. Koromi 2. Arawyo 3. Ixydeari 4. Maxa'io 5. Maxarawoo 6. Axa'a'i 7. Arawyo'i	1. Taroko'i
	1. Makapoko 2. Myão 3. Imara'i 4. Maxarawoo 5. Awararawoo 6. Xajawytygoo	1. Ka'io'i 2. Makareatora 3. Imaxe 4. Awatori 5. Awararawoo 6. Ima'awytyga	1. Xakareo'i 2. Wario 3. Maiwi 4. Iakymtywyga 5. Moo'ytawi 6. Kaorekato'i	1. Korako 2. Xario 3. Awarawygi 4. Imakopy	1. Akoropare'i 2. Xamare'yma 3. Korone'i 4. Kaxowario 5. Itarião 6. Kapy	1. Kamoriwa'i 2. Pajreko 3. Akoo'i 4. Myro'i 5. Wacramy 6. Ikorawatori

T A P I 'I T Ã W A	7. Okareaxowa 8. Xamare'yma 9. Etyimiari 10. Taroko'i 11. Matareko 12. Kamajrao'i 13. Ima'awytygoo'i 14. Ima'arawykat'o'i 15. Irimakwao 16. Kawy 17. Ima'arawyo 18. Okariwã 19. Marayky 20. Awagato 21. Okare 22. Kamoriwao 23. Kanio'i 24. Kamiri 25. Waromaxi 26. Ararawytyga 27. Xawapi 28. Korira'i	7. Taraweo'i 8. Wataramy 9. Itariã 10. Maxo'i 11. Makapi 12. Xare 13. Irimakwao 14. Kawy 15. Ima'arawy'i 16. Warinimytã 17. Kamiri 18. Amoata'i 19. Awagato 20. Xywaeroo 21. Ware'i 22. Tamakorawya 23. Apao'i/Manuel 24. Paxepy 25. Kararawore 26. Iko 27. Makapy 28. Iroka'i 29. Maxa'io'i 30. Tawy'i 31. Texipy'i 32. Kamaraxe'i 33. Aramoro'i 34. Wyrã'i 35. Maxa'ikato 36. Aropaxowa 37. Wyratari 38. Xariakwy'i 39. Taropa 40. Waromaxi'i 41. Kamoriwa 42. Wariniay'i 43. Okario 44. Xari'i 45. Arowaxeo'i 46. Xawapa'io 47. Peinare'i 48. Kaxipa'i 49. Xaripy'i 50. Xakarero 51. Arokomyo 52. Arowaxeo 53. Are'i 54. Waraxowoo'i	7. Oroope'i 8. Xawara'yroo 9. Paxepytygi 10. Xaokato'i		7. Kamarare 8. Xawaripa'i 9. Xekato 10. Ima'awytygoo'i 11. Irawyo 12. Karaxaopiari 13. Taraxo'i 14. Paxepytygi 15. Kamo 16. Xawapa 17. Wariniawytyga 18. Xaropare'i 19. Ararapari 20. Axawaj 21. Makarore 22. Kanio'i 23. Anari 24. Tanawe'i 25. Ieremy'i 26. Kaxiwera 27. Xawaropiari 28. Hury 29. Warikaxao 30. Majri 31. Ato'ã 32. Xiri'i 33. Awarawygi 34. Paxewi 35. Kamaraxe'i 36. Wareapini 37. Ipyni 38. Kamajrão 39. Ima'arawykat'o'i 40. Koraja 41. Xawaromy 42. Kamajrão	7. Mae'yma 8. Arokomyo'i 9. Paxepy 10. Xywawytyga 11. Ikokana 12. Myao'i 13. Koria 14. Xario 15. Kaxanapio 16. Warinimytygi 17. Iararie 18. Texipy'i 19. Itariã 20. Ima'arawykat'o'i 21. Wyrã'ya
T A P I P A R A N Y T Ã W A	1. Komaoro 2. Kaorewygoo	1. Maxirapã 2. Okariwa'i 3. Arawi'i 4. Awaetekato 5. Takwari'i		1. Makapyxowi 2. Awaeteo	1. Xawarakymaxo woo 2. Harikana 3. Majwaroo 4. Okapytygi 5. Ijetiw 6. Paxeapãra 7. Tamanekwãwa 8. Orokomy'i 9. Arowaxeo'i 10. Tarepi 11. Myryxiwygi 12. Warinimytygi 13. Paireko 14. Awararawoo 15. Xaripy 16. Oparaxowi 17. Tariapyra 18. Oparaxowi 19. Kamoriwagato 20. Xaopoko 21. Kopariwygi 22. Awaetekato'i 23. Arapiao 24. Piraete 25. Awaeryni 26. Marquinho	1. Xywa'i 2. Tawopiari 3. Awararawoo 4. Xywawytygo o 5. Axoromy 6. Patari 7. Paxawari'i 8. Ima'arawy'i 9. Are'i 10. Ima'arawyo 11. Tamakoraw ygi 12. Iakymytyw ygo

					27.Xekato'i 28.Tymaiwa	
T O W A J A A T Ã W A	1. Maxarawoo 2. Ipaxyka	1. Koj'i 2. Karamyara 3. Korawa'i 4. Xawaraxowoo 5. Pete'i 6. Tamanekwawa 7. Awarawyga			1. Awarao'i 2. Korimaxo'i 3. Imara'i	
W I R I A O T Ã W A	01. Awaetekato'i 02. Kaxanapio 03. Xajawytyga 04. Takwari'i 05. Marynoo 06. Arawywytyga 07. Arawykato'i	01. Tenywaawi 02. Ipaxi'awyga 03. Koria 04. Taxiromyo 05. Korapa'io 06. Maxirapao 07. Oparaxowa 08. Iakymywytyga 09. Maropawygoo 10. Kamoriwa'i 11. Kaorepytygi 12. Kamoriwa 13. Tamakorawyga		01 Ikaika	01 Tapi'iri 02 Inamore 03 Paxawari 04 Ato'a 05 Kaorewygi 06 Iarareo 07 Ima'rawyo	01 Kamarare 02 Ararawytyga 03 Xawapa'i 04 Kanio 05 Xywapare
I N A T A O T Ã W A	1. Xamare'yma 2. Yrywaxã 3. Okariwã 4. Korapa'io 5. Awarawýga	1. Warai 2. Amyni 3. Mae'yma 4. Tamanekwãwa 5. Xaripe'i 6. Xywa'i 7. Irimakwao 8. Jywaru				
M A J T Y R I T Ã W A	1. Awaerynoo 2. Taroko 3. Orokomy 4. Xywawytygoo 5. Maxirapao	1. Wereinã 2. Korinaka'i 3. Awagato 4. Xako'iapari 5. Taropaxowa			1. Ikorawatori 2. Etymywygi 3. Xekato 4. Takorawio 5. Oparaxowi 6. Tapiri	1. Itariao 2. Okareaxowa

Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2021

Esse levantamento foi realizado conforme subdivisão de duas metades das oito aldeias da Terra Indígena Urubu Branco e Majtyritãwa da Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Nesta tabela apresento conforme a classificação de participação nos grupos de *wyrã* nas três subdivisões, da coluna de esquerda para o centro, *Wyraxiga*, *Wyraxigio* e *Wyraxigoo*. Da mesma forma da direita para o centro, começando do mais jovem, *Warakorã*, depois *Araxã* e por último grupo do idoso *Tarawe*. Essa tabela também representa a mesma organização social dentro da *Takãra* que pode ser conferido na figura 13.

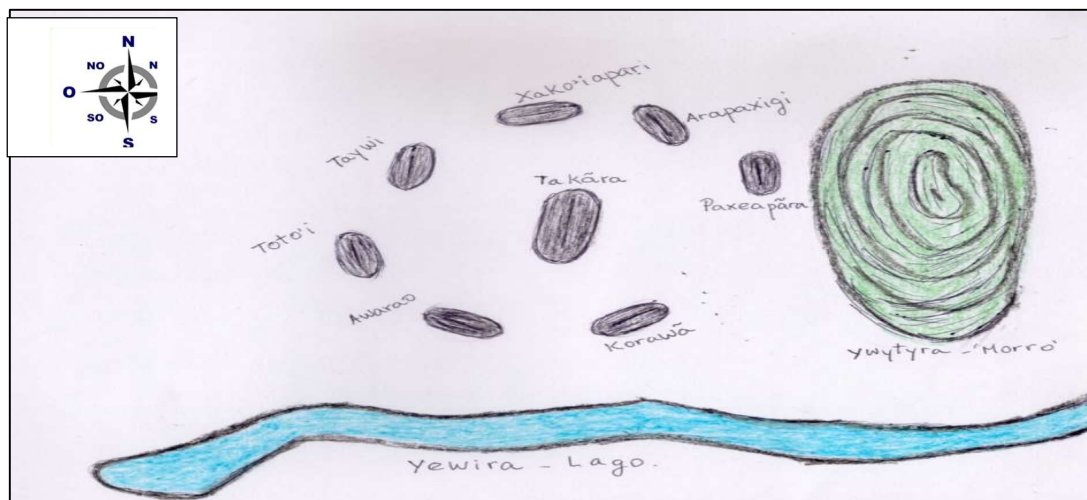
Esse levantamento também tem como objetivo de analisar o crescimento populacional de *wyrã* em cada aldeia. Mostrar também a importância da função de *wyrã* nos rituais cerimoniais e também nas atividades de *Xemi'orogãwa* 'produção de alimentos' para *wyrã*.

Toda aldeia que eu vi, desde aldeia Ywytyãwa, onde eu nasci, (10/10/1974) tem seu formato quadrado. Segundo *Xeropy*, a aldeia Orokotãwa, a primeira aldeia construída depois da antiga Tapi'itãwa, me contou que era construída da forma circular no padrão tradicional. Ele fez questão de desenhar no chão de areia como era a disposição das casas na aldeia Tawyao, 'aldeia nova'.

Para entender melhor como era e quem morava nessa aldeia, eu, Korako e Xakareo'i, tentamos juntos desenhar a ideia como era a aldeia. Dessa forma desenhamos a disposição das casas e a *Takãra*. Essa aldeia não foi desenhada por isso foi muito importante nós juntos ilustrar conforme foi falando e realmente os dois ainda lembram onde ficava sua casa e as casas de outros membros. A figura 05 mostra que para *Kwarapaãwa* – nascente do sol existia um morrinho, como mostra as casas de moradores da aldeia Orokotãwa. Ainda eram poucas casas, mas, moravam várias famílias juntos. Depois que abriram a segunda aldeia mais próxima do lago, cada família construiu sua casa. Essa aldeia ficava uma distância de um quilômetro do lago. Um dos motivos da mudança da nova aldeia para beira do lago me informou que foi por causa do afogamento de uma criança que se chamava Iakyma. Informaram-me também que eles queriam ficar mais próximo da casa do Padre Francisco. Nessa aldeia existe um igarapé muito bonito que se chamava *Yewira*.

Baldus (1970) confirma quando Wagley em 1953 relatou para ele, que a representação da aldeia Apyãwa continuava conforme posicionamento tradicional de uma planta da aldeia.

Figura 14: Orokotãwa, primeira Aldeia Apyãwa na T. I. Tapirapé/Karajá



Fonte: Paroo'i, Korako e Xakareo'i, 2022

Xakareo'i me relatou que, antes de abrir Tawyao 'aldeia nova', os Apyãwa conviveram com os Karajá na aldeia Itxala. Dizem que os Apyãwa construíram a *Takãra* onde realizavam suas festas tradicionais mesmo vivendo junto com os Karajá. O povo Apyãwa não queria deixar de praticar a sua cultura mesmo sendo a minoria. A população estava tão reduzida, mas, era um povo resistente culturalmente. Xakareo'i e Tokyna lembram-se da convivência junto com os Karajá que é um povo tão diferente dos Apyãwa. Quando praticavam seus costumes, os Karajá participavam junto com eles. Algumas famílias Karajá fizeram amizade com eles e outros, não, porque estavam com inveja de suas belezas culturais, dos cantos bonitos que eles cantavam.

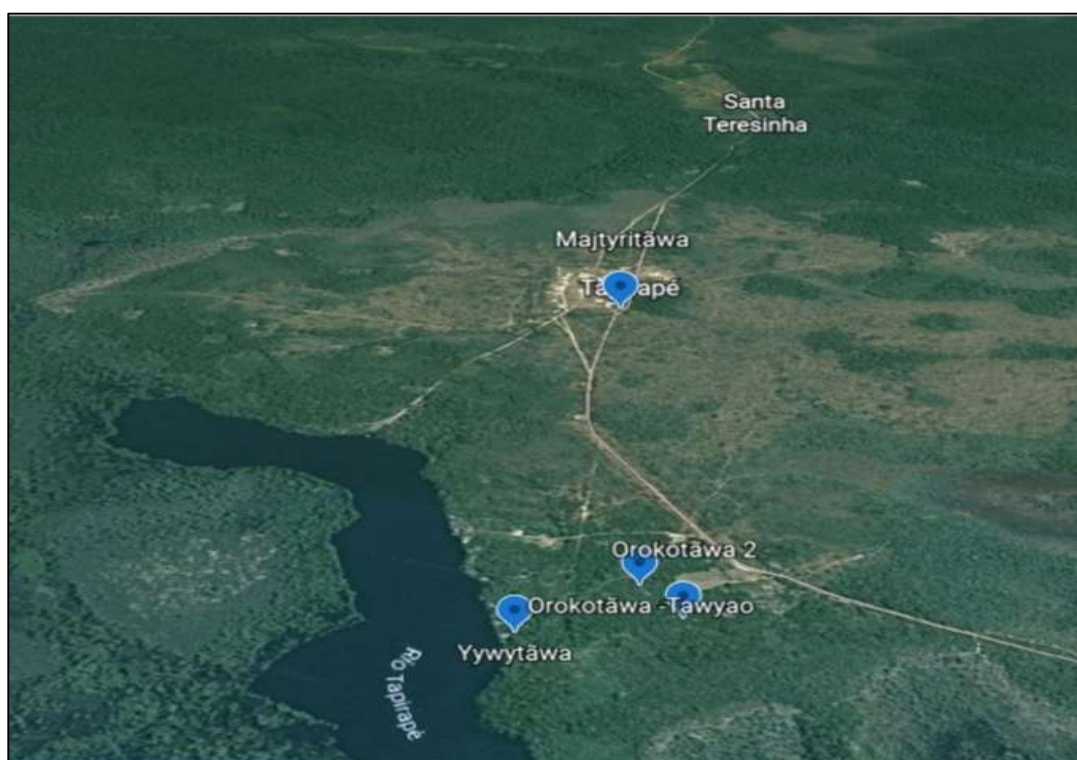
Quando eles viram que estava se normalizando e recuperando o número de pessoas, eles decidiram abrir uma aldeia só para eles, afastados dos Karajá. Segundo Xakareo'i, antes de fazer uma aldeia definitiva, as famílias Apyãwa se dividiram em duas partes morando nas roças. Uma aldeia era chefiada pelo Korawã e outro pelo Awarao. A primeira e a única aldeia foram construídas perto de *ywytyri* – 'morrinho'. Essa era primeira aldeia construída no formato tradicional do nosso povo, principalmente a *Takãra* – a casa cerimonial (sapiência) do povo Apyãwa.

Perto de Tawyao 'aldeia nova', como dizia Wagley (1988), existia um pequeno morro que estava a pouca distância da aldeia. *Xeropy* me contou que, no lado do morro, estava a casa do Toto'i, Paxeapãra e depois a casa deles, de Arapaxigi. Para o lado oeste ficava a casa do Kaxowario, Xako'iapari, Xawakato e Korawã. Lembro, realmente, o morro que ficava na direção da aldeia Itxala, quando morávamos na terceira aldeia com o mesmo nome de Orokotãwa e existia sinal de ação humana naquele local, porém, nunca tive curiosidade de saber por que estavam a clareira, as árvores começando a recuperar no local. Então, essa era a primeira aldeia Apyãwa construída na Terra Indígena Tapirapé e Karajá. Outra dúvida que eu tinha na época, também, era sobre uma mangueira já grande que estava naquela região, pois era daquela época plantada pelos Apyãwa.

Nesta primeira aldeia eles também construíram *Takãra* para retomar a festa e rituais Apyãwa que estava parado há mais de décadas. Durante este tempo de crise populacional, os Apyãwa perderam vários rituais importantes, porque morreram com seus conhecedores. *Xeropy* e Tokyna relataram que, se não fosse Xako'iapari – Marcos, os Apyãwa perderiam ainda mais, porque ele conseguiu recuperar alguns rituais importantes, como, por exemplo, o ritual de inicial do rapaz, *Marakayja*, *Marakao*, *Marakaxawãja*, *Kawiaximynãwa*, *Kawio*. Dizem que só ele sabia cantar os cantos. Segundo *Xeropy*, ele começou a resgatar estes rituais na primeira aldeia Orokotãwa.

Outra coisa que ele relatou foi a construção da *Takãra* com a posição errada como era a posição tradicional. Então, naquela época, eles mesmos perceberam que estava errada e decidiram construir na posição correta como os antigos. A *Takãra* é construída e orientada pelo sol. Ele falou que *Takãra rakopi'ã* ‘fundo da Takãra’, no início, estava direcionada à nascente do sol. Então, eles corrigiram a posição da *Takãra*.

Figura 15: Majtyritãwa e antiga aldeia Apyãwa



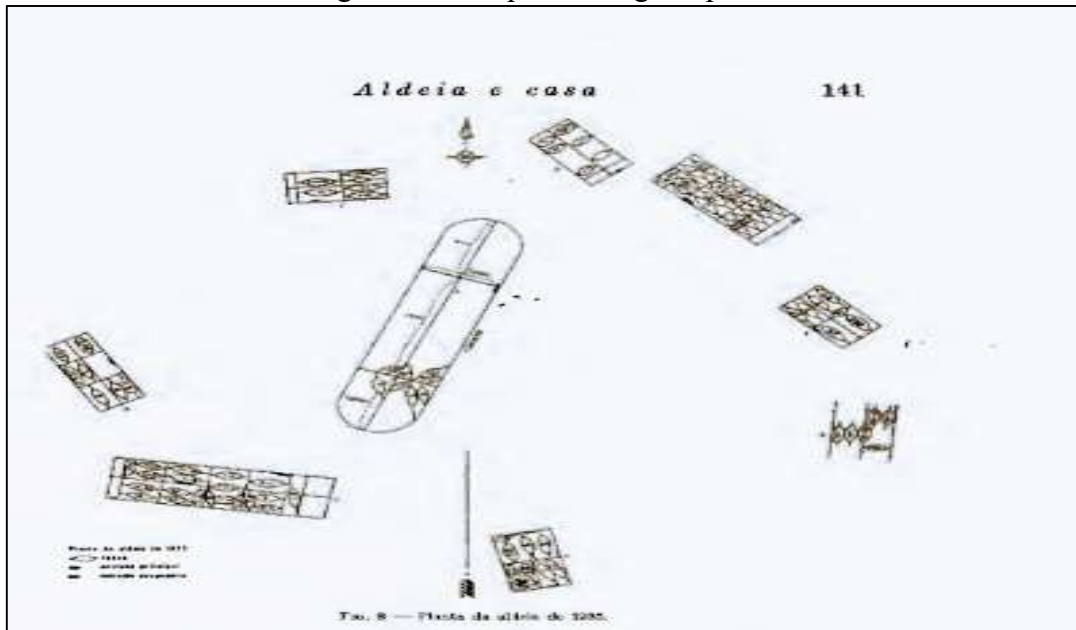
Fonte: Google Earth, 20 de novembro, 2021

A partir da segunda aldeia Yywytãwa ‘aldeia beira do rio’, a meu ver, através da imagem e que também vi, não manteve o formato tradicional da aldeia, foi construída de forma mais retangular ou quadrada. Como eu tinha dito que, só a primeira aldeia na terra indígena Tapirapé/Karajá foi construída no formato circular. Orokotãwa¹¹ ‘aldeia do urucum’ é a primeira aldeia construída pelos Apyãwa na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, no município de Santa

¹¹ A primeira aldeia Apyãwa aberta na T.I. Tapirapé e Karajá, no município de Santa Terezinha – MT, depois de conviver com os Karajá na aldeia Itxala.

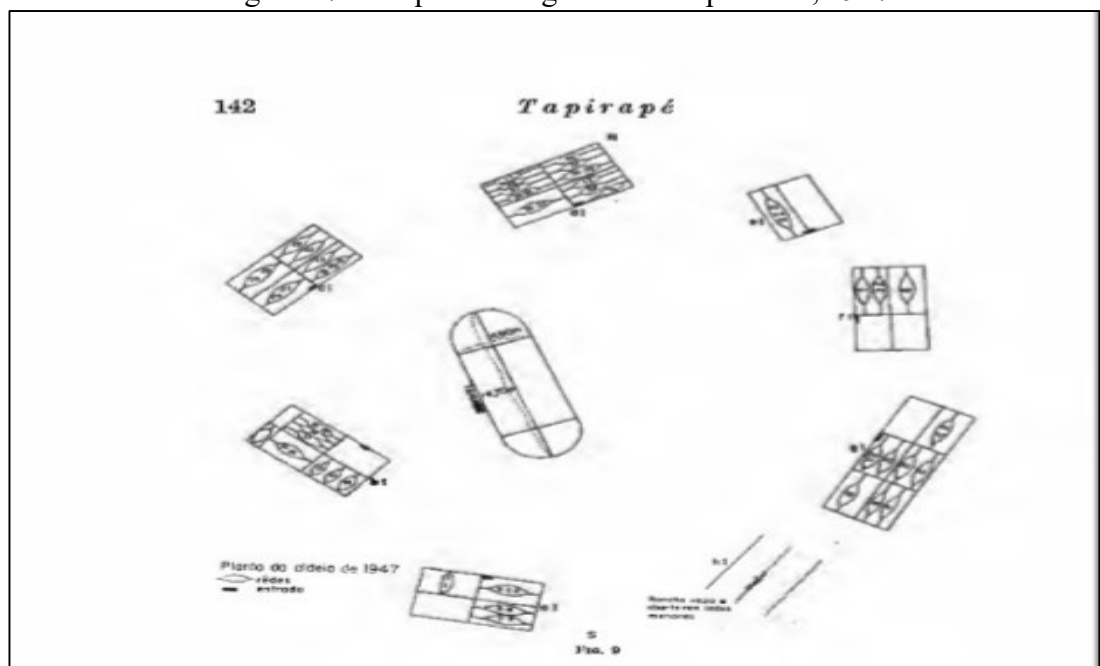
Terezinha, Mato Grosso. O mesmo nome foi usado para nomear a terceira aldeia Apyãwa porque abriram uma nova aldeia ao lado da antiga Orokotãwa. Nesse caso, eu nasci na segunda aldeia que *Xeropy* chama de Yywytãwa ‘aldeia beira do rio’ para diferenciar das duas aldeias, da primeira eda terceira aldeia, que foi chamada de Orokotãwa. A quarta aldeia Apyãwa nesta região foi Majtyritãwa, a maior aldeia Apyãwa já vista na Terra Indígena Tapirapé/Karajá.

Figura 16: Croqui da antiga Tapi'itãwa, 1935



Fonte: Baldus, 1970

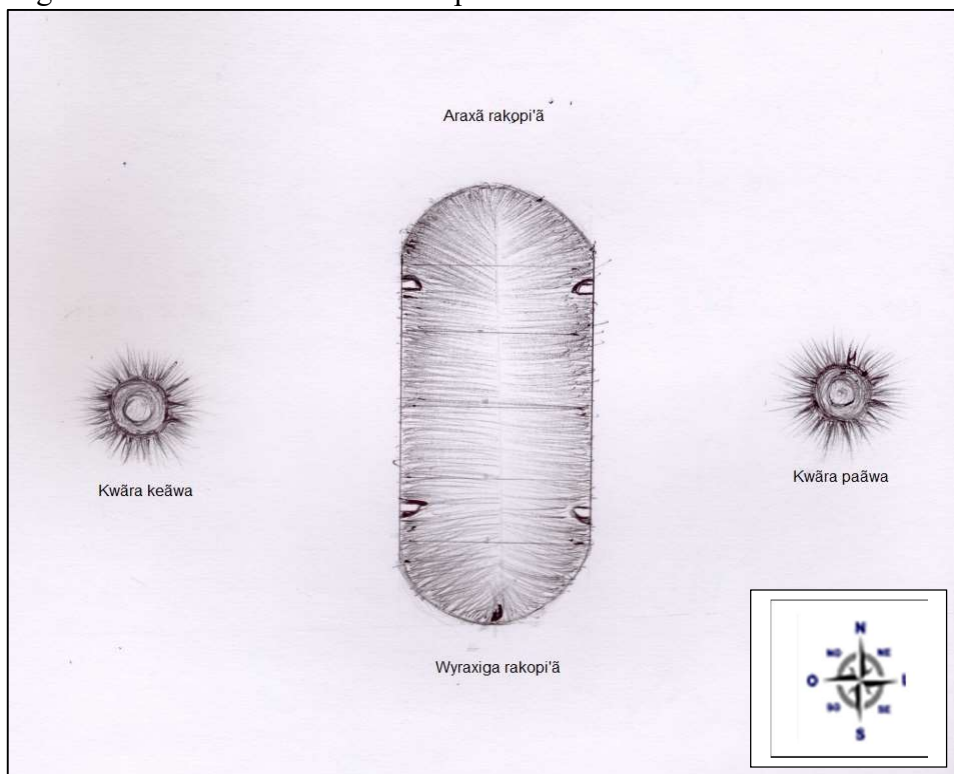
Figura 17: Croqui da antiga Aldeia Tapi'itãwa, 1947



Fonte: Baldus, 1970

Toda Takãra é construída de acordo com a orientação nascente e poente do sol. Duas portas estão direcionadas para onde o sol nasce e outras duas portas direcionadas para o lado poente. Neste caso, *Takãra rakopi'ã*¹², baseada na orientação da ciência dos maira, ela fica sob a orientação da direção norte/sul. Nunca presenciei uma construção sem essa orientação, sempre vi desse modo até nos dias atuais.

Figura18: Takãra como referência para os rituais



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2022

Xeropy falou que *Takãra* é construída no centro da aldeia e desse modo, porque a sombra dela é importante para proteger *Takawytera* (pátio da *Takãra*), dessa forma os participantes dos rituais são protegida pela sombra. A maioria dos rituais com participação de mulheres ocorre no período da tarde, neste caso, *Takawytera*, obrigatoriamente, tem que ficar para o lado leste para receber sombra para a realização de várias atividades culturais. Quando o sol começa a baixar, o pátio recebe a sombra para que os dançarinos fiquem livres do sol. À tarde, acontecem também os rituais de *Xepaanogãwa* e *Tataopãwa*, dois rituais mais importantes de grupo de comer realizar (WAGLEY, 1988).

A maior parte das atividades e práticas culturais acontece na *Takawytera*. Segundo *Xakareo'i*, outra coisa importante é as quatro portas que têm de permanecer para o leste e oeste

¹² É a parte final da *Takãra*, para o lado sul *Wyraxiga* e para o lado norte *Araxã*.

para que o fundo da casa seja iluminado pelos raios do sol. Confirmando essa teoria porque, quando a *Takãra* fica bem coberta, quando está nova, fica muito escura dentro. E as portas ajudam a clarear o fundo da *Takãra*, principalmente, se for de noite ninguém enxerga nada. As portas, colocadas em posição simétrica, contribuem para manter a ventilação no interior da *Takãra*.

4.3 A maior Takãra e a tragédia Apyãwa

Segundo Tokyna (2021), a maior *Takãra* construída pelos Apyãwa aconteceu na região do *Yrywo'ywãwa*, na aldeia *Takarookywetãwa* que ficava, aproximadamente, a três quilômetros da antiga *Tapi'itãwa*. Essa *Takãra* era construída com três *xorã* 'três repartições da *Takãra*' pelas grandes forquilhas.

Tokyna contou que aconteceu uma junção de grande aldeia formando uma das maiores aldeias Apyãwa. Isso pode ter acontecido antes do século XIX (1.900). Segundo ela, as famílias vieram da região que ficava além de *Xaapekwãwa*¹³ - as aldeias da região que hoje é chamada Vila Rica e chegaram aqui na região de *Tapi'itãwa*. Ao mencionar sobre as aldeias daquela região, os antigos falavam *Xaapekwãwa katy* 'rumo à *Xaapekwãwa*' ou *Xaapekwãwa ropi* 'na *Xaapekwãwa*'. Existia uma estrada que atravessava a serra do Urubu Branco até chegar à planície que se chamava *Xaapekwãwa*, a qual levava até as aldeias Apyãwa. *Xaapekwãwa* não era aldeia, mas sim, uma região de grande extensão de sapé onde passava o caminho que ligava as aldeias de lá e de cá.

Segundo ela, dois grandes irmãos pajés sedesafiaram matando sua família. Quando Tawy matou seu irmão, a comunidade daquela aldeia tinha que fugir da aldeia para procurar outro *habitat*. Na cultura Apyãwa, quem cuidava da saúde e a questão da espiritualidade, eram os pajés. Como o pajé da aldeia tinha morrido, a população se juntou para se apoiar com outro pajé que estava aqui na região de *Yrywo'ywãwa* 'serra do urubu branco'. É uma história que pode ser relatado à parte. Essa história chama-se *Koro'i Paragetã* (PPP, 2014). Então, é por isso que se construiu uma aldeia maior de todos os tempos, onde também foi construída a maior *Takãra* Apyãwa. Wagley (1988, p. 102), confirma a vinda de famílias de outras aldeias, porém, não diz o motivo da migração para a região de *Tapi'itãwa*.

Quero aproveitar o momento de registrar também a maior tragédia que aconteceu com os Apyãwa, uma vez que tive privilegio de ouvir da Tokyna, minha avó, a mais idosa que também morou na última aldeia *Tapi'itãwa*.

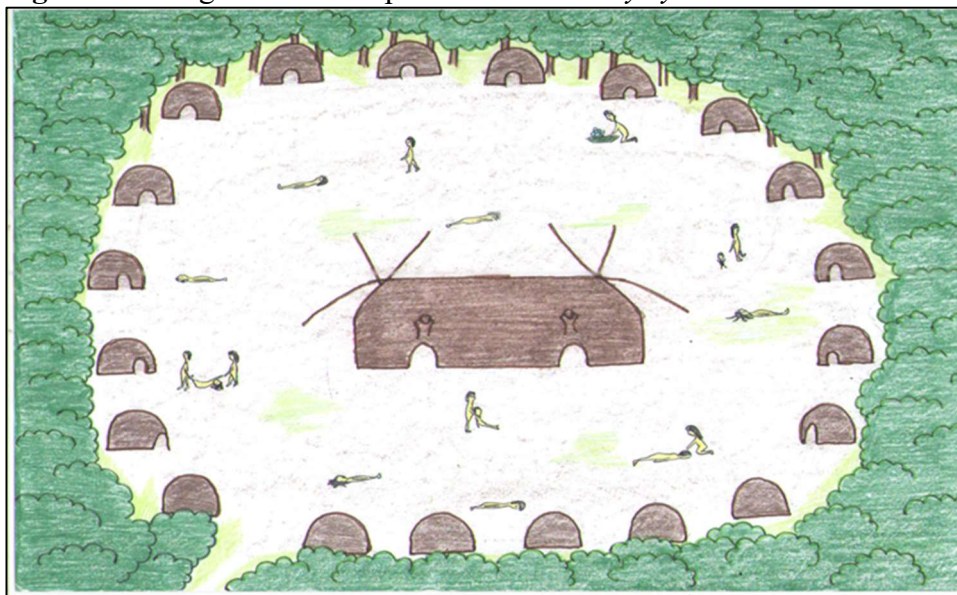
¹³A região de Sapé - as aldeias que se estabeleciam do lado norte de *Yrywo'ywãwa* 'Serra do Urubu Branco' era considerado a região de *Xaapekwãwa*. O caminho fazia ligação entre as aldeias que ficavam aqui na região de *Tapi'itãwa* com *Xaapekwãwa*.

Dizem que o raizeiro Koro'i era um grande pajé que causou a maior tragédia com seu próprio povo quando ele trouxe a raiz do varjão. Isso aconteceu quando o raizeiro foi a uma das caçadas coletiva dos antigos Apyãwa como de costume faziam. Na volta da caçada para a aldeia, ele encontrou a raiz que não podia pegar e, pior, não podia trazer para aldeia. Essa raiz se chamava *wiririywyrá* 'planta do passarinho'. Essa plantinha ficava no lugar que chamamos de *Awaxikajwera* que se localizavam na região sul da antiga Tapi'itãwa. O povo Apyãwa conta que essa planta só existe nessa localidade de difícil acesso às pessoas comuns. Só os pajés Apyãwa tinham conhecimento dessa planta tão intocável.

Dizem que lá ficava *wiririywyrá* e também *ikyxigakãwa*, 'planta que serve para limpar o veneno de *wiririywyrá*'. Koro'i trouxe só a folha com intenção de fazer maldade para uma pessoa, mas, no final serviu para destruir a vida de todo povo. Koro'i não imaginava que, com essa planta, ia acabar com todo mundo e com a sua própria vida também. Quando ele chegou à aldeia, a mulher desamarrou e abriu a peyra 'cesto de palha de bacaba para carregar produtos', viu a caça assada e a planta e disse para ele: Porque você trouxe isso! Você é maluco! Koro'i levantou da rede assustado e se arrependeu de não ter deixado para trás essa planta, mas, já era tarde demais. Ele foi a primeira vítima do veneno da planta *wiririywyrá*. O veneno foi tão forte que rebentou os olhos dele. Depois, o veneno contaminou toda a aldeia destruindo a aldeia inteira. Morreu tanta gente que não dava tempo de enterrar o corpo e, pior, de fazer ritual de *Xapiroãwa* 'ritual de funeral'.

Algumas famílias se refugiaram, mas, mesmo assim já estavam contaminadas pelo veneno e essas famílias morreram no mato. Muita gente morreu dessa forma. O feiticeiro Koro'i era tão forte espiritualmente que resistiu vários dias, mas, até que um dia ele mesmo pediu para a sua família para ser enterrado vivo. No primeiro momento, ninguém sabia quem tinha causado esse feitiço para todo mundo, mas, depois, através de outros pajés foi descoberto que foi o Koro'i que causou a morte de adultos, velhos, moças e crianças.

Figura 19: Tragédia causada pelo veneno *Wirirywyrã*.



Fonte: Iararie Tapirapé, 2019

Assim aconteceu a maior tragédia e depopulação do povo Apyãwa aqui na terra de *Yrywo' ywãwa* 'Serra do Urubu Branco'. Não se sabe claramente a quantidade de pessoas foram eliminadas com esse veneno, mas, sabemos através da história contadas pelos mais idosos que morreram muita gente. Essa história vem sendo contada e passando de geração em geração e raramente encontramos nos livros. Eu nunca encontrei também nos relatos antropológicos, creio eu que não foram relatados pelos antigos.

4.4A Técnica e o Processo de Estruturação da Takãra

No tempo presente, a *Takãra* é uma única construção tradicional do povo Apyãwa que é feita com seus materiais específicos. Segundo *Xeropy*, a *Takãra* é construída da seguinte forma. Primeiro todos vão pegar *ywyrayja'yra* 'forquilha pequenas', a madeira que serve de apoio, ou seja, a base da casa. A madeira se chama *ywyrapytyga* 'madeira vermelha', depois vão pegar *ixarakyga* 'as vigotas' que se chama *pinaanywa*, que também serve para apoiar as laterais. Depois *wyrã* vai atrás de *Iwyrãpãwa - ywyrã'i* composta de várias forquilhas ou paus pequenos que serve como suporte do telhado. Em seguida cada grupo vai cortar e transportar de costa *ywyrayjoo* 'forquilha grande' que é *eymawa'ywa-* garapa.

Figura 20: *Ywyrã'i* servindo como *iwyraapãwa*



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2018

Meus entrevistados disseram que, antigamente sempre usava *yagywa* e *apini'ywa* para fazer *ywyrayjoo*, 'forquilha grande'. Em seguida, *Wyrã* vão cortar *xorao*, 'grande travessa' que é *korowao'ywa*. *Xeropy* falou que antigamente usava a madeira que se chama *tarawirywa*, uma madeira que foi substituída atualmente. Aqui na Tapi'itãwa não se usa *tarawirywa* porque está em fase extinção e por isso substituído pela outra madeira. Por isso agora se usa *korowao'ywa* que existe na região úmida. *Myteripewãra* 'madeira do meio', forquilha do meio pode ser feito de *apini'ywa*.

Antigamente, na Terra Indígena Tapirapé e Karajá era comum se usar também *ywyrã'akygetã* – 'quariquara' como era denominada naquela região pelos moradores ou povoados de Santa Terezinha. Aqui na terra Indígena Urubu Branco utiliza-se mais *apini'ywa*.

Já vi usar muito também *xeke'iakanywa* – 'pau-d'arco'. Para cobertura da *Takãra* usa-se *pinawa* 'folha de bacaba' e também *ka'ã* 'folha de banana-brava' ou 'folha de pacová'. Para armação usa-se *ywirywa* 'madeira para fazer embira', 'linha para armação'. Para a colmeieira usa-se a madeira *ywirywa* ou *pinaanywa*.

Figura 21: Como se constroe Takãra rakopi'ã



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2018

Figura 22 – Estrutura básica da Takãra: Ywrayjoo e Xorao



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2018.

Analisando a estrutura arquitetônica da Takãra, podemos dizer que é importante levar em consideração a capacidade da sabedoria milenar deste povo que, ao construir a *Takãra*, prevê a questão climática da região. A tecnologia Apyãwa já prevê que enfrentará muita chuva e vento forte. Muito curioso analisar a capacidade da tecnologia utilizada há séculos pelo povo

Apyãwa. Dessa forma, podemos dizer que cada povo indígena tem sua sabedoria e ciências milenares para viver a vida no mundo.

No entanto, vamos dizer que a coluna principal da estrutura *ywyraỹjoo*, 'grande forquilha' que recebe todo o peso do material, inclusive das hastes *pinaanywa* que fazem os arcos das laterais para encontrar uns com outros na cumieira da estrutura, formando as paredes e o teto. É essa base que recebe os arcos das laterais. Existe também outra coluna secundária no meio, *myteripewãra* 'forquilha do meio' e *lapytekỹga* 'travessa da comieira' que são importantes para conter o peso de todo o material, como a cobertura da *Takãra*, feita de palha de bacaba e de folha de banana brava (pacová). Existem outras pequenas forquilhas das laterais, *ywyrayja 'yra*, 'forquilha pequena' (*ywyrapytỹga*) que também servem de apoio para a forquilha grande, principalmente, para conter a pressão de *ixarakyga* 'vigotas' que é de *pinaanywa*.

Segundo os mais velhos, essa madeira era muito utilizada na construção das casas aqui na região de *Yrywo 'ywãwa* por ser uma madeira resistente.

Figura 23: Forquilhas laterais *Ywyrayja 'yra* e das hastes de *Pinaanywa*.

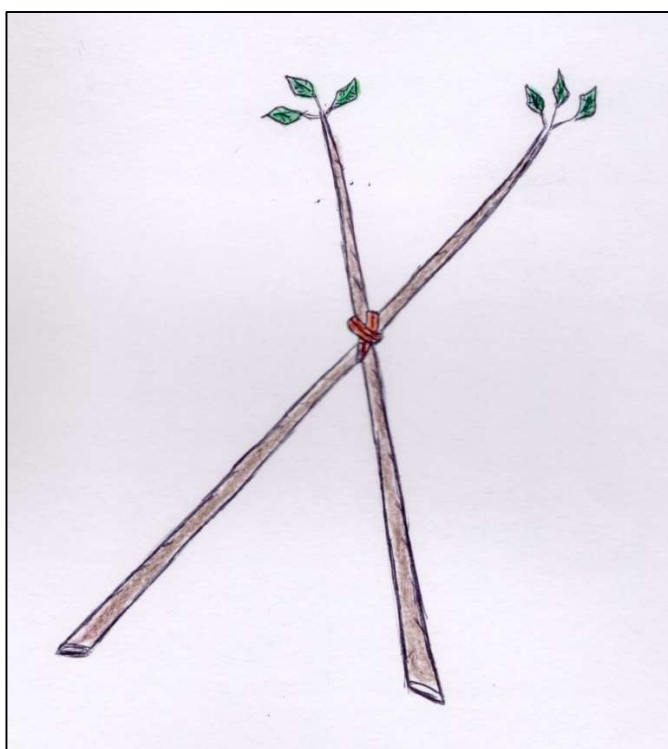


Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2018.

Existem algumas madeiras muito pesadas para levantar ou colocar no buraco. *Ywyrayjoo* é cortada no mato e cada grupo carrega nos seus ombros até chegar ao local da construção. Cada pessoa ajuda um pouco, até chegar à aldeia. Para suspender e colocar na forquilha grande, o povo Apyãwa utiliza técnicas antigas que são usadas desde os tempos ancestrais. Essa estrutura serve também como viga para conter a pressão do material.

Uma ferramenta importante que se usa para levantar e colocar essas madeiras pesadas na forquilha grande é as “tesouras” feitas de *pinaanywa*. Alguns homens sobem na estrutura da lateral e colocam nas costas e os outros seguram nas duas pontas da tesoura para ajudar. A tesoura é uma técnica milenar que serve como alavanca que facilita a suspensão da madeira tão pesada que, desse modo, poucas pessoas conseguem levantar. Esta é uma técnica muito importante que se usa para levantar a estrutura pesada da construção da *Takãra*.

Figura 24: *Ywyrapiãwa* – “Tesoura” para levantar ou suspender *Ywyrayjoo* ‘forquilha grande’, *Xorao* ‘grande trevesa’.



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2022

Meus colaboradores confirmaram que esta técnica é milenar para uso especial para construção da *Takãra*, porque existem madeiras grandes para ser levantada e suspensa no seu local. *Ywyrapiãwa*, ‘suspensão para madeira grande’ como é denominada na língua Apyãwa. A ferramenta “tesoura” é feita de *pinaanywa* por cada metade de *Wyrã* durante a construção da *Takãra* para trabalhar. *Xakareo*'i usou a palavra “*Ama'ipiryj*” para se referir a fabricação da ferramenta. (*Ama* – transformar *'ipiryj* – peixe piranha), ou seja, ela apresenta a característica da boca do peixe piranha que tem a função de morder e suspender para facilitar o trabalho. Essa informação foi muito importante que meus colaboradores passaram.

Ywyrãopiãwa é utilizado também como a forquilha do meio que fica na *Takãra rakopi'ã* para o apoio da viga da cumieira de dois lados. Quando visualizamos de longe, aparece a ponta de tesoura de dois lados que serve de pouso de passarinhos. Essa tesoura também ajuda manter intacta a estrutura sobre tempestade que é comum na região.

Figura 25–Takãra na Aldeia Tapi'itãwa vista de fora



Foto: Serge Guiraud, 2017

A *Takãra* tem um formato oval, parece mais com ovo de jacaré e tracajá. A atual *Takãra* foi construída no mês de dezembro de 2018 na aldeia Tapi'itãwa, com comprimento de 22 metros e 9 metros de largura.

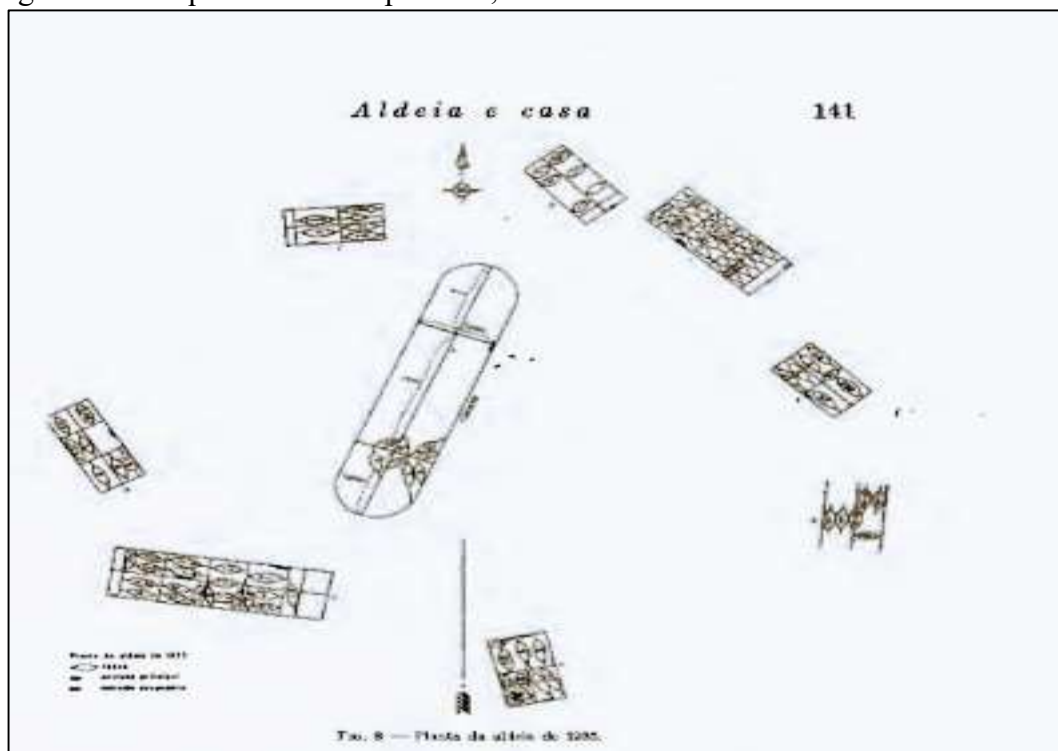
Segundo Wagley (1970), o Baldus presenciou uma construção maior na década de 1935, media 30 metros de comprimento e 7,5 m de largura. Era muito maior que foram construídas atualmente e das outras também construídas na aldeia Tapi'itãwa.

Figura 26: Takãra nova na Aldeia Tapi'itãwa



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2018.

Figura 27: Croqui da aldeia Tapi'itãwa, 1935.

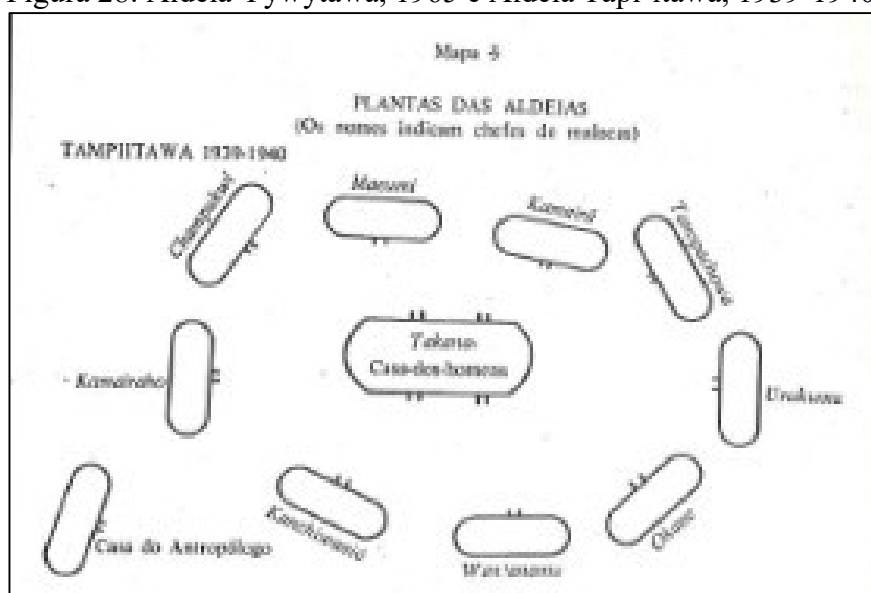


Fonte: Baldus, 1970.

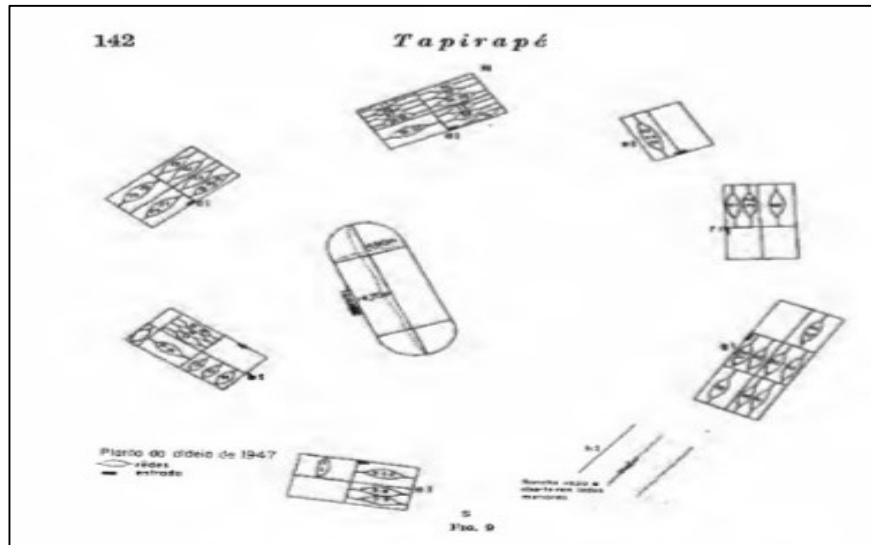
Como pode ser visto pela imagem da *Takãra* (BALDUS, 1970, p. 142), nas décadas de 30 e 40, sempre orientada com o lado onde o sol nasce. Nunca a *Takãra rakopi* 'ã ficava para nascente. Agora, as duas portas sim, sempre eram orientadas pelo lado do sol. Depende muito também do tempo que a *Takãra* era construída. Pode-se observar que no começo da chuva o sol aparece por um lado e quando é período de verão o sol aparece na outra direção tomando como referência a *Takãra*. Como antigamente não se percebia que o sol gira em torno da terra então as duas portas se dirigiam para o lado certo daquele período. Por isso, os autores diziam que a *Takãra* ficava desorganizado, as pontas (*Takãra rakopi* 'ã) algum momento, direcionava mais para Nordeste ou para Noroeste.

Atualmente, até aonde eu presenciei a construção, sempre aconteceu no período da chuva. No calendário de *Maira* ‘não indígena’, nos meses de novembro e dezembro.

Figura 28: Aldeia Ywytywãwa, 1965 e Aldeia Tapi'itãwa, 1939-1940

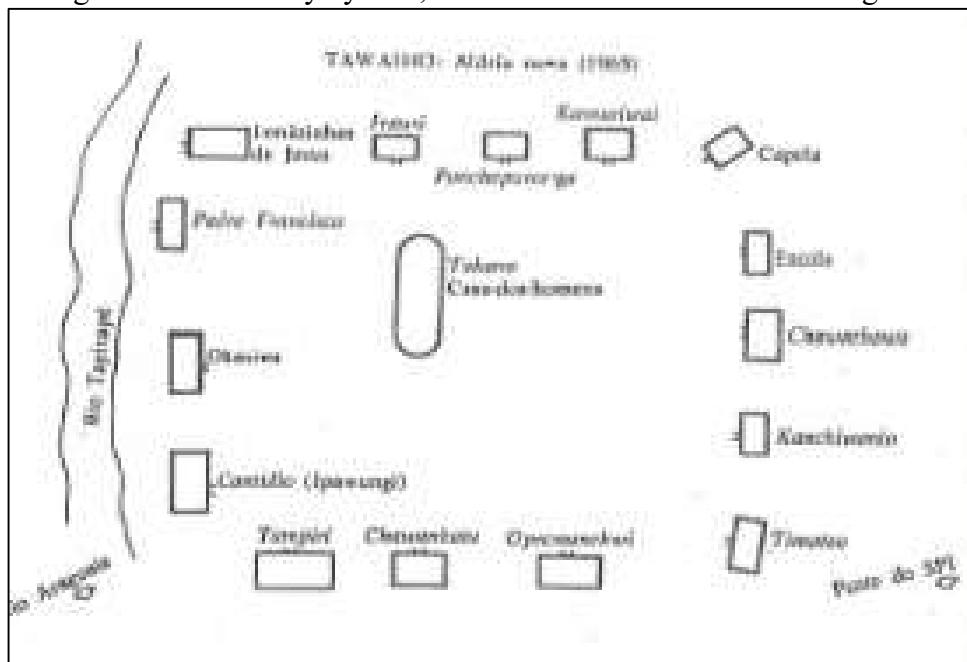


Fonte: Baldus, 1970



Fonte: Baldus, 1970

Figura 29: Aldeia Yywytwãwa, 1965 construída no formato retangular.



Fonte: Wagley, 1988.

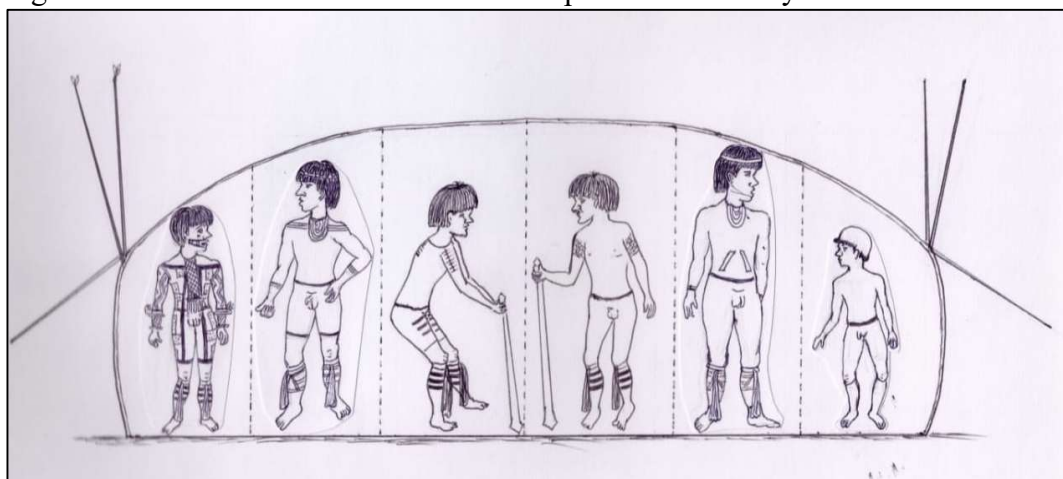
Tawyo que é a mesma aldeia que *xeropy* chama de *Yywytwãwa*, (WAGLEY, 1988, p.104) era a segunda aldeia Apyãwa. A primeira de todas é Orokotãwa que se localizava há um quilômetro do lago. Essa aldeia da (figura 29) é *Yywytwãwa*, onde eu nasci e ainda conheci aos meus nove anos de idade. Essa figura mostra claramente as três casas de líderes da época do grupo *Wyraxiga*, Tapiri, o mesmo Xako'iapari, Xawakato e Ipawygi – Cantídio. Do outro lado, acima, a casa de líderes *Araxã*, Irawyo. ou seja, parece haver uma distribuição espacial das duas metades *Wyrã*. Da (figura 28), claramente se vê a as casas de principais líderes na antiga

Tapi'itãwa, para o norte a casa de Kamairao, Xaopoko'i, Kaxowario, Mae'ỹma e de outro, Orokomỹ, Taropaxowa, Okare, Wataramỹ e Kamaira.

5. OS ASPECTOS SOCIAIS COSMOLÓGICOS DA TAKÃRA

Neste Capítulo apresento os aspectos sociais do povo Apyãwa relacionados à cosmologia de nosso povo e que estão intimamente articulados com a Takãra. Como vou descrever que a nossa sociedade não pode viver sem a *Takãra*, porque todos os eventos sociais dependem da *Takãra* para continuar existindo.

Figura: 30: Interior da Takãra subdivididos pelas metades Wyrã



Fonte: Magno Okario'i Tapirapé, 2022.

Como mostra no desenho, a *Takãra* é dividida em dois grupos de *Wyrã*, os quais são: *Wyraxiga*, para o lado Sul; e *Araxã*, para o lado Norte. O grupo *Wyraxiga* é dividido em três subgrupos que são *Wyraxiga*, *Wyraxigio* e *Wyraxigoo*. Por sua vez, o grupo *Araxã* também é subdividido em três subgrupos: *Warakorã*, *Araxã* e *Tarawe*. Esses dois grupos que nós denominamos *Wyrã*, Associações Pássaros, (Wagley 1988)

[...] a *Takãra* constitua o centro de atividades das Associações de Pássaros. Havia seis delas divididas em metades cerimoniais não-nomeadas – três em cada metade. Além disso, as três sociedades de cada metade formavam classes de idade. Desta forma, havia pares de Associações Pássaros – um par de sociedades de jovens, um de homens maduros um de homens mais velhos. Embora as metades fossem anônimas, o nome de cada sociedade indicava claramente a metade à qual pertencia. Um conjunto de Associações de Pássaros recebia o nome de vários papagaios e o outro o de pássaros aquáticos brancos. Referir-me-ei, por conveniência, e à divisão das metades cerimoniais das Associações de Pássaros de “Pássaros brancos e Papagaios”. (WAGLEY 1988; p. 117).

Cada grupo designado pertence a uma parte da *Takãra*, uma vez, que é responsável pela construção de sua parte. Todos os homens trabalham juntos, mas na hora de renovar ou construir com os materiais novos, cada grupo trabalha para construir sua parte, como por

exemplo, eu na minha idade, idade de 47 anos, me considero *Wyraxigio*. Eu tenho que contribuir neste grupo, a parte que fica no meio da metade da *Takãra*. Já meu filho Okario'i, com a idade de 21 anos, ainda pertence *Wyraxiga*, grupo de jovens. Ele contribui na construção junto com seus colegas na parte de *Takãra rakopi'ã* que é o final da *Takãra*.

Os homens das duas metades vão juntos na busca de materiais, como *ywyrayja'yra*, *pinaanywa*, *pinawa*, *ka'ã* e até mesmo *xorao* e *ywyrayjoo*. Esse é um momento muito lindo quando os homens de cada grupo carregam nas costas *xorao*, trazendo da mata até o centro da aldeia. Cada grupo trabalha para seu grupo.

Figura 31: Wyrã carregando *Xorao* – ‘Travessa grande’



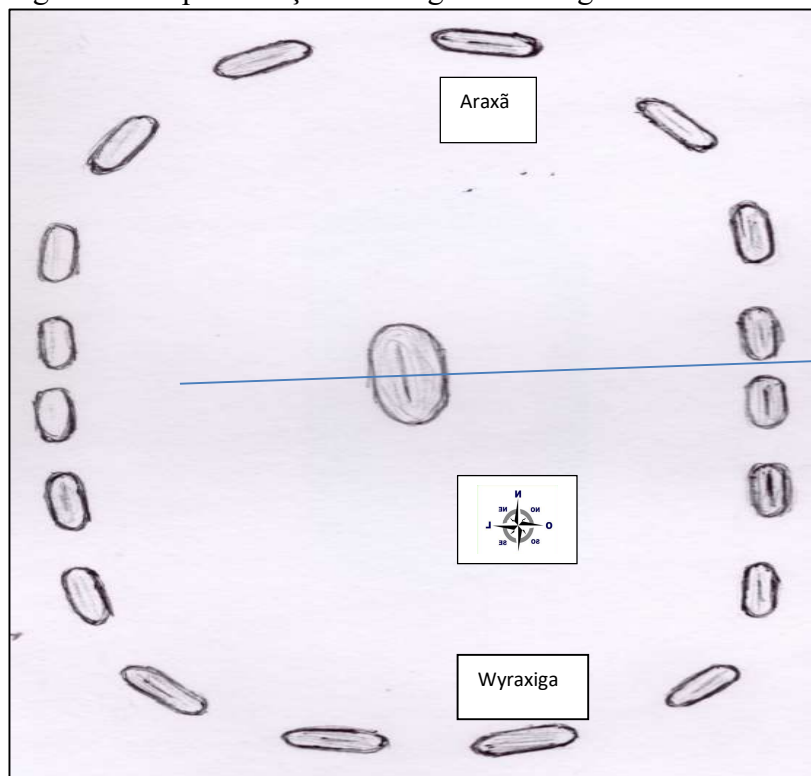
Fonte: Waraxowoo'i Mauricio Tapirapé, 2018

Como foi dito anteriormente, a *Takãra* é construída de acordo com orientação com o sol, mas, aqui vamos considerar também que a *Takãra* era construída de acordo com orientação ritualística Apyãwa. Isso é uma constatação feita por mim a partir das entrevistas e análise realizada durante o tratamento da minha pesquisa sobre a *Takãra*. Essa construção deve ser milenarmente pensada antes de contato direto com outras comunidades e, principalmente, com a sociedade *maíra*. Verifiquei nas fontes bibliográficas mais importantes, porém, não encontrei esta informação, por isso, fiquei muito curioso em aprofundar mais a pesquisa nesse aspecto, porque algumas comunidades indígenas pertencentes ao tronco linguístico tupi ainda preservam o modelo tradicional da aldeia.

Dessa forma, os Apyãwa, provavelmente, também construíam suas aldeias pensando primeiramente a questão do ritual. Nesse caso, antes de construir a *Takãra*, os Apyãwa já planejavam as plantas baixas das casas e das aldeias, ou seja, de acordo com os rituais, as casas eram demarcadas. Pelo visto, segundo a orientação do ritual, as casas da maioria de famílias de *Wyraxiga* teriam que ser construídas para a direção Sul e a maioria das casas de grupos de *Araxã* para o lado Norte. Dessa maneira, a própria *Takãra* já definia que o Sul pertence à

Wyraxiga e Norte pertence à *Araxã*. Do meio para cima as malocas do grupo de *Araxã* e do meio para baixo as casas do grupo *Wyraxiga*. Neste caso poderíamos traçar uma linha imaginária no centro para dividir a aldeia.

Figura 32: Representação de antiga aldeia organizados conforme Wyrã



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2022

Provavelmente as aldeias Apyãwa eram construídas respeitando essa forma, orientadas primeiramente pela *Takãra*, ou seja, a *Takãra* servindo como a “bússola” para a construção das casas de *Wyrã*. Os líderes de cada *wyrã* definindo o local da sua casa e de seus membros. Isso foi analisado no registro dos etnólogos quando conheceram duas aldeias *Apyãwa* em 1935 a 1947.

Na planta de Tampiitaua de 1935 (fig. 8), a disposição das casas ao redor da *takana* mostra claramente dois semicírculos distanciados um do outro, estando um na parte setentrional e o outro na parte meridional da aldeia. A maior casa de cada grupo está no meio das outras, de modo que estas duas casas maiores, isto é, as casas *a* e *e*, fiquem mais ou menos uma em frente da outra, tendo entre si a *takana*. A importante dança do *kauihó* que será descrita no capítulo XIII, foi realizada, primeiro, na casa *a* e, logo depois, pelas mesmas pessoas, na casa *e*. E várias danças de máscaras, os pares, atravessando a praça da aldeia, se movimentavam, alternadamente, de uma dessas casas até a outra. Os chefes das duas casas, *Kamairahó* e *Vuatanamy*, eram não somente os principais líderes de Tampiitaua, mas também formavam parilha numa daquelas danças. (BALDUS 1970; p.153)

Hoje em dia, as aldeias são construídas em desacordo com as regras culturais ou dos rituais. Nesse caso, foi analisado que, antigamente, todas as casas de líderes de dois grupos, ou melhor, das duas metades, eram construídas orientadas pela *Takãra*, ou seja, a casa do principal líder era construída na direção de *Takãrarakopi'ã*. Assim, as duas casas eram sediadas e visitadas pelos *Wyrã* 'pássaros' nos momentos de *tarywa* - rituais. Baldus (1970) mostra no seu livro (ver figura nº 28) as aldeias e casas da primeira e segunda aldeia *Apyãwa* quando ele analisa o parentesco. Neste relato (BALDUS, 1970, p.153) deixa bem claro também que as casas dos principais líderes cerimoniais, como Kamairao e Wataramỹ que representavam as metades, se localizavam na direção de *Takãra rakopi'ã*. A figura (nº 28) demonstra que, obrigatoriamente, teria que ter uma casa de um representante de cada parte no caso de *Araxã* no Norte e *Wyraxiga* no Sul. Na segunda aldeia *Tapi'itãwa*, (fig. nº 17) também mostra claramente que, mesmo sem presença de Kamajrao, (líder da metade de *Araxã*) depois do seu falecimento, alguém da metade representava o grupo de *Araxã*. O lugar que ele ocupava, depois era também ocupado pela família dele, como por exemplo, o irmão mais novo que liderava *wyrã*.

Vamos trazer outro exemplo da importância do espaço que cada grupo ocupa de acordo a *Takãra*. O mais importante ritual de *Kawio* 'grande *kawi* de *wyrã*' é preparado na casa dos líderes de duas metades, *kawi* de *araxã* e *kawi* de *wyraxiga*. *Kawi* de *wyraxiga* pode ser chamado também de *kawiymyña*, 'cauim velho'. Esse *kawi* fica na direção Sul, ou seja, fica direcionada para *Wyraxiga rakopi'ã*.

5.1 Wyraxiga rakopi'a – referência para os rituais

Outra coisa muito curiosa que analisei da organização cerimonial ritualística *Apyãwa*, que todos os rituais que acontecem, começam ou saem da *Takãra* para a direção de *kawiymyña* que fica para o lado Sul. Isso é uma regra ritualística muito interessante e nunca analisado por nenhum etnógrafo que pesquisou meu povo. Podemos dizer que todos os rituais fazem este percurso para o Sul e Norte. Ao analisar esta regra, perguntei ao *Xakareo'i* si pode confirmar esta análise. Ele e *Korako* confirmaram que sim, todos os rituais fazem este percurso para direção de *kawi*.

Mitologicamente, *Wyraxiga* é o primeiro *Wyrã* a se constituir e por isso o *kawi* também é mais antigo, (*kawiymyña*). Vamos tentar explicar análise que estamos detectando para justificar a existência dessa regra no ritual. Os mais idosos sempre comentam que é para o lado de *kawiymyña* que acontece primeiro o ritual, depois para o lado norte (*Araxã kawi*).

Quando por exemplo acontece ritual de *Xaapiãwa*, os homens saem dançando para a direção de *kawiymyna*. *Xaapiãwa* é ritual de “guerreiros”, *Wyraxiga* e *Araxã*, que tem a finalidade de mostrar agilidade e defesa de jovens das duas metades. Nesse ritual, quem ganha é o grupo que mais atingiu seu adversário e menos atingidos com o *ykawã* ‘flecha ponta de cera’. *Xaapiãwa* acontece logo depois de *Iraxao*. Os homens se dirigem dançando na direção Sul, para casa de *Wyraxiga*, depois eles vão para a casa de *Araxã*.

No ritual de *Kawixygãwa* ‘preparo do kawio’, os homens cantam e dançam para adireção da casa de *Wyraxiga* onde deixará *kawi* preparado para *Wyrã*, em seguida retornam para a direção da casa de *Araxã* para preparar o *kawi*. Esse ritual é especificamente para a preparação de *kawi* nos dois pontos importantes que são as casas de líderes onde acontecem vários rituais durante todo o ano. Essas casas são bem visitadas pelos *Wyrã* durante todo o ano principalmente quando vão beber *kawi* na despedida.

Tawã ‘ritual da máscara’, ou (ritual de cara grande), ao dirigir-se para o terreiro das casas, simbolicamente festejando com os espíritos dos inimigos, vai para a direção da casa de *Wyraxiga* dando um contorno no sentido norte, uma vez que, na primeira saída da *Takãra* ele vai ao encontro com a dona. *Tawã Kapitãwa* ‘capitão karajá’, *Karaxao* ‘kayapó’ e *Kopi* se dirigem para a casa de seu dono. Estes são representação do espírito de inimigos rivais tradicionais *Karaxã*, *Karaxao* e *Kopi* que se originaram destes contatos e confrontos.

Na nossa história da antiguidade, os Apyãwa tiveram contato amistoso, convivência a hostilidades e também enfrentamentos com seus vizinhos Karajá e Kayapó e também com os “*Kopi*, assim denominado pelos Apyãwa. Esses três espíritos que fazem parte do ritual surgiram a partir desses acontecimentos ou enfrentamentos por território que aconteceram no passado. *Kopi* é espírito mitológico de um povo que existiu na região. *Xakareo*’i contou que *Kopi* vivia em família, e eram grandes caçadores, inclusive a mulher usava arco e flecha para ajudar o homem na caçada e na guerra. Numa dessas caçadas que, *Xako*’iapari com seu irmão encontrou com uma família no mato, quando um homem *Kopi* foi assassinado e raptaram uma mulher que até morou com ela. Viveu com ela na aldeia, só que não teve filho. Dizem que tinha uma filha adotiva que ela mesma deu nome para a criança que se chamava *Ionã*. Esse nome ainda é muito usado na família Apyãwa que foi dado pela mulher *Kopi*. *Xeropy*, ‘meu pai’, diz que tinha uma cultura semelhante aos Apyãwa.

Quando presenciei o ritual de *Kawiximynãwa* ‘ritual de axyga- espíritos’ há 40 anos na aldeia *Orokotãwa*, o mesmo dirigia-se também para *kawi* de *Wyraxiga*, em seguida, para *kawi* de *Araxã*. Segundo *Xakareo*’i, *Kawiximynãwa* é ritual de *axyga*. *Paxe* diz que, existe

comunidade de *axyga* – ‘espírito’, que realizam suas festas no céu. O ritual de *axyga* diz que acontece sempre quando o sol está entre a nossa cabeça. É assim que os *axyga* celebram este ritual no céu que só os pajés conseguem ver. O povo Apyãwa aprendeu com os *axyga* através dos pajés.

Se este ritual é celebrado pelos *axyga* neste horário, então ela tem que ser realizado da forma que aprenderam que o pajé ensinou para o povo Apyãwa. Então por isso, *Kawiaximynãwa* acontece de dentro da *Takãra*. Todos os homens normalmente se preparam nas casas. Quando termina de passar urucum no pé, no *tamakora* e colocar *ma'yra* – missanga e cocar, os homens dirigem para o centro, ante de entrar dá um gripo em seguida entra na porta da *Takãra* que pertence. Todos seguem este ritual, gritando no terreiro da *Takãra* ante de entrar. Aqueles que já estão dentro da *Takãra* respondem em coro. Todos são obrigados a seguir este ritual até que todos estejam prontos para iniciar a festa de *Axyga*, de *Kawiaximynãwa*. Quando os dançarinos estiverem completos, os líderes cerimoniais começam o ritual. Dois líderes da metade de *Wyrã* saem da *Takãra* com arcos cerimoniais em direção *kawi* do lado *Wyraxiga*, lado sul da *Takãra* e vai cantando só os dois líderes. Os líderes cerimoniais circulam o *kawi*, simbolicamente dando nó no *kawi* e saem em direção *kawi* de *Araxã* por lado norte. E repetem a mesma coisa, rodeando e retornando para o centro da *Takãra* encontrando com a multidão dos homens que aguardam o retorno para a *Takãra*. Agora todos os homens que estavam dentro saem para dançar e formar duas fileiras, uma encabeçada por um líder cerimonial e outro pelo segundo líder cerimonial. A regra é primeiro líder cerimonial iniciar o canto e depois repetidas pelo segundo líder cerimonial. Assim sucessivamente.

É um ritual que as mulheres participam diretamente. As mulheres se posicionam atrás dos homens, ou seja, dançam atrás, nas costas de seu marido, de seu pai, do seu irmão ou nas costas do seu tio. Todas as mulheres são orientadas de fazer par com marido, mulheres solteiras ou moças formam pares com irmão, com tio, com pai e avô. É um ritual importante que está na fase de extinção, como eu disse que a última vez aconteceu na aldeia Orokotãwa a 40 anos atrás.

No ritualde *kawio* ‘grande final de *ka'o*’, é também chamado *Kawipyyparakãwa*, ‘término do *ka'o*, acaba na casa de *Wyraxiga* onde está *kawiymyña*. Todos os rituais se orientam com o *Kawio* chamado *kawiymyña* que pertence ao grupo de *Wyraxiga* que fica na direção Sul. Designa-se *kawi* como qualquer ‘mingau ou bebidas’ comestíveis feitas pelas mulheres, mas, esse *kawi* é especial para o ritual que é celebrado na festa para *Wyrã* ‘pássaros’.

Kawio é preparado pelas mulheres de cada metade, com milho seco queimado, (torrado) misturado com água na panela grande. Este *kawi* é preparado simbolicamente durante

um ritual chamado *kawixygãwa* que foi mencionado acima. Podemos dizer também para esse acontecimento que assim é feita a instalação de *kawi* logo no início da festa. *Kawi* ou *kawio* são instalados sempre para dois lados, *Wyraxiga*, do lado Sul e *Araxã* do lado Norte da *Takãra*.

É importante registrar outro ritual importante que faz parte da iniciação de rapaz que acontece no período da tarde e no mesmo dia de *kawiaximynãwa*. Segundo Korako e Xakareo'i, estes dois rituais, *kawiaximynãwa* e *myykipyra* acontecem no mesmo dia. Estes rituais fazem parte do ritual de iniciação do rapaz. Infelizmente estes rituais estão na fase de extinção. Os rituais não se realizam a mais de quatro décadas.

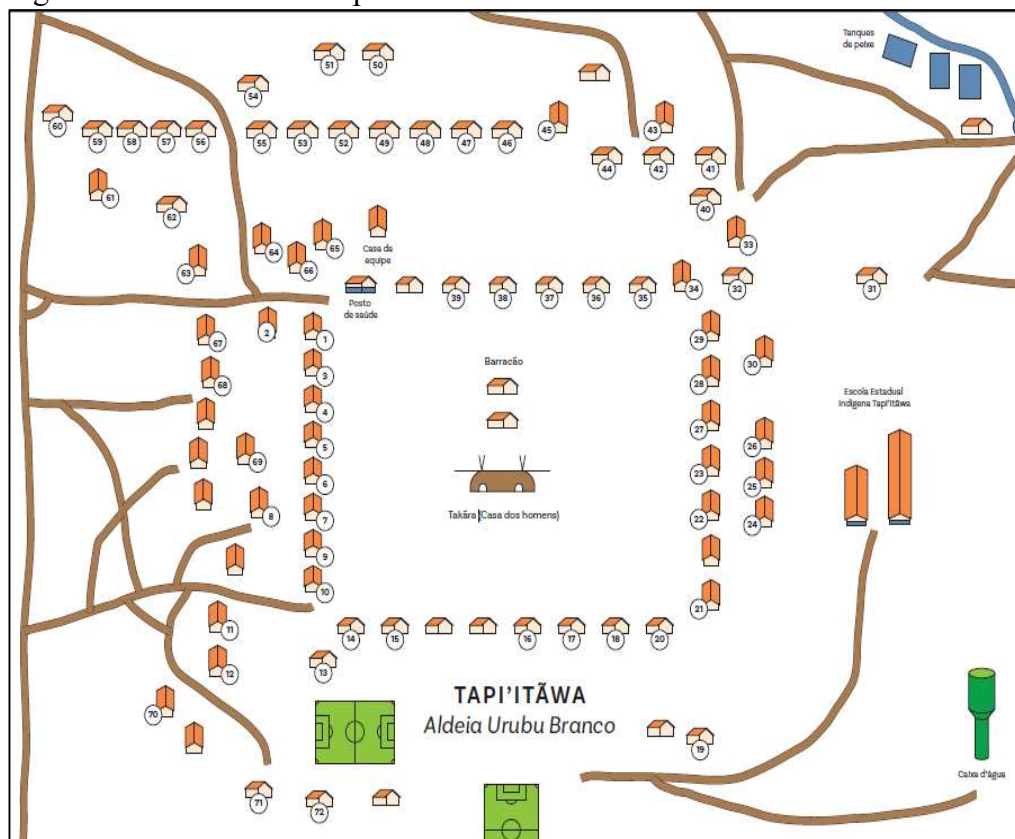
Segundo Korako, o ritual de *myykipyra* começa na *Takãra* e segue para a direção sul circulando em forma anti-horária. Os homens cantam e dançam no pátio de todas as casas até concluir a volta inteira adentrando novamente no caminho que saiu. Nesse ritual acompanha *Awa'yao* 'rapaz' que passa por *xeakygetaxiãwa* 'ritual de iniciação' do último ciclo da fase. Então nesse caso, *kawi* sempre foi importante para todos os rituais Apyãwa. Korako sabe algumas partes dos cantos de *myykipyra* que no momento não disponibilizamos.

Depois do encerramento do grande ritual Apyãwa, por exemplo, *Wyrã* 'Pássaros' dirigem-se para *kawiymyna* para beber *kawi*, como *mytõ* 'mutum', *Xanoo* 'ema', *Axoro* 'papagaio', *wyra'ira'i* 'pequenos pássaros'. *Irewexyga* e *ka'io* sempre dirigem para *kawiymyna* para beber o *kawi* assim como os outros axÿga espíritos como *xyreni*, *koreweka*. Todos bebem *kawi* para despedir da aldeia dos vivos.

Na atual *Tapi'itãwa*, *kawiymyna* de *Wyraxiga* fica na casa que era das Irmãzinhas que é ocupada, pelo *Ima'awytygoo* representante *Wyraxiga* e outro *kawi* fica na casa de *Inamoreo* representante de *Araxã*.

Pelo que se analisa sobre as mudanças que vem acontecendo entre os atuais Apyãwa, as aldeias desde a década de 50, não são pensadas culturalmente. Todas as aldeias construídas na Terra Indígenas Urubu Branco *Tapi'itãwa* (figura nº 33) e a minha aldeia *Myryxitãwa* (figura nº 8) são construídos dessa forma. Na aldeia *Tapi'itãwa*, por exemplo, quando foi construída, nenhum líder principal ou líder cerimonial morava na casa onde fica *kawi*, onde agora Korako mora. Nesta casa quem morava primeiro era meu tio *Maiwi* que pertence ao grupo *Wyraxiga*. Quando Korako veio morar na aldeia *Tapi'itãwa*, *Maiwi* cedeu este espaço para ele, que é o correto, porque ele é um líder cerimonial, representante de *Araxã*. Do lado fica a casa do *Inamoreo*, atual líder cerimonial *Araxã*. Pela regra tradicional, na casa dele é que deveria ficar o *kawi*. Para o lado sul, onde fica *kawi* de *Wyraxiga*, quem ocupava o espaço eram as Irmãzinhas, que não eram propriamente Apyãwa.

Figura 33: Atual Aldeia Tapi'itãwa na T.I. Urubu Branco



Fonte: Sesai, 2021

A aldeia Myryxitãwa, é praticamente fora do padrão cultural. A minha casa fica na lateral da aldeia, ou seja, que fica mais para nascente do sol. Eu e meu irmão poderíamos ter construído a nossa casa para o lado Sul, na direção da *Takãra rakopi'ã*. A nossa aldeia é retangular. Assim outras aldeias atuais foram construídas em desacordo com o padrão cultural Apyãwa. Provavelmente as aldeias antigas eram pensadas de acordo com os rituais, como foi dito ante, levando em consideração a casa do líder principal de *Wyrã*, líder cerimonial do grupo da metade onde ficava *kawi*.

As aldeias que presenciei na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, algumas casas representavam os grupos de *Wyrã* onde permanecia ou se praticava ritual de *Kawio*. Na aldeia *Yywyitãwa* como dizia *Xeropy*, 'meu pai', existia casa do membro de *Wyraxiga* para o Sul e casa de participante de *Araxã* do lado norte da aldeia. A casa de um líder cerimonial *Araxã*, que era *Irawyo* representava *Araxã* nesta aldeia. Do lado Sul as casas de membros de *Wyraxiga*, inclusive, a nossa casa construída pelo meu avô *Ixyre'i*, a casa do *Xako'iapari*, *Taywi*, *Xawakato*. Assim também eram organizadas as casas na terceira aldeia Apyãwa chamada

Orokotãwa, também existiam casas de representantes de duas metades. Lembro claramente que o ritual de *kawio* ‘cauim grande’ ou *kawiypyarakãwa* ‘término do grande ritual de *ka’o*’, acontecia na casa de *Maakapyxowi* um dos líderes daquela época da década de 80 e 90. Era também filho de Korawã, um grande líder cerimonial Apyãwa dos anos 50 a 80. Do lado *Wyraxiga*, o ritual de *kawio* acontecia na casa de *Awarao*, que pertencia ao grupo de *Wyraxigio*.

A aldeia Majtyritãwa é uma aldeia construída na década de 90, que também não leva em consideração a questão do ritual. Era em formato retangular, sendo que as laterais direcionavam a nascente e o poente. O lado Sul estava tão distante da *Takãra*. A *Takãra* não foi construída no centro, ficava mais para o lado norte. Para o lado Sul, bem próximo de *Wyraxiga rakopi’a* existia campo de futebol e o centro da aldeia onde geralmente fica a *Takãra*, nesta aldeia o espaço era cedido para o campo de futebol que, antigamente, não existia nas outras aldeias Apyãwa.

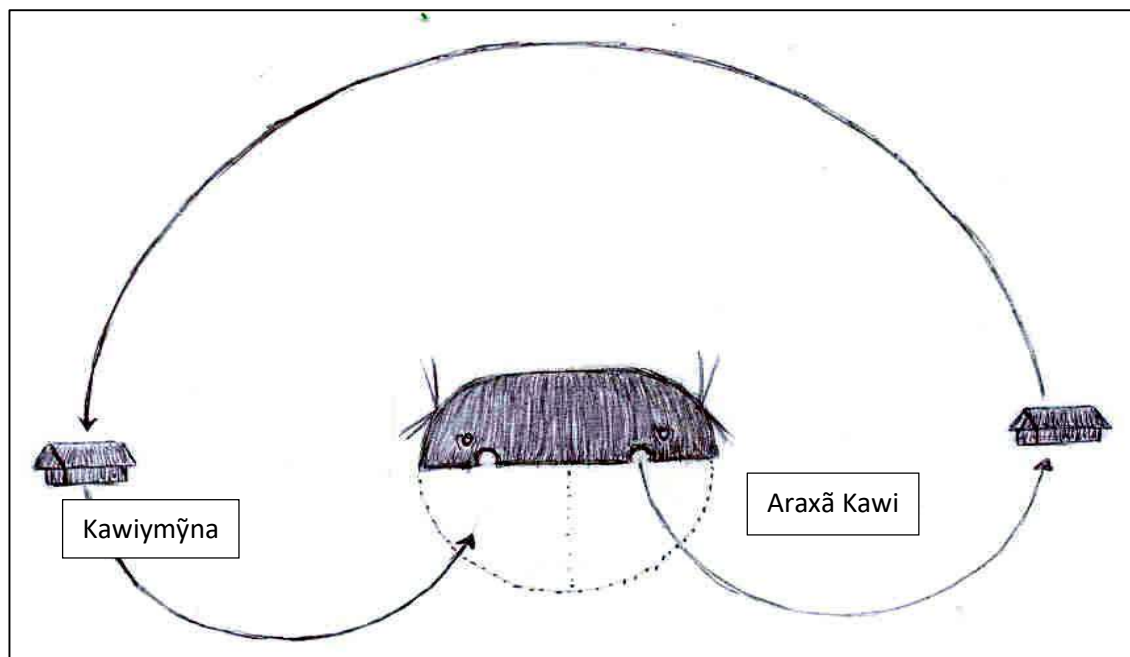
Por causa da grande distância entre a casa de líder cerimonial ou onde ficava *kawi*, foi improvisada para as casas das laterais da aldeia. Pela primeira vez na minha vida, presenciei improvisado, localização de *kawi* de *Araxã* e *Wyraxiga*. Para a direção nascente, a casa de *Taywi* e para poente a casa de *Ikaikã*, as casas de representantes de duas metades, onde preparava *kawio*.

Quando conversei sobre este assunto com *Xeropy*, ele confirmou que sim, realmente, foi muito improvisado por causa da construção do campo de futebol que não é da cultura Apyãwa. Isso levou os Apyãwa a fazer um grande erro cultural. Essa aldeia não tinha sido planejada de acordo com a tradição Apyãwa. Na minha vivência nunca presenciei um fato tão diferente como este, o improvisado do local de *kawio*. Nesta aldeia aconteceu vários rituais, inclusive, a do final da festa que se encerra com ritual de *Kawio* que se chama *kawiypyarakãwa*.

O ritual aconteceu nas casas de líderes que se localizavam para a direção nascente e poente que nunca tinha visto antes na minha vida. Como foi dito anteriormente que, esse ritual acontece nas casas que se localizam na direção Sul e Norte. Todos os rituais caminham para a direção Sul de *Wyraxiga* e de Norte de *Araxã*, (Figura nº 34) onde estão localizados *kawi* de *Wyrã*.

Kawio é o único ritual que se vê dirigindo para *kawi* de *Araxã*, mais *iypyarakãwa* ‘término do ritual’ sempre se encerra na casa de *Wyraxiga*, onde está localizada *Kawiymyña*, o *kawi* mais importante de *Wyrã*. Quando espírito de *wyrawyrã* ‘pássaros’ bebe *kawi*, todos vão para *kawiymyña* de *Wyraxiga* e depois vão para *kawi* de *Araxã*.

Figura 34: O percurso do ritual *Kawio* nas casas de *Araxã* e *Wyraxiga*



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2006

Como podemos ver na figura (nº 34) do ritual de *Kawio*, único que caminha para a direção norte, isto é, a casa de *Araxã*. *Wyrã* de duas metades participam do ritual cantando *Kawiepexynãwa* liderados por *Araxã* ou *Wyraxiga* até a primeira parada, (*kawi* de *Araxã*). Em seguida outro par reinicia até a casa de *Wyraxiga*. Na casa de *Wyraxiga* acontece o ritmo mais especial de *ka'o* que se chama *Kawiypyarakãwa*. Essa parte é geralmente é cantada por par de *Araxã*. Quando termina essa parte, é reiniciado pela dupla de *Wyraxiga* até o pátio da *Takãra*, onde acontecia troca de *Kawãwa* 'alimentos do *ka'o*'. Em seguida acontece tudo normal o canto do *Ka'o*.

Kawiypyarakãwa significa "término do *Ka'o*". É o final da festa. Segundo *Koraripewi*, este canto também veio do pássaro, o qual chama-se *Atyarã*.

Kawiypyarakãwa começa com o canto de *Kawiepexynãwa* dentro da *Takãra*. Todos *Wyrã* participam da dança. As mulheres também participam, acompanham e cantam fora da *Takãra*. As moças dançam pulando, acompanhando o ritmo da dança. Elas seguram nas mãos umas das outras. Elas acompanham todo o momento deste *Ka'o*.

A regra é, iniciar na *Takãra* e sair na porta do *Araxã*, porque esta festa é específica deste grupo. Quem lidera o canto é ele. A dupla que lidera o canto usa "Ywyrapãramoro", arco tradicional do cacique. Toda vez que uma dupla liderar o canto, usa-se o arco. Nesse caso, as mulheres também acompanham em frente a porta do *Araxã*.

A festa começa na *Takãra*, seguindo para a casa de *Araxã*. Da casa de *Araxã* o grupo de *Wyraxiga* pega o arco indo para a sua casa. Ao entrar nesta casa faz-se um pequeno intervalo. Para dar continuidade à festa do *Ka'o*, o *Araxã* novamente segura o arco cerimonial para cantar *Kawiypyarakãwa*, ou seja, "terminar o *ka'o*". Nesse momento, quem canta são aqueles que sabem do *Kawiypyarakãwa*.

Este é o ritual mais importante, e o mais complexo do *Ka'o*, pois exige da sequência de música, do início até o término. Agora todos os homens se organizam em forma de círculo dentro da casa, uns ficam atrás dos outros. A dança é lenta e acompanha o

ritmo do canto. Uma mulher canta acompanhando a mesma música que a dupla canta. Outras mulheres acompanham a multidão.

Quando termina esta parte, Wyraxîga novamente segura o arco levando para o pátio da Takãra. Nesse momento o povo vai caminhando para o pátio cantando. No pátio da Takãra termina esta parte.

Todos descansam um pouco. Agora acontece “Xepanogãwa” (A refeição que as mulheres trazem para comer). Cada metade oferece seu “Kawãwa” (comida do ka’o) para a outra. As mulheres que pertencem ao grupo Wyraxîga levam Kawãwa para Araxã no terreiro dele, da mesma forma, Araxã traz para Wyraxîga. Todos participam da refeição. Ninguém pode ficar fora desta refeição cerimonial: as crianças, os jovens, os adultos e os velhos podem comer Kawãwa. Em seguida começa de novo o Ka’o até o dia amanhecer. Assim acontece atualmente, o grande final do ka’o. (TAPIRAPÉ, N. K. 2006, p. 34-35)

Os rituais que conheço como *marakayja*, *kawawoo* e *Karaxao* também fazem círculo anti-horário. Nunca vi início para a direção norte. Existem também outros rituais como *Kawiaximynãwa* e *Myykipyra*. Segundo Xakareo’i, além de Marakayja, existem dois formas de realizar festa de *Awa’yao*. Aqui me refiro especialmente dos rituais que estão na fase extinção, *Kawiaximynãwa* e *Myykipyra*.

5.2 A Takãra como lugar e espaço socioeducativo do povo Apyãwa

Na cultura Apyãwa existem momentos e espaços socioeducativos mais importantes que nós percorremos como homem por exemplo. Entre os Apyãwa, a criança começa a aprender e a praticar os ensinamentos desde pequena. Vamos dar um exemplo muito simples, no caso da menina. A mãe pede para ela distribuir alimentos para a família ou vizinhos. Toda vez que a mãe cozinha alguma coisa ou quando o pai pesca ou caça alguma coisa, ela sempre quer fazer essa atividade de distribuição. Isso é muito importante porque, assim, ela está aprendendo a conhecer também a sua família, sua tia, seu tio, seu avô. Essa é uma prática comum entre os Apyãwa que é muito forte culturalmente.

Na cultura Apyãwa, são as duas famílias, tanto da parte paterna como da materna, que participam da educação da criança. Os pais são os mais responsáveis porque com eles que a criança tem mais contato, ou seja, a criança convive mais diretamente com a mãe e pai. Depois, tem os tios e as tias que cumprem a função de contribuir com os ensinamentos da criança. Na análise atual, a criança de hoje aprende mais com a família da mãe, porque convive mais com as tias e os tios, o avô e a avó materna. Com a família da mãe a criança tem mais contato.

A partir do momento que a criança vai crescendo, vai aumentando suas interações em espaços de aprendizagem com outros grupos de pessoas. A criança vai ter mais contato com outras pessoas, onde também vivencia diversas atividades na aldeia. Arrisco-me afirmar que, a

criança começa a atuar num espaço pequeno e a tendência é só aumentar a abrangência espacial, conforme a sua idade.

O menino a partir dos onze anos, ou melhor, na fase de *Awa'yao'i* – na primeira iniciação, ele começa a aprender e participar ativamente de atividades dos homens, na caçada, na pescaria, na roça, na prática ritualística e na construção da *Takãra*. Neste caso, o menino, agora considerado rapazinho, aprende com *Wyrã* – comunidade de homem adulta. De modo semelhante, acontece com a menina, conforme o crescimento dela vai tendo contato com mais gente e com o coletivo das mulheres.

O papel dos pais e dos avôs é de suma importância para a formação do ser Apyãwa. É muito importantes que os pais fiquem vigilantes e atentos para todas as eventualidades da vida da criança. No caso da criança *Apyãwa* demonstra interesse em aprender, quando pede para o pai ou para seu avô ou até mesmo para a sua mãe alguma coisa. Outro sinal importante que os pais precisam ficar atentos é quando imita tudo que acontece em volta dela. A criança reproduz o que o pai ou a mãe gostam mais de fazer. Este é o momento certo de incentivar mais e aproveitar o momento certo para ensinar. Os pais ou as pessoas da família não podem perder esta oportunidade de incentivar a criança por uma coisa certa.

Como foi dito acima, é quando a criança imita, ou quando pede ajuda ou pergunta alguma coisa, é momento que os pais precisam ficar atentos. Por exemplo, quando em 2021 estávamos no momento de *Axywewoja* ‘espíritos de alegria’ – os homens saem vestidos com roupa de buriti da *Takãra* e dançam com as mulheres. As duplas dançam e cantam. Os meninos, vendo isso, imitam os adultos, começando a cantar trechos dos cantos quase todos os dias e também acham qualquer coisa para reproduzir a vestimenta do ritual e cantam, dia a dia.

A criança aprende a praticar as atividades no seu espaço de convívio, seja, na casa, no terreiro, no lugar mais longe quando acompanha seus pais. A aprendizagem da criança é seletiva, ou seja, ela aprende observando, presenciando, praticando junto com os pais o que mais gosta.

No caso da criança pequena, aprende mais na aldeia e na casa aquilo que a família pratica. No caso do menino, se for mais grandinho, ele vai aprender na *Takãra*, na roça, na pescaria no rio e no lago. Na *Takãra*, o menino *Awa'yao'i* ‘rapazinho’, aprende a cantar, a dançar ou aprende como funciona a organização social do povo. Aprende também com os adultos e anciões, as histórias e narrativas do nosso povo. Toda a aprendizagem se realiza em etapas. Os homens aprendem a vida dos adultos, as atividades de *Wyrã*.

Aprendem a dançar e cantar. Para aprender a cantar os cantos, a pessoa tem que ter muita vontade, diante do que vivemos na atualidade, pois a interferência da cultura *maira* agora é muito forte. A todo o momento vivemos a vida de duas partes, por isso os jovens principalmente precisam de muita vontade de querer aprender. É óbvio que não conseguimos escapar da vivência de dois mundos, mas, precisamos pôr em mente que a nossa sabedoria, a nossa cultura, as nossas festas são mais importantes de tudo para a sobrevivência e manutenção que possa dá continuidade.

A'ê ramõ Takawytera epe 'op ma'e kato re xema'eãwa. Apyãwa rekakato kwaapãwa. Takawyteripe raka'e mi awa'yao ikwaãwi akoma'e rekareka, akoma'e te'omaomara. Epe raka'e mi akoma'e ikwaãwi maragetã wyrã wi. Takawyteripe raka'e awyra ata'ywa ia ikwaãpa tarywa re xamaarypãwa, te'omara re xamaarypãwa, te'omara re xamaarypãwa, marymaryn kaãwa ikwaãpa. A'ê raka'e mi akome'o irota waty agy awaxa agy we awyra ropi. A'ê ramõ raka'e mi awyra ropi wãra ikwaawi ma'e agy ikwaãwi akwãpa ma'e re xamaarypãwa. Pátio da takãra é espaço apropriado para coisas boas. (TAPIRAPÉ, J.O.2018, p.11)

Figura 35: Danças de *Marakao* com participação de mulheres na Takawytera



Fonte: @kbin_borba, 2013

'Takawytera - 'pátio da Takãra' é espaço muito importante para difusão de saberes importantes para os Apyãwa. É neste espaço que os jovens aprendem a vida dos adultos, o trabalho do homem. Serve também para planejamento de atividades da comunidade e decisões políticas e também para decisões das atividades cerimoniais' (TAPIRAPÉ, J. O. 2018, p. 11).

Takawytera é um espaço muito importante para as práticas culturais, onde as mulheres e moças participam diretamente de algumas atividades como, por exemplo, a dança de *Marakao* e *Marakaxawãja*, o qual acontece na parte da tarde depois de encerrar a dança de *Marakayja* que só os homens participam. Esses rituais também são chamados de ‘*Ara rarywa* – ‘rituais do dia’. Neste ritual as mulheres escolhem o par para dançar e depois será compensado por porcão, tartaruga, produtos da roça e cestaria. Atualmente também essa dança é paga pelo objeto manufaturado das cidades como missanga, linha para fazer rede e também roupas.

As mulheres participam também do canto de *ka’o* que acontece só a noite. A mulher que escolheu seu par no ritual de *Marakao* e *Marakaxawãja* é obrigatoriamente participar da dança de todas as finais que acontece de manhazinha. Dessa forma a mulher é muito bem compensada pelo homem.

5.3 Maxirõ – Atividade de roça coletiva

Nessa parte quero tentar mostrar que existe uma atividade muito importante que acontecia entre os Apyãwa, vistos pelos etnólogos Baldus em 1935, pelo Wagley em 1938 e por fim pela Judith Shapiro que pesquisou com mais detalhes em 1966 na *Tawyao*. Wagley (1970), dizia que as Associações Pássaros eram mais do que organizações cerimoniais. Que *Wyrã* desempenhavam funções econômicas fundamentais, ou seja, era muito importante para atividade coletiva de *Wyrã* onde produziam alimentos para o ritual. Essa atividade de *Maxirõ* acontecia na *Takãra* liderados por dois grupos de *Wyrã*. Então essa prática de organização social de *wyrã* foi pesquisada detalhadamente pela Judith Shapiro, outra pesquisadora americana em 1966. A pesquisadora era orientanda do próprio etnólogo Wagley. Talvez por isso que foi direcionada para analisar o *maxirõ* dos Apyãwa. Agora, recentemente, foi mencionado no trabalho de Paula (2014) porque o ritual de *Maxirõ* não se realiza mais desde muito tempo.

Alguns rituais praticamente desapareceram, como o *Maxirõ* e o *Awara’i*. A não realização do primeiro está relacionada à forma coletiva de preparar as roças e evidencia o quadro atual no qual o trabalho agrícola ficou em segundo plano em razão da facilidade em se obter alimentos industrializados comprados na cidade em detrimento dos produtos obtidos através da lavoura. A entrada de salários em grande quantidade, proporcionada pelos empregos na saúde e na educação, e os benefícios concedidos pelo governo federal geraram essa situação. São poucos os Apyãwa que ainda se preocupam em fazer as roças. (PAULA, E.D., 2014, p.59)

Quando em 2021 entrevistei *Xakareo’i*, ele me relatou exatamente o que foi registrado pela (PAULA, 2014). Dessa forma quero registrar neste trabalho como era realizada *maxirõ* no

passado e por que não se realiza mais atualmente. Os Apyãwa antigamente tinham uma organização social importante para *Xemi'orogãwa*, ou seja, 'atividade de produção de alimentos' para *tarywa* 'rituais'.

Segundo *Xakareo'i*, *Maxirõ* era organizado pelos *Wyrã* e sempre era liderado pelos líderes cerimoniais do grupo. *Maxirõ* era uma atividade propriamente dos homens que acontecia *Kwaripe*, 'tempo da seca'. No calendário de *maíra*, podemos dizer que acontecia nos meses de junho a julho. As mulheres preparavam comida e levavam na estrada para os homens comerem todos os dias quando trabalhavam.

Essa atividade é considerada importante para produção de alimentos para a família e em especial para *Wyrã* que são uma organização próprio dentro das atividades Apyãwa. *Maxirõ* é uma atividade e ritual para preparo da roça para beneficiar vários tipos de festas. A maioria das produções de alimentos que levavam para *Tataopãwa* por exemplo, eram das roças, que eram preparadas em coletivamente, geridos pelos *Wyrã* com intenção de sustentar o povo e também aos espíritos - *axyga*.

Xakareo'i e *Korako* disseram também que *Maxirõ* não é apenas atividade de roça, considera que *Maxirõ* é *tarywa*, festa da roça. Eles afirmaram que antigamente, os Apyãwa tinham roça familiar como de hoje, porém existia roças preparadas pelos *Wyrã*. A maioria das roças eram voltada para beneficiar as festas que acontecia todo ano. Vamos dar um exemplo, no ritual de *tawã* cada família doava banana para o dono de *Tawã*. Esse ritual tem como alimento principal *aepakygama'e* 'banana comprida'. Outro alimento que *axyga* come é *mexo* 'beiju', tapioca de mandioca misturado com amendoim.

Maxirõ acontecia todo ano independente se acontecia ou não o grande ritual. Essa atividade tem seu calendário próprio que não depende de outros rituais como de *iraxao*, de ritual de iniciação de rapaz e de *tawã*. A atividade de *Maxirõ* pelo que dizem realmente acontece depois da grande festa que termina no verão. Esse período de intervalo existe para o preparo da roça na qual todos se preparam para este fim.

Xakareo'i usou uma palavra muito significativa que é "*Yapema*". É uma junção de palavras, (*ya* – *yãra* 'canoa' / *pema* 'chata') que tem o sentido de ferramenta chata que serve para cortar árvore. Essa palavra é mitológica, porque dizem que nossos ancestrais aprenderam atividade de roça com "*Xaytatao*" estrela cadente ou grande estrela, quando veio se casar com uma moça solteira. Quando esteve na terra ele pediu para os animais e pássaros derrubarem sua roça para produzir milho e outros produtos da roça. Ema era um pássaro que amarravam na sua

cintura *Yapema* para derrubar grande parte da roça. É por isso que os líderes Apyãwa dizem como diz Xakareo'i.

DEPOIMENTO 04 - Maxirõ a'e ramõ nyn. Anopy akwãpa ka, Araxã, Wyraxigio. A'e anopypãp ka, a'e ramõ 'a ikwaj yapema. A'era 'a ikapiri akawo. Nainowi ikwajtãwa mõ. Nynie kwee mi Korawã ikwaj nyn ranõ: Pexe xikapit e'i, epe xepe ro'õ karae mi ikwaj. Xikapit e'i, yapema xikwaj e'i. Epe xepe ro'õ. 'A'e mi ie, Epa e'i xe kwee mi. A'e ikwajtarera ka pe py aawo, a'ere myga ka pe, a'ere myga ka pe. *(Depoimento de Xakareo'i Tapirapé, 29 dezembro, 2021).*

DEPOIMENTO 04 - Maxirõ é assim. *Wyraxiga* e *Araxã* limpam a roça. Quando termina de limpar, aí autoriza a derrubada. Xakareo'i diz que nunca viu uma cerimônia para liberar atividade de roça. *Korawã* só dizia que estava na hora de derrubada da roça. Com simples gestos estava autorizada as atividades de *Maxirõ*. As atividades sempre iniciava na roça do líder, e depois nas roças de outros membros. *(Depoimento de Xakareo'i Tapirapé, 29 dezembro, 2021).*

Xeropy relatou sua vivência em Orokotãwa quando presenciou a realização de *maxirõ*. Membros de *Araxã* e *Wyraxiga* limpavam suas roças primeiro. Quando terminavam de limpar, os líderes autorizam *yapema*. Essa palavra era instrumento simbólico para início da derrubada da roça. A partir do anúncio de *yapema*, todos podem participar da derrubada da roça. Ele disse que com simples palavras anunciava trabalho. *Korawã*, líder de *Wyraxiga* na época dizia *pexe xikapit*, “vamos derrubar a roça! Com simples anúncios já estava autorizado atividade da roça. Lembra que ele só dizia isso para anunciar o trabalho da roça. Assim a atividade de *maxirõ* a princípio começa na roça do líder que anunciava *yapema* e depois na roça de outro e assim sucessivamente.

Quando os homens iam para atividade de mutirão, as mulheres preparavam comida para levar no local *maxiro apaãwa*, onde os homens comiam e se preparava para o ritual de *Wyrã*. Ali os homens chegavam para comer. Quando os homens terminavam de comer, as mulheres retornavam para suas casas. É importante lembrar também que os homens e principalmente rapazes se enfeitam tudo. Depois de tudo isso os homens deslocavam para a direção da aldeia e para o terreiro da *Takãra*. Isso acontecia igualmente atividade de ritual do final de *marakayja*. Só os homens participavam da marcha para *Takawytera* – pátio da *Takãra*. *Wyrã* dançavam e faziam gritos até chegar no pátio da *Takãra*. Então começava o ritual de corrida entre os atletas de duas metades de *wyrã* que são *Wyraxiga* e *Araxã*. A corrida iniciava

com menores guerreiros, *Awa'yao'i* – ‘rapazinho’. Os atletas mais preparados eram temidos pelos adversários. Esses atletas ou guerreiros eram dificilmente derrotados pelos adversários ou seus rivais.

É dessa forma que acontecia atividade do ritual de *maxirõ* entre os Apyãwa. As atividades prosseguiam quando existia mais roças. Então outro líder anunciava novo *yapema* para iniciar atividade na roça do outro líder. Então e dessa maneira que se prosseguia atividade de roça, sempre anunciada novo *yapema* para fazer atividade na outra roça, até terminar de derrubar todas as roças.

5.4 Novo Maxirõ ‘atividade coletiva’ atual

Agora podemos analisar na atualidade, como é realizada a roça entre os Apyãwa. O trabalho de *maxirõ* não se realiza à mais de quatro décadas. Me lembro que eu presenciei o *Maxirõ* na aldeia Orokotãwa, quando era rapazinho, inclusive participei da corrida depois dos adultos retornarem da atividade da roça. Os diários das Irmãzinhas de Jesus confirmam o que foi dito acima a última vez realizada em Orokotãwa.

1983 - março: os TAPIRAPÉ renovam a ‘TAKARA’ Festa de AWARA’I e IRAXAO (ver carta de MYRTHES). maio/junho ‘TAWA’ e festa de rapaz de WARE’I
julho> MAXIRÕ ou mutirão para a derrubada das roças. (Diários das Irmãzinhas)

Lembro claramente também que perto da aldeia Orokotãwa existia *Maxirõ apaãwa* ‘realização de *Maxirõ*’ na estrada acesso para roças e a cidade de Santa Terezinha. *Maxirõ Apaãwa* estava perto da bomba da água uma distância de 400 metros da aldeia. É neste lugar que as mulheres aguardavam com bastante comidas para recepcionar a chegada dos homens de *maxirõ*. Hoje em dia não há *Maxirõ apaãwa*, porque não se realiza o trabalho de *wyrã* que antigamente era muito importante para organização social de *Wyrã*.

Contudo, quero trazer aqui a nova configuração da organização de *Wyrã* que não acontece na *Takãra*, mas que, executa a mesma atividade. Agora acontece organização de *wyrã* só na limpeza da roça, *Ka'anopyãwa e Kapiãwa* ‘derrubada da roça’. A primeira roça coletiva que aconteceu aqui na Tapi'itãwa, foi em 2014 por iniciativa dos jovens estudantes da especialização na Universidade Federal de Goiás. Essa roça coletiva tinha objetivo de atender o ritual, principalmente ritual de *Tawã*, uma vez que até então a banana era adquirida da cidade. Então este projeto surgiu a partir da preocupação com a questão do ritual. A iniciativa não deu muito sucesso, por que não teve controle e por isso não se prosseguiu.

Os idosos sempre lembram que não se compravam farinha e banana para o ritual de *tawã*, pois eram produzidas nas roças das famílias em Orokotãwa. A farinha era preparada por

cada grupo ante de sair para a grande caçada de porcão para o ritual de *tawã*. Então esse tipo de relato incentivava a geração de hoje. Esse costume mudou tanto que era necessário repensar a questão da organização de trabalho para atender os rituais. Então penso que essa forma nova de organização em grupos de *wyrã* iniciou a mais de trinta anos atrás quando os Apyãwa não praticaram mais atividade de *maxirõ* no ritual.

No ritual de *tawã*, antigamente as mulheres faziam farinha para os homens levarem na caçada, outra era feito pelos homens de *Wyrã* para ser distribuída entre os *Wyrã*. Hoje em dia, alguns levam farinha para si e outros são comprados que atende os caçadores e outros deixam na aldeia para ser distribuídas entre *Wyrã* no ritual de *tawã*. Como foi dito que, *tatã* a muitos anos vem sendo compradas na cidade para o ritual.

Agora recentemente, em 2019, retomou de vez esse trabalho coletivo de cada grupo de *Wyrã* preparar e plantar a roça, para atender o ritual de *tawã*. Grupo de *Wyraxiga* fez roça para bananal que está localizado na divisa com a fazenda “Luta” da soja. *Araxã* fez roça para banana próximo à aldeia Myryxitãwa. É segundo ano em que, essas roças estão produzindo banana para *Wyraxiga* e *Araxã*, e por enquanto estão sendo distribuídos entre si. Em seguida, *Wyrã* continuou fazendo roça, agora para mandioca que também vai atender os rituais. Nesse ano de 2022, preparamos a terceira roça grande de *Wyrã* que vai plantar banana, arroz, amendoim, batata-doce, cara, inhame, milho.

Essa roça também foi apoiada pelo projeto emergencial da Fepoint. O projeto apoiou na aquisição de ferramentas, combustível para dois caminhões para transportar grupos de *Wyrã* para atividades de roça. Apesar que esta atividade não tem a mesma configuração, mas que, tem a mesma função de atender e agradar aos Axÿga ‘espíritos que moram na Takãra, como *tawã* e outros rituais.

Muita gente idosa questiona a forma que tratamos os rituais e principalmente *axÿga* ‘espíritos dos rituais’ e *xane’ÿga* ‘espíritos dos nossos ancestrais’. *Xakareo’i* e *Korako* afirmaram que ainda é possível retomar o *Maxirõ* da forma ritualística, como acontecia nos tempos passados. Eles sugerem que a atividade da atualidade da roça pode se adequar como os Apyãwa trabalham hoje. Sugerem que, um grupo de *Wyrã*, por exemplo, *Wyraxiga* ou *Araxã*, podem anunciar *yapema*. Neste caso, as atividades de *maxirõ* acontecem na roça do grupo de *Wyrã* que anunciou primeiro *yapema*. É nesta roça que todos os homens vão fazer a derrubada até terminar. Depois outro grupo de *Wyrã* anuncia *yapema* onde todos os homens serão convidados para fazer a derrubada da roça. Atividade de roça pode acontecer todo dia, mas, lembrando que à tarde acontece o ritual de comer e corrida de guerreiros todos os dias de

maxirõ. O ritual de comer e corrida são partes fundamentais do ritual de *maxirõ*. É importante lembrar novamente que os rapazes (os jovens) se enfeitam com penugem de pássaro (*wyraãwa*) em todos os rituais de *maxirõ*.

Xakareo'i acha que é muito importante praticar o ritual para que os jovens possam conhecer. E continua dizendo que, Korako e os outros, vivenciaram a realização deste ritual, quando eram realizados na aldeia Orokotãwa. Lembraram ainda que o ritual de *maxirõ* acontecia na época do ritual de *Axywewoja*. Disseram que viveram os rituais e por isso sabem como acontece, mas, que não praticamos atualmente por falta de iniciativa. Eles veem que, a forma que se trabalha hoje em grupo *Wyraxiga* e *Araxã* se encaixaria tranquilamente no ritual de *maxirõ*. E diz, 'imaginemos que vamos derrubar roça de um grupo e depois outro grupo anuncia para derrubar a roça deles também. Assim todos os homens, ou seja, os dois *Wyrã* trabalham juntos na roça até concluir a derrubada da roça. E reforça que, o trabalho de *maxirõ* fica melhor ainda porque estão fazendo uma roça para *Wyraxiga* e uma roça para *Araxã*. Então o trabalho facilita para que aconteça o ritual de *maxirõ*. Recorda que, antigamente era mais trabalhoso de realizar *maxirõ* por que cada família tinha roça.

Assim os grupos trabalhavam de manhã e na parte da tarde retornava para aldeia para alimentar, preparar os enfeites pessoais que eram usadas no ritual e na corrida na aldeia. Os homens chegavam na aldeia quando o sol estava abaixando, porque tem que haver tempo suficiente para o preparo. Acho muito importante que se pratique e retome o ritual que nunca acontece à décadas. Contudo, existe dificuldade de realizar por falta de organização de *wyrã* e ter confiança nos sábios para acompanhar. "*Nós sabemos. Eu conheço, Korako sabe, Wario, Oroope'i, Moo'ytawi, Kaorekato'i, sabem como realizar o maxirõ. Penso que poderemos apenas conversar e propor para realizar o ritual. Para mim falta a gente conversar e depois praticar*". Diz Xeropy.

Deixamos esse relato dos sábios que serve para reflexão de Apyãwa, que o *maxirõ* pode ser concretizado da forma ritual no futuro. Esse ritual é muito importante para fortalecimento dos grupos sociais de *wyrã* que existe entre os Apyãwa.

5.5 Calendário dos rituais: Aynime 'período chuvoso', Kwaripe 'período da seca'

O calendário dos rituais, foi pensado para mostrar melhor para os leitores as épocas que se inicia e a época que termina. Penso que é um calendário circular, ou seja, que acontece nas mesmas datas e períodos com as regras e sequencias de cada rituais. Nesta figura, a cor azul

representa a época da chuva e a cor vermelha representa a época da seca. Geralmente os rituais iniciam no período da chuva e termina no período de seca.

Figura 36 - Calendário dos rituais Apyãwa



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2022

Podemos pensar que o calendário dos rituais Apyãwa é de forma circular permanente, porque sempre retoma todos os anos do início e o fim todas as atividades. O ritual sempre inicia com *xepaanogãwa* e *Tataopãwa* para trazer alegria para os espíritos.

Xakareo'i diz que, não conseguimos passar todos os ciclos festivos em 2022 por causa do falecimento de Korirã e logo depois do menino Awaxowa em Majtyritãwa. Neste caso, se começar o ritual Apyãwa, inicia-se com *xepaanogãwa* e depois *Tataopãwa*. Falou ainda que nesse momento estamos indo para o período de *Axygerakeãwa* 'abertura para o retorno de Axÿga' que é comum acontecer no final do ano.

É muito importante entender também que *axygerakeãwa* é momento de abertura para rituais que trará alegrias para *Wyrã*. Os homens buscam *axÿga* fora da aldeia e adentra na *Takãra* que considero como abertura oficial do ritual Apyãwa. A partir desse dia já começa as primeiras atividades dos homens. Geralmente acontece com a construção da nova *Takãra*, na qual, acontece atividades de *Wyrã* em grupos construindo suas partes buscando materiais

necessários para a construção da *Takãra* sem nenhuma interrupção. Durante uma semana de atividade, acontece cantos de *Karaxao* ‘cantos de kayapo’ no mato todos os dias até ao retorno para aldeia. Trago aqui alguns cantos de *karaxao* que acontece durante a construção da *Takãra*.

5.6 Karaxao Marakã – Canto de Kayapó

Hee'aaa he'a;	
<i>Hoxara hoxara hie;</i>	<i>Tirexã tirexã hooo;</i>
<i>Hapakanaxowe hapakanaxowe.</i>	<i>Wenoro hakykyrixe.</i>
<i>Hiraekopetena hikirere;</i>	<i>Amyna pereka hee;</i>
<i>Hiraekopetena konate konate.</i>	<i>Hate xako xako hihire;</i>
<i>Wekahemo hemo;</i>	<i>Hate xako xako hihire ananatirewe;</i>
<i>Hemoritaxowa hemoritaxowa;</i>	<i>Hate xarinerine.</i>
<i>Hemo hemo.</i>	<i>Haxaryja hi iropa wyrã;</i>
<i>Hej'a a hej'a;</i>	<i>Hii myryxiryna pe;</i>
<i>Ereteke ixope ereteke ixope.</i>	<i>Waxoxoni waxoxoni haripekoxo.</i>
<i>Hariekiera xarikiera xanemaytoparakare;</i>	<i>Temiape temiape;</i>
<i>Amyna korowatirexa;</i>	<i>Temiape miape;</i>
<i>Amapiekã apiekã apiekã.</i>	<i>Wyrapani wyrapani heehe</i>
<i>Wewe tirexa;</i>	

O canto de *Karaxao* é específico para atividade na construção da *Takãra*. Existe momento que não há necessidade de cantar *Karaxao* porque a *Takãra* não precisa da reforma. Neste momento não foi feito uma pesquisa aprofundada sobre o contexto dos cantos, contudo, tem forte diálogo com a natureza. Segundo Tokyna, mitologicamente, os Apyãwa aprenderam essa prática com ancestral de *Karaxao* ‘Kayapó’.

Outro momento importante que merece ser relatada é retorno de *Axÿga* ‘espíritos de rituais’ para a *Takãra*. Cada momento é importante para a entrada de *Axygã*, por exemplo, logo depois de concluir a *Takãra* chega espírito *Xaneramôja* ‘nosso avô’, para morar na *Takãra* durante todo o ritual. *Xaneramôja* são espíritos de dois irmãos que assassinaram seus filhos para defender a *Takãra*, porque antigamente, as crianças não podiam entrar, somente *Awa 'yao 'i* ‘rapazinho’ e *awaxewete* ‘adultos’. *Xaneramôja* é um dos *axÿga* mais temidos que acompanha todo o ciclo do ritual, que autoriza *Takãra mamieãwa* ‘ato de perfumar *Takãra*’. Segundo *Xakareo'i*, perfumar *Takãra* é ato ritualística que se compreende como convite para a fartura de caça. É ato de conexão com espíritos de animais que através disso os donos das caças oferecem seu produto para *wyrã*.

Na cosmologia Apyãwa, entende-se que os animais são seres igual nós, vivem em aldeias igual nós. Ato simbólica nas quais conectamos com os animais e peixe que tem sua vivência como a gente. Entende-se que só dessa forma fazemos contato com os animais. Assim

os animais ficam alegre, em troca oferece suas coisas para *wyrã*. Segundo *Xakareo'i*, os *Apyãwa* entendem que para ter apoio da natureza precisamos ter ritual, assim a natureza oferece alimentos com abundância para o ritual sem precisar de adquirir. Por isso a vida *Apyãwa* é inteiramente ligado com sobrenaturais onde fazemos bem para ele, e como recompensa oferece sua produção.

Podemos ver também que o ritual começa no início da chuva e termina na seca. Existem rituais que acontece no período chuvoso e outros no período da seca. No período da seca acontece *axywewoja* ‘ritual de alegria’ e também preparo de roça. Antigamente era realizado ritual de *maxiro*, que atualmente não acontece, mas que, a mesma atividade coletiva *maxirõ* acontece de outra forma que foi tratada acima neste trabalho. Os rituais que acontecem no período da chuva inicia com *Xepaanogãwa* e vai até o ritual de iniciação com cantos de *Marakayja*, *Marakao* e *Marakaxawã*. Os rituais que acontecem no período da seca são rituais de *tawã* e vai até a grande final de *ka'õ* (*Kawio*).

Em seguida haverá apenas *wyrãxepaanogãwa*, despedidas de *wyrã* da festa, finalizando com distribuição de *kawi* para lideranças cerimoniais, “caciques”.

Figura 37: Porcão assado - alimentação preferida de Tawã



Foto: Serge Guiraud, 2013

Figura 38: Tawã – Espírito de Kayapó



Fonte: Serge Guiraud, 2017

Aqui trago as imagens de espíritos (Figuras 38-39) de *tawã* que compõem os rituais que assim se identificam: A máscara de *Karaxao* - Kayapó é enfeitada com pena azul e vermelha de arara que representa a pintura facial de Kayapó. Na parte lateral, utiliza-se pena do rabo vermelha de arara, também rabo de carcará e do papagaio. A máscara de *Kopi* é enfeitada com pena amarela, vermelha na parte facial, as laterais com rabo de arara, rabo de carcará e rabo de papagaio. Da mesma forma, o amarelo e vermelho da pena de arara, o rabo vermelho para as laterais da máscara de *Karaxã* – Karajá. Este espírito é Kapitãwa¹⁴, ou seja, líder, por isso, o comportamento deste é diferente dos outros espíritos. No momento do ritual estes espíritos saem todos juntos, primeiramente, fazendo contato com seus donos e suas donas. Em seguida, junto com a multidão, dando uma volta até concluir a volta da aldeia, até que finalmente, entram na Takãra. Além de *Tawã*, participam também os espíritos *Karaxao 'ywera*, que se veste com roupa velha e com rede, com tacape e arco/flecha na mão. Este espírito também faz parte do ritual *Tawã*, e também se alimentam de *tatã* ‘banana’ e de *taxao* ‘queixada’. Segundo Baldus, (1970,

[...] os *kopi* vivem exclusivamente na selva, ao noroeste, muito perto de Tapi'itãwa: “têm o tamanho de um homem, mas dormem no chão e não em rede. Além de arco e flecha, não possuem nada. São ladrões que comem as

¹⁴Segundo a narrativa Apyãwa, o Karajá assassinado era um líder da época, por isso que este espírito se comporta calmamente, diferentes dos dois que são mais agitados. É ele que determina o início do grito, o movimento dentro e fora da Takãra.

bananas, o milho, a mandioca e as outras plantas cultivadas pelos Tapirapé, segundo me informaram imigrantes, como Maninohó” (BALDUS, 1970; p. 366).

Esses são os relatos registrados pelo etnógrafo alemão quando visitou os Apyãwa na década de 30 a 40 do século XX, confirmando a existência deste grupo que, infelizmente, foi extinto.

5.7 Relato da vivência no ritual

Quero compartilhar aqui anotações feitas por mim sobre o ritual que aconteceu em 2021. Esse ritual aconteceu em plena Pandemia, porque precisava retomar os rituais mesmo com sentimentos da perda de três anciões importantes para o Covid-19. No ano de 2020 não aconteceu ritual porque, o povo Apyãwa estava no período de muita preocupação com a doença e muitas famílias estavam afastados da aldeia tentando escapar da Covid-19 e infelizmente estávamos lutando contra um inimigo invisível perigoso que não se combatia com arco e flecha. Por isso quero trazer anotações do último ritual de *Tawã* e outros rituais que aconteceram na aldeia Tapi'itãwa.

5.8 Ritual de *Tawã*

Os homens saíram para caçar no dia 08 de junho de 2021 e retornaram no domingo, no dia 13 de junho de 2021. Já na chegada da noite os homens cantaram, dançaram *ka'o*. Segundo *Xeropy*, *ka'o* acontece desde sempre na chegada dos caçadores. O dia amanhece, e todos estão se preparando para a festa de *Tawã* que vai acontecer amanhã no dia 15 de junho. *Ka'o* continua todas as noites se os homens não cansarem.

Então, agora é oficial, o ritual de *Tawã*. Todos estão preparados pintados desde ontem, outros que não pintaram, pintam de manhã. Os donos de *Tawã* estão mais na correria, preparando tudo para que aconteça tudo certo, preparando *taxao* 'porcão', *matãwa* 'pirão', *tatã* 'banana', *kawi* 'cauim' que vai ser levado para *wyrã* na *Takãra* depois da saída de *Tawã*.

Neste ano os donos de *Tawã* são: Awatori e Maray, representante de *Wyraxiga*, Kaxowario e Piri'i representando *Araxã*. Todos estão preparando para o início do ritual de *Tawã*, *axepwynga*, ou seja, 'avermelhando o pé' com urucum e passando urucum e óleo de tartaruga no copo dos homens. As moças enfeitadas, colocando os adornos e colares de miçangas.

As aldeias vizinhas, Akara'ytãwa, Myryxitãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Inataotãwa e Majtyritãwa estão todos convidados e chegam cedo.

De manhã cedinho, as mulheres de *Wyraxiga* e de *Araxã* são convidados pelo Awatori e Kaxowario para receber bananas que já estava tudo separado desde ontem. Quando chegamos de Myryxitãwa, Eiri já foi na casa de Maray receber a sua parte. Todos receberam sua parte.

Então começa o ritual de *Tawã*, os homens chegaram na *Takãra* todos enfeitados. Cada grupo grita sucessivamente durante a preparação do *Tawã*. Este ano quem saiu foi Iroka'i com *Tawã Kapitãwa* que pertence ao grupo de *Wyraxiga*. Iroka'i é um rapaz muito novo, que só tem 21 anos de idade.

Figura 39: *Tawã* – espírito Kopi



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2021

Axa'a'i saiu com *Kopi Axÿga*, que pertence à grupo de *Araxã*. Desde muito cedo, Axa'a'i se destaca em vários rituais como *ka'o*, *Axywewoja*, e agora com ritual de *Tawã*. Ele já fez dupla com alguns anciões como Korako e Wario no *Ka'o*.

Então *tawã* saem, *Ikapitãwa* sai na porta de *Wyraxiga*, *Kopi* sai na porta de *Araxã*. Gritam e vão para a direção da casa do dono guiado pelo dono Awatori e Kaxowario. Chegam no terreiro da casa e a dona conversa com *Tawã* cochichando. Depois *tawã* retornam para *Takãra*. *Tawã* entram na *Takãra* e logo saem outra vez, agora para sair com *wyrã* no terreiro das casas. Todos os homens acompanham. Durante esta caminhada, circulando a aldeia, saem *karaxao'ywera* 'espírito de kayapó'. Segundo *Xeropy*, *wyrã* diverte ou comemora com os *Karaxao'ywera*.

Observe que, *Tawã* e *wyrã* saíram na direção onde está *Kawiyymÿna*, que pertence ao *Wyraxiga* e ao retornar para *Takãra* usa o mesmo caminho.

Tawã entram e saem para brincar no *Takawytera* ‘patio da *Takãra*’. Novamente entram e saem para a última apresentação. Depois entram e, finalmente, *Axa’a’i Iroka’i* tiram as máscaras (*Tawã*).

Aqueles que saem com *Tawã*, são considerados *Kapitãwa*, ‘líder’, agora fazem parte do grupo de lideranças cerimoniais. Eles são os que provam, *axepaanôg*, ou seja, que autorizam a comida de *Tawã axyga patãwa* ante de distribuir.

Figura 40: *Karaxao’ywera* ‘Espírito de Kayapó



Fonte: Serge, 2017

Depois que *Tawã* termina, *Karaxao’ywera*, ‘espírito de kayapó’ começam a cantar e dançar no pátio da *Takãra*. Lembrando que, desde a hora que eles acompanham *Tawã* e *wyrã* no terreiro da aldeia, eles apenas gritaram. Só agora *Karaxao’ywera* começaram a dançar e cantar. No *Takawytera*, *Karaxao’ywera* estão brincando e os outros assistem, ou seja, espíritos dançam e os guerreiros Apyãwa acompanham e os cercam. Os espíritos *Karaxao’ywera* estão dominados pelos seus rivais Apyãwa. Até que começam retirar da dança, colocando o corpo para dentro da *Takãra*, ou seja, matando simbolicamente *axyga* de *Karaxao*, começando dos grandes até aos pequenos. Depois que abatem todos os *Axyga*, os *Wyrã* entram na *Takãra*. *Wyraxiga* entram na sua porta e *Araxã* entram na sua porta também.

Depois que termina, os rapazes buscam *tatã*, *taxao*, *kawi*, *matãwa*. Essas comidas são distribuídas entre *Wyrã*: *Wyraxiga*, *Wyraxigio*, *Wyraxigoo*, e *Warakorã*, *Araxã* e *Tarawe*.

Na casa de Maray e de Piri'i, fazem a mesma coisa, as mulheres de dois subgrupos de *wyrã*. Todas e todos têm que ganhar um pouco de cada alimento como Banana, porcão, cauim, farinha.

Logo depois de terminar a distribuição de *axymatãwa* 'comida de espírito', os jovens *Wyraxiga* e *Warakorã* recebem pedaços de porcão, farinha, banana, para levar no mato para buscar buriti. Assim termina o ritual de *Tawã*.

5.9 Ritual de *Xiwewexiwe*

No dia 16 de junho, aconteceu ritual de *Xiwewexiwe*. Os homens vão confeccionar *akygyro* de *Xiwewexiwe*. Nesse ritual também os meninos podem virar *Awa'yao'i*, 'rapazinho'. Este é o momento especial para os meninos passar por ritual de primeira iniciação. Os meninos acompanham os pais para o local onde trabalha a roupa de *xiwewexiwe*, neste caso fica perto de *Kanine'ywa* 'ninho da canindê'. Os meninos pintam o corpo todo de jenipapo, de pés até a cabeça. Logo depois que pintou com jenipapo, agora eles se abstêm de alimentos pesados, só bebem *Kawi* (mingau) de arroz ou milho.

Hoje também acontece a grande final de *Marakayja* 'ritual do dia'. Esse ritual inicia depois do ritual de *Iraxao* e só vai terminar agora com a vinda de *Xiwewexiwe*. Então as duplas de cantores se formam, vestindo roupas de *Axÿga*. Vem cantando de *Kanine'ywa* até ao encontro com as mulheres. *Xiwewexiwe* chegam cantando e as mulheres assistem até parar com autorização das lideranças e mais idosos.

Hoje à tarde, as mulheres recepcionam os homens e *axÿga* a partir das dezesseis horas em baixo de pequi, há duzentos metros da aldeia Tapi'itãwa. Neste lugar os *wyrã* se preparam para a grande final de *Marakayja*. As mulheres levam *oroko* 'urucum', *xawaxikãwa*, 'óleo de tarataruga', *yyka* 'resina da madeira', *wyraãwa* 'penugem de pássaro', e *ma'yra* 'miçangas' que servem de enfeite. Quando termina a preparação de *wyrã*, as mulheres retornam para suas casas. É o momento de muita expectativa e especial para duas metades de *wyrã* para a grande ritual de *Marakayja*. A festa Apyãwa desse ano está se finalizando. *Wyraxiga* na frente e *Araxã* atrás, gritando *ihaja* até chegar na *Takãra*. É de arrepiar os gritos de *ihaja* de dois grupos. Assim começa a grande final do ritual de *Marakayja*.

Inamoreo (cantor de *marakayja*) inicia o canto dentro da *Takãra*, em seguida os dois *wyrã* repete em coro. Inamoreo sai da *Takãra*, em seguida o grupo de *Wyraxiga* e depois *Araxã* até que sai tudo mundo dançando e cantando fazendo o círculo no *Takawytera* 'pátio da Takãra'. Os primeiros da fila são mais idosos, (1º - *Wyraxigoo*, 2º - *Wyraxigio* e 3º - *Wyraxiga*. Em

seguida, 1º - *Tarawe*, 2º - *Araxã* e 3º - *Warakora*). O canto é de *Maraka'yypa* 'canto mais longo'. Sempre foi assim com este canto finalizando a grande final de *Marakayja*.

De noite ninguém dorme, como diz *Xakareo'i* e outro sábios. Para mim, é *ka'o* mais importante que acontece com gritos de *ihaja*. Então a noite toda os homens cantam o *ka'o*. As mulheres, as moças e as crianças participam de *ka'o* dessa noite até amanhecer. Alguns penduram madeira no pátio para amarrar as redes. Nesta noite vi muitas barracas também. As barracas de *wyraxiga* para o lado sul e barracas de *Araxã* para o norte.

Já estamos madrugando para o dia 17 de junho. Quando *Xaytatao* 'grande estrela' vem subindo, os mais velhos começam a gritar, chamando as pessoas que dormiram em casa, e rapazes para preparar a roupa de *xiwewexiwe*. Pedem aos *Wyrã*, para providenciar rabo de arara para enfeitar duplas de *kapitãwa*, que são *Awawarema* e *Anyrã* que fazem frentes de *Xiwwewexiwe*. Neste momento são cinco horas da madrugada. Os mais velhos já estão preocupados porque o dia está vindo. Os cantores idosos se orientam com *Xaytatao* que está subindo para as nossas cabeças.

Segundo *Xeropy*, 'meu pai', os *Axỹga Awawarema* e *Anyrã* pertencem à metade de *Araxã*, por isso sempre sai na porta de *Araxã*. *Xiwwewexiwe* organizam-se em fila formando duplas de cantores e encabeçadas por dois *Kapitãwa*, *Awawarema* e *Anyrã*.

Ware'i aguarda o tempo certo do sol sair, que está esperando desde cinco horas, enfeitados. É o momento importante para ele como *Kapitãwa* 'líder cerimonial' e para o povo *Apyãwa*.

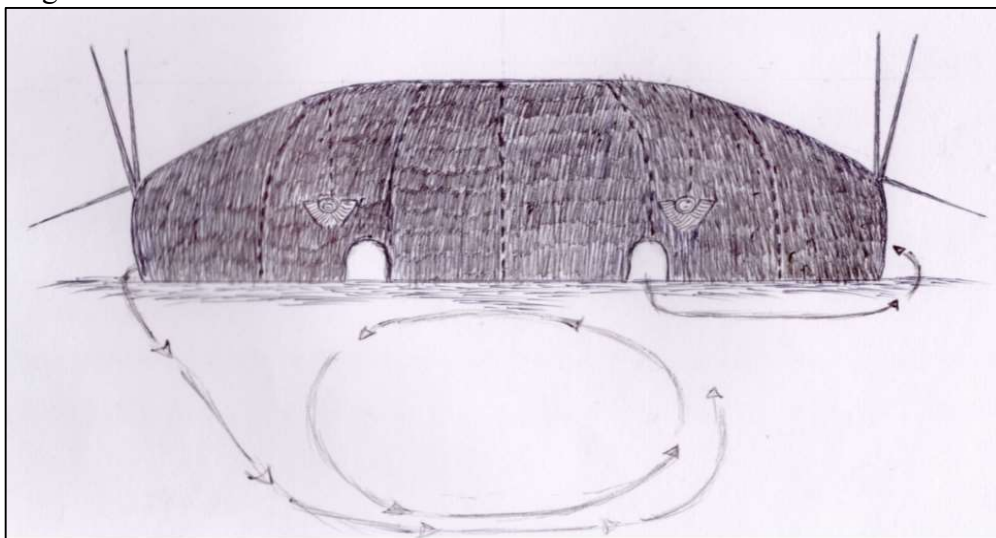
Vejo que cada tempo que passa, os rituais estão perdendo a sua importância para o povo. Segundo *Xakareo'i*, este momento era muito importante e especial para todo mundo. Ele conta que isso está cada vez mais perdendo sua importância principalmente o momento que acontece a grande final da festa *Apyãwa*. Segundo ele, afirma que, neste momento é de grande prestígio para *Kapitãwa*, 'líder' na qual irá discursar para *Wyrã*. Por isso todos têm que prestigiar a grande final de ritual *Apyãwa*.

Neste momento dois grupos de *wyrã* se juntam ao lado do líder cerimonial próximo a porta de *Araxã*. Como foi comentado pelo *Xakareo'i* que, realmente *wyrã* está fraco cada vez mais. Existe pouca gente, ao meu ver não entende como as pessoas podem se comportar sobre a cerimônia de grande final dos rituais. Eu consciente da regra, desloco do pátio de *Wyraxiga* para se juntar com *wyrã* que fica próximo da porta de *Araxã*. Algumas mulheres também muito ativas fazendo questão de fazer companhia para o líder *Ware'i*. Neste momento *wyrã* dá força para o líder cerimonial.

Neste momento, o ritual de *Ka'ô* finaliza com *Ka'orerayrayjtãwa*. Essa noite *wyrã* de duas metades, cantaram a noite toda.

Quando o sol começa a subir, *Ware'i* pega na roupa e puxa para fora da *Takãra*, *Awawarema* e *Anyrã*, em seguida *Xiwewexiwe*. *Wyrã* e *Ware'i* caminham na frente com *Ywyrapararamoro* 'arco cerimonial'. Todos gritam *ihaja* para *Axÿga Xiwewexiwe*.

Figura 41: *Takãra* e o caminho do *Xiwewexiwe*



Fonte: Magno Okario'i Tapirapé, 2022

Fazem contorno da *Takãra* no sentido norte para o sul e depois circula na *Takawytera*, 'Pátio da *Takãra*'. *Axÿga* continuam rodando e cantando na *Takawytera*, até que *Ware'i* autoriza a entrada de *Xiwewexiwe* puxando na roupa a dupla de frente. Ficam rodando só as duplas de *axÿga Kapitãwa*, *Awawarema* e *Anyrã*. Primeira dupla de *Awawarema*, Kiiiiiiiiiii!, Hoooooooo!, Segunda dupla *Anyrã* a mesma coisa, Kiiiiiiiiiii!, Hooooooooo!

Depois de alguns minutos, *Ware'i* autoriza a entrada de *Anyrã* e em seguida de *Awawarema*. Ele pega na roupa de *Axÿga* sinalizando para eles entrarem.

Em seguida *Ware'i* *akwaj* discussa para *wyrã*.

Agora as mulheres dirigem-se para suas casas e os homens entram na *Takãra*. Neste momento as donas de *Tawã* entregam *mexo* 'beijú' para *Araxã* e *Wyraxiga*. *Piri'i* entrega para *Araxã* e *Maray* entrega para *Wyraxiga*. Aqueles que saíram com *Axÿga*, (*axepaanõg*), autorizam a distribuição de *mexo*. Cada pessoa agora recebe pedaço de *mexo* que será levado para sua esposa ou família.

Neste momento dupla de *Mytõ* (*paxe*) 'espírito de mutum', saem para o terreiro das casas para chupar a barriga das crianças. Fazendo isso, simbolicamente protegendo e curando do mau. Por isso todas as mulheres que tem filhos pequenos oferecem para o pajé curar.

No período da tarde, *Xanoo* ‘espírito da ema’ se esconde atrás da aldeia. Simbolicamente sumindo com *mexo* ‘beiju’. Espírito *Xanoo* ‘ema’ só espera o novo dia para retornar para *Takãra* e gora para beber *kawi*. Bem de manhã cedinho, grupo de *Xanoo* surgem na aldeia novamente, vindo direto para o terreiro da *Takãra* onde as moças de duas metades deram de beber para eles.

Nesta noite não é autorizado o ritual de *ka’o*. Os cantores e dançarinos descansam, porque dia seguinte acontecerá o grande final de *Ka’o*, ritual de *Kawio*. Os anciões dizem, “*Axekakop*”, significa que *Wyrã* se resguarda para recompor energia para a grande final de *ka’o*.

5.10 Ritual de Kawio e Kawiypyarakãwa

Aconteceu numa semana de sexta feira, (19/06/2021) o grande momento da grande final de *ka’o*. Hoje todos estão preparando enfeites das moças e dos rapazes para *ka’oypyarakãwa*. As moças vão pular, tudo enfeitadas e identificadas com *wyraãwa* ‘penugem’. As moças de *Wyraxiga* preparam como *ipirakywera* ‘espinho de peixe’ e *Araxã* como *tokonare* ‘pintura de tucunare’.

As duplas de cantores nessa noite são: 1º) *Tapakaxi*: Inamoreo e kapitomy’i, 2º) *Kawiepexynãwa*: Orope’i e Awatori, 3º) *Kawiepexynãwa*: Tapi’iri e Koreete’i, 4º) *Kawiypyarakãwa*: Korako e Axa’a’i, 5º) *Xawaromỹ* e *Kapywa*.

Em seguida acontece trocas de *kawãwa* ‘comida do *ka’o*’. *Araxã* leva *kawãwa* para *Wyraxiga* e *Wyraxiga* leva *kawãwa* para *Araxã*. Então acontece neste momento as trocas de *kawãwa* entre grupos. Todos os casais são obrigados de participar da troca de comidas.

Xeropy falou que, antigamente o ritual de *kawio* acontecia em dois momentos, na primeira noite um grupo era responsável de organizar o ritual e na segunda noite o outro grupo. Dizem que hoje mudou, acontece numa noite só da grande final de *ka’o* todos os *wyrã* juntos. Por exemplo, nesta noite, depois de *tapakaxi* de *Araxã*, *wyraxiga* começou com *kawiepexynãwa* caminhando para *kawio* de *Araxã*, depois grupo de *Araxã* iniciou trazendo de volta para *kawio* de *Wyraxiga*. Nesta casa troca de dupla continuando com *Araxã* com os cantos de *Kawiypyarakãwa*, quando conclui esta parte, as duplas de *Wyraxiga* reinicia até finalizar na *takawytera* ‘pátio da *Takãra*’.

Conforme o que aconteceu ontem, primeiro *Wyraxiga* começou na *Takãra* saindo na sua porta. Foi cantando e dançando com *wyrã* e as moças no percurso para a casa de Inamoreo, onde *kawi* de *Araxã* estava preparada. Inamoreo também representa *Araxã*. Orope’i e Awatori cantaram seis *kawiepexynãwa* até concluir. Depois a vez de Tapi’iri e Koreete’i (dois irmãos) representante de *Araxã* caminhando para a casa de *wyraxiga* passando no pátio da *Takãra* até

chegar na casa, (*kawiymyna*). Ante de entrar na casa, a dupla trocou de canto (*kawiepexynãwa*) e continuou dentro da casa até concluir. Eles cantaram cinco cantos e depois passando para *kawiyypyarakã* ‘final de *ka’o*’.

Korako e Axa’a’i segura arco cerimonial e começa o canto de *kawiyypyarakãwa* que é composto de doze cantos. Depois dupla de *wyraxiga* continua com canto especial de encerramento do *kawio* caminhando para a direção de *takawytera* ‘pátio da *Takãra*’. Nesse caso, foi Xawaromỹ fazendo dupla com Kapywa de *Araxã*, porque não tinha achado um parceiro de *wyraxiga*. Caminharam para *takawytera*. Ali cantou *ka’orete* e depois concluiu para descansar e comer *kawãwa*. Depois reiniciou o *ka’o* normal com *ka’orete*, *ka’o ka’emãwa*, *ka’o rerayrayjtãwa*. Assim aconteceu a grande final do *ka’o*.

Nesta noite presenciei um fato histórico, um momento inesquecível, o qual me fez refletir sobre a realidade dos rituais tratados pelos Apyãwa. Vi que depois de trocas de *kawãwa*, *takawytera* estava vazio. As pessoas foram embora para dormir. Eu entendo que este momento era especial, mesmo cansativo de acompanhar todo o percurso do ritual. As vezes isso é normal, mas, sempre retomam firme para amanhecer o *ka’o* com retorno de dançarinos e cantores, porém, dessa vez não foi. Parece que foi exagero de *wyrã*. *Takawytera* ficou vazio a noite toda. Os cantores não retornaram para atividade, aqueles que participavam ativamente do ritual. Quando foi treze horas da madrugada, começaram com pequenos grupos de *Wyraxiga* e *Araxã*. *Wyraxiga* perdeu mais números de cantores, estava eu, Xeropy, Oroope’i, Paxepy. No grupo de *Araxã* estava Inamoreo, Korako, Tapi’iri, Iakygi, Kapitomy’i que participaram diretamente.

Xanerojãwa gy ‘nossos anciões’ gritaram a noite toda, chamando para retornarem para o ritual, mas, não retornaram. Paxeapãra um importante cantor, retornou de manhã para ajudar. Os sábios cantores lamentaram o acontecido, o desinteresse de *wyrã* pela sabedoria do seu próprio povo. Eu como membro de *Wyraxiga* e como pesquisador também fiquei muito triste e preocupado. Segundo que os sábios questionaram, os rituais Apyãwa, a vida Apyãwa está deslocando para o fim. Eles lamentam claramente que, a nossa vida está mudando para o pior.

Presenciei um momento de fraqueza de *wyrã*, o qual acho muito perigoso. Dizia gritando, “*marygato pã ekwe pereka ka’emaweripe xerexarywa pexexewe ne kyyy!*” ‘*A pexema’eãwa penowi kyyy! Y Takãra penowi pexema’eãwa kyyy! Aa penowi kyyy! Araa penowi kyyy!*’ Com este grito, os mais idosos como Korako, Xeropy, Ikaikã e Oroope’i anunciaram a preocupação da continuidade dos rituais Apyãwa. *Aa penowi* ‘estou indo ou estou morrendo com nossa sabedoria’.

Eu emocionei naquele momento, escutando a mensagem tão forte sobre o futuro da nossa vida. Porque é realmente, a *Takãra* é a principal espaço de aprendizagem da vida Apyãwa. *Xeropy* diz para mim que, nunca presenciou um fato desse tipo e por isso nos emocionamos juntos. Disseram que, quando morrerem, os rituais acabarão juntos. É um desafio muito grande para a nossa geração.

Admiro muito a capacidade da memória destes sábios, que arquivam saberes, cantos dos rituais e transmite através da oralidade. Confesso que eu não tenho essa capacidade de memorização e da oralidade, muito menos os cantos que o sabem.

Considero tão importante a mensagem sábia dos nossos anciões, que realmente estamos deslocando para esquecimento, desvalorizando o poder da sabedoria do nosso povo. A desunião de *Wyrã* pode trazer grandes consequências para a vida cultural, enfraquecimento dos Apyãwa como povo. Assim deixo a mensagem que sirva de reflexão para todos e para todas as gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevo esta parte e reafirmar a minha alegria de pesquisar, contribuir e trazer reflexões sobre um tema que considero de grande relevância para mim e para meu povo. Certo que haveria muitos outros assuntos importantes para ser pesquisado, contudo, o que me tocava de urgência é a sabedoria da *Takãra*. Nessa dissertação tive muito interesse de investigar a importância da *Takãra* como espaço central que promove a sustentabilidade e fortalecimento da epistemologia sociocultural do povo Apyãwa, denominado por mim, *Takãra A Casa da Sapiência Apyãwa*. Esta pesquisa provoca várias reflexões e descobertas sobre os saberes milenares a partir do espaço tradicional que é indispensável e insubstituível para povo Apyãwa, uma vez que, dependemos dela para a sobrevivência epistemológica do nosso povo. (KORAKO, 2022). O que nos preocupava de imediato em nosso cotidiano é a forte interferência, da cultura *maira* ‘não indígena’, que é fator desestruturador da sabedoria sociocultural da *Takãra*, em outras palavras, que substitui os conhecimentos milenares que vêm sendo transmitido de geração em geração até nos dias atuais.

É óbvio que esta pesquisa contribuiu muito com a minha sabedoria como pesquisador, na qual participando diretamente ou indiretamente na construção do olhar sobre meu povo, trazendo reflexões sobre a conscientização da importância da *Takãra*. Como foi dito que, *Takãra* é centro essencial para manutenção e fortalecimento da sabedoria socioculturais do povo Apyãwa. Penso que dessa forma, possa contribuir com a atual geração que venha a se preocupar com a renovação e formação intelectual de lideranças cerimoniais das futuras gerações e incentivando dos jovens mais participação nas práticas culturais.

Buscamos atender o que foi proposto no projeto de investigar e trazer reflexão sobre o nosso tema. Para a fundamentação do tema, trazer além dos autores não indígenas, a contribuição dos sábios e sábias que conhece profundamente o tema. Considero de grande importância a contribuição dos atores/pesquisadores na concretização da pesquisa, principalmente os sábios e sabias, uma vez que, essa informação viva e rica foi de suma importância para a pesquisa. Tokyna (2020), Xakareo’i (2021), Korako (2021), os quais são anciões e anciãs do povo Apyãwa que contribuíram diretamente com este trabalho. Essa fonte foi essencial para realização deste trabalho, a base da sabedoria milenar sobre *Takãra* a casa da sapiência Apyãwa. Os co-autores trouxeram aprimoramento e aprofundamento da minha sabedoria que há anos venho pesquisando.

Levantamos alguns pontos importantes que foram elencados neste trabalho, com carinho e com o máximo de cuidado. Usufruímos fatos muito interessante, como é o caso da

disposição das casas construída a partir da orientação da construção de *Takãra* imaginando a organização, normas e regras ritualística *Apyãwa*. Analisamos que, na antiguidade, a *Takãra* era referência para organização das casas e também para aldeia *Apyãwa*. A primeira coisa que se planejava era a posição da *Takãra* no centro da aldeia, em seguida as casas de membros que fazia parte de cada *wyrã* ‘grupo’. A *Takãra* era referência para organização dos rituais. A maioria das normas e regras dos rituais está intimamente intrínseca com a *Takãra*, uma vez que, as casas dos líderes cerimoniais eram consideradas a casa cerimonial de *wyrã*, onde era preparada *kawi* específico para os rituais.

Nesse sentido, constatamos que, os *Apyãwa* há muito tempo vêm perdendo a importância da *Takãra*, para organização das casas e para as normas e regras ritualística. A pesquisa mostra que as atuais aldeias não apresentam uma visão ou característica voltada para os rituais. As aldeias atuais não apresentam uma visão dialógica com o bom funcionamento das práticas ritualísticas como do antigamente. É óbvio que, a cultura é dinâmica, porém, deixa a preocupação como manter viva os saberes de grande importância para a vida ritualística *Apyãwa*. As aldeias atuais apresentam de uma característica bem distante do padrão constatado nos relatos de Baldus (1970) e Wagley (1988) na década de 35 a 47.

Trazemos como exemplo o *Maxirõ* da década de 80 realizado em Orokotãwa e *Maxirõ* do atual. *Maxirõ* da década de 80 acontecia através do ritual e atividades de roça, e *Maxirõ* de hoje é praticada com apenas atividade coletiva da roça de *Wyrã*, *Wyraxiga* e *Araxã*. As atividades são, limpeza, derrubada, plantio, colheita e distribuição de produtos entre *Wyrã*. Visto que, apresenta a mesma função, e com apenas uma nova configuração para *Maxirõ* sem ritual de comer, cantos e disputas de corrida. O *Maxirõ* de hoje tem a mesma finalidade de antigamente, de atender *axyga* ‘espíritos dos rituais e *Xane’yga*, ‘esperitos de nossos ancestrais’.

Por fim, considero que este tema pode ser pesquisado e aprofundado pelos outros pesquisadores *Apyãwa*, uma vez que o assunto é de grande relevância. Este assunto merece ser mais trabalhado porque sinto que precisamos dá mais atenção. Vejo que perdemos tempo só atendendo fatos passageiras e deixando de lado a essência do povo, aquele que diferencia do outro povo. E reafirmo que não existe “outro” melhor que eu e melhor que nós pesquisadores *Apyãwa*, pesquisar com profundidade os nossos saberes que vivemos. Assim concluo a minha participação e a contribuição com meu querido *Apyãwa*, o mínimo que trago a contribuição sobre *Takãra* A Casa da Sapiência *Apyãwa*.

SÁBIOS APYÃWA REFERÊNCIA

TAPIRAPÉ, Kaorewygi/Korako: Sábio e especialista da cultura Apyãwa, morador de Tapi'itãwa, tem 84 anos de idade. (Novembro, 2021)

TAPIRAPÉ, Xakareo'i. Sábio Apyãwa, morador da aldeia Tapi'itãwa, 84 anos de idade (Outubro, 2021).

TAPIRAPÉ, Tokyna. Anciã Apyãwa, foi moradora da Aldeia Tapi'itãwa, atualmente reside na Aldeia Hawalorã (Julho, 2020)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Júlia Gomes. A construção da *Takãraem Majtyri*: etnografia de uma aldeia Tapirapé. Rio de Janeiro, PPGA-UFF, 2010.

BALDUS, Herbert. *Tapirapé – Tribo Tupi no Brasil Central*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

COMUNIDADE TAPIRAPÉ, Xanetãwa Paragetã – *Histórias de Nossas Aldeias*. Brasília, MARI / MEC / PNUD 1996.

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'ITÃWA – Projeto Político Pedagógico. Confresa-MT, 2009.

LARROSA – Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Palestra proferida no 13º COLE 2013. Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp – Campinas 2013 SP- 2001

PAULA, Eunice Dias de. *A língua dos Apyãwa – Tapirapé - na perspectiva da Etnossintaxe*. Campinas, SP, Editora Curt Nimuendaju, 2014.

TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga - Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa / Gilson Ipaxi'awyga TAPIRAPÉ. - 2020.

TAPIRAPÉ, Júnior Kaxowario. *Xetanogãwa*. Monografia de conclusão do curso do Projeto Aranowa'yao, Ensino Médio, apresentada à Escola Indígena Estadual 'Tapi'itãwa', Aldeia Tapi'itãwa, Confresa, MT, 2012.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i. Ka'ó: canto da festa dos pássaros. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, 2006.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i (Org.). *Festas e rituais Tapirapé*. Faculdade Indígena Intercultural, UNEMAT, Barra do Bugres, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, N.K. Os Rituais Apyãwa Mantêm e Preservam a Língua e Suas Histórias. I Seminário Internacional de Viva Língua Viva, Rio de Janeiro, 2019.

TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos. Cantos do Xakowi. Monografia de Conclusão de Curso de Línguas, Artes e Literatura apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, MT, 2006.

TAPIRAPÉ, K. V. A formação do corpo e da pessoa entre o Apyãwa – Resguardos, Alimentos para os espíritos e transição alimentar. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Goiânia-GO: Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Ciências Sociais, 2020.

WAGLEY, Charles. *Lágrimas de boasvindas*– os índios Tapirapé do Brasil Central. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1988.

APÊNDICES

Maxirõ Apaãwa

Maxirõ a'e ramõ nyn. Anopy akwãpa ka, Araxã, Wyraxigio. A'e anopypãp ka, a'e ramõ 'a ikwaj yapema. A'era 'a ikapiri akawo. Nainowi ikajtãwa mõi. Nynie kwee mi Korawã ikwaj nyn ranõ: Pexe xikapit e'i, epe xepe ro'õ karæ mi ikwaj. Xikapit e'i, yapema xikwaj e'i. Epe xepe ro'õ. 'A'e mi ie, Epa e'i xe kwee mi. A'e ikwajtarera ka pe py aawo, a'ere myga ka pe, a'ere myga ka pe. A'e Koxywera 'a aapa temi'o iraawo, xana akaj mi pexepywyg pexexata, emany, iraa temi'o. A'e pe akaro 'opa. A'e ramõ ka itori wyrã. A'e 'ot Koxywera. Xana akaj mi xixat marakayja imanaakãta, emany. A'e ekwe 'ot akawo wyrã axaparemõ. Hia hia hiaa heheha hia heheha! A'e ekwe werot, epa axawo, aporaaj 'ota akawo 'a irota Takaripe. Epe a'e ramõ ixayja'ygãwa raka'e mi. Xana akaj mi itori axepywyga, emany a'egã ranõ. A'e 'a axayja'yg, hooo hohohohoho e'i 'ota 'opa. Awa'yawera gy axayja'yg 'opa, imapywo py Awa'yao'i'i agy py ayjta. Mygã raka'e mi iyy, a'e raka'e mi akyyxe ixowi. Ira ekwe aã ixowi axawo mõi pã wã. A'e ramõ emany Maxirõ. Aa ipyteripe a'e ramõ 'a mygã xe ikwaj ranõ. Emany Maxirõ. "Aramõ namamawiwe ka, a'e ramõ 'a awateexe ikwaj ranõ. A'e epe aetyk akawo ka, aetyk...a'epe ietypãwi ka. Xana mõi Maxirõ pe, xana mi 'a peka'anopy pexekawo, a'e mõi ma'e wyrã py akwaj, Wyraxigio mõi ke, Araxã mõi ke. A'e ka py xe mõi epe aetyk irekawo, A'ere mõi mygã ikwaj ranõ, a'e mõi epe ika aetyk ranõ. 'Ara xaaxãp epe ika, nakaixej 'ara mõi. Imamawatara'yma mõi ta'e axaka. Axayja'yg akawo 'ara xaaxap. Arywe'yma mõi ta'e. Axemagatyrowo awa'yawera, axewyããpa. Aoxekato pane epewera iexagakãta penope kwi. Korako akwaap ranõ, araixak karæ mi arakawo emigã wetepe arakawo. Korako akwaap imarakã ranõ. Epa'i xepe karæ mi imarakã. Werakwaem irota irekawo, a'e ramõ karæ mi koxywera ikwaawi. Axywewoja rawaxarera. Axywewoja 'a aka, a'e karæ mi werapat 'ota akawo. Emany karæ mi Maxirõ. A'e'ixe ro'õna araixak. A'e ramõ xanereka a'e tana mi, naxiapaj'i. 'A tana pã ne Maxirõ arona 'a pa ne peka pexekapita kwi, pe Araxã, pe Wyraxigio. A'e mõi mi mygã ka py xietyap, 'a ikwajta ma'e wyrã ranõ. A'e mõi mi xietyap ranõ. A'e ete ramõ mi 'a peapa axepe ka. Axepe mi pee, axepe ka mi 'a Araxã. A'e ramõ mi a'e pe xe ika. Aka'anopy teeteewo akawo he tana raka'e mi ika, pe myga ka ypype, pe myga ka pe ikaarok aawo, a'e wi itori akarowo. Awe itori. Ixemagatyroãwa xe pe ekwe ranõ, ikaroãwa xe pe ekwe ranõ. Kare tanã mi 'a kaho xe peepa pexekawo. A'epe xe pe mõi mi xika. Aoxekato pane mi 'a emigã pe Maxirõ iapawo penope kwi, iexagakãta. Axe tanã xixamawite ranõ, naremauitej amõi ke, 'a'e mi ie. Iexagakãta penope Korako ne, Wario akwaam ranõ, Oroope'i, Moo'ytawi Kaorekato'i. Epe a'e ramõ arate'omat arakawo emigã re. A'e ramõ naxixe'egi emigã re kwi. Xiapa mõi mi kwi. Emany. (XAKAREO'I TAPIRAPÉ, 2021).

Xane'yga rerekwãwa – Xakareo'i

Tarywa apaawe'yma mō pa Takãra wã! Axe tana raka'e Takãra imamaxy xanerojãwa kwi. Konomiwera keawe'yma. Nyn pake raka'e mi wi awã imakaroakari iraawo awaxã ere pa wã! Nakaroj konomi. Ixeapakwera xe, Awa'yao'i xe. Maryn pa raka'e epa ixokã axawi axawaxã ere pa wã, wyke'yra wi, wywyra wi raka'e. A'era raka'e ximamaxy Takãra ymy. Takãra apawo xe pe raka'e mi, mygã ma'e axoka aawo xiwa'ã, taxao, xawaxi, Takãra apawo we, mi pinawa re aawo, a'e raka'e mi a'o irota Takaripe. Nawerori awyripe, aoxeaiweyxerorori takaripe, Takãra re na'a arate'omat arakawo axawo. A'era ro'ō xane'yga aryaryp xanewe. Temiãra kajxe'i raka'e mi ixope.

Nyn pa ke raka'e mi iywyaãwi temiãra ere pawã, yni. Takãra ewi weryj xane'yga apatãwa mō ma'e ma'e iapa apatãwa mō. A'e ramō raka'e mi 'a temiãra akypy re we, ka ywytyrywyra re. My ta mi 'a temiãra, my ta mi awã xawaxi mō irori i'wo. Xane'yga ro'ō aapa ma'e apatãwa mō, Takãra we. A'era raka'e mi aoxeoxe xerexepaanōga ranō. Xere'yga paje'yma mō ta raka'e mi. A'era raka'e mi xerexarywa xireka aoxeoxe. Xere'yga epe xipaj irekawo. Iaroarō xanereka raka'e mi kwi. A'e ramō mi i'arejxe ma'eaiwa xanewe, tyeay, takowa. Ma'e mō pã mi aapa ii xanewe wã, a'egã we mi, xane'yga mi aapa xaneree kwi. Xane'yga mi amaxeemo ma'eaiwa xanewe. A'e mi 'a naxikwaãwi emiwera. A'e mi 'a Maira reka ramō xe mi 'a xika kwi, a'e ramō mi 'y xane'yga i'ywyteray 'yna xanewe kwi. Takãra pe mi 'y ityni xane'yga kwi. Maryn ta'e mi amo ramō xixexokã, maryn xika. A'e ramō mi naxirekakatoj ii irekawo xerexeka xere'yga we. 'A'e mi ie. Epa mi a'e ramō ikome'oãwa, ainop ikome'oãwa wekawo xerexamōja gy wi, Irawyo agy wi ikome'oãwa. A'e mi 'y areka ie ikwaãpa ikome'owo ienopawera ropi mi Tarywa re kaãwa. Xanami 'y ityni'ii, mygã ta'e axe'egi ee. Naxixe'egi ee ma'ere ekwe xiapa, ma'ere ekwe ximaypy. Natywi ee xe'egãwa. A'e ramō mi ma'eaiwa naaj'ii xanewi kwi.

Xanerera'arejxe mi ma'eaiwa, ma'e ta'e. Xane'yga mi 'y i'ywyteray 'yna xanewe kwi, apaje'yma mō 'y i'ywyteray 'yna xanewe. E'i kwee mi ikome'owo. Mi axyga mi xireka, wereka mi, a'e mi epe werekakato irekawo. Ipatãwa re ikapãwi. Nakaj axepepe'i mygã ate'omata ipatãwa re. Nate'omari mygã emi'o re axepepe'i. 'A ika xane'yga ee, ipyri apatãwa re. A'e ramō emanyn ie aixagii wekawo ma'e ma'e. Ainop maragetã wekawo ikome'oãwa, ainop wekawo ikome'oãwa. Maragetã pe a'e ramō Irawyo agy ika'ii kwi, ma'e ma'e kwee mi, xerexeka kwi. A'e mi 'y amō ramō xepy'aaip wekawo xerexeka re, aramamawii pake ekwe araxeka a'e mi wekãwo ie. Xanami mi Awara'i ramō naxaaj, epe amō. A'e ramō naxepaanogi. 'Y ityni. Emi Xyreni, Awã ma'e, Iraxao. Epe mi a'e ramō naximanaakari'ii axyaxyga ranō. Naaj mi. Ymy tanã raka'e mi imanaakapapãwi axyaxyga. Xana mi 'a imanaakari iraawo Awara'i pe Axygaiwa, pe ia akawo. Epe ro'ō xiraa ietyka. Xiroto we ekwe Xyreni, 'a ranō. Xiraxewyt we ekwe irota ranō. A'e ekwe xireka, aka, a'epe mi itori akopa axaakãpa ranō. Ma'era ta'e? Taxao xãra ro'ō kwi a'ega. A'e ramō irota irekawo, tarywa re akawo ixope. Iepexyna, iypyparaka. Epe a'e ramō imanaakãri, imanaakaãwa raka'e mi epe, kawio iapa. A'epe 'a imay'o axyaxyga, Ireweeaxyga. Ay'owo ro'ō ia. Ay'oe'yma tana mi 'y ityni Takãra pe kwi. Naximanaakari mi xerexewi. A'e ramō mi 'y ityni Takaripe kwi. Xyreni mi 'y 'yj, Ywawapara?, Koreweka. My tã Koreweka ximanaakari. A'e ramō mi 'y ma'e ma'e ityni'ii kwi, naximanaakari.

Tarywa ra'e mi aityt irota iraãwo, imamapãwa axygetykãwa. Ypyaxe we wi imarakã: Kyy kyky, kyy kyky, kyky, kyy, kyy!, wi ia 'yna ka'ema tora ramō we. Axepe ro'ōna aixak axygetykãwa, araixak wetepe. Araxã wi: kyrykyky, kyrykyky, ky, kyy, kyy! Epa e'i a'egy 'yna ranō. A'e ika'em ixope, ewi tana irapari: Kyy kyky, kyy kyky, kyky, kyy, kyy!. Axa'axi'ywa re axapyppyyki irota iraãwo. Axewirerorerowo'ii akaj ee kwi. A'e weropaapap iraawo amama'ema'e axemagatyroãwa awa'yao, axygetykãwa re. Emi ro'ō axygetykãwa. Epe ro'ō xiraapaapap ma'ema'e, axyaxyga xerexewi. 'A tanã mi naxiapaj emanyn xerekawo. A'e ramō mi ma'eãwi i'arejxe xanewe, tyeay amō ramō, takowa. A'e ramō mi xika emanyn. Ka irori iraãwo emanyn Araxã agy ranō; kyrykyky, kyrykyky, ky, kyy, kyy! ka a'egy irori iraãwo ranō. Pooaa! Pe ietyka

iraãwo. Emanywe ka Tarawe ranõ ietyki irota iraãwo. Emanyn epe ika wetepe wyrã. Akapap axygetykãwa re. Epe a'e ramõ mi xietyk, karae penamõja gy iexagakãri arewe axygetykãwa. Axa'axiypyk aawo akawo axewirerorerowo, kwe amõ, ka amõ, kwe i'ywa enone ywyrapararamoro pe. Epe ro'õ axyga xietypãp iraãwo xerexewi, Tãwa wi.

A'ere 'a i'o Tataopãwa, epe emixe. Ao'i pã ke raka'e mi marymaryn araka pexe pa mi wã. A'e mi naxikwaãwi xerexeka. Epagã tanã mi pane ke arakwaawii kwi, Korako ke akwaawii kwi. Axe tanã mi narajxagakãri penope. Kyy kyky, kyy kyky, kyky, kyy, kyy! A'e ekwe epa e'i 'ota akawo wetepe, enotãra py amaypy, Kyy kyky, kyy kyky, kyky, kyy, kyy! A'ere 'a ewiri wãra ranõ, Kyy kyky, kyy kyky, kyky, kyy, kyy! Emanyn ekwe itori aawo akawo. Emanyn Araxã agy ranõ itori aawo akawo ranõ. Emanyn axygetykãwa kwi. Epe a'e ramõ penamõja agy iexagakari akawo arewe epe Orokotajpe. Epe maryn maryn araxat arakawo. Epe a'e ramõ tarywa emixe. A'ere xowe 'a ixemagatyrõ ranõ Tataopãwa re. Epe a'e ramõ iapyrete, Tataopãwa. Akajmi i'o ma'exirõ, kawi, xetyka tatã, monowi. "Aramõ, nynamõ, tanã akaj mi iypy ramõ i'o, wyrã i'o ipirã A'ere eira i'o wyrã py ranõ. Epe ika ranõ, amaypy epe aawo akawo ranõ. 'A irekawo Axywewoja ranõ, xixeweyweyjxe axawo. Xixeweyweyjxe e'i. Xerexeweyweyjxetãwa ramõ axawo 'a imaakygyro axywewoja ranõ. Xakyrina xe'ega mõi xowe imanaakari ranõ, pexe e'i, tataopãwa xi'o axawo. A'era 'a i'o ipirã wyrã. Akaj mi axaparemõ. Axejwe eira ranõ, i'o wyra. Ma'e 'ara re xowe tataopãwa i'o ranõ, ipirã py i'o wyra, a'ere xowe eira i'o wyrã ranõ. A'e ekwe aa akawo ywyramamyrõ ranõ, wetepe ekwe ia akawo. A'e mygã aop eira mõi aawo. Yamõ kwyyyyy! A'e ekwe py axepe kojapa'ã py amaatyneep wyrã. Mygã rekojapa'ã py, a'ere mygã ranõ, eramõ ekwe awã'iwexe iraa axawo mõi ta'e. Wyrã we ekwe iraã. A'e ekwe axepaanõg aawo akawo. Kyryry kyryry! Ekwe ia akawo axepaanõga eimomoka, imomoka xaaxãp. Wi amõ, 'y amõ!, a'epe inyyki aawo ranõ. A'e amomot, Kyryry kyryry!, ekwe ia akawo axepaanõga imomoka xaaxãp. Xana akaj mi 'a. A'e werot eira'yrera mexo ramõ. 'A irori imexo ramõ, Araxã pe amõ, Wyraxigio amõ, Wyraxiga amõ, Warakora amõ. A'e tyapiri 'a, a'epe ekwe ixepaanõgi 'A tana mi kawi pe xe. Emiwerã mi naxiapaj xerekawo. Xepaanõga pe xane xika kwi, raka'e mi, tarywa re. A'e ramõ raka'e mi xikaixe. A'e ramõ mi maryn maryn xika'ii kwi, naapaj ii xanewi ma'eaiwa. Xanepyro ro'õ xane'yga ranõ. Axygerekwãra xe pe ro'õ epe marynakaete wi akwerap kwi, e'i kwee mi ikome'owo. Apaitãra ramõ, werekwãra ramõ ro'õ axyga aoxeoxe iawapeipeiri irekawo, ira ekwe, ira 'a xererekaixe axawo mõi pa'e xane'yga xanewe wã. Amama'eayete wi ro'õ ikwerawi Axygiãra. A'ega a'e ramõ raka'e ke mi apaxe'at inõga ee. A'e ramõ raka'e mi Axyga xirekaete kwi, irekaryryne'yma. Werekaete. A'e ramõ raka'e mi xanepyro kwi, xanerexak xanererekawo kwi. Aawo mõi pa xe Axygiãra wi akawo wã, 'a ro'õ ika xaneree. E'i kwee mi ikome'owo penamõja gy.

I'ywyteray pane ke 'y yna xanewe kwi, mygã mõi pã mi akome'o xanewe wã. Korako pane ke mi wi akwaap 'yna maragetã a'e mi nakome'oj awaxã agy we. Ie tanã mi 'y akome'o wekawo wexemikwaãwa penope, newe ane, ane mi epe eremamyrõ ekawo. Xanami 'a xekyja ika xanewe, myramõ ekwe amõ xanexokã ii. Naaj'ii xanewi. A'e ramõ mi 'y ie axe'apeawii ee. Ma'e'i rexe pa ke raka'e araxepaanõg ere pa wã, maryn xika, xixepaanog. Xikaro raka xixepaanog. A'e ramõ kwi ximakaxymii imanãwo xerexeka. Mamõ xaã, eiro xaã, hyy hyhyhy ixope taã ne! Ixope! Xa'e xere'ywyramamyrõwo. Maryja we! Maryja we! Konomiwete'yja we, konomiwete'yja we! Axãwo Myxo'ieira we. Naxiraakatoj'ii kare irekawo xerexeka.

Axexokaaiap, a'e ramõ 'a ixepaanogi. Totana epe Imakopy ika kwi, ipegã ro'õ aoxeoxe irapaãra axepaanog kwi, raka'e mi, xerexamõja rerapaãra. Aoxeoxe ixepaanõg ixowi, imaxyroxyrõwo axewe. A'era pa raka'e xyreni rerapãra ikwawixe wã. Xepaanõga pe axyga rerapaãra gy raka'e mi ikwãwi kwi. A'e mi 'a nawerekai'ii axygekaaiwa, ro'õ Xyreni. Axokã ro'õ raka'e agy axawaxã agy. A'e mi xireka, raka'e xireka, 'a xireka xerekaroãwa mõi. A'e ramõ raka'e mi ma'eaiwa xane'apeirie. Apyyk fraco xawa mõi. Naxirekapawi'ii mi xerexeka kwi, xerekawo. A'e tanã akaj mi wekawo, xyre agy mi, xiraã axymatãwa re, a'e akaj mi axejwe we werot wimiakope, ara xaaxat. Axejwe mygã ixokã werot, napiki ro'õke waty agy wi. A'e mi

Korako we maryjxe. Wyrã a'e ramõ epe aa aoxe. Wyrã ekwe a'e ramõ opap axaewiri, nori 'yna axaenone. Axepe itori tatã iexãka. Pema'e tatã re? e'i ixope i'ywa, Axygiãra. A'e 'ot xemim iexaka waty pyri. Pytym pa'e tatã axawo, ta pytyg e'i ixope. Pytymam e'i raka'e mi ixope. A'e aket waty pyri, ypytonimo we itori ixowi ranõ, nakwaawi. Aty xe akwaap, a'e aty nakome'oj. Xagato pe itora ramõ mõi ta ikome'o, oxemim epe. Emanynii pa mi ywaripe wã, aare!, ekwe mi axygiãra itori akawo tewiri.

Versão em Português

Takãra é lugar para a realização de festa. Antigamente a Takãra era sagrado e proibido. As crianças não entravam. Nesta casa ninguém pensava de levar seus filhos para participar de comer na Takãra. Criança não entrava na Takãra. Só o rapazinho participava, ou seja, aquele que passava no ritual de iniciação. É por isso que dizem que nossos antigos mataram filhos de seu irmão. É por isso que antigamente não deixávamos que as crianças entrem na Takãra.

Quando alguém matava caça, durante a construção da Takãra, caititu, porcão, jabuti, era obrigatoriamente comer na Takãra. Imaginemos que caçava quando buscava folha de piaçava, a caça era trazida diretamente para a Takãra. Nunca levava a caça para sua casa.

É com isso que os espíritos sempre ficam alegres. As caças também se aproximam da aldeia por causa do espírito da festa. Ninguém precisava caçar longe, porque os bichos estavam perto da aldeia. A Takãra é a casa dos espíritos que ele faz oferenda dos alimentos. Ou seja, as forças espirituais produzem seu próprio alimento. É por isso que antigamente existia bastante caças próxima á aldeia, perto da serra. Hoje em dia não vejo farturas de caças e não vejo ninguém caçar jabuti. Dizem que os espíritos trazem alimentos para a Takãra. Nesse caso, nós Apyãwa frequentemente fazemos ritual de comer para alimentos nossos espíritos. A festa é muito importante por causa dos espíritos, pois só assim podemos alimentar nossos espíritos. É por causa disso também que temos que realizar todos anos nossas festas tradicionais. É por isso que digo que a nossa vida e a nossa festa é tão bonita e importante quantos outras culturas.

É por isso as vezes surgem de repente doenças como diarreia e febre. Os espíritos que moram na Takãra podem se tornar causador de epidemias para a nossa comunidade e que nós não sabemos. Ao meu ver, praticamos mais a vida e a cultura do não índio, é por isso que o espírito da Takãra inferniza a nossa vida, por não seguir a ordem da espiritualidade. Como tinha dita ante que, os espíritos moram na Takãra, pois é ele faz maldade para nós. É por isso que acontece acidentes de trabalho na roça, porque hoje em dia não seguimos corretamente a regra da nossa cultura e a nossa religião conforme a ordem espiritual. Eu sempre digo isso. Essa sabedoria que transmito é segundo a narrativa passada pelos nossos avôs como Irawyo e Maxa'io'i. Essa sabedoria milenar era sempre contada por eles dois e eu guardo na minha memória até hoje sobre a importância da nossa cultura. Eu aprendi e faço a narrativa da forma que eles contavam.

Veja como está a Takãra, alguém se quer toma iniciativa para iniciar a festa Apyãwa. Não conversamos sobre o assunto quando vai começar a festa. Não há iniciativa cultural. É por isso que sempre acontece doença.

Wyrã ramõ Temiara'oãwa

Are'ywa mõi a'egy kwi, penamõja agy ikwãwi arewe. Ximot temiãra mõi i'owo e'i karae. A'e karae araxat epe Campo de Veado pe. A'e karae amakaxym marynime taxao, mokoj mimaka'eyta karae ixokã, imaka'e irota. A'e ekwe araweraatã ypyaxe irota irekawo. Kaaroka ramõ we ekwe araxepexyg, a'e ekwe araxat arakawo ypytona ropi, taxao peyra kwi arawerorii irekawo, Wyraxiga, Araxã. A'e karae araxat arakawo. Nori mygã. A'e mõi tanã a'egy itorixekato amõi. Myme karae epewo araxat araxopa. A'e ekwe awa'ixe'eyg weret irekawo

taxao. Ao'i'i mō ta'e. A'e karae arawaem mii araxat. A'e Taywi kwi, kwee mi, i'apokajatyixe'ygoo erepa wã. Ky kyyy! 'Yg!, koxywera ipapari'ii iexãka, apapaka. A'e epe aa 'opa. Peyra perot kyyyy! Epe peyra irori ikwarapa peyra. A'e epe werayj Takãra pe iraãwo. Tawakopej we epe iraã iropa, a'e epe werayj Takãra pe. A'e epe amaayj wyrã xãp imanãwo py iapinera imota imanawo wyraxiga, Wyraxigio, Tarawe, Araxã, Warakorã. Iyke'yma mō tanã imaxa'ari imota iapinera pe py ranõ. A'ere imori ewirera. Ewirera imori imanawo, amanyk ranõ. A'ere imori imanawo etekyga, etekyga imori imanawoo, amanyk ranõ. A'ere iypekwera, amot imawo iypekwera ranoo. A'ere 'a iraayj, waty agy we ikome'o. Aty agy imarorowo iraãwo, irakwãpa. A'e a'o. 'Awe ipari, kwãra aparãra ramõ we ipari Takaripe. Temiãra'o kyyyy! A'e ramõ 'a ipari Takãra pe, xana mimi xi'o axymatãwa, emanyn. A'e ewi a'o wyrã kaaroka ramõ. Emanyn a'ega wyra ramõ irori i'owo. Apa reka ro'õ, reka kwera ro'õ epe, Ararete.

Orokotãwa pe Tarywa Maypyãwa

'A tana raka'e marakarakã ikwaaapapaapãwi akawo kwi. A'e ro'õ epe karamae ixerapari aawo epegã pe e'i karamee watyowa we 'opa. A'e karae namamiwitej, ira kwee mi marymaryn aka marakã pe axawo mō pa karae imawite atyowa wã. Namawitej karae kwi. A'e karae epe Takãra amaypy iapawa, tarywa ireka, a'e ramõ Takãra a'egaã ikwaãwi. A'e ramõ epe Takãra iapa. A'e karae Korawã agy py aka axyga ramõ, ika'em akawo, axeiwe Toto'i agy, axeiwe penamõja gy, xerowa gy. Epe a'e ramõ karae imaypy tarywa. A'e ramõ xe epe, marakayja re xiporaaj e'i, a'egã axe'ega. Mygatee'yma ranõ. Xana mi 'a xyre agy axe'iteexe iapa. Emanyne'ym. Marakwaapãra a'e ramõ amapa'ym tarywa. Emanyn xika, tarywa repy xika ranõ e'i. A'e karae a'ega ixex'egi. A'e raka'e atyowa namawitej. A'e karae Tokyni, erekwaawoo ta'e ramõ! e'i. 'Yg! Akwaap karae ymy ma'e ma'e he!, marakaraka he e'i karae Tokyna we. Xana ekwe xerexak e'i karae. A'e raka'e atyowa namawitej kwi. Ira kwee mi werapat marakaraka axawo mō ta'e. A'e ramõ irapari karae kwi marakayja. "Ooo! E'i ixope. Hõ'o! e'i ixope atyowa. Xeete pa ke ikwaãwi nerowyra marakayja hi e'i. Akwaap ro'õ e'i na epe akawo e'i. Axemimapy ekwe penowi he 'ei. Nakaj maryn e'ei. Nawerapari ro'õ raka'e mi, a'e ramõ ro'õ raka'e epe e'i. Ainop 'opa kwi. Werapat amo. Amamap ro'õ amõ ranõ. Werapat, a'ere i'apixi, erewaxoxo he takerine iewe, erewaxoxo he takerine iewe. Hõ'o! Axe paraka'e nerowyra ikwaawi'i xepe akawo ma'ema'e hi! e'i. A'e ramõ ro'õ imawite epagã re. Akaj mi irapiki myteripe. Erewaxoxo he takerine iewe, erewaxoxo he takerine iewe. Oxeexeexe oxeexe. Amain ranõ. Xã e'i ro'õ. A'ere ro'õ epe imawite. A'e ramõ, tarywa epe ximaypy ranõ, karae. A'ega hewi tana, 'aramõ mō tana raka'e mygã naxema'ej epewera, a'e ramõ tana xikaixe. Mygã mō akwaap xanewe marymaryn tekaãwa. A'e ramõ he tana mi 'a xikaixe'ii marymaryn, tarywi re. 'A tana ekwe ximamap kwi, my pa xyre agy xaneka ireka aawo akawo wã. Aoxeoxe 'a maira reka xe imaxaxawi xerekawo. Wiã pe tana ekwe maira xawie ika, xanerymymino agy itowi, ywyrape itowi. Xana 'a 'ara pane ika xanewe. 'A pane xaneaxygerakeãwa ika, a'e yni, mygã naxe'egi ee. Axe'eg epe a'e ramõ pane marakayja kwaapãra gy tarywa re, tarywa imaypywo xerexewe rano. A'e ramõ ekwe ximamap aoxetee xereka imanawo irekawo kwi, maira reka pe. My ta mi marakã re mygã migã pe ixema'e? Aekyj pane mi marakã axewe, a'e roõ ke mi marygato werakwap? A'e ramõ emanyn ke mi Korako ika ranõ, pane. A'egã pyri xe mi ka'o'i ienowi ii amõ ramõ 'yna wime. A'epe xe. A'egã tana mi ekwe wereka axewe. A'e ramõ emanyn kwi, xã 'a xerekawo. Ymy tana karae arakaixe'ii kwi. Akygetãra raka'e aapakwaap, marawykãwa karae akwaapap penamõja Xako'ipari. Mygã axema'ee'ymire mō tana natywi ii xanereka kwi, xikaixe mō.

Takãra te'oma a'e ramõ raka'e mi ximaxa'ak axaope ranõ. 'Y Wyraxiga a'e ramõ akopi'ã re, ipyteripe a'e ramõ Wyraxigio, kakaty a'e ramõ Wyraxigoo, ka awaxãra katy. Emanyn araxã ranõ. Kwekaty Araxã, kakaty a'e ramõ Tarawe, Warakora a'e ramõ ewi wyra'yao retyma,

akopi'ã. Emanyn a'e raka'e mi xixemaxerekakato. A'e epe tarywa re xixa'ak xerekawo ranõ. Wyraxigio xeke'ywa ro'õ ka wakãra katy, emanyn Tarawe ranõ, Araxã agy ramõ, kwekaty. Ma'e raka'e mi Takãra a'o, axema'etee, Wyraxiga 'y, Wyraxigio 'y. Emanyn Araxã ranõ ixema'e ranõ. Nakaj raka'e mi, xanami 'a xika wetepe xe ma'e iapawo. Emanyne 'ym raka'e mi xika, xixa'ak xepe xerekawo axawi. Ma'ewi ta ro'õ, kywa wi. Wyra ro'õ maryn akawo ikyp. Ximano ro'õ raka'e mi a'e ro'õ ikyp. Wyrã ro'õ ikyp, wyrã kywa ro'õ xaneree. Eawera re. Emanyn raka'e xika kwi. Xana mi Tataopãwa ranõ, emanyn. Marymaryn raka'e xika, xaneypy agy ika taryjpe. Takãra pe ra'e ixokã axawaxã xaetã, xanami pee Taxiromyo ne, emanyn. 'A raka'e tataopãwa pe axapiraka. Ma'e tataopãwa ro'õ raka'e pa apirak axepyri karo ramõ. A'e raka'e apirak. A'e ramõ, emiweripe naxikaj xaparawa mõi kwi, raka'e mi. Akateetee xepe, xanami 'a pekapit pexakawo. Emanyn raka'e mi xika. Axymatãwa raka'e mi weraxa'ak. Araxã axymatãwa tatã ikwawi, iwyrã tatã, Araxã we. Wyraxigio we iwyrã tatã we ranõ. Emanyn a'e ramõ ma'ema'e xireka. Nyn pake raka'e araka kwexe ma'e iapawo pexe pa mi wã. Naxiapaj raka'e mi ma'e wetepe xe xerekawo. Wyrã pe xe. Wyrã epe aporaaj marakayja re, axema'eteewo. Kawiypyparaka ramõ epe ixema'e, ma'e wyrã pã ekwe werayypyparak e'i. Are ekwe e'i, Wyraxigio amõi ramõi irayypyparaka. Emanyn a'e ramõi tarywa re xika. Xana mi 'a xiapa. Wetepe mi 'a xaã xerekawo, naxixe'egi mi nyn, ma'e wyrã pa ekwe aaxygerake naxa'ej mi. Xira'arejxe mi. Ymy tanã raka'e mi emanyn, ma'e wyra iaxygerake axyga we. Axema'e 'a, are ekwe e'i. A'e ramõi Araxã iaxygerake, amo kwãra re tanã Wyraxigio ekwe iaxygerake. Epegã mi a'e ramõi naxiapaj xerekawo. A'e ramõi 'a Araxã iaxygerake, a'e ramõi 'a kawi iepexyni Araxã py. Araxã 'a aka temone. Wyraxigio aaxygerake, a'e ramõi Wyraxigio ika temone. Emanyn raka'e mi ika. Nyn'e 'ym wetepe akawo. 'A tanã mi xika ii wetepe xe kwi, naxiapaj emanyn. Naximamyroj mi myga ekwe iaxygerake. Xana ekwe xiapapatarine, xira'arejxe ne. Emanyne 'ym raka'e mi xanerojawa gy ika. Axema'e akawo wyrã. Emanyn a'e ramõi xanereka kwi. A'e mi naxiapaj irekawo xerexeka kwi, ximakaxymap ekwe. Wetepe mi 'a ma'e, xerexeka xiawyjxe ii xerekawo kwi. Ximamawi xerexeka xerekawo kwi. Aoxe tana ximamawii marakaraka, kawiximynãwa akaxym, takaramaka'apypoãwa akaxyp ranõ. Akaxymii ikwaapãra gy xanewi kwi, a'e ramõi. Marakayja kwaapari ka ramõi he tana 'a xireka ii, Inamoreo ikwaãpa, akwaãpa Paxeapãra. Emanyn a'e ramõi mõi emiwera kwaapãra mõi wi ikwaawi.

Takãra - Korako

Takãra xanewe aoxekato raka'ẽ xanewe Apyãwa ramõi kwewiwe. Ma'era ta'ẽ? Maryn maryn xane kaawa ramõi, tarywa rerekaãwa ramõi, xepaanogãwa rerekaãwa ramõi Takãra. A'e mi epe xipat ypytonimo, a'e pe mi ma'e ma'e xikome'o xerexemiawera. A'era emanyn. A'era karae 'y ie akwaap wekawo maragetã ropi maryn maryn xerekaãwa. Ma'e'ixewej e'ym Takãra pe xiapa, xikwaap. Marawykãwa aapa takaripe iraãwo iryna, ywyrapãra ayp takaripe, axo'ywapa takaripe. Axepaãnog takaripe, takawyteripe. Taryweteoo akawo, Takãra. Se mõi natywi Takãra, a'e mõi natywi maryn maryn xanekaãwa. A'era mi emanyn. A'e ramõi aoxekato xanewe Takãra maryn maryn xanekaãwa. Se mi Koxamokowera wy, a'e mi xierak epe ranõ. Xyre'i'i mi axeapa takaripe ranõ. Eira mi xi'o epe Takãra pe, xepaanogãwa. Tataopãwa mi xi'o epe ranõ, eira, ipirã. Kwarypy pe wãra tanã mi ma'ema'e xirõ xe a'o. Komana, tatã, monowi raka'ẽ mi aapa, ayme. A'e ramõi emanyn.

'A tana ro'o ke 'a iapa irekawo xepaanogixeãwa. Axepanogixe pa ke ekwe a'e 'a wekawo. Porque 'a ika maja kwi. Mõi pã 'a ika maja wã. Apyrõg kwakaj amõi ee Xiwyga kwi. Maja axokã maapyp. A'e ramõi kwi aoxekato xerexepaanõga. A'e kwee wekawo. Xane'yga mi ay xanewe. Kwewiwe ro'õ xane'yga ay xanewe xanererekawo werekakatoe'yma ramõi. A'e ramõi mi Takãra ika tarytarywa ypyrogãwa ramõi. Tarywa ypyrogãwa mõi ika Iraxao. A'e re pane mi Awara'i. 'A pane ika. A'e re iparire, tawã imaaxykawori ima'ararapa axa'yga a'ega ranõ. A'e mi ekwe

aka ranõ iarõwo. A'e ramõ epe ika aka'owo. Aka'ojxe akawo ixexagakarire. 'A ireka iraka'owo, maryjxe irekawo kiriri'ipe tawã. A'e ramõ mi aoxekato xanewe Takãra. Axiwe kwee mi ia iapaãwa haãwa re, a'e ramõ mõ kwee mi ixamaaryarywi. Pexe xerepaityra xietyk axawo, mani'aka we. Peexe! A'e ramõ kwakaj mi ia ietyka. A'e re ixoxoky, werapat, a'era koxywera iapa o'i. A'era 'a imori tatã iopita. A'ere axejwe ia. Pe akawo. A'e awak 'ota aka'owo xe ranõ. Epe mi tarywa ixaapyapyp aawo pane akawo. Até mi ia kawipyyparakãwa, epe mi iapyra ia ka'o pe. Epe mi ka'o ia ranõ. A'ere mi kapitãwa gy iy'o kawio pe. Wyrã'ira'i, wyrãwyrã imay'owo, amoatao imay'owo. A'ere tanã mi 'a nay'oj ma'e ma'e. Xaneramõja ay'owo. Ay'oe'yma tanã mi 'y ityni. Xakakõja, xakami, ahari, emiwera mi nay'oj. Xanoo, 'a ayja ma'e, epe mi ipawi aawo. A'e raka'ẽ mi ymy awã a'apokaj 'opa. Kyyy kyky, kyyy kyky, kyky kyky kyy kyy. A'e ymy'iwe ake axaope, axaapeapere axapyppyyka iraawo. Epe mi ia. A'e mi tataopãwa a'o kwaripe wãra, a'e ramõ we mi itori Axywewoja ranõ. Ma'e xirowera mi epe a'o, a'e ramõ we mi epe itori Axywewoja. A'e mi epe aka, wereka, imamyxi'owo. Imamyxi'oe'yma imakawi xe ranõ, imay'owo irekawo. A'ere tanã akaj 'a ia ii ty'arera reewe, nakaki. Epe mi myryjxe xewe ie xererekawo kwi. Marygato ta ekwe a'ẽ. Xãna kwakaj, xiaxygerake e'i ro'õ rakwee ke ranõ, nakwaawi. maxepe kawi'i pe aaxygerakewo. Emanyne 'ym kwi, aapa kawi moko, Araxã, Wyraxiga. A'era mi aoxekato.

A'e ramõ mi Takãra aoxekatoete ma'e kome'oãwa ramõ, xepaanogãwa ramõ, xerexekaete magyãwa ramõ. Si ixemoõne, a'epe ewi ixemoõni aawo 'yna. Akoma'ekwera kwakaj mi aparamoon kwaap, a'e epe amoon akawo weta agy kwi. A'era emanyyn kwakaj mi ika xyre agy. Maragetã ikome'owo, ma'e re axamaaryarypa, kapiãwa re axamaryarypa, myjnãwa re axamaryarypa, mi tarywa re axamaarypa, emiwera ramõ mi ewi Takãra ityni. Yre tanã mi 'a xe'egãwa pe xe ixegãwa akawo, ainop mi ka wexope xyre agy xe'exe'ẽga. A'e ramõ mi narakwaãwi arakawo. Narawerekaj mi are. Xana 'y ityni, agã re ekwe natywi tarywa, aa ka akawo ixowi 'ara. Awaxikyra ramõ xane xiaxygerake, a'e tana kwee wekawo. A'e tanã karaxao a'o'ii aawo 'opa awaxikyra. Emiwera apaãwa ramõ raka'ẽ mi xiapa Takãra. Wyrã raka'ẽ nakajxej Takãra wi a'e tanã akaj wexopa ra'ẽ. A'era 'a xyre agy, 'y aixak wekawo, naxikaj ekwe kare xerexeka re a'ẽ 'a wekawo. Mais ixywaaty kojapa'axiga. Xanã awo ia. Mais ixywaaty epegã.

Ao'i'i araka kwi a'ẽ mi wexopa, tarywa re. Paxeapãra karae ayjxe. Tarywa re xika! Araka tanã. A'e ramõ karae 'y akwaap ka'o, a'ẽ mi wexopa. A'eete ramõ Korawã kwi, peinowike mi: xemanõ ramõ natywi penope ka'o ne kã e'i. A'era raka'ẽ aoxekato axema'e ka'o re. Ka'o re tanã naxerayrõj. 'A Takãra maka'apypoãwa 'a akaxym. Akaxymagato, natywi amõ. Axygaiwa xe 'a aka. Akaxym Myykipyra, akaxym Ia.

CANTO DO KAWIO - KAWIYPYPARAKÁWA

01. Tarawywi ne
Tarawywi ne ie
Hawe koxy'i, weka'ore
Tarawyrawywi ne ie wekoxy'i ne
Weka'o patarire

02. Kamoriri, kamoriri riri
Hãparejpa
I'awoxewoxe na amõ wãra rãjpa
I'awoxewoxe na amo wãra rãjpa
Amo wãra rãjpa korawara rãjpa riri.

03. Kaxoweweete paramariare
Kaxoweweete paramaria
Hetera
Kaxoweweete paramariare
Haparamari, paramariare
Haparamari, paramaria
Hetera
Kaxoweweete paramariare
Paramaria hetera
Kaxoweweete paramariare

04. Amokwãraro, roamo ewe
Parirãwaxa, parirawaxã
Parirãwaxa, parirawaxã
Araxapyykie raka wetywyrigewe
Parirãwaxa, parirawaxã
Paranyka'ã pe opixikaweripe tewa
Parirãwaxa, parirawaxã

05. Hejwore, hejwore
Hejwore, xeoparaka kawi

06. Xakere, xakere re
Araapãje, wexywakanine,
wepytokawokã

Xakere, xakere re.
Araapãje, wexywakanine,
wepytokawoka

07. Pipi, pipi
Pipi, xowe
Wiapereka, kawiapereka
Hãjpipi py pexowe ka kawi pereka
Hãjpipi py pexowe awaete
pareymãwa.

08. Xero'ywa we
Xero'ywa we
Xero'ywa we
Ipepa'yapyna xero'ywa we
Ipepa'yapyna xero'ywa we
Wyrakera re wereka ramõ,
xero'ywa we.

09. Wyra xe, werorire
Wyra xe ra'e werorire
Wyra xe ra'ẽ werorire
O'ywa ramexena xetotyra amain
A'epe iraãwo wetenaka
Werorire.

10. Hiraira, hiraira ie
Xeywyrapãrimo anej ranõ he.

11. Wemoroxãxe xeexe
Taka'o tee xowe raka iere'ã.

12. Wemoroxãxe xe
Wemoroxãxe xemoroxãxe xe.

Cantor: Koraripewi e Xario – 06/2004

KAWIEPEXYNÃWA

- a) Ape xepena nekawãwa tajxãkine;

Ape xepe , apexepe;
Mypa wyrã reymãwa ityni wyrã
Hirewopewo pe kawĩ repexyn;
Hararypia ka'ã pe ka kawĩ
repexyna.

- b) Axekã xekã xe;

Kawĩ repexyna mō ra'ẽ;
Hee, e, e, e;
Kawiãra, kawiãra, kawiãra re;
Harariwãja e, e, e;
Hirewopewo pe kawĩ repexyn;
Hararypia ka'ã pe ka kawĩ
repexyna.

- c) Mypa wyrã reymãwa;

Ityni wyrã
Waorare katy
Hee'e hekwekaty wyrã
Hirewopewo pe kawĩ repexyn;
Hararypia ka'ã pe ka kawĩ
repexyna

- d) My pa' ẽ kawĩ xane remipexyna

Hakerekeke, hakerekeke hi
Hirewopewo pe kawĩ repexyn
Hararypia ka'ã pe ka kawĩ
repexyna

- e) Mypã wyrã

Reymãwa ityni wyrã
He'ee'e , he'ee'e
Hirewopewo pe kawĩ repexyn
Hararypia ka'ã pe ka kawĩ
repexyna.

- f) My pa' ẽ kawĩ

Xane remipexyna
Howarowarowaxe
Hirewopewo pe kawĩ repexyn
Hararypia ka'ã pe ka kawĩ
repexyna.

KA'ORETE

- a) Eakygetãra ke ane ranõ wyrã
Ee'e
Eawaopit akygetãra wyrã hi
Nekaty wyrã, akygetãra
Wyrã tapewãja, wyrã
Kakaty wyrã, akygetãra
Wyrã tapewãja, wyrã.
- b) Owe marakã ra'ẽ,
E'i õ'õ
Aãna neka'ã pe
Xowaxiny ka'ã pe
He'e, he'e, he'e'e'e'e.
- c) Torirãwa xa'e
Torirãwa xa'e
Torirãwa xã, ýjwe nekawawera.
- d) Wyrã kaninetãwa pe
Wyrã kaninetãwa pe
Wyrã
Xaapeape katy kawãra ka itori
Wyrã kaninetãwa pe
Wyrã.
- e) Wyrã xinixowa re
Xema'apokãjta, xemanãwo,
xemaxewyrakãta, ixowi
Ãrarawie,
Ira'ararawie.
- f) E'ararãwa akygetãra ramexenika
weraka'o
Mýpa mĩ wyrã, weraka'o
- Mýpa mĩ wyrã, weraka'o wyrã.
- g) Exe xiraka'o wyrã
Exe xiraka'o wyrã
Wyrã tetexowa aka'o wyrã
Hee'e, herej'e, rej'e, rej'e
Rej'e, rej'e, rej'e, he
Hee'e'e, kawãra mõ wyrã.
- h) Xã,xã,xã,xã, xã'e
Xã, xã, xã'e
Ie wyrã Kato wyrã
Newyrã kato xahe
Newyrã xahe.
- i) Xãxã xãxãxa'e
Xãxã xãxãxa'e , ee'e
Owenika wyrã ke
Ararory pe xe wyrã
Owenika wyrã ke
Ararory pe xe wyrã.
- j) Wyraxigiãrimo, wyraxigiãrimo;
He'ee'e
- k) Wexowataxy ywonaka o'ywa xeree
Kawawaxowi mõ
Awoxe, awoxe ane erexokã
Awoxe, awoxe ane erexokã.
- l) Eratytyryk exeymãwa tyrywe
Wyrã tyrywe
Tamakygetãrine tarywa neope wyrã
Hee'e, hee'e, hee'e wyrã, hee'e

KA'O KA'EMÁWA

- a) Ema'ẽ ma'ẽ eakygetararõ re
wyrã
Wyrã toirire, toirire wyrã
Wyrã toirire, toirire wyrã
- b) Wyrã pepatãjpe xerexakire he
Hee te'ẽne ka'ema kwaapãra
mõ a'yma wyrã
Wawyxa wawyxa'e.
- c) Moname tãjpe kawãra ra'ẽ
Eawaopiri akygetãra wyrã
Eawaopiri akygetãra wyrã.
- d) Moname xininiwera
neakygetãra pyra re
Newyrã,newyrã xa'e
Erexomarario
Erexomarario'e
- e) Wiriri kaha wiriri
Exe wiriri
Wetaraygato araka'o ne wyrã
Wetaraygato araka'o ne wyrã.
- f) Arakorixowa xe
Axapararyneka akawo xewo
wyrã
Xirikaka, axaparary neka
akawo xe wyrã
Xirikaka, axaparary neka
akawo xe wyrã.
- g) Ane pa ka ka'ema mõ ere,
Erexe'exe'ẽgine wyrã
Erexe'exe'ẽg wyrã
Hee'e ... xirikare, xirikakare
Xirikare, xirikakare.
- h) Kojkooa'e'e'e'e
Neakygetararõ pã ka ane
wyrãete ramõ
Kojkooa'e'e wyrã kojkooa'ẽ
- i) Wyrã kowekowe kawarỹma
He'e kawarỹma
Hee'e , hee'e
Wyrã kowekowe kawarỹma
He'e kawarỹma
Hee'e , hee'e.
- j) Wyrã pyrogãwa re we'ỹma we
ie he
Kawãra we ie he
Kawãra we ie
Era'arire, he'e, era'arire he'ee'e
Era'arire, he'ee'e.
- k) Ha'ã rirare
Ha'ã rirare
Nejwawaro, nejwawaroxe
Nejwawaro, nejwawaroxe
Hemỹpa emiãra rowykwera
ra'ẽ
Hemỹpa emiãra
iywoywoawera, xaxãwa.
- l) Ikawexepe axara ypytomiareri
ramo axat wyrã
Hepaepaki wyrã
Hepaepaki
- m) Torori kawãjpe iehe'e'e
Torori kawãjpe ie aka'o wexata
he
Torori, torori wyrã he
Torori kawãjpe, torori kawãjpe
ie
Aka'o wexata he.
- n) Xiraraxe, xiraraxe
Wyrã xomiãra re
Wyrã xomiãra re
- o) Hekeke heke
Hekeke heke
Araraxo araraxo we
Araraxo araraxo we

- Iekaki ke xepe a'e panena
neope wekoxy'i ne
Hekeke eke
Hekeke eke
A'e panena neope wekoxy'i ne.
- p) Erete xiexaka'ẽ
Xiexãk
Xiexãk
Xieak wyrã
Erete xiexak'e
Erete xiexak
xamatãre'ymawera
nerekwãwera
Xiexa xiexa xa'ẽ.
- q) Axo'ymamana penope ne
Xokyra re pakaka mo
Xagatogato pe pe'o ke ixowi
Amona e'yma pe
Pe'o, pe'o na ixowi
Amona e'yma pe
Pe'o, pe'o na ixowi
- r) Koxyakygetãra xe xiexak wyrã,
he'e'e
Koxyakygetara xe xiexak wyrã,
he'e'e
A'e iakygetãra ro me xe
Arari wyrã he'e
Wyrã waja ro me xe
Arari wyrã e'e.
- s) Exomanaria
Exomanaria
Hee'e
Wekeri tãjpe
Wyrã xepyetykãjpe
Ika'emã wyrã.
- t) Axepanogixekato xipa ee ra'ẽ
Haparika re ra'e
Kwenipa, kwenipa
- Kwenipa itori itotyra ra'ẽ.
- u) Wyrã kowe, kowe
Kawaryma he'e
Kawaryma...
Hee'e hee'e.
- v) Wetarywa marowo
Wetarywa marowo
He'e newyra xomarikia
Wetarywa marowo
He'e newyra xomarikia.
- x) Iakygeta kato xe
Araka'o
Iaramoro kato xe
Araka'o
Irewo pewo weka'o ka'emire
Itape xewaka'ã pe
Weka'o ka'emaweripe.
- w) Apykaotãwa pe kawãra mõi xea
ramõi
Torowewe'e
Etorowewe'e
Apykaotawa pe
Torowewe, torowewe ee.
- x) Xererayro tanã a'yma ra'ẽ
Kawãra mõi axat wyrã
Hie he'e, e'e
Xowe xowe wyrã
Xowe xowe wyrã
Ika'emie wyrã.
- y) Xapi'i wyrã xane rakaripe wyrã
He'e, he'e
Wyrã akygetãra marowo xe
wyrã
He'e, he'e
Wyrã akygetãra marowo xe
wyrã

KA'O RERAYRAYJTÁWA

a) Kere, kere, kere, kerewie
Ane marapiãra mō
Atã erepytã exata
Akajnanowe xipa
Erejxe naka
Exe'egawera arewe
Enowakare'ymire ramexe naka.

b) Iweryry xe'e xe'e
Araxamaxomine,
Araxamaxomine
Araxamaxomine are
Awaetete pa korawara raepa
Awaetete pa korawara raepa.

c) Hejwore, hejwore
Hejwore, xeopãraka kawĩ

d) Amokwararo, roamo ewe
Parirãwaxa, parirawaxã;
Parirãwaxa, parirawaxã
Araxapyykie raka wetywyrigewe
Parirawaxa, parirawaxa
Paranyka'a pe opixikaweripe tewã
Parirãwaxa, parirawaxã.

e) Xakere, xakere re
Araapaje, wexywakanine,
wepytokawokã
Xakere, xakere re
Araapaje, wexywakanine,
wepytokawokã.

f) Eawaopit akygetãra
Wewyximara, wewyximara re
Eawaopit akygetãra we,
Eawaopit akygetãra we
Yapapemoho wetakwãpetymire,
Wewyximara.

g) Axamaga'o akarie wyrã
Xera'e
Axoro tawa pe wyrã
E'i xe wyrã
Xera'e

Axoro tãwa pe wyrã.

h) Hexekexeke, hexekexeke,
Hexekexeke, hexekexeke
Wyrã tarawe akygetãra marowo xe
Wyrã
Ikwaxiaripyra marowo xe
Wyrã.

i) Exakapewyt taroko'a xe
Henoka'emire, henoka'emire
Haãxa hekoxã hekooxã xa
Xa hekoxã xa'e
Haaxa hekoxa xe.

j) Awarari, awarari xeexee
Awoxenipe xãno wereria
Awoxenipe xãno wereria
Awoxenipe xãno wereria.

k) Xamorori morori morori
Examorori
Wyrã ramoche, wyrã ramoche
Wyrã ramoche, wyrã ramoche.

l) Iete narawiãri oxaxa'e
Narawiãri, narawiãri
Oxaxa'e
Iete narawiãri
Oxaxa'e
Ie wetawaxãra kyyxe rexakari ramō
xowe tenã
Narawiãri oxaxa'e.

m) Araa pane raka are
ikawaweripe
Araa pane raka are ikawaweripe
Inamototo, xãjpe wyrã
Kawãra mō axa re wyrã
Kawãra mō axa re wyrã.

n) Riririkamo, riririkamo,
riririkamo, ririri
Riririkamo, riririkamo, ririri.

o) Ere rewyra xamorori
Ere rewyra xamorori
Hawiowe, wewyra xamorori.

p) Araa pane raka
Are parany xaranine
Hee xaranine awekoxy'i
Xaranine awekoxy'i

q) Hiriri ay pa'e newe hiriri
Hiriri ay pa'e newe hiriri
Hiriri hiriri ay pa'ẽ newe
Neka'o pataawera
Neka'o pataawera iriri

r) Heere wyrã, heere wyrã
Xamorori morori
Heere wyrã.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



NIVALDO KORIRA’I TAPIRAPÉ

TAKÃRA

Apyãwa Reka Paragetã - A História da Vida Apyãwa

BARRA DO BUGRES-MT
Setembro, 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

- | | |
|-------|--|
| T172t | <p>TAPIRAPE, Nivaldo Korira'i Tapirapé.
Takãra: Apyãwa Reka ParagetãTakãra: A História e a Vida Apyãwa / Nivaldo Korira'i Tapirapé Tapirape - Barra do Bugres, 2022.
0 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (não)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Adailton Alves da Silva</p> <p>1. Povo Apyãwa-Tapirapé. 2. Takãra. 3. Educação Apyãwa. I. Nivaldo Korira'i Tapirapé Tapirape. II. Takãra: Apyãwa Reka Paragetã: Takãra: A História e a Vida Apyãwa.
CDU 376</p> |
|-------|--|

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	144
TAKÃRA: APYÃWA REKA PARAGETÃ.....	145
Takãra Apaãwa.....	146
Wyrã xemaxerekakatoãwa.....	153
Tarywa.....	155
TAKÃRA: A HISTÓRIA DA VIDA APYÃWA.....	158
Construção da Takãra.....	160
Organização Social.....	166
Rituais.....	168
Atividades.....	171
SÁBIOS APYÃWA REFERÊNCIA.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	181

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o Produto Pedagógico construído no Mestrado Profissional, “Em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI que está vinculado à dissertação intitulada “*Takãra - A Casa da Sapiência Apyãwa*”, uma pesquisa realizada com o povo *Apyãwa* – Tapirapé que habita em dois Territórios denominados Terra Indígena Urubu Branco e Terra Indígena Tapirapé e Karajá na região Centro-Oeste do Estado de Mato Grosso.

Tem como propósito levar reflexões nas salas de aulas com as crianças e jovens da Escola Indígena *Apyãwa* sobre a importância da epistemologia milenar difundidas na *Takãra* para com este povo. Sabemos que a sabedoria *Apyãwa* na *Takãra* está cada vez mais silenciada, por isso é necessário que se tenha várias iniciativas experienciadas para manutenção e vitalização dos saberes que são essenciais para a sobrevivência cultural e linguística do povo *Apyãwa*.

Nesse sentido este material foi planejado para ser trabalhado com as crianças e jovens quanto mais cedo, incentivando que eles mesmos possam compreender a importância da vida, da cultura e especificamente os rituais que são celebrados na *takãra*. Imaginamos que este trabalho possa impactar diretamente o público mais jovens, que consideramos a base da sabedoria para que se possa ser transmitida de geração em geração. Sabemos que as crianças e jovens são futuros e protagonista do seu próprio saberes.

Nas aldeias ainda contamos com a grandiosa contribuição dos sábios e sábias que são referências vivas que podem contribuir com a concretização deste trabalho.

Assim foi pensado “Historinhas em Quadrinho” que traz reflexões sobre a importância da sabedoria da ancestralidade que ensina a vida do povo *Apyãwa*. As ilustrações são reflexivas sobre o cotidiano da geração atual *Apyãwa*, a primeira parte escrita na língua materna e em seguida também em versão em português. Dessa forma pensando atender o público alvo mais avançadas.

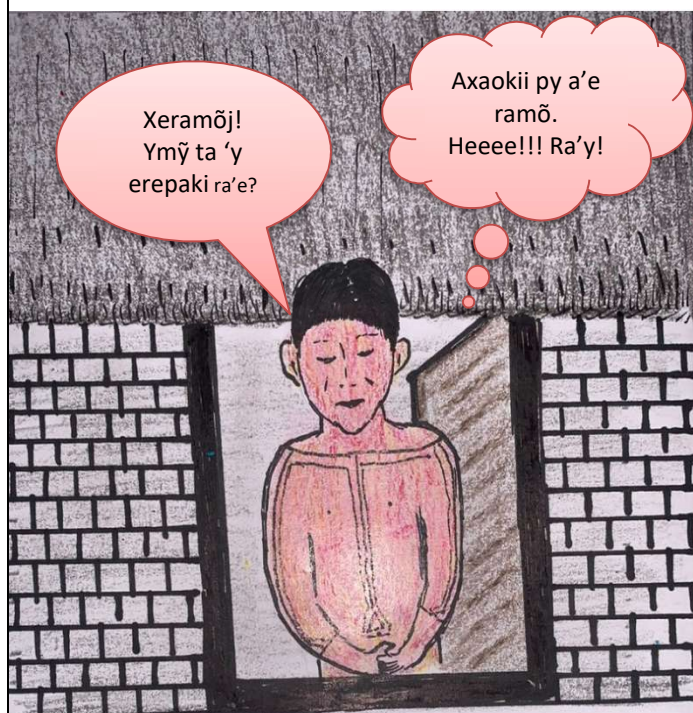
Com este trabalho pretendemos alcançar a expectativas da maioria dos docentes e discentes das escolas *Apyãwa*.

TAKÃRA: APYÃWA REKA PARAGETÃ

Xeramõja ro'õ ymy'iwe apaki 'yna. Aryarywi ro'õ apãka wymyminõ agy Takãra apaãwa re.

A'e ramõ ro'õ ymỹwe ipaki imamyrõwo wymyminõ agy. Pexe pexepãka axawo. Taixak Takãra apaãwa axawo.

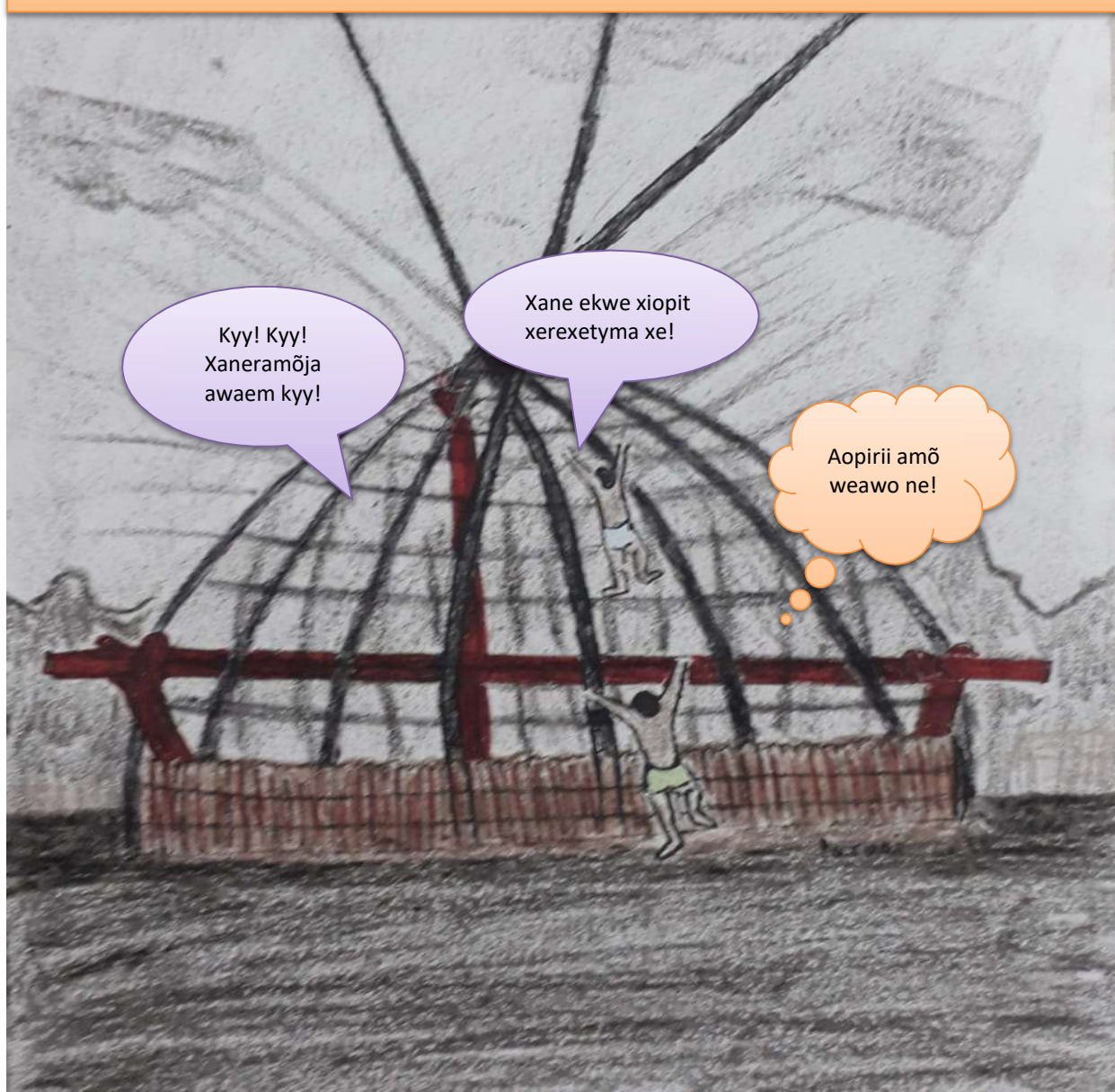




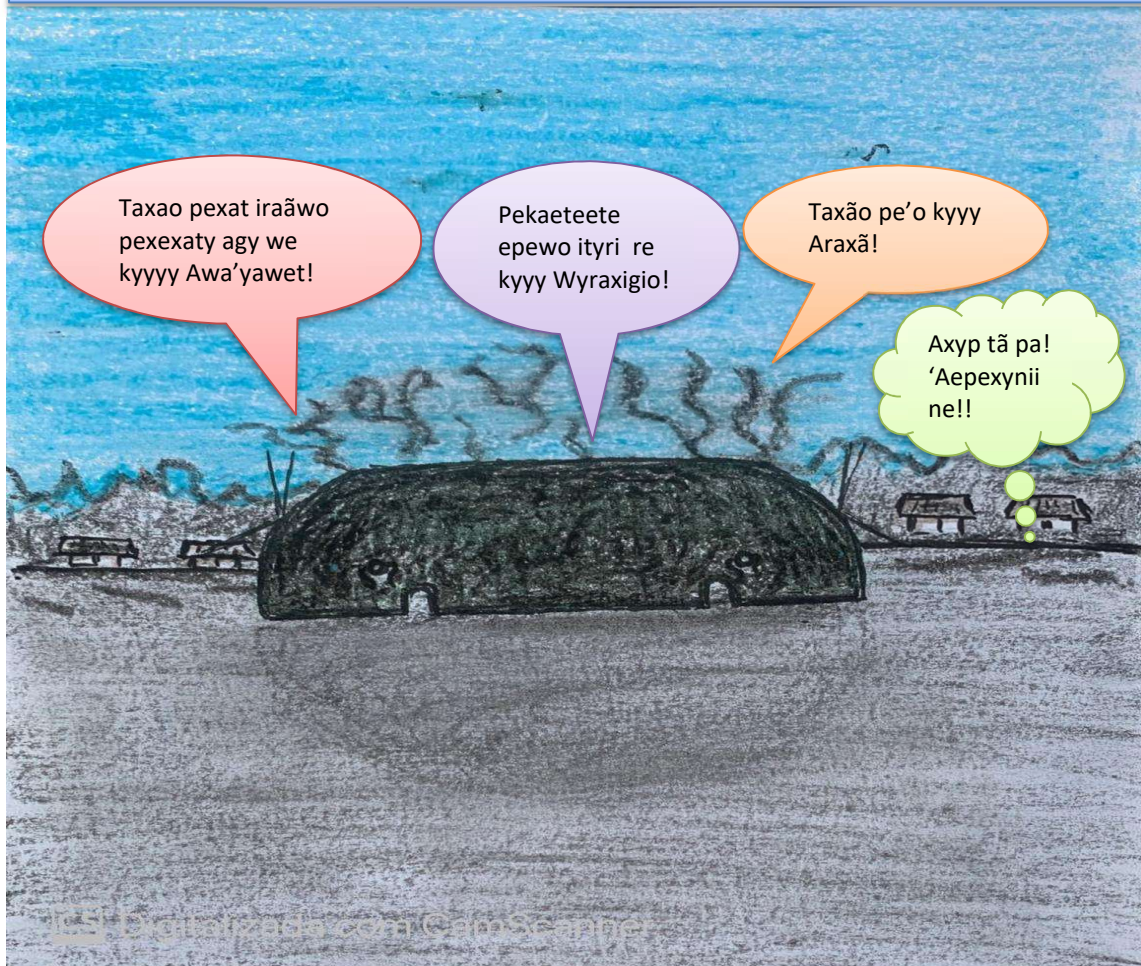
Takãra 'a wyrã aapa irekawo. Aopipawexi 'y imanawo irekawo. Amanyk 'y imanawo wetyma wyrã. A'ere xowe ka pinawa karaxao ramõ ira'apoj irota amõ agy. Peowe wyrã re'yja tewiri itori akawo. Peinonami imarakã!

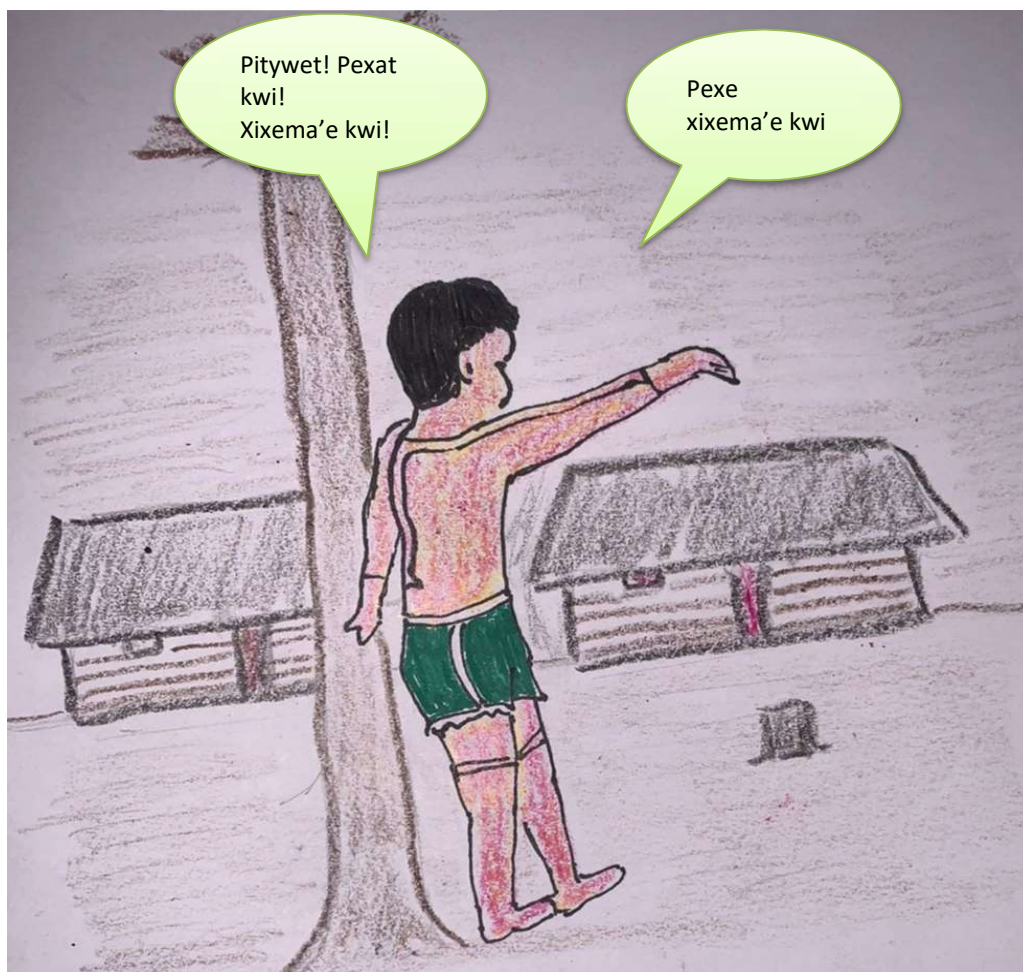


Kaaroka aparara mõi we 'a wyrã iopiri Takãra pira. A'e ramõi 'a wyrã ixoopiri takãra re wetyma iopita. Araxã wetyma aopit, Wyraxiga wetyma aopit.



Takãra apapawire mi wyrã imamie wakãra. Axokã mi taxao, xiwa'ã, xawaxi, koxio, kwaxi, a'e mi a'o wyra. Imamiewo ro'õna mi ewi imaypy tarywa Apyãwa axaope. Imaypywo mi my'aaty axaope rano.



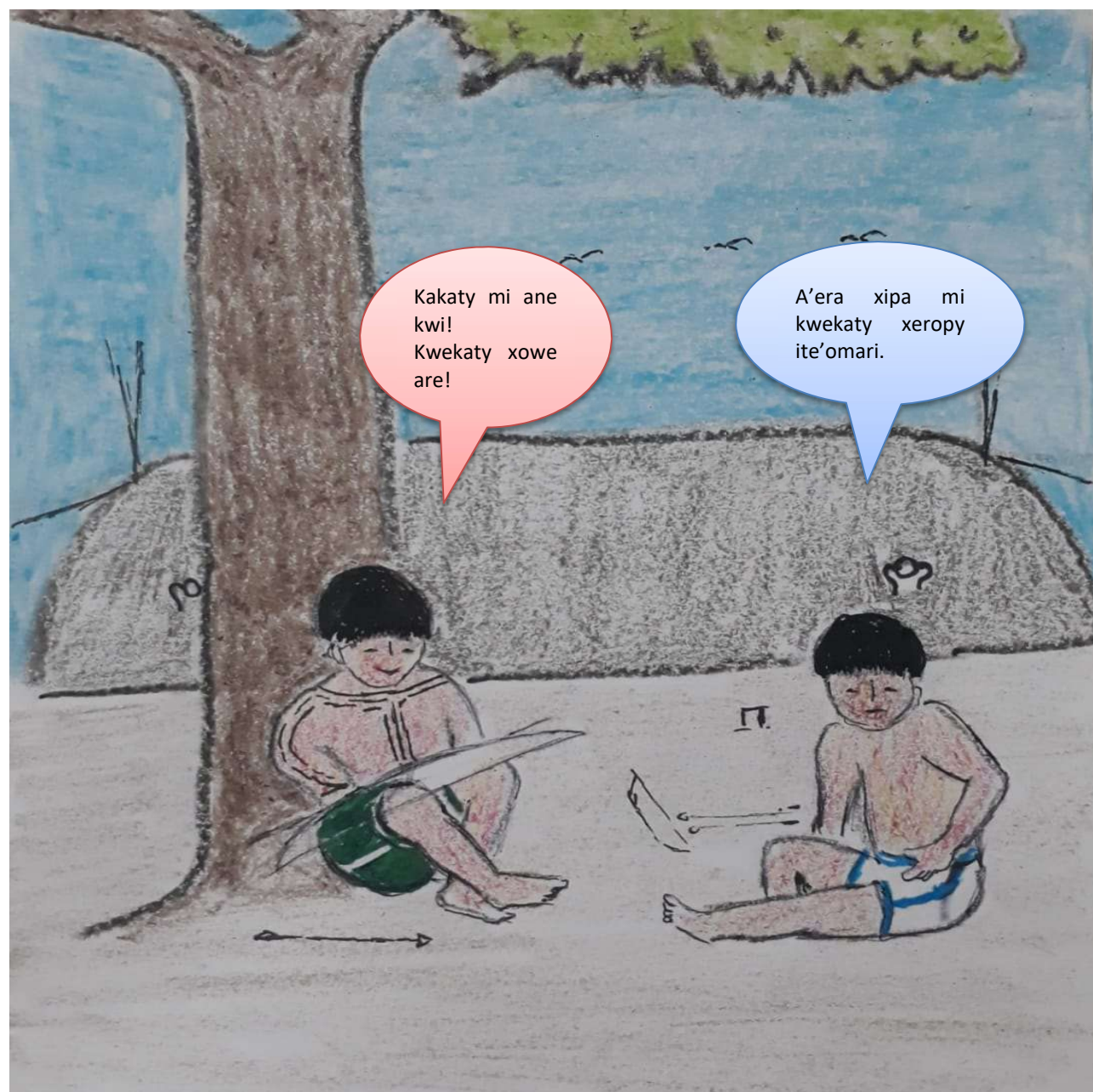




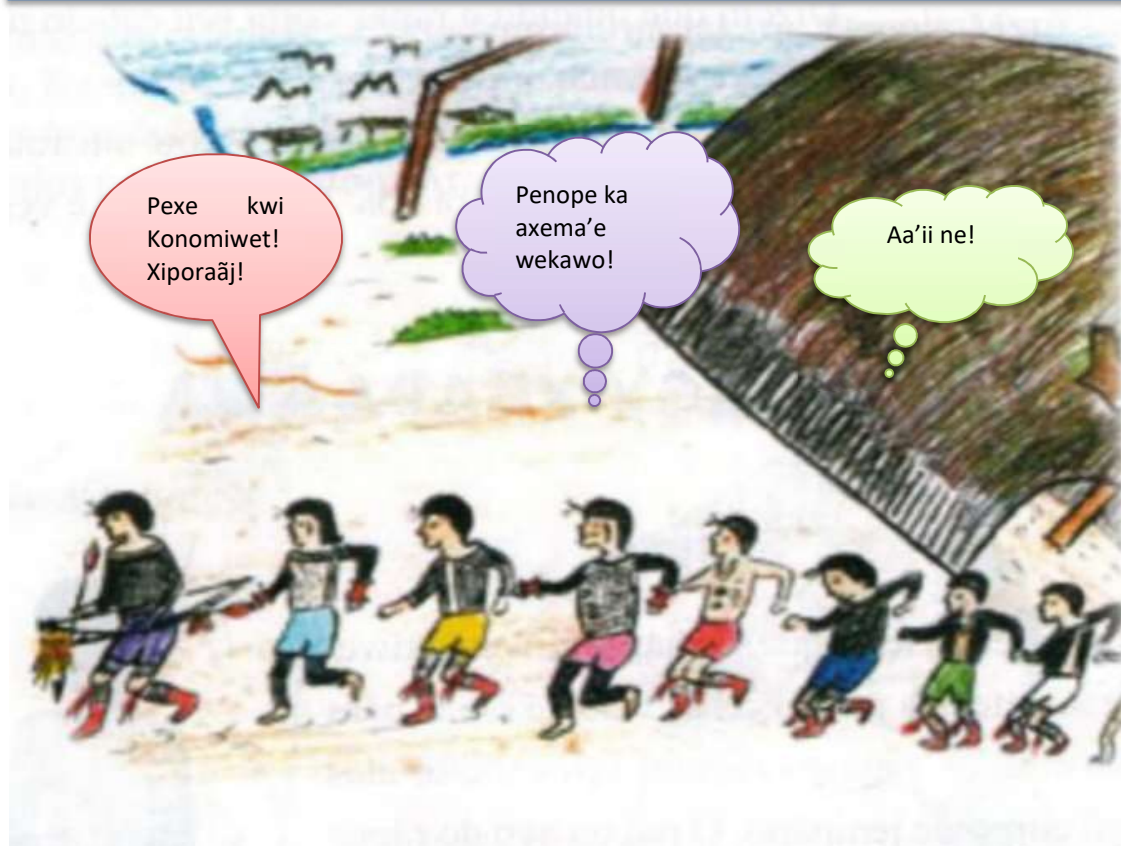


Peixanami 'y takãra ra'ygãwa. Axapytera ropi mi 'y ixa'aki 'yna wyrã axawi.
Kakaty wyraxiga, Wyraxigio, Wyraxigoo, kwekaty xowe Warakorã, Araxã, Tarawe wyrã.





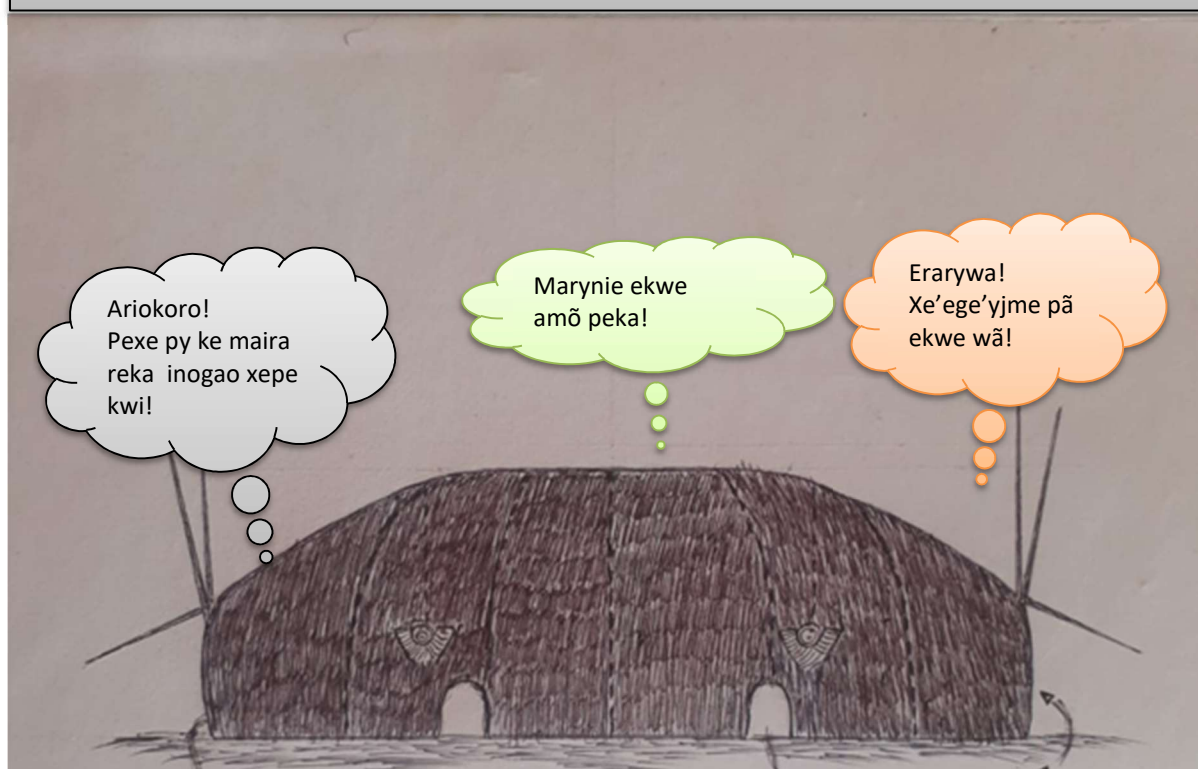
Marakayja a'e ramõ xanerywa. A'epe ro'õna mi ixekygetaxi aawo akoma'e. A'ere ro'õ aoxekato xerexatyata. Iaroaroete xanerywa kwi Awa'yawet!



Kaaroka ramõ mi Akoma'ekwera irapari Marakao. A'epe mi Koxywera iakaki Akoma'ekwera, taxao re, xawaxio re, tyro re, inima re, kapypiãra re, marawykãwa re.



Takãra ro'õ aoxekatoete xireka xerexeka maka'apypoãwa ramõ xerexewe. A'epe ro'õna mi ximaryaryp xere'ỹga irekawo xerexewe.



VERSÃO PORTUGUÊS

TAKÃRA: A HISTÓRIA DA VIDA APYÃWA

O Vovô acordou tão cedo hoje. Ele acordou tão alegre porque os netos estão construindo *Takãra*.

É por isso que acordou tão cedo e reclamando ausências de seus netinhos, dizendo que está na hora de acordar para ver a construção da *Takãra*.

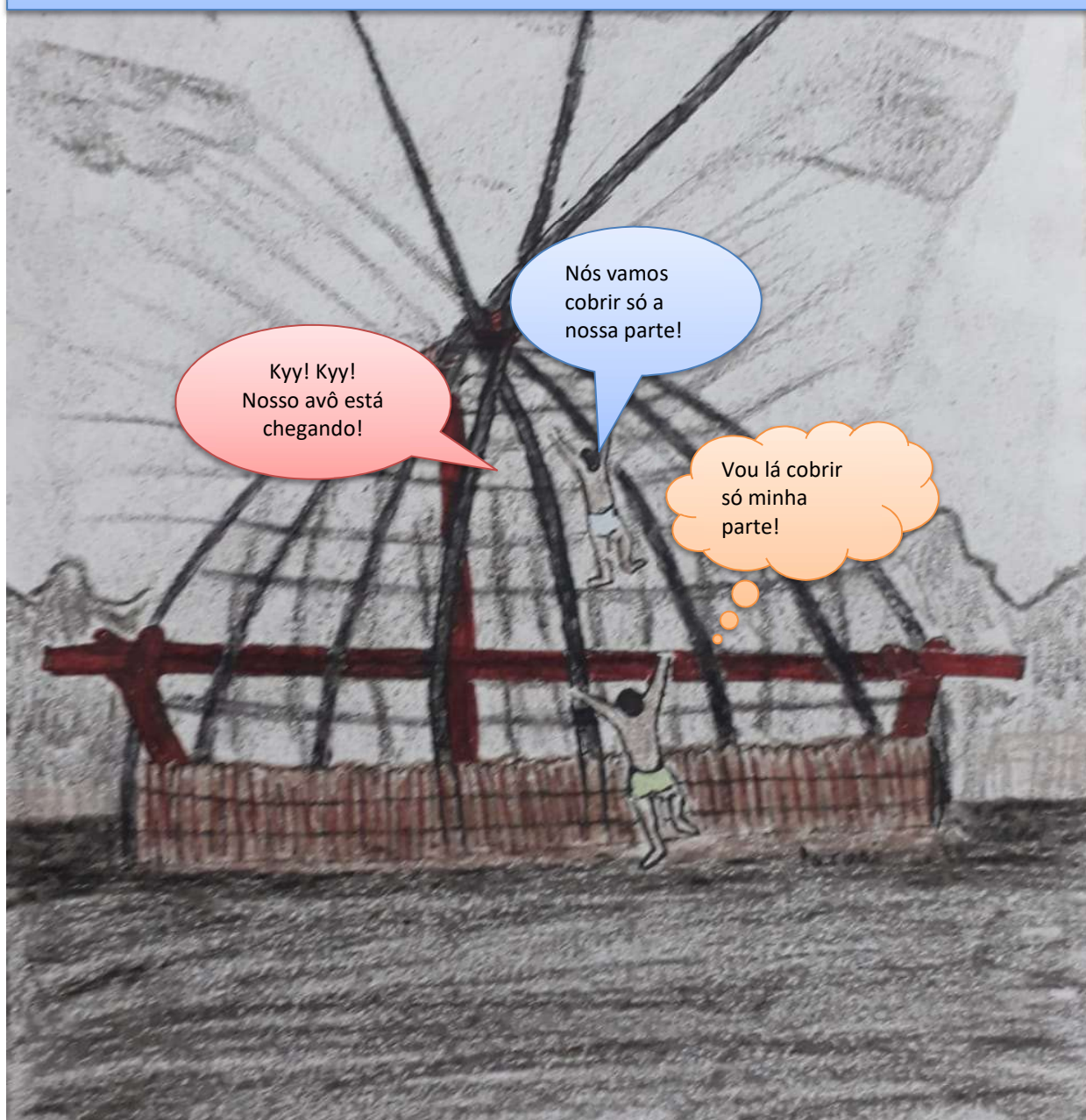




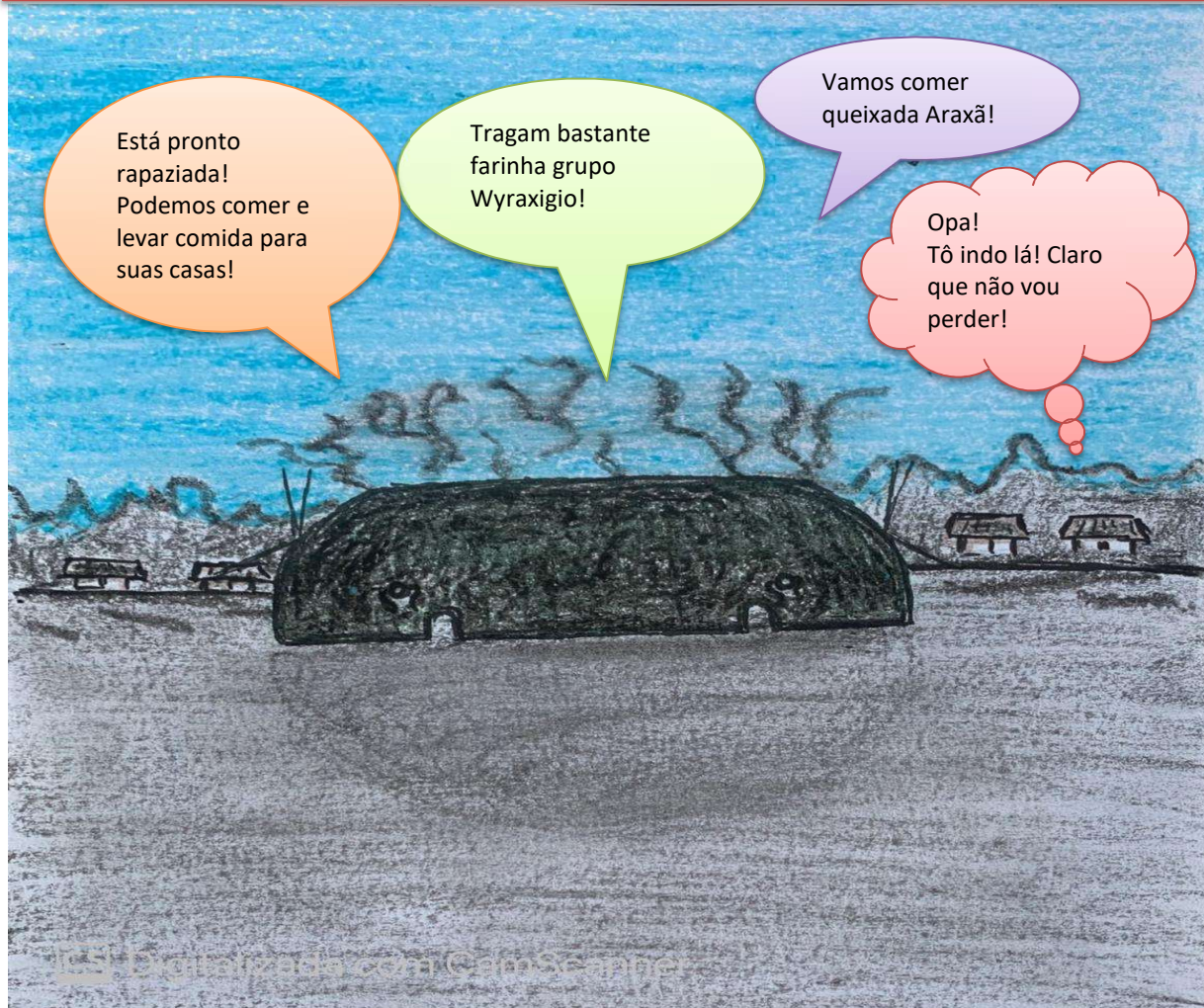
Nesse momento está acontecendo a construção da Takãra. Ela já está na fase da conclusão. Cada grupo está finalizando a sua parte. Nesse momento carregam folhas de bacaba, gritam e cantam cantos de Kayapó. A maioria dos homens estão vindo atrás. Escutem como eles cantam.



A tarde os grupos retomam atividades, agora colocando a cobertura da Takãra. Todos os homens do grupo sobem na *takãra* construindo sua parte. Araxã se responsabiliza pela sua parte e, *Wyraxiga* também cuida da sua parte.



Quando termina a construção, a takãra é perfumado com cheiro de caças, queixada, caititu, jabuti, coxio, quati. Todos os grupos participam do ritual de comer. Dessa maneira se instala oficialmente alegria na aldeia e também abertura de oferta de abundância de alimento para grupos sociais e espirituais.

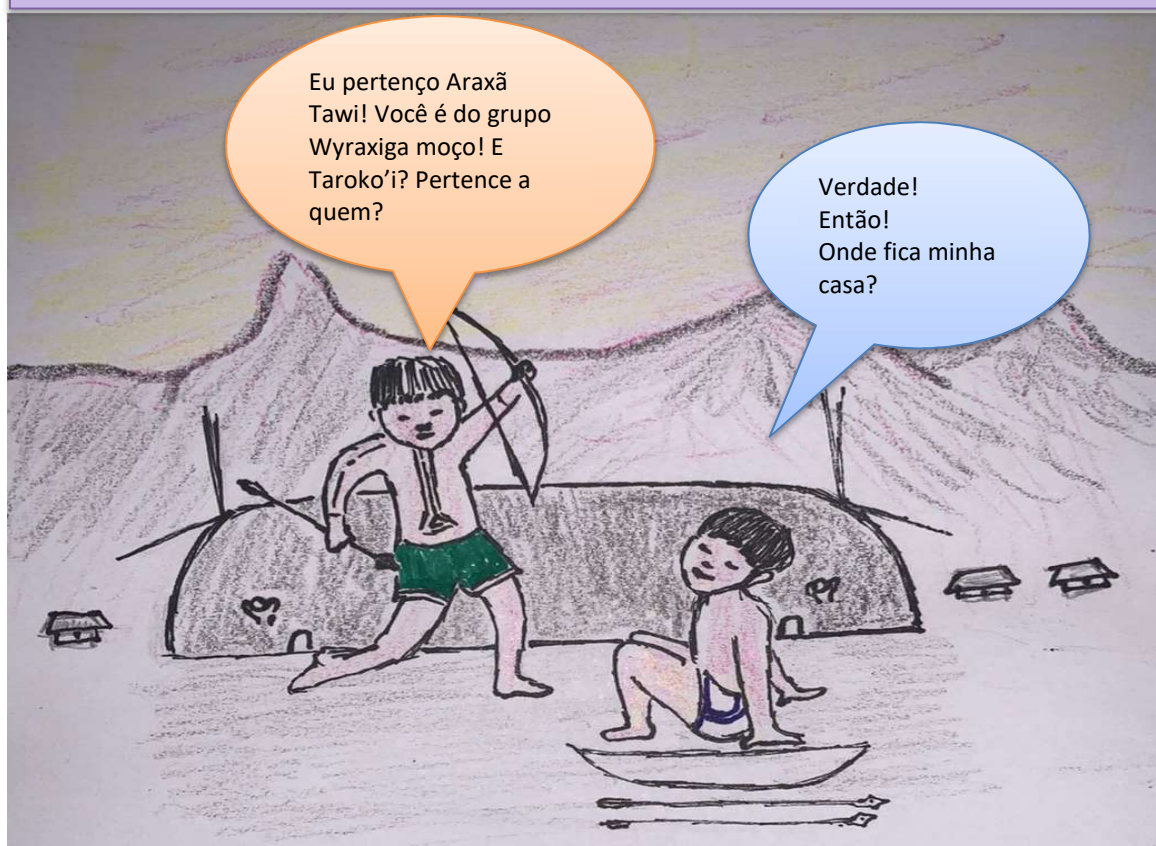


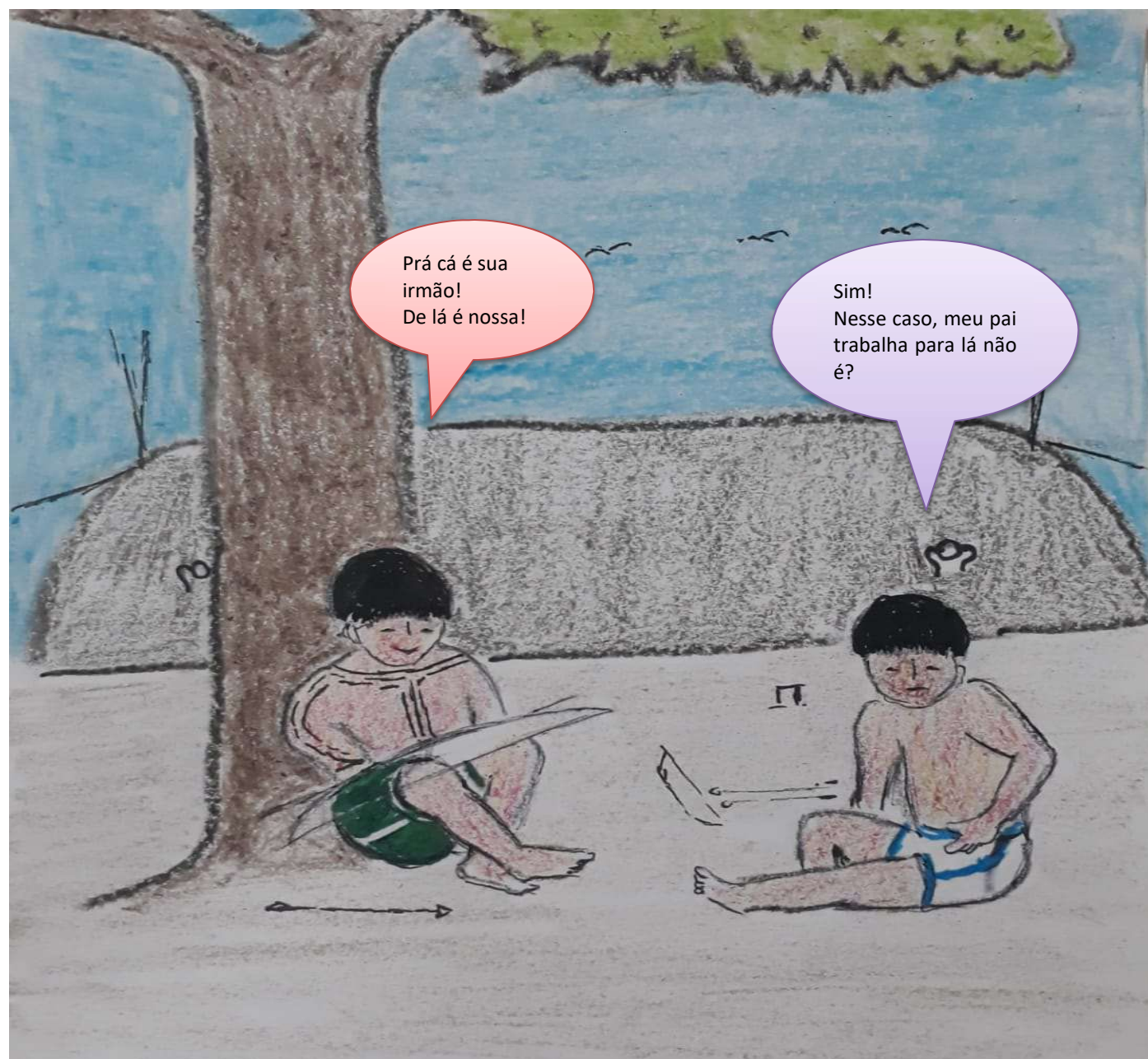






Olha só essa *Takãra*. Os grupos dividem-se na metade. Para esse lado estão os grupos de Wyraxiga, Wyraxigio, Wyraxigoo, e do lado de lá são Warakorã, Araxã, Tarawe.

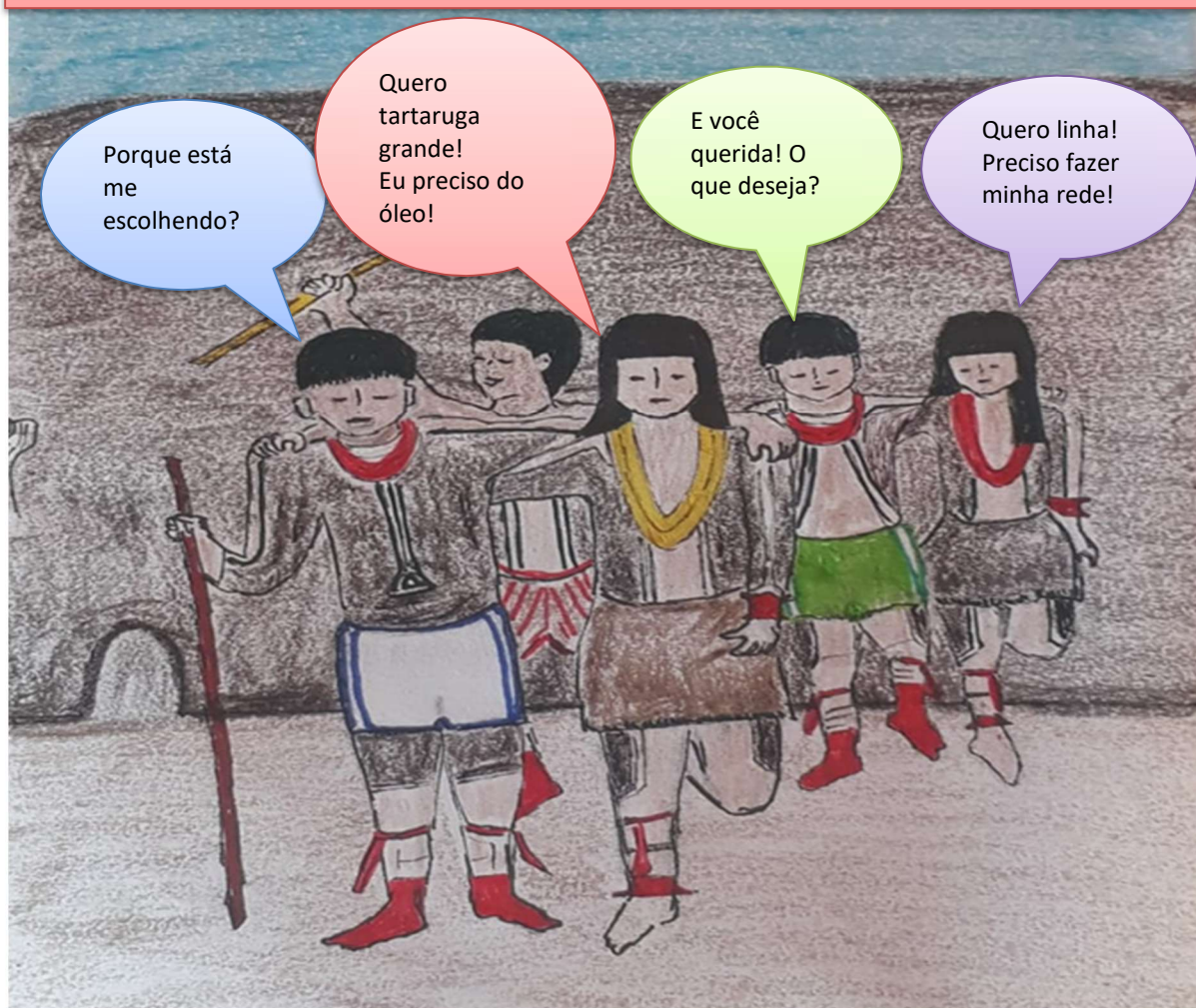




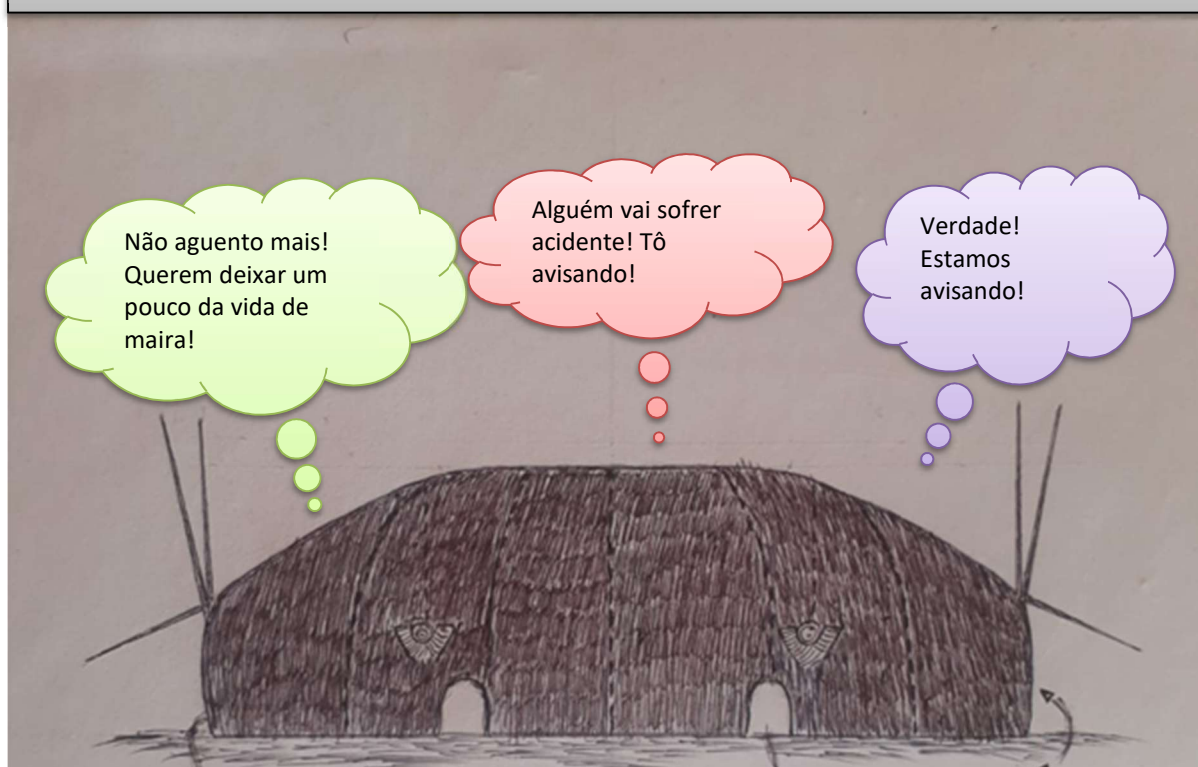
Marakayja é um ritual. É com esse ritual que o homem passa de fase para adulto. Só após do ritual é que nós podemos casar. O nosso ritual é muito lindo não é meninada?



À tardezinha os homens dançam *Marakao*. Nesse ritual as mulheres fazem pares com os homens e elas são pagas com queixadas, tartarugas, roupas, linhas de algodão, produtos da roça e artesanatos.



Takãra é essencial para alegria e manutenção da vida do nosso povo. É nesse espaço é que também trazemos alegria para espíritos que moram na *Takãra*. Ao contrário, os espíritos reclamam.



CADERNO DE ATIVIDADE



NIVALDO KORIRA'I TAPIRAPÉ

APRESENTAÇÃO

Olá companheiros (as) professores e professoras *Apyãwa*. Venho através deste trabalho, apresentar atividades que podem ser trabalhadas na sua aula com seus alunos. É importante que nós somos responsáveis de fazer o mínimo de nossa contribuição com formação de nossas crianças e juventudes, assim contribuindo com o presente e futuro da nossa comunidade *Apyãwa*. Penso como professor, que carregamos uma parcela importante da responsabilidade da formação intelectual da nossa comunidade. Por isso, essa atividade foi pensada especificamente para os professores *Apyãwa* que faça um trabalho com as crianças e jovens na sala de aula.

A finalidade desta atividade é buscar desde muito cedo levar para a sala de aula a reflexão sobre a importância da sabedoria que diretamente difundida na *Takãra*, uma vez que, a vida ritualística da nossa ancestralidade depende diretamente desse espaço. Por isso devemos trabalhar intensamente a sabedoria milenar que nos fortalece como povo *Apyãwa*.

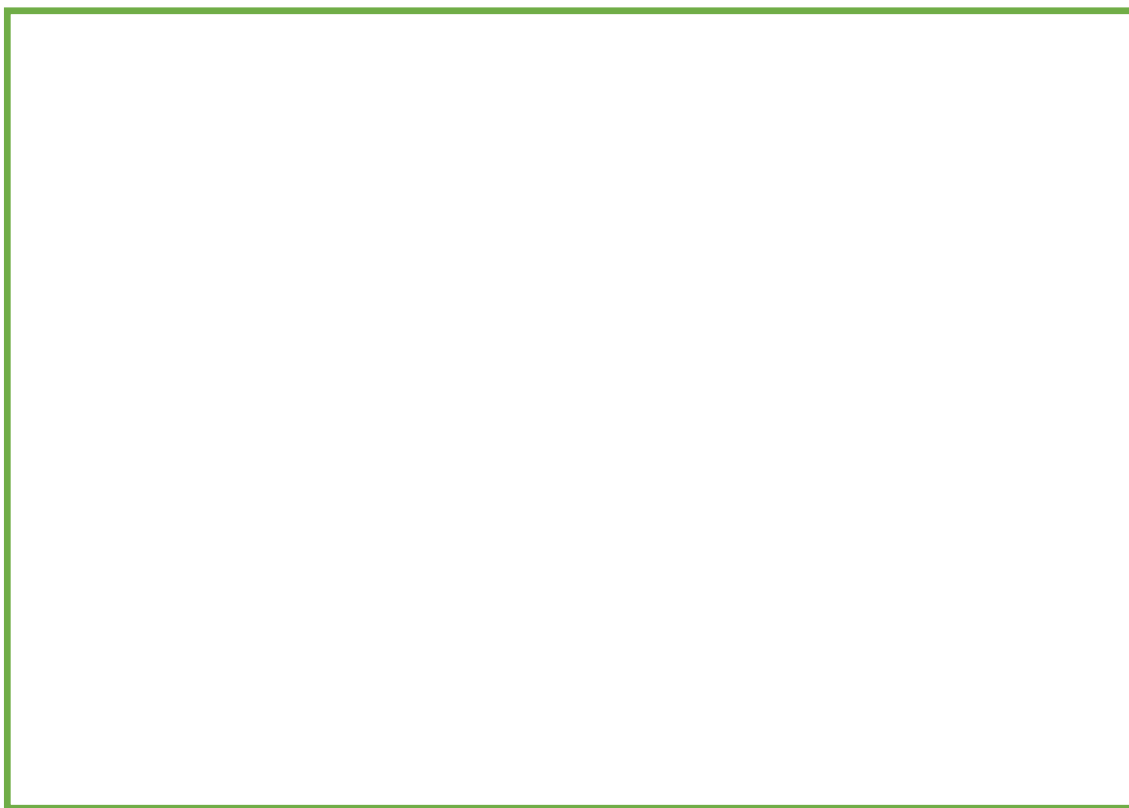
Nesse sentido, o propósito das atividades é realizar o trabalho com esse público jovens, através de desenhos (ATIVIDADE 01) - desenhar todos os rituais que acontecem, em forma de historinhas ilustrativas, (ATIVIDADE 02) – construir um calendário circular ilustrativos com cenas dos rituais. Dessa forma as crianças e jovens já podem se envolver diretamente com o tema.

A seguir, vamos direto como está pensada as atividades para as salas de aulas. Fica à critério de cada professor de até mesmo fazer mais reflexão sobre esta proposição de atividades conforme a criatividade de cada professor.

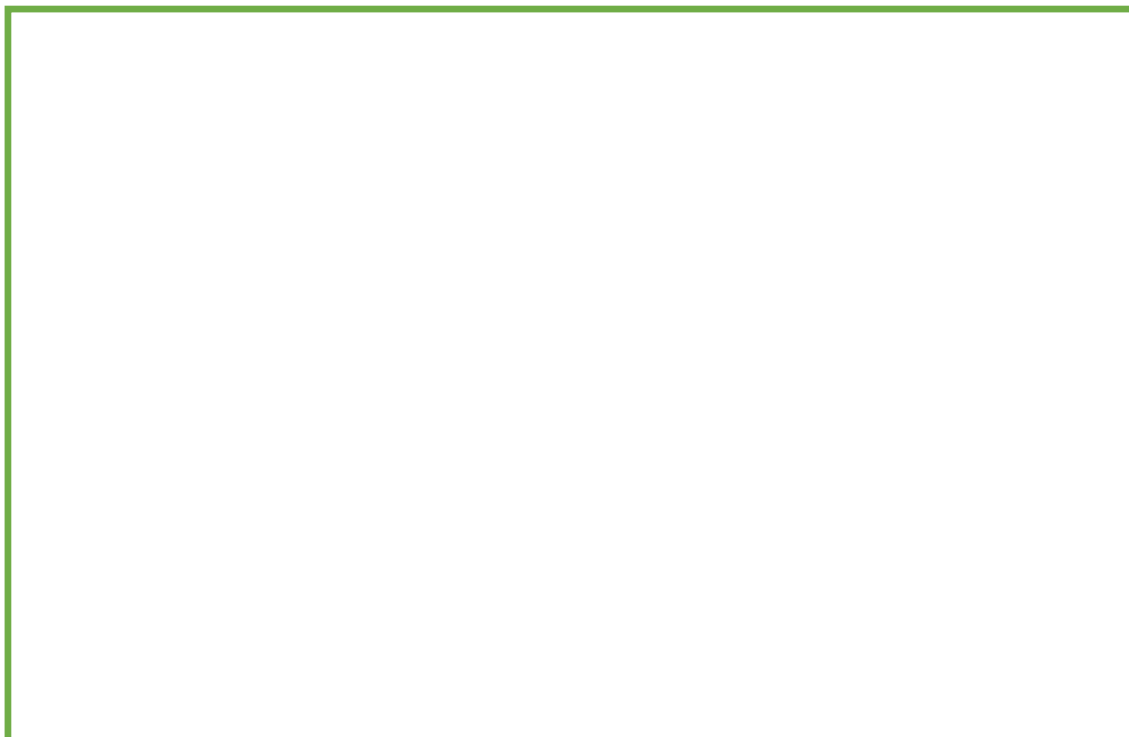
ATIVIDADE 01

Com motivação do professor, cada aluno ilustrará uma cena de ritual que acontece na aldeia. O professor pode auxiliar os alunos pensando junto um roteiro conforme a sequência dos rituais, já que ele domina mais. Abaixo, segue as possíveis cenas que pode ser trabalhada.

Wyrã Xepanogãwa, Tataopãwa



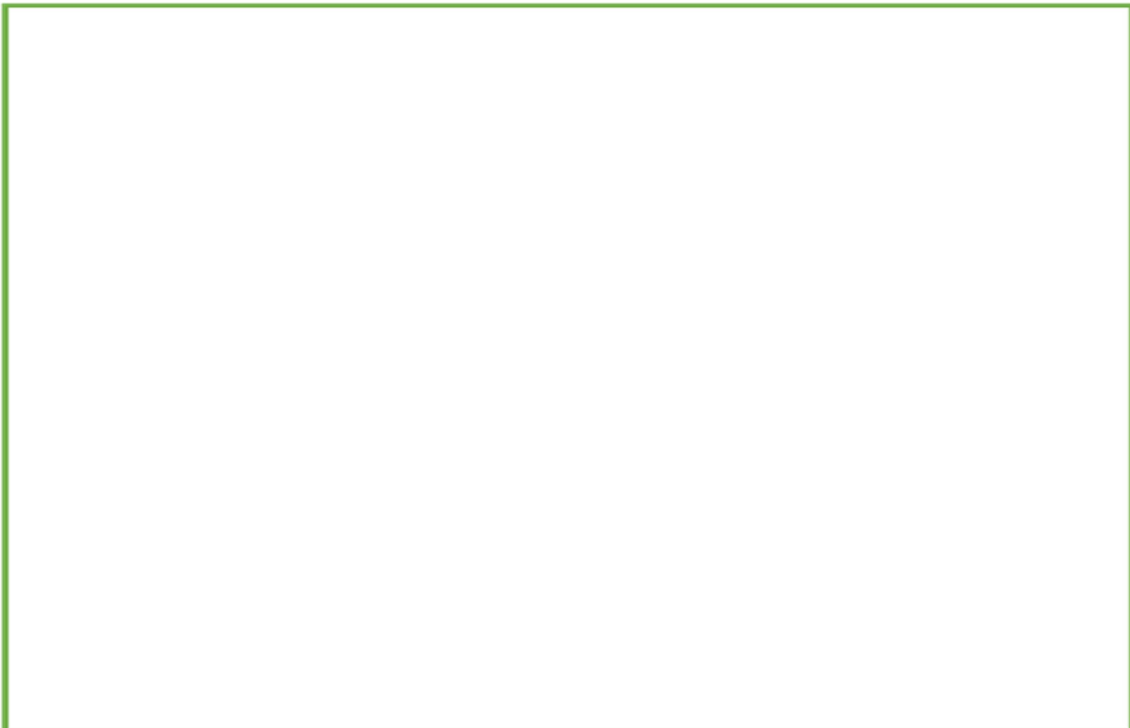
Takãra Apaãwa, Takãra Mamieãwa



Awara'i, Iraxao, Xapyykãwa, Xaapiãwa,



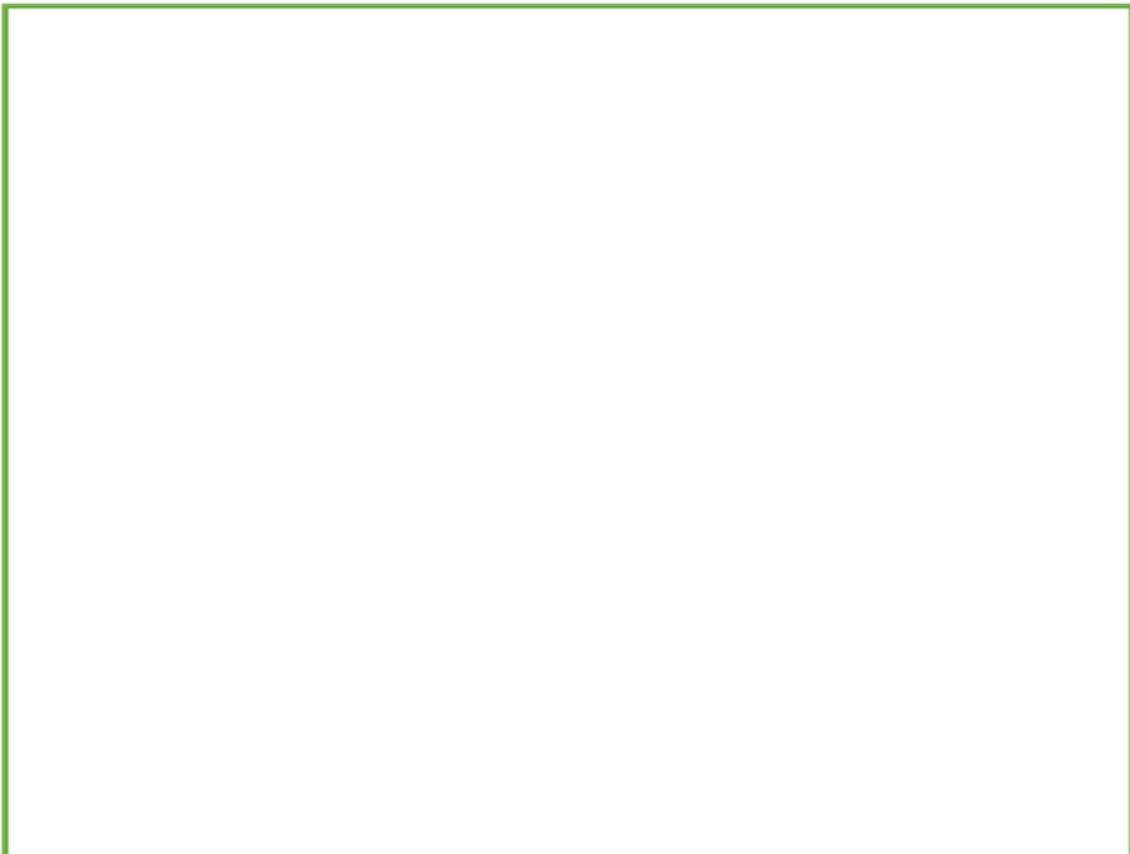
Kawiyxygãwa, Kawawoo, Xaneramõja xepaanogãwa



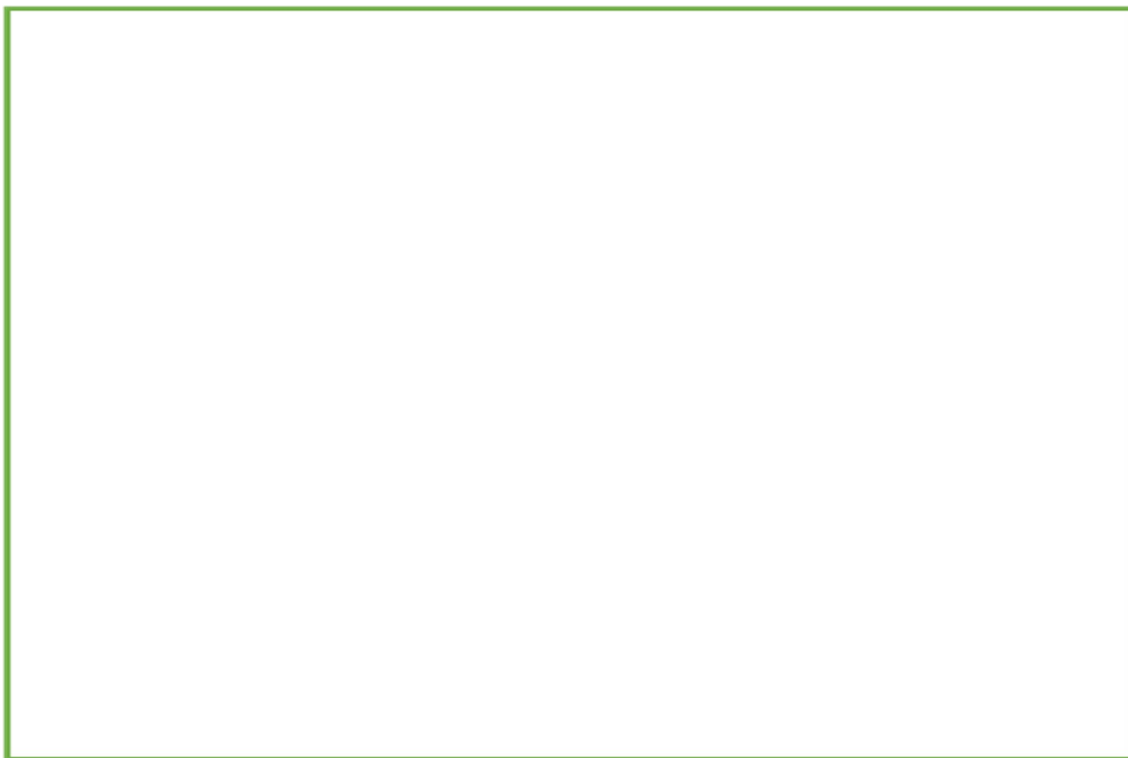
Tawã xa'ygãwa, Xeakygetaxiãwa, Marakao, Marakaxawãwa



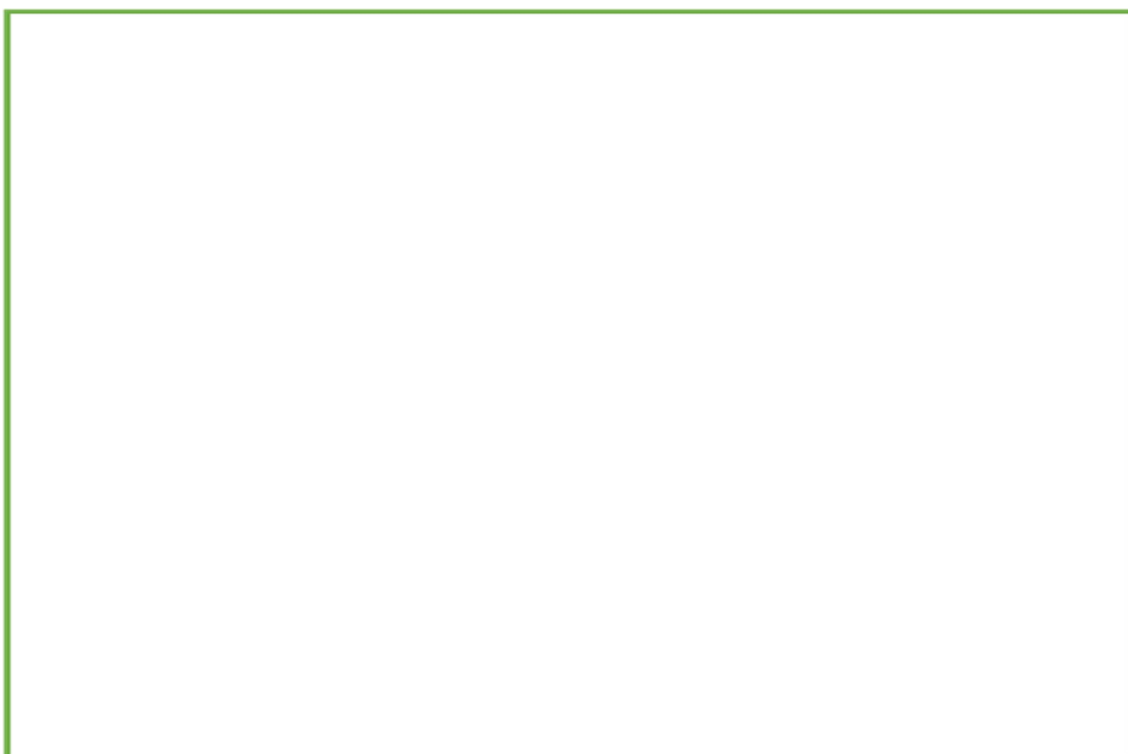
Tawã patãwa re haãra, Tawã paãwa



Xiwewexiwe, Marakayja haawa



Xakakõja, Paxe: Mytõ, Amoatao, Kawio mamarakaãwa



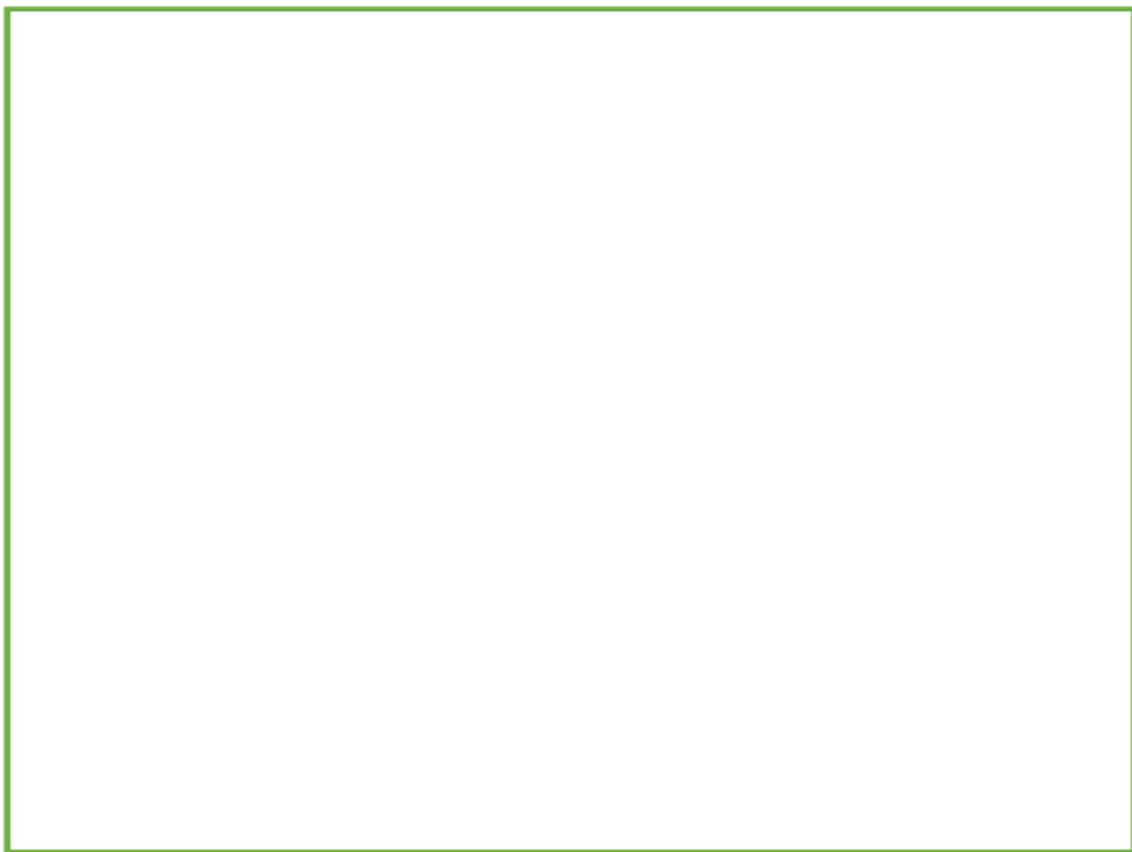
Wyray'oãwa, Kawiaximynãwa, Myykipyra, Kawio



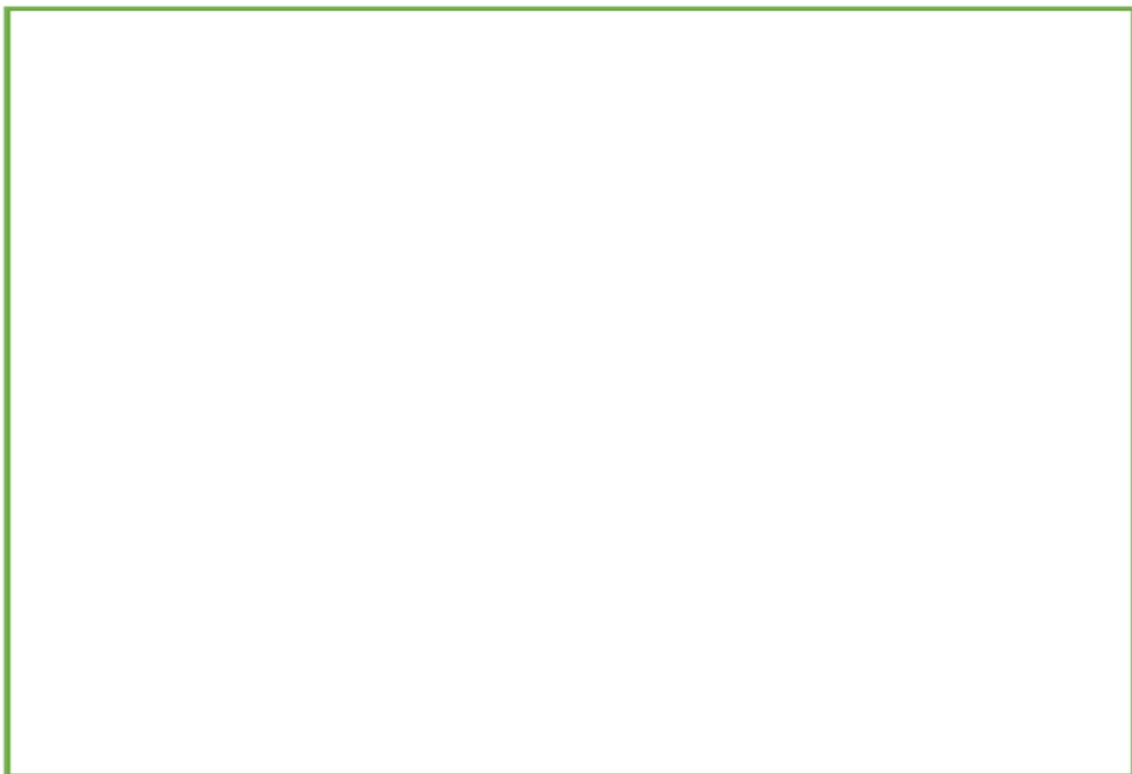
Ireweeaxyga, Ka'io



Kawi maayjnãwa, Tarywa manakaãwa



Axywewoja, Maxirõ



ATIVIDADE 02

Na segunda atividade, o professor poderá construir junto com os alunos um calendário circular ilustrativo. Pode também ser utilizado as cenas ilustrada, para facilitar a vida de cada aluno. O professor passará papel sulfite para cada um desenhar e para pintar com lápis de cor. É bom lembrar que os alunos escrevam seu nome na faixa de baixo do desenho.

Calendário dos rituais Apyãwa



Fonte: Paroo'i, 2022

Depois de pintar os desenhos, os alunos vão fixar os desenhos na sequência como mostra a figura acima, preenchendo o espaço azul até no final da faixa vermelha. A parte azul representa os rituais que acontecem no período da chuva e o vermelho representa rituais que acontecem no período de verão.

Para dá a continuidade da atividade, o professor e os alunos pode encaminhar atividade de produção de textos narrativos ou analíticos na língua materna sobre as cenas ilustradas.

Boa aula!

SÁBIOS APYÃWA REFERÊNCIA

TAPIRAPÉ, Kaorewygi/Korako: Sábio e especialista da cultura Apyãwa, morador de Tapi'itãwa, tem 84 anos de idade. (Novembro, 2021)

TAPIRAPÉ, Xakareo'i. Sábio Apyãwa, morador da aldeia Tapi'itãwa, 84 anos de idade (Outubro, 2021).

TAPIRAPÉ, Tokyna. Anciã Apyãwa, foi moradora da Aldeia Tapi'itãwa, atualmente reside na Aldeia Hawalorã (Julho, 2020)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga - Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa / Gilson Ipaxi'awyga TAPIRAPÉ. - 2020.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i. Ka'ó: canto da festa dos pássaros. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, 2006.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i (Org.). *Festas e rituais Tapirapé*. Faculdade Indígena Intercultural, UNEMAT, Barra do Bugres, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, N.K. Os Rituais Apyãwa Mantêm e Preservam a Língua e Suas Histórias. I Seminário Internacional de Viva Língua Viva, Rio de Janeiro, 2019.

TAPIRAPÉ, K. V. A formação do corpo e da pessoa entre o Apyãwa – Resguardos, Alimentos para os espíritos e transição alimentar. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Goiânia-GO: Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Ciências Sociais, 2020.

WAGLEY, Charles. *Lágrimas de boasvindas*– os índios Tapirapé do Brasil Central. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1988.